

EDUARDO GEORJÃO FERNANDES

**CAMPOS DE BATALHA JORNALÍSTICA: OS ENQUADRAMENTOS  
CONSTRUÍDOS POR ZERO HORA, DIÁRIO GAÚCHO E SUL21 NA  
LUTA PELA (I)LEGITIMIDADE DO CICLO DE MANIFESTAÇÕES DE  
2013, EM PORTO ALEGRE/RS**

Porto Alegre, março de 2016

EDUARDO GEORJÃO FERNANDES

**CAMPOS DE BATALHA JORNALÍSTICA: OS ENQUADRAMENTOS  
CONSTRUÍDOS POR ZERO HORA, DIÁRIO GAÚCHO E SUL21 NA  
LUTA PELA (I)LEGITIMIDADE DO CICLO DE MANIFESTAÇÕES DE  
2013, EM PORTO ALEGRE/RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Professor Orientador: Dr. Alex Niche Teixeira.

Professor Coorientador: Dr. Marcelo Kunrath Silva.

Porto Alegre, março de 2016

EDUARDO GEORJÃO FERNANDES

**CAMPOS DE BATALHA JORNALÍSTICA: OS ENQUADRAMENTOS  
CONSTRUÍDOS POR ZERO HORA, DIÁRIO GAÚCHO E SUL21 NA  
LUTA PELA (I)LEGITIMIDADE DO CICLO DE MANIFESTAÇÕES DE  
2013, EM PORTO ALEGRE/RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Professor Orientador: Dr. Alex Niche Teixeira.

Professor Coorientador: Dr. Marcelo Kunrath Silva.

Resultado: Aprovado com louvor.

BANCA EXAMINADORA:

---

Alex Niche Teixeira  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Lorena Cândido Fleury  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Enio Passiani  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

---

Monika Weronika Dowbor da Silva  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

## CIP - Catalogação na Publicação

Georjão Fernandes, Eduardo

Campos de batalha jornalística: os enquadramentos  
construídos por Zero Hora, Diário Gaúcho e Sul21 na  
luta pela (i)legitimidade do ciclo de manifestações  
de 2013, em Porto Alegre/RS / Eduardo Georjão  
Fernandes. -- 2016.

300 f.

Orientador: Alex Niche Teixeira.

Coorientador: Marcelo Kunrath Silva.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia,  
Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. ciclo de manifestações de 2013. 2.  
enquadramentos interpretativos. 3. interações entre  
manifestantes e policiais. I. Niche Teixeira, Alex,  
orient. II. Kunrath Silva, Marcelo, coorient. III.



## AGRADECIMENTOS

Agradecer pela realização deste trabalho é um exercício de observar, retrospectivamente, o percurso que culminou no momento presente. Apenas por meio de um olhar ao passado consigo compreender o que hoje significa estar aqui, narrando uma experiência de *fim*. E pensar sobre esse fim assume um duplo sentido: ao mesmo tempo em que reconheço coisas a ponto de desabar, no limite da existência, sinto-me cheio de renascimentos e de novos desejos. Hoje, consigo traçar uma linha de continuidade entre as pequenas coisas que morrem e as permanências – estas muito maiores – em mim. Nas reviravoltas das palavras e dos tempos, o que apreendo, como consequência do processo de escrita da dissertação, é um encontro com a ideia de maturidade, de seguimento sustentável da vida, a despeito da inevitabilidade de alguns fins. Depois de tanto andarilhar por exóticos percursos acadêmicos, sinto-me atualmente satisfeito (não sem tensões) no espaço que ocupo como pesquisador, inserido na Sociologia. Essa percepção é para mim muito significativa.

E, diante da vastidão das palavras possíveis, o que interessa dizer? Vislumbrando as costas da minha história, o passado desse percurso *tão* solitário que é a escrita de uma dissertação, o que parece retido na memória é a multiplicidade das histórias *vivas*, das pessoas que me atravessaram nesses últimos dois anos e muito antes disso. Os afetos dessas pessoas dão voz, mesmo que implicitamente, às linhas que se seguem.

Agradeço à UFRGS, minha casa há quase uma década, e ao CNPq, pela bolsa e pela possibilidade material de realização deste trabalho. O financiamento à produção de conhecimento é uma conquista da qual não podemos abrir mão.

Ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS, como um todo, entre professores(as), funcionários(as) e alunos(as), agradeço pela receptividade e pela confiança transmitida.

À minha dupla de orientadores, Alex e Marcelo, deixo um grande agradecimento. Penso que conseguimos trabalhar muito bem nesses dois anos. Vocês são referências para mim. Ao Grupo de Pesquisa Associativismo, Contestação e Engajamento (GPACE) e ao Grupo de Pesquisa Violência e Cidadania (GPVC), especificamente, agradeço pelas trocas de ideias e pela instrumentalização deste trabalho.

Agradeço também às pessoas entrevistadas para o trabalho. Todas demonstraram muita disponibilidade e atenção aos meus questionamentos, tornando possível a análise aqui empreendida.

À turma do Mestrado agradeço pelos vínculos criados, pelo compartilhamento coletivo de angústias e pela criação de um sentido de pertencimento. Que as disputas teóricas não corroam nossos laços de solidariedade. Não esqueçamos que “o sonho da razão produz monstros”, como pintou Goya.

Com muito carinho, reconheço a importância do Serviço de Assessoria Jurídica Universitária/UFRGS e de todas as pessoas que, durante alguns anos, constituíram, junto a mim, esse espaço de resistência na universidade. Embora a minha entrada no Mestrado tenha se dado quase paralelamente à minha saída (física, jamais afetiva) do SAJU, sou consciente de que ele foi o principal espaço em que tomei contato direto com as contradições do mundo social. A experiência de integrar o SAJU é parte indissociável de mim e me faz acreditar que há sentidos políticos e éticos inevitavelmente implicados na atividade da pesquisa. Aqui, seria tanta gente para agradecer nominalmente que eu não conseguiria parar de escrever. Sintam-se todxs abraçadxs!

Às pessoas que foram minhas colegas nas graduações, tanto no Direito quanto na Psicologia, deixo um agradecimento nostálgico e também inominado, pela inúmera quantidade de histórias e de trocas daqueles tempos. Sinto uma felicidade muito espontânea e sorrio sozinho ao recordar tudo o que vivi e aprendi no meu nomadismo universitário.

Pessoalmente, à Mariana Chies agradeço pelo incentivo para entrar no campo da Sociologia. Sem o teu auxílio em momentos cruciais é bem provável que eu não estivesse escrevendo estes agradecimentos agora. Fernanda, Daniel e Betina, obrigado pelo apoio e pela compreensão, mesmo nos momentos em que eu decidi trilhar outros rumos. Vocês me deram um suporte imprescindível nessa caminhada.

Aos(às) maravilhosos(as) Edison, Laura, Sofia, Marcel, Laurence, Larissa e Mariana Vivian, obrigado pela constância da convivência. Vocês são o que de mais próximo eu tenho experimentado da ideia de família para além do sangue. Amo nossa permanência. Edison, desde que te encontrei em meio ao caos e à lama, compartilhando almas ao ouvir John Frusciante e viver o que existia pela frente, me apaixonei e assim continuo a te sentir. Nossa amizade já é algo próximo da eternidade. Laura, tu sabe muito sobre mim e me entende inclusive quando sou pura crise. Te vejo como uma irmã. Sofia, tu é minha parte rabugenta e chata, reclamando da vida e ao mesmo tempo sendo toda atenção e afagos. Marcel, tu é meu duplo existencial. Contigo consigo entender muito bem o sentido das coisas. É como se caminhássemos lado a lado o tempo inteiro. Laurence, tu é alguém que apareceu para me fazer ver melhor a realidade e aceitar tranquilamente os rumos da vida. Admiro tua força e teu companheirismo diário. Larissa, tu é uma pessoa linda, que me faz rir mesmo sem saber

exatamente por quê. Mari, deixo registrados meus rastros constantes de amor, pelos inesperados encontros com o sentimento de infinito, pelo companheirismo e pelo incentivo a seguir em frente. É difícil colocar em palavras o que eu sinto por ti. Que possamos continuar contando um com o outro.

Dentre as amizades sociológicas, deixo uma saudação especial a algumas pessoas: ao Bruno, pelas cervejas e pelo compromisso com o debate acadêmico sério e crítico. Aprendo muito contigo. Ao Thiago e ao Emanuel, também pelas cervejas e por saberem como poucos o que é viver a desgraça sociológica. À Bruna, por me ensinar sobre a beleza das pequenas coisas. É linda a surpresa que esse final de curso me reservou ao nos encontrarmos. Ao Lizandro, pelas conversas cômicas sobre Anta Gorda. À Paola, pela referência de dedicação à academia. À Camila, pelo compartilhamento de interesses de pesquisa e pela forma tranquila de ver o mundo.

Estão presentes neste trabalho também as amizades variadas, construídas em diferentes espaços e tempos, com suas facetas específicas: no Guilherme Kessler vejo a amizade mais duradora, alguém que conhece as melhores e as piores histórias da minha vida. No Igor visualizo piadas constantes e nem sempre engraçadas, mas a gente faz um esforço para rir. A Isa volta e meia aparece e me surpreende com toda a poesia que ela traz em si. O Nardinho é camaleônico. Nos encontros imprevistos com o Lucas Cabrera, sempre parece que mantemos uma ligação transcendental. Nas batucadas com o pessoal da Turucutá, descubro um ritmo mais leve de enfrentar a vida. Ao conjunto desses fragmentos de coisas bonitas sou muito grato.

Especialmente, ao meu pai, José Eduardo, à minha mãe, Regina, e à minha irmã, Gabriela, agradeço por tudo o que vocês fizeram e continuam a fazer por mim. Depois de tanto tempo, consigo enxergar muita maturidade na forma como nos apoiamos mutuamente. Carrego vocês por todos os lados.

Por fim, faço um agradecimento à ausência. A solidão, marca constante dos momentos de estudos e escritas, tornou-se uma grande companheira. Hoje sei escutar melhor meus desejos, meus medos e minhas incompletudes. Sem a companhia do silêncio de estar só, diante das páginas em branco, não conseguiria compreender a criatividade reflexiva, essa potência que hoje me preenche e me faz feliz.

Às ondas

## LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1 – Manifestantes reunidos(as) em frente à Prefeitura de Porto Alegre. A Guarda Municipal posiciona-se diante do prédio.....	22
Figura 2 – Policiais realizam a “proteção” ao boneco “Fuleco” durante o ato .....	23
Figura 3 – Policiais militares atuam na repressão a manifestantes, após estes terem passado pelo bloqueio de acesso ao boneco “Fuleco” .....	24
Figura 4 – Cartaz alusivo à redução do valor da passagem em Porto Alegre, em protesto de 06 de junho de 2013, realizado na cidade de São Paulo.....	58
Figura 5 – Representação da construção do modelo analítico da pesquisa.....	74
Gráfico 1 – Distribuição dos materiais publicados por mês, no ano de 2013 .....	88
Gráfico 2 – Formatos de publicação verificados no jornal <i>Zero Hora</i> – números proporcionais .....	89
Gráfico 3 – Formatos de publicação verificados no jornal <i>Diário Gaúcho</i> – números proporcionais .....	90
Gráfico 4 – Formatos de publicação verificados no jornal <i>Sul21</i> – números proporcionais....	91
Gráfico 5 – Temas predominantes nas manchetes do jornal <i>Zero Hora</i> – números proporcionais .....	93
Gráfico 6 – Temas predominantes nas manchetes do jornal <i>Diário Gaúcho</i> – números proporcionais .....	94
Gráfico 7 – Temas predominantes nas manchetes do jornal <i>Sul21</i> – números proporcionais .	95
Gráfico 8 – “Valência” da ação dos(as) manifestantes – números proporcionais.....	100
Gráfico 9 – Distribuição mensal da “valência” da ação dos(as) manifestantes – <i>Zero Hora</i> – números proporcionais .....	101
Gráfico 10 – Distribuição mensal da “valência” da ação dos(as) manifestantes – <i>Diário Gaúcho</i> – números proporcionais.....	102
Gráfico 11 – Distribuição mensal da “valência” da ação dos(as) manifestantes – <i>Sul21</i> – números proporcionais .....	103

Figura 6 – Manifestantes reunidos(as) para realização de protesto.....	108
Figura 7 – Manifestantes em marcha.....	111
Figura 8 – Manchete de <i>Zero Hora</i> ao protesto de 27 de março.....	114
Figura 9 – Chamada de <i>Zero Hora</i> na cobertura do protesto de 27 de março.....	115
Figura 10 – Janelas da Prefeitura quebradas .....	116
Figura 11 – Secretário de Governança com a camisa manchada de tinta.....	116
Figura 12 – Manchete do <i>Diário Gaúcho</i> ao protesto de 27 de março. ....	117
Figura 13 – Chamada do <i>Diário Gaúcho</i> na cobertura do protesto de 27 de março.....	118
Figura 14 – Sequência de fotos da cobertura do <i>Diário Gaúcho</i> ao protesto de 27 de março.....	119
Figura 15 – Brigada Militar em frente à Prefeitura de Porto Alegre.....	124
Figura 16 – Bomba de efeito moral ao chão, após ser utilizada.....	124
Figura 17 – Representação gráfica da cobertura de <i>Zero Hora</i> ao protesto de 27 de março .	126
Figura 18 - Representação gráfica da cobertura do <i>Diário Gaúcho</i> ao protesto de 27 de março .....	127
Figura 19 - Representação gráfica da cobertura do <i>Sul21</i> ao protesto de 27 de março.....	129
129	
Figura 20 – Manifestantes comemoram a revogação do aumento da passagem.....	131
Figura 21 – Manifestantes comemoram revogação do aumento da passagem em frente à Prefeitura .....	135
Figura 22 – Manifestantes entrelaçam-se em comemoração à revogação do aumento da passagem.....	137
Figura 23 – Quadro explicativo do <i>Diário Gaúcho</i> ao processo de negociação do valor da passagem.....	139
Figura 24 – Capa do <i>Diário Gaúcho</i> , de 22/03/2013, em alusão à cobertura do jornal ao tema da transporte público .....	140
Figura 25 – Manifestantes picham ônibus em protesto .....	143
Figura 26 - Representação gráfica da cobertura de <i>Zero Hora</i> ao protesto de 04 de abril.....	147

Figura 27 - Representação gráfica da cobertura do <i>Diário Gaúcho</i> ao protesto de 04 de abril .....	148
Figura 28 - Representação gráfica da cobertura do <i>Sul21</i> ao protesto de 04 de abril .....	149
Figura 29 – Chamada de <i>Zero Hora</i> na cobertura do protesto de 13 de junho .....	153
Figura 30 – Cartaz de manifestantes no protesto de 13 de junho .....	157
Figura 31 – Manchete de <i>Zero Hora</i> na cobertura ao protesto de 13 de junho .....	158
Figura 32 – Manifestante causam danos a patrimônios e são presos no protesto de 13 de junho .....	159
Figura 33 – Carro do Grupo RBS com os vidros quebrados na manifestação de 13 de junho .....	160
Figura 34 – Ilustração do <i>Diário Gaúcho</i> ao protesto de 13 de junho .....	166
Figura 35 – Cartaz “Vândalo é o governo” na manifestação de 13 de junho.....	168
Figura 36 – Cartaz “Protestar não é crime! São Paulo, nós estamos juntos” na manifestação de 13 de junho .....	168
Figura 37 - Representação gráfica da cobertura de <i>Zero Hora</i> ao protesto de 13 de junho ...	175
Figura 38 - Representação gráfica da cobertura do <i>Diário Gaúcho</i> ao protesto de 13 de junho .....	177
Figura 39 - Representação gráfica da cobertura do <i>Sul21</i> ao protesto de 13 de junho.....	178
Figura 40 – Manifestantes utilizam bandeiras do Brasil e do Rio Grande do Sul no protesto de 20 de junho .....	182
Figura 41 – Manifestantes usam “nariz de palhaço” no protesto de 20 de junho.....	183
Figura 42 – Quadro explicativo do <i>Diário Gaúcho</i> com a cronologia do protesto de 20 de junho .....	186
Figura 43 – Ferramenta “Causa Brasil” em 20 de junho de 2013 .....	192
Figura 44 – Manifestantes causam dano ao patrimônio de banco, no protesto de 20 de junho .....	194
Figura 45 – Número sobre o “saldo negativo da noite”, na cobertura de <i>Zero Hora</i> ao protesto de 20 de junho .....	196

Figura 46 – Guardas Municipais carregam manifestante no protesto de 20 de junho.....	198
Figura 47 – Manifestantes ajoelham-se em frente a soldados da Polícia Militar, no protesto de 20 de junho .....	201
Figura 48 – Manifestantes correm diante do uso de bombas de gás lacrimogêneo.....	202
Figura 49 – Manifestante ajoelha-se em frente a soldados da Polícia Militar.....	202
Figura 50 – Cavalaria da Polícia Militar agrupada durante protesto de 20 de junho. ....	203
Figura 51 - Representação gráfica da cobertura de <i>Zero Hora</i> ao protesto de 20 de junho ...	204
Figura 52 - Representação gráfica da cobertura do <i>Diário Gaúcho</i> ao protesto de 20 de junho .....	206
Figura 53 - Representação gráfica da cobertura do <i>Sul21</i> ao protesto de 20 de junho.....	207
Figura 54 – Cartazes com reivindicações de manifestantes .....	213
Figura 55 - Representação gráfica da retrospectiva de <i>Zero Hora</i> ao ciclo de protestos de 2013 .....	221
Figura 56 - Representação gráfica da retrospectiva do <i>Diário Gaúcho</i> ao ciclo de protestos de 2013 .....	223
Figura 57 - Representação gráfica da retrospectiva do <i>Sul21</i> ao ciclo de protestos de 2013 .....	224
Figura 58 – Enquadramentos de <i>Zero Hora</i> , <i>Diário Gaúcho</i> e <i>Sul21</i> aos eventos analisados .....	234



## LISTA DE TABELAS E QUADROS

Quadro 1 – Lista de jornalistas entrevistados(as).....	17
Quadro 2 – Representação gráfica da estrutura de <i>primary framework</i> .....	53
Quadro 3 – Materiais excluídos do <i>corpus</i> de dados da pesquisa.....	65
Quadro 4 – Materiais incluídos no <i>corpus</i> de dados da pesquisa.....	65
Quadro 5 – Relação das funções dos(as) jornalistas entrevistados(as).....	68
Quadro 6 – Eventos de protesto selecionados para realização de análise qualitativa.....	72
Tabela 1 – Quantidade de publicações que compõem o <i>corpus</i> da pesquisa – números totais	87
Tabela 2 – “Valência” das manchetes em relação à ação dos(as) manifestantes – números totais e percentuais.....	99
Tabela 3 – Enquadramento “Manifestação como afronta à ordem”.....	233
Tabela 4 – Enquadramento “Polícia como instituição violenta”.....	233
Tabela 5 – Enquadramento “Maioria de manifestantes pacíficos em oposição à minoria de manifestantes violentos”.....	233
Tabela 6 – Enquadramento “Maioria de manifestantes pacíficos em oposição à minoria de manifestantes violentos e a uma polícia violenta”.....	233

## RESUMO

O tema desta pesquisa são as disputas travadas por veículos midiáticos na cobertura a ações de movimentos sociais. Busca-se, empiricamente, identificar os enquadramentos interpretativos construídos por três jornais (*Zero Hora*, *Diário Gaúcho* e *Sul21*) sobre o ciclo de protestos de 2013, em Porto Alegre/RS, em especial no que se refere às interações entre manifestantes e aparato policial. Metodologicamente, foi construído um banco de dados com todas as publicações de cada jornal, na cobertura ao ciclo de manifestações, bem como foram entrevistados(as) jornalistas responsáveis pela produção do conteúdo dessas publicações. Após a organização e a quantificação do *corpus* de dados, com a identificação de tendências de cobertura, foram selecionados eventos específicos de protesto (ocorridos em 27 de março, 04 de abril, 13 de junho e 20 de junho), bem como as “retrospectivas” de final de ano, para análise de conteúdo. A convergência entre o material empírico e os referenciais teóricos resultou em três dimensões centrais: a identidade dos(as) manifestantes; a caracterização da(s) reivindicação(ões) do protesto; as interações entre manifestantes e policiais. A partir de tais dimensões construiu-se um modelo analítico para operacionalização do estudo. Os resultados da pesquisa indicam que a construção de enquadramentos interpretativos por *Zero Hora*, *Diário Gaúcho* e *Sul21* foi caracterizada pela multiplicidade de esquemas interpretativos. Essa multiplicidade diz respeito a diferenças (a) entre os conteúdos de cada jornal e a (b) transformações de enquadramento no curso das mobilizações. *Zero Hora* e *Diário Gaúcho* produziram enquadramentos similares. Inicialmente, as coberturas de ambos os jornais centraram-se na identificação de repertórios de dano a patrimônios por manifestantes, tomando-se a manifestação (denominada “baderna”) como ilegítima. Ao longo do ano, *Zero Hora* e *Diário Gaúcho* delimitaram uma distinção entre “manifestantes pacíficos” e um grupo específico - qualificado pelo termo “vândalos” -, o qual foi considerado responsabilizável pela realização de repertórios de dano a patrimônios. A referida transformação de enquadramento denotou uma autonomização deste repertório específico (tomado como ilegítimo) em relação à manifestação (considerada legítima). O *Sul21* caracterizou-se, diversamente, pela ênfase, desde o início do ano, no questionamento à ação policial de repressão às mobilizações. Os protestos, por outro turno, foram invariavelmente considerados legítimos pelo *Sul21*. Por fim, as “retrospectivas” de final de ano indicaram similaridades no enquadramento de todos os jornais, com a construção de uma síntese interpretativa hegemônica a respeito do ciclo de protestos. A partir da análise de dados, formulou-se a seguinte tipologia dos enquadramentos interpretativos adotados em diferentes momentos do ano: “Manifestação como afronta à ordem”; “Polícia como instituição violenta”; “Maioria de manifestantes pacíficos em oposição à minoria de manifestantes violentos”; “Maioria de manifestantes pacíficos em oposição à minoria de manifestantes violentos e a uma polícia violenta”. A análise cronológica denotou disputas entre esses diferentes modelos de cobertura, com a constituição de um “campo de batalha” interpretativo.

**Palavras-chave:** ciclo de protestos de 2013; enquadramentos interpretativos; interações entre manifestantes e policiais.

## ABSTRACT

The subject of this research is the disputes promoted by media vehicles at the coverage of social movements actions. We seek to, empirically, identify the interpretative frameworks built by three newspapers (*Zero Hora*, *Diário Gaúcho* and *Sul21*) about the 2013 protests cycle, in Porto Alegre/RS, in particular in what it refers to the interactions between protesters and police apparatus. Methodologically, we constructed a database with all the publications of each newspaper, at the coverage of the mobilization cycle and we interviewed journalists responsible for producing the content of these publications. After organizing and quantifying the database, identifying coverage trends, we selected specific protest events (occurred on March 27, April 04, June 13 and June 20) and the end-of-the-year "retrospectives" for content analysis. The convergence between empirical data and theoretical references resulted in three central dimensions: the identity of protesters; the characterization of protest claims; the interactions between protesters, and police. From these dimensions we constructed an analytical model for the implementation of the study. The survey results indicate that the construction of interpretative frameworks by *Zero Hora*, *Diário Gaúcho*, and *Sul21* was characterized by the multiplicity of interpretative schemes. This multiplicity concerns about the differences (a) between the contents of each newspaper and about the (b) framework changes in the course of mobilizations. *Zero Hora* and *Diário Gaúcho* produced similar frameworks. Initially, the coverage of both newspapers focused on the identification of repertoires of patrimonial damage by protesters, taking the manifestation (called "hooliganism") as illegitimate. Throughout the year, *Zero Hora* and *Diário Gaúcho* delimited a distinction between "peaceful protesters" and a specific group - qualified as "vandals" -, which was considered responsible for conducting repertoires of patrimonial damage. This framework transformation denoted an increasing autonomy of this particular repertoire (taken as illegitimate) in relation with the mobilization itself (considered legitimate). *Sul21* was characterized, diversely, by the emphasis, since the beginning of the year, on questioning the police action of repression to the manifestations. The protests, on the other hand, were invariably considered legitimate by *Sul21*. Finally, the end-of-the-year "retrospectives" indicated similarities between the frameworks of all the newspapers, with the construction of a hegemonic interpretative synthesis about the protest cycle. From the data analysis, we formulated the following typology of interpretative frameworks adopted in different moments of the year: "manifestation as an affront to order"; "Police as a violent institution"; "The majority of peaceful protesters opposed to the minority of violent protesters"; "The majority of peaceful protesters opposed to the minority of violent protesters and opposed to a violent police." The chronological analysis denoted disputes between these different types of coverage, with the establishment of a "battlefield" interpretation.

**Keywords:** 2013 protests cycle; interpretative frameworks; interactions between protesters and police.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANEL – Assembleia Nacional de Estudantes Livre

ATP – Associação dos Transportadores de Passageiros

BM – Brigada Militar

CAQDAS – *Computer-Assisted Data Analysis Software*

CFP – Conselho Federal de Psicologia

CNM – Confederação Nacional de Municípios

DCE – Diretório Central de Estudantes

DIEESE – Departamento Institucional de Estatística e Estudos Socioeconômicos

EPTC – Empresa Pública de Transporte e Circulação

FAG – Federação Anarquista Gaúcha

FSM – Fórum Social Mundial

GM – Guarda Municipal

GPACE – Grupo de Pesquisa Associativismo, Contestação e Engajamento

GPVC – Grupo de Pesquisa Violência e Cidadania

INPC – Índice Nacional de Preços ao Consumidor

IVC – Instituto Verificador de Circulação

MPL – Movimento Passe Livre

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PM – Polícia Militar

PMOS - *Public Order Management Systems*

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

PT – Partido dos Trabalhadores

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

SEOPA – Sindicato de Empresas de Ônibus de Porto Alegre

TCE – Tribunal de Contas do Estado

TICs – Novas Tecnologias da Informação e Comunicação

TPP – Teoria do Processo Político

UIT – União Internacional de Telecomunicações

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. O ANO DE 2013 “COMEÇOU ANTES EM PORTO ALEGRE” .....	21
2.1. Uma cena disparadora: o episódio do “tatu-bola” .....	21
2.2. Porto Alegre: cidade em efervescência .....	25
2.3. O ciclo de protestos de 2013 e suas especificidades .....	29
3. O PAPEL DAS MÍDIAS NA INTERPRETAÇÃO DA AÇÃO COLETIVA: ELEMENTOS CONCEITUAIS .....	36
3.1. Contradições da prática jornalística: entre a (persistente) ideia de “objetividade” e a “construção social da notícia” .....	36
3.2. Movimentos sociais e violência nas mídias brasileiras: entre uma história (consolidada) de “criminalizações” e recentes (indícios de) transformações .....	41
3.3. Interpretando o confronto: enquadramentos midiáticos da ação coletiva .....	47
4. DOS FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS AO PERCURSO EMPÍRICO .....	54
4.1. Uma perspectiva interacionista simbólica .....	54
4.2. Entrando em campo: a produção do banco de dados.....	56
4.3. Destrinchando o campo: a análise de dados .....	70
5. OS JORNAIS EM ESTUDO E SUAS DIFERENTES CONCEPÇÕES DE JORNALISMO 75	
5.1. <i>Zero Hora</i> : “o maior jornal do Rio Grande do Sul” .....	75
5.2. <i>Diário Gaúcho</i> : “o jornal da maioria” .....	81
5.3. <i>Sul21</i> : jornalismo digital e “de esquerda” .....	83
6. A ORGANIZAÇÃO DOS DADOS DOCUMENTAIS: ASPECTOS QUANTITATIVOS	87
6.1. Números totais e distribuição mensal das publicações.....	87
6.2. Formato das publicações .....	89
6.3. Distribuição temática das manchetes.....	91

6.4. “Valências” das manchetes em relação aos(às) manifestantes .....	95
6.5. Tendências de cobertura .....	103
7. A CONSTRUÇÃO CRONOLÓGICA DE ENQUADRAMENTOS INTERPRETATIVOS	
106	
7.1. “Grande protesto” ou “baderna”? O protesto do dia 27 de março de 2013.....	106
7.2. A “comemoração”: o protesto do dia 04 de abril de 2013.....	130
7.3. Entre “atos de vandalismo” e gás lacrimogêneo: o protesto do dia 13 de junho de 2013	
150	
7.4. Múltiplas reivindicações, múltiplos repertórios, múltiplas divergências: o protesto do dia	
20 de junho de 2013 .....	179
7.5. As interpretações “vencedoras” da disputa: retrospectivas .....	208
CONCLUSÃO.....	226
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	239
APÊNDICES .....	250
ANEXOS .....	257

## 1. INTRODUÇÃO

As manifestações ocorridas no curso de 2013, com ápice no mês de junho, no Brasil, constituem um fenômeno recente e complexo, ainda a ser compreendido pela literatura (DOWBOR; SZWAKO, 2013). Se 2013 pode ser considerado nacionalmente “o ano que não terminou”,<sup>1</sup> essa constatação deve-se, em importante medida, à grandiosidade e aos impactos que os protestos ocorridos àquela época tiveram. Segundo levantamento da Confederação Nacional de Municípios (CNM), na data de 20 de junho (dia que mais aglomerou manifestações no país, durante o ano), protestos foram realizados em 438 cidades. Neste mesmo dia, estima-se que três milhões de pessoas saíram às ruas para manifestar-se (SECCO, 2013).

A magnitude das manifestações não se vincula apenas aos dados acima citados, mas também diz respeito à frequência com que os eventos concorreram. Ao longo de todo o mês de junho (e posteriormente, em menor escala, em julho) foram realizados inúmeros protestos, motivo pelo qual os meios de comunicação e a literatura científica adotaram nomenclaturas específicas para tratar desse período de mobilizações. Entre as denominações prevalentes, destacam-se os termos “jornadas de junho”<sup>2</sup> (SECCO, 2013) e “onda de manifestações”. Neste trabalho, opta-se pela utilização da expressão “ciclo de manifestações”, para caracterização do conjunto de eventos ocorridos em 2013, no Brasil. O “ciclo” é entendido como:

...uma fase de conflito acentuado que atravessa um sistema social, com uma rápida difusão da ação coletiva de setores mais mobilizados para outros menos mobilizados; com um ritmo rápido de inovação nas formas de confronto; com a criação de quadros interpretativos da ação coletiva, novos ou transformados; com uma combinação de participação organizada e não-organizada; e com sequências de fluxos intensificados de informação e de interação entre os desafiantes e as autoridades (TARROW, 2009, p. 182).

---

<sup>1</sup> A frase é uma alusão à expressão “1968: o ano que não terminou” (título do livro de Zuenir Ventura), referente aos acontecimentos de 1968 no Brasil e no mundo. A utilização da frase para o ano de 2013 é uma analogia que dá conta da importância dos acontecimentos deflagrados neste período. Fontes: <<http://www.sul21.com.br/jornal/retrospectiva-2013-o-ano-que-nao-terminou/>>; <<http://www1.folha.uol.com.br/columnas/raquelrolnik/2013/12/1391392-2013-o-ano-que-nao-terminou.shtml>>. Acesso em: 24/01/2016.

<sup>2</sup> O termo “jornadas” foi originalmente empregado por Karl Marx, em *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte* (2011), como referência à conjuntura em que o proletariado de Paris, no contexto aberto pela revolução de 1848, tentou insurgir-se, sendo duramente reprimido pelo comando do general Cavaignac (SINGER, 2013). Marx (2011, p. 35) classifica o evento como um “terremoto”.



Todas as características supramencionadas podem ser aplicadas ao caso dos protestos de 2013, no Brasil. Por precisão conceitual, salienta-se, assim, que, como referência ao conjunto de eventos ocorridos no curso daquele ano, são utilizadas, neste trabalho, as expressões “ciclo de manifestações de 2013” ou simplesmente “manifestações de 2013”. Independentemente da nomenclatura adotada, porém, as pesquisas já publicadas sobre esse recente fenômeno abordam diversos temas, como, por exemplos, os processos de engajamento e organização dos atores das manifestações (SILVA, 2014), a conjuntura socioeconômica que permitiu a eclosão dos protestos (ŽIŽEK, 2013), os conflitos violentos ocorridos entre manifestantes e policiais (TAVARES DOS SANTOS; TEIXEIRA, 2014) e o papel desempenhado pelas mídias na cobertura aos atos (LIMA, 2013).

As manifestações, vinculadas (ao menos inicialmente) à questão do valor da tarifa de transporte público (uma pauta já presente nas ruas brasileiras em anos anteriores, devido ao constante reajuste no preço das passagens de ônibus), caracterizaram-se pelo protagonismo de coletivos organizados sob a lógica da “horizontalidade”<sup>3</sup> e, notadamente durante o mês de junho, tiveram um crescimento considerável, com a entrada de outros atores e com a inserção de reivindicações não necessariamente ligadas ao transporte público – e inclusive ideologicamente contraditórias entre si (ROLNIK, 2013). Além disso, as manifestações de 2013 não consistem em um fenômeno espacialmente generalizável, mas se tratam de eventos específicos, com características próprias a depender das cidades em que foram deflagradas.

Diante da complexidade do ciclo de protestos, faz-se necessária uma delimitação temática, um recorte que estabeleça qual dos diversos pontos do ciclo de manifestações de 2013 constitui objeto da presente pesquisa. A primeira dessas delimitações consiste na questão do espaço: dentre as cidades nas quais ocorreram eventos de protesto à época, selecionou-se Porto Alegre/RS como local pesquisado. Isso porque, embora, devido à centralidade histórica e econômica no país, cidades como Rio de Janeiro/RJ e São Paulo/SP constituam “alvos” das coberturas midiáticas nacionais e parâmetros para a produção de grandes narrativas sob o ponto de vista teórico, Porto Alegre destaca-se como cidade pioneira das manifestações de 2013, devido ao fato de que os atos contra o aumento da passagem, naquele ano, foram realizados desde janeiro na cidade, sendo o reajuste do valor da tarifa

---

<sup>3</sup> Para uma caracterização da “horizontalidade” organizacional nas manifestações de 2013, ver o subcapítulo 2.3 deste trabalho.

revogado já em abril. Assim, nos grandes atos de junho, a capital do Rio Grande do Sul acompanhou o movimento nacional mesmo após essa conquista ter sido obtida nos meses anteriores. O protagonismo da cidade é bem ilustrado por uma faixa com a expressão “Vamos repetir Porto Alegre!”, inscrita em um cartaz de uma manifestação de São Paulo, no dia 06 de junho de 2013.<sup>4</sup>

Quanto aos atores presentes nos protestos de Porto Alegre, os atos contrários ao aumento da passagem foram promovidos pelo “Bloco de Lutas Pelo Transporte Público”, um bloco formado por grupos de orientação de esquerda, com atuação em diversos eventos da cidade (MUHALE, 2014). Embora, como já referido, outros atores tenham participado das manifestações (e disputado os rumos dos eventos, conforme ficará evidenciado no curso deste estudo), principalmente no mês de junho, ainda assim identifica-se o Bloco de Lutas como ator protagonista dos protestos, ao menos nos momentos iniciais do ano.

Uma vez delimitado espacialmente o estudo, bem como identificado o coletivo responsável pela promoção dos atos contra o aumento da passagem, salienta-se que, nas manifestações de Porto Alegre, um dos temas centrais decorrentes dos protestos, assim como em outras capitais do país, consistiu na existência de tensões entre ativistas e o aparato policial. Embora o repertório<sup>5</sup> central utilizado por ativistas, no curso das manifestações, tenha sido a realização de passeatas, foram registradas situações de utilização de repertórios de confronto (TARROW, 2009; DELLA PORTA, 2008), com a produção de danos a patrimônios públicos e privados (principalmente o ataque a instituições consideradas simbólicas do “capitalismo global”, como bancos e multinacionais), por indivíduos identificados pelo uso das táticas *Black Blocs*.<sup>6</sup> Por outro lado, a atuação policial, no

---

<sup>4</sup> Mais detalhes sobre a delimitação espacial do trabalho constam do capítulo 4.

<sup>5</sup> “Os indivíduos, baseados em períodos passados de conflito com um grupo particular ou com o governo, constroem um protótipo de protesto ou tumulto que descreve o que fazer em circunstâncias particulares e também oferece uma base lógica para esta ação” (HILL; ROTCHILD, 1992, p. 192). Essas formas consolidadas de concretização da ação coletiva constituem o conceito de “repertório”, desenvolvido pioneiramente por Charles Tilly (1978).

<sup>6</sup> Desconhecido no Brasil até o advento dos protestos de junho de 2013, o *Black Bloc* é um termo cunhado pela polícia alemã, durante os anos 1980, “para identificar grupos de esquerda na época denominados ‘autônomos, ou autonomistas’ que lutavam contra a repressão policial nos *squats* (ocupações)” (COSTA, 2013). Constituído, à época, por sujeitos integrantes de movimentos anarquistas, o *Black Bloc* não pode ser considerado um movimento ou uma organização; ele se constitui como uma tática. Atualmente, *Black Blocs* têm se formado em vários lugares do mundo, como parte do movimento antiglobalização, com destaque para atuações em reuniões de cúpula do G8 e da Organização Mundial do Comércio (OMC), além de aparições recentes em manifestações de países emergentes, como no caso do Brasil. Embora não se possa reduzir o fenômeno dos *Black Blocs* a uma realidade única, segundo Dupuis-Déri (2014), a característica que diferencia os “blocos negros” de outras táticas

acompanhamento aos protestos, foi caracterizada pela utilização de instrumentos repressivos, como bombas de efeito moral e balas de borracha. Em diversas cidades do Brasil, foram vivenciadas situações de confronto, ocasiões denominadas por alguns veículos midiáticos como “batalhas campais”.<sup>7</sup> Ainda, segundo informações publicizadas pelo “Artigo 19”,<sup>8</sup> pelo menos 2.608 pessoas foram detidas no ciclo de protestos, além de terem sido registradas 07 mortes.

Em meio às tensões entre ativistas e policiais, um aspecto que interessa à presente pesquisa e que se traduz como tema do trabalho é *a cobertura de jornais de Porto Alegre às manifestações, especificamente no que se refere às interações entre manifestantes e aparato policial*. O interesse por essa temática advém do fato de que, diante da ocorrência de situações conflitivas, estabeleceu-se, entre os meios de comunicação da cidade, uma disputa interpretativa em torno do que estava acontecendo quando as referidas “batalhas campais” eram deflagradas.

Parte-se, nesse ponto, da ideia de que a definição de violência é conceitualmente ampla e imprecisa (WIEVIORKA, 2007; MICHAUD, 1989), de modo que a interpretação do confronto, pela atribuição de qualidades aos atores envolvidos nas manifestações (manifestantes e policiais) constitui *ato político*, o qual interfere sobre a (i) legitimidade dos referidos atores perante a opinião pública. Assim, ao mesmo tempo em que alguns veículos midiáticos centraram-se na publicização da ação de manifestantes (com a quebra de bancos, o incêndio a lixeiras, etc.), qualificando-os sob o adjetivo de “vândalos”, outros veículos (com destaque para meios de comunicação emergentes, caracterizados pelo uso de novas tecnologias da informação, como a Mídia Ninja<sup>9</sup>) construíram coberturas críticas às ações policiais, entendidas como “violentas”.

---

de manifestação é seu aspecto visual: a utilização de roupa e máscara pretas, como forma de representação da tradição *anarcopunk*. Essa forma de apresentação tanto garante o anonimato dos participantes quanto produz a identidade coletiva do bloco. A prática de atos tidos como violentos, embora seja comum nas ações promovidas por *Black Blockers*, não é regra; é possível que a tática seja posta em prática de modo pacífico.

<sup>7</sup> Exemplo: <<http://www.sul21.com.br/jornal/manifestacao-em-porto-alegre-termina-em-cerco-violencia-e-prisoas/>>. Acesso em: 25/01/2016.

<sup>8</sup> Fonte: <<http://www.artigo19.org/protestos/panorama.php>>. Acesso em: 25/01/2016.

<sup>9</sup> A Mídia Ninja é definida, em seu *site*, nos seguintes termos: “Uma rede de comunicadores que produzem e distribuem informação em movimento, agindo e comunicando. Apostamos na lógica colaborativa de criação e compartilhamento de conteúdos, característica da sociedade em rede, para realizar reportagens, documentários e investigações no Brasil e no mundo. Nossa pauta está onde a luta social e a articulação das transformações culturais, políticas, econômicas e ambientais se expressa.” Disponível em:

A partir do entendimento de que estaria configurada uma disputa interpretativa em torno dos sentidos dos protestos (e especificamente das situações de confronto), recorreu-se, para a problematização, como aporte teórico central, a autores vinculados à Teoria do Processo Político (TPP).<sup>10</sup> Isso porque esse referencial teórico oferece instrumentos para o estudo de disputas interpretativas sobre a ação coletiva. Um conceito basilar, nesse sentido, é a noção, configurada a partir de apropriações dos atores da TPP aos estudos de Goffman (2012 [1986]), de “molduras interpretativas da ação coletiva”. Estas são conceituadas por Snow e Benford (1992, p. 137) como o “esquema interpretativo que simplifica e condensa o ‘mundo lá fora’, salientando e codificando seletivamente objetos, situações, eventos, experiências e sequências de ações num ambiente presente ou passado”. Essa ideia traz à discussão os procedimentos de seleção que são operados para que, diante da complexidade dos fenômenos do mundo, responda-se à pergunta “*o que está acontecendo aqui?*” (GOFFMAN, 2012 [1986]).<sup>11</sup>

O processo de seleção de determinados aspectos da realidade (em detrimento de outros) traduz-se, segundo essa perspectiva, pela ideia de enquadramento, de construção de uma moldura em torno da realidade, incluindo alguns elementos e excluindo outros (tendo em vista que a totalidade de fenômenos não pode ser abarcada). A percepção de que o conceito de enquadramento interpretativo poderia ser aplicado às disputas em torno dos confrontos ocorridos no ciclo de protestos de 2013 conduz à problematização do presente trabalho. Ainda, tem-se em vista que, conforme se explicita no capítulo 4 desta pesquisa, seria relevante o estudo de veículos midiáticos diversos, que teriam construído interpretações específicas dos protestos. Foram selecionados, nesse sentido, os jornais *Zero Hora*, *Diário Gaúcho* e *Sul21*.<sup>12</sup> Uma vez realizado o recorte temático, assim pode ser definida a questão central do presente trabalho: *Quais foram os enquadramentos interpretativos construídos pelos jornais Zero*

---

<<https://ninja.oximity.com/partner/ninja/about>>. Acesso em: 22/10/2014. Além do site, a Mídia Ninja possui perfis em outras plataformas, como o *Facebook* e o *Twitter*.

<sup>10</sup> A Teoria do Processo Político, que tem Charles Tilly como autor de destaque, centra-se na identificação de “mecanismos que organizam os macroprocessos políticos no Ocidente” (ALONSO, 2009). Para tanto, são desenvolvidos conceitos que buscam dar conta de explicar esses processos. Dentre esses conceitos, destacam-se os de estrutura de mobilização, repertórios da ação coletiva e enquadramentos interpretativos da ação coletiva. Cada um destes recai sobre uma dimensão específica dos processos de mobilização.

<sup>11</sup> Para um aprofundamento do debate teórico, ver o capítulo 3 deste trabalho.

<sup>12</sup> Para a descrição das características de cada um desses jornais, ver o capítulo 5 deste trabalho.

*Hora, Diário Gaúcho e Sul21, a respeito das interações entre manifestações e policiais, no ciclo de manifestações de 2013, na cidade de Porto Alegre/RS?*

Para se responder a essa problemática, foram estabelecidos objetivos à pesquisa. De modo geral, trata-se de *analisar a construção de enquadramentos desenvolvida por cada um dos referidos jornais ao longo do ano de 2013, na cobertura às mobilizações*. Especificamente, busca-se: *identificar aspectos quantitativos das coberturas de Zero Hora, Diário Gaúcho e Sul21 às manifestações de 2013; analisar, a partir de eventos específicos de protesto no curso do ano, quais os enquadramentos adotados por cada um dos jornais, especialmente no que se refere às interações entre ativistas e policiais; verificar de que modo esses enquadramentos transformaram-se/foram mantidos ao longo do ano*.

Com vistas a atingir esses objetivos, metodologicamente, os procedimentos adotados no estudo estão expostos, de forma detalhada, no capítulo 4 do trabalho. Sucintamente, subdividiu-se a produção de dados em dois momentos: um primeiro, de busca pelos conteúdos publicados por *Zero Hora, Diário Gaúcho e Sul21*, acerca do ciclo de manifestações de 2013; um segundo, consistente na realização de entrevistas com jornalistas que participaram, como profissionais vinculados aos referidos jornais, da cobertura do ciclo de protestos.

Quanto ao primeiro momento metodológico, foi constituída uma base de dados composta por, no total, 542 publicações. A organização desses dados está disposta no capítulo 6 do trabalho. Da consulta ao *corpus* de dados foram extraídas as notícias analisadas no capítulo 7. Quanto a este ponto, foram selecionados eventos de protesto situados em diferentes momentos do ano e considerados relevantes em relação ao objeto da pesquisa (seja pela deflagração de confrontos entre policiais e ativistas, seja pelo período específico em que ocorreram).<sup>13</sup> Foram analisadas as coberturas aos protestos de 27 de março, 04 de abril, 13 de junho e 20 de junho, além da retrospectiva de cada jornal sobre o ciclo de manifestações.

Em relação ao segundo momento metodológico, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com jornalistas que trabalhavam nos jornais em 2013 e que participaram da cobertura dos protestos. A opção pela realização de entrevistas decorreu do fato de que os(as) jornalistas, como autores do conteúdo jornalístico analisado, poderiam elucidar questões que emergissem da leitura dos textos, oferecendo assim um aporte empírico mais denso para o cumprimento dos objetivos traçados no trabalho. O foco consistiu em entrevistar jornalistas

---

<sup>13</sup> A justificativa detalhada para a seleção de cada evento de protesto consta do capítulo 4 deste trabalho.

que ocupassem, à época, as seguintes funções: repórter, fotógrafo(a), ou editor(a). O critério de seleção dos(as) jornalistas foi baseado na participação na cobertura, mesmo que, quando da realização das entrevistas, os(as) profissionais já não estivessem vinculados(as) aos jornais. Além disso, foram consideradas as funções ocupadas pelos(as) profissionais à época das manifestações, e não quando da realização da entrevista. Complementarmente, foram entrevistados o Comandante-geral da Brigada Militar do Rio Grande do Sul em 2013, Fábio Duarte, e um manifestante vinculado, à época, ao Bloco de Lutas pelo Transporte Público (indivíduo denominado ficticiamente neste trabalho como “Marcos”). Segue quadro com os(as) jornalistas entrevistados(as):

**Quadro 1 – Lista de jornalistas entrevistados(as)**

Nome	Jornal	Função exercida
Adriana Franciosi	<i>Zero Hora</i>	Fotógrafa
Carlos Rollsing	<i>Zero Hora</i>	Repórter
Humberto Trezzi	<i>Zero Hora</i>	Repórter
Itamar Melo	<i>Zero Hora</i>	Repórter
Nilson Vargas	<i>Zero Hora</i>	Editor-chefe
Rosane Oliveira	<i>Zero Hora</i>	Colunista
Felipe Bortolanza	<i>Diário Gaúcho</i>	Editor-geral do jornal à época à época das manifestações de 2013. Atual editor-executivo
Igor Natusch	<i>Sul21</i>	Editor do jornal à época das manifestações de 2013. Atualmente não vinculado ao jornal.
Iuri Müller	<i>Sul21</i>	Repórter do jornal à época das manifestações de 2013. Atualmente não vinculado ao jornal.
Ramiro Furquim	<i>Sul21</i>	Fotógrafo do jornal à época das manifestações de 2013. Atualmente não vinculado ao jornal.
Samir Oliveira	<i>Sul21</i>	Repórter do jornal à época das manifestações de 2013. Atualmente não vinculado ao jornal.

Fonte: autoria própria

Como justificativa para a realização da presente pesquisa, aduz-se, primeiramente, que o caráter recente e a já referida amplitude do ciclo de protestos de 2013 conferem a este fenômeno indiscutível relevância, sob o ponto de vista analítico. A despeito do pouco tempo

transcorrido entre os protestos e a escrita deste trabalho (e exatamente em virtude da grandiosidade das manifestações), há, como anteriormente salientado, uma série de pesquisas já publicadas sobre o fenômeno. Ainda assim, há diversos ângulos sobre os quais os protestos podem ser abordados, e o estudo da cobertura midiática aos confrontos entre manifestantes e policiais constitui um objeto pouco estudado no país. As pesquisas nacionais sobre violência e segurança pública predominantemente tematizam o controle policial a ações individuais, e não a ações coletivas. Conforme é explicitado ao longo do trabalho, a produção de interações consideradas “violentas” entre ativistas e policiais (como é o caso dos repertórios *Black Blocs*) constitui novidade em um país cujas polícias predominantemente atuam nas periferias, no controle às classes populares.<sup>14</sup> A ocorrência de confrontos em grandes centros urbanos, em protestos levados a cabo por manifestantes não necessariamente vinculados a classes populares, expõe e questiona tanto formas de operar das polícias quanto modelos tradicionais de cobertura jornalística. É sobre essas novidades (e sobre os tensionamentos delas decorrentes) que recai este trabalho.

Salienta-se, ainda, que a opção por um problema de pesquisa de caráter predominantemente descritivo (centrado na identificação dos enquadramentos) decorre tanto da complexidade do ciclo de manifestações quanto da proliferação, à época, de interpretações múltiplas e contraditórias entre si, nos diversos veículos de comunicação que realizaram a cobertura dos acontecimentos. Nesse sentido, as explicações já formuladas ao ciclo de protesto são, de modo geral, pouco fundamentadas empiricamente, circunstância que justifica a necessidade de uma pesquisa rigorosa para caracterizar efetivamente o fenômeno (no caso, os enquadramentos midiáticos dos protestos).

Por outro lado, sob o ponto de vista social, a presente pesquisa justifica-se pela possibilidade de construção de um banco de dados que permita, a um só tempo, a compreensão de um aspecto específico do ciclo de manifestações de 2013, assim como a elucidação sobre os modos por meio dos quais veículos midiáticos interagem com processos de mobilização. Os apontamentos extraídos deste trabalho fornecem dados relevantes tanto

---

<sup>14</sup> Sobre esse tema, é importante a referência a estudos que demonstram ser o Estado brasileiro caracterizado por adotar uma tradição de práticas militarizadas no espaço urbano, com o uso político da polícia para controle das classes populares (PINHEIRO; IZUMINO; FERNANDES, 1991; WACQUANT, 2003). Quanto os dados sobre a violência policial praticada predominantemente sobre a juventude negra e pobre do país, ver o “Mapa da Violência 2015: Adolescentes de 16 e 17 anos no Brasil”: <[http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2015\\_adolescentes.php](http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2015_adolescentes.php)>. Acesso em: 25/01/2016.

para os atores envolvidos na construção das manifestações quanto para os veículos midiáticos estudados (como *feedback* sobre suas coberturas jornalísticas).

O trabalho está dividido em 7 capítulos. O primeiro deles é a introdução. No segundo, é realizada a contextualização da conjuntura da cidade de Porto Alegre previamente ao ciclo de manifestações de 2013. Adota-se, como ponto de partida, a narrativa de um evento disparador do debate sobre protestos e policiamento na cidade. Ainda, são abordados pontos específicos, considerados relevantes para a discussão desta pesquisa, acerca dos protestos de 2013.

No terceiro capítulo, apresenta-se o debate teórico do qual parte o trabalho. Primeiramente, são introduzidos dilemas da prática jornalística, no que diz respeito à necessidade de afirmação do princípio de “objetividade” na cobertura dos fatos, em contraposição à perspectiva de que a notícia é socialmente construída e vinculada a fatores que contradizem a ideia de jornalismo “objetivo”. Posteriormente, demonstra-se, a partir de revisão da literatura sobre o tema, como veículos midiáticos brasileiros, historicamente, têm abordado questões ligadas a movimentos sociais e à violência, bem como quais as mudanças que têm ocorrido contemporaneamente na cobertura dessas temáticas. Por fim, são introduzidos conceitos centrais ao trabalho, relacionados à ideia de enquadramento interpretativo da ação coletiva, especificamente no que se refere aos processos de enquadramento midiático. Estes conceitos guiam, operacionalmente, a produção deste trabalho.

No quarto capítulo, são explicitados os fundamentos epistemológicos que justificam as opções teórico-metodológicas da pesquisa. Ademais, apresenta-se o processo de contato com o objeto empírico, com a entrada no campo e com a descrição dos procedimentos adotados para a análise de dados.

No quinto capítulo, busca-se expor quais são os veículos midiáticos selecionados para o estudo. São identificadas características que, em conjunto, conformam, em cada um dos jornais, condições específicas de produção de conteúdo informativo. Tais características são, dentre outras, a história, o público-alvo, a estrutura de redação, as linhas editoriais e as concepções de jornalismo de *Zero Hora*, *Diário Gaúcho* e *Sul21*.

No sexto capítulo, a partir do banco de dados da pesquisa, são apresentadas a organização e a quantificação do total de publicações midiáticas dos jornais, a respeito do ciclo de manifestações de 2013. São quantificados os números totais e a distribuição mensal



das publicações, o formato do conteúdo, a distribuição temática das manchetes e a “valência” das manchetes em relação aos manifestantes.

Por fim, no sétimo capítulo, com base na seleção de eventos específicos de protesto (27 de março, 04 de abril, 13 de junho e 20 de junho de 2013) e nas retrospectivas produzidas pelos jornais ao final do ano, são analisados os enquadramentos interpretativos de *Zero Hora*, *Diário Gaúcho* e *Sul21*. Derradeiramente, são apresentadas as considerações finais, com os principais apontamentos extraídos da análise dos dados. Neste ponto, demonstram-se a resposta ao problema de pesquisa, as principais contribuições teórico-metodológicas do trabalho e novas questões a serem investigadas.

## **2. O ANO DE 2013 “COMEÇOU ANTES EM PORTO ALEGRE”**

Neste capítulo, busca-se contextualizar, adotando-se como referência uma cena disparadora ocorrida em outubro de 2012 (subcapítulo 2.1), a conjuntura política de Porto Alegre nos momentos que antecederam o ano de 2013. Desenvolve-se a interpretação de que já estavam em curso, na cidade, os processos de mobilização que comporiam as condições para a emergência do ciclo de protestos de 2013 (subcapítulo 2.2). Em seguida, são abordados pontos centrais das referidas manifestações, identificados como questões relevantes para as problematizações deste trabalho (subcapítulo 2.3).

### **2.1. Uma cena disparadora: o episódio do “tatu-bola”<sup>15</sup>**

Porto Alegre, 04 de outubro de 2012. Centenas de manifestantes reúnem-se na Praça Montevideu, em frente à Prefeitura Municipal, na região central de Porto Alegre, para realização de um ato denominado “Defesa Pública da Alegria”. O evento, composto predominantemente por jovens, coletivos ativistas e artistas, com o objetivo de questionar a privatização dos espaços públicos e em defesa da “humanização da cidade”,<sup>16</sup> transcorre inicialmente de forma festiva, com a ocupação da praça e com a realização de diversas apresentações culturais.

---

<sup>15</sup> Este relato utiliza como fontes as notícias publicadas pelos jornais Zero Hora e Sul21, no dia 05 de outubro de 2012. A descrição do episódio é também amparada por pesquisa a informações do Coletivo Catarse e pelos relatos que constam nas entrevistas realizadas para a pesquisa.

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://coletivocatarse.com.br/home/o-que-e-a-defesa-publica-da-alegria/>>. Acesso em: 20/11/2015. Apesar de ter como pauta central a crítica à privatização dos espaços público, o ato do dia 04/10/2012 possuía também como temas “as políticas que criminalizam o trabalho dos artistas, contra a remoção forçada de famílias graças às obras da Copa, contra a política marqueteira das eleições, contra o descaso com ciclistas e a confusão que a prefeitura parece ter com o termo revitalização, que para eles é sinônimo de elitização”. Disponível em: <<https://cafecomnata.wordpress.com/2013/03/21/editorial-defesa-publica-da-alegria/>>. Acesso em: 20/11/15

**Figura 1 – Manifestantes reunidos(as) em frente à Prefeitura de Porto Alegre. A Guarda Municipal posiciona-se diante do prédio**



Fonte: <<http://www.Sul21.com.br/jornal/manifestacao-termina-em-batalha-campal-no-centro-de-porto-alegre/>>. Fotografia: Ramiro Furquim.

Em determinado momento, porém, em torno de 23h30min, quando o ato já se aproximava de seu fim, manifestantes dirigem-se ao Largo Glênio Peres, ao lado da Prefeitura, em local onde estava exposto o boneco inflável “Fuleco”, figura representativa de um “tatu-bola”, mascote da Copa do Mundo de 2014 e patrocinado pela empresa “Coca-Cola”. Em função de a manifestação ter como pauta a crítica à utilização do espaço público para fins privados, o boneco, mascote de uma grande multinacional e localizado em um espaço central e historicamente consagrado da cidade,<sup>17</sup> estava, desde o início da manifestação, protegido por membros da Brigada Militar (BM) do estado do Rio Grande do Sul, diante da possibilidade de ele se tornar um “alvo” da ação dos manifestantes.

---

<sup>17</sup> O Largo Glênio Peres é um espaço público localizado na região central de Porto Alegre, em frente ao mercado público da cidade. Inaugurado em 1922, esse espaço é historicamente ocupado para manifestações artístico-culturais e políticas.

**Figura 2 – Policiais realizam a “proteção” ao boneco “Fuleco” durante o ato**



Fonte: <<http://www.Sul21.com.br/jornal/manifestacao-termina-em-batalha-campal-no-centro-de-porto-alegre/>>. Fotografia: Ramiro Furquim.

Em seguida, ativistas começam a dançar em frente à figura do “tatu-bola”, até que determinados(as) manifestantes passam pelo bloqueio que impedia a aproximação ao boneco, gerando uma situação de tensão. Em determinado momento, o boneco perde o ar que o mantinha de pé e murcha.<sup>18</sup> Diante das circunstâncias, policiais da Brigada Militar iniciam a repressão e a perseguição aos(às) ativistas pelas ruas do centro de Porto Alegre, com a utilização de cassetetes, bombas de efeito moral e balas de borracha, em um episódio que ficou marcado, na cidade, como uma “*batalha*”.<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> Segundo a versão inicial dos fatos, manifestantes teriam furado a mascote. Após a realização de investigações, chegou-se à conclusão que o boneco teria sido esvaziado. A respeito, ver: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2012/10/boneco-do-mascote-da-copa-estaria-intacto-afirma-delegado-3913504.html>>. Acesso em: 18/12/2015.

<sup>19</sup> O termo “batalha” foi utilizado tanto por Zero Hora quanto por Sul21, nas notícias de cobertura ao evento. Para compreensão das dinâmicas envolvidas no incidente, recomenda-se o seguinte vídeo, gravado por ativista quando os policiais militares iniciam sua intervenção de “defesa” ao boneco: <<https://www.youtube.com/watch?v=4N6L8pXIR3g>>. Acesso em: 18/12/2015.



**Figura 3 – Policiais militares atuam na repressão a manifestantes, após estes terem passado pelo bloqueio de acesso ao boneco “Fuleco”**

## BATALHA NO CENTRO



Fonte: Jornal *Zero Hora*, edição impressa, 05/10/2012, Capa. Fotografia: Bruno Alencastro.

Os números do ocorrido apontam que, para defesa do boneco, foi deslocado um contingente de 60 a 80 policiais militares,<sup>20</sup> além de pelo menos 20 viaturas da Brigada Militar. Como resultado, foram presos(as) ao menos 06 ativistas, cerca de 20 manifestantes ficaram feridos(as), e três jornalistas foram agredidos. A justificativa para a realização das prisões, conforme versão da Brigada Militar, seria a ocorrência dos atos de “desordem”, “dano”, “agressão” e “lesão corporal”.

Tal situação desvela uma circunstância irônica: a ação policial, cujo resultado consistiu em detenções e em manifestantes feridos(as), teve como objetivo a defesa de um boneco inflável, representativo exatamente da pauta (privatização dos espaços públicos) que levou as pessoas às ruas, naquele evento. Nesse sentido, segundo relato do comandante da Brigada Militar do estado do Rio Grande do Sul à época das manifestações de 2013, coronel Fábio Duarte, o episódio do “tatu-bola”, no que se refere à atuação da Brigada Militar, pode ser classificado, em suas palavras, como “*um horror*”, pelo “*despreparo*” da tropa para a

<sup>20</sup> Segundo informação de Zero Hora, seriam 80 policiais; segundo notícia do Sul21, seriam 60 policiais.

situação e pela *concepção de defesa do patrimônio, preferencialmente à defesa da vida dos manifestantes*.

Por sua representatividade, o episódio do “tatu-bola” é identificado, segundo o relato de jornalistas entrevistados na presente pesquisa, como um evento central para que se compreenda que *a conjuntura de mobilizações nacionais de 2013 “começou antes em Porto Alegre”*,<sup>21</sup> ainda em 2012. Isso porque os acontecimentos deflagrados durante o ato teriam sido elementos disparadores para dois processos: *a intensificação da discussão sobre as interações entre manifestantes e polícia na cidade, com a crítica à “violência policial”*;<sup>22</sup> *a aproximação de grupos políticos que, unidos em torno das situações de tensão naquele momento experienciadas, viriam a tornar possível a consolidação do Bloco de Lutas Pelo Transporte Público, no início do ano de 2013.*<sup>23</sup>

## **2.2. Porto Alegre: cidade em efervescência**

### **2.2.1. Um histórico de mobilizações na cidade**

Ao extrair da química o conceito de efervescência, Durkheim (2000 [1912]) explicita, a partir da observação de rituais religiosos, fenômenos da vida social que não se restringem à dimensão sagrada. Isso porque a ideia de efervescência traduz-se, em âmbito social, como “uma forma de eletricidade, uma excitação, uma forma de interação que leva à exaltação, à amplificação dos sentimentos coletivos, à superexcitação da vida física e mental” (WEISS, 2013), sendo, assim, aplicada a outros contextos. O ciclo de protestos de 2013 pode ser vislumbrado sob a perspectiva de um fenômeno coletivo marcado pelo encontro, na rua, de diversos sentimentos, com o desencadeamento de um *processo de efervescência* (WEISS, 2014). Embora o episódio do “tatu-bola” seja considerado um evento disparador para os acontecimentos posteriores na cidade, o ato de “Defesa Pública da Alegria” do dia 04 de outubro de 2012 consistiu em um evento imerso em uma conjuntura específica, caracterizada pela emergência de grupos e pelo desencadeamento de mobilizações em Porto Alegre.

---

<sup>21</sup> Citação retirada de trecho de entrevista com Samir Oliveira, ex-jornalista do Sul21.

<sup>22</sup> Palavras de Iuri Müller, ex-jornalista do Sul21.

<sup>23</sup> Ideia exposta por Igor Natusch, ex-editor do Sul21.

Pode-se, nesse sentido, fazer referência, conforme aponta entrevista com manifestante do Bloco de Lutas pelo Transporte Público, ao Fórum Social Mundial (FSM), encontro proposto como contraponto ao Fórum Econômico Mundial de Davos (Suíça) e organizado por movimentos sociais de diversos países, com a proposta de “um outro mundo possível” (DI GIOVANNI, 2013; SANTOS, 2005). Porto Alegre sediou o FSM entre 2001, ano da primeira edição, e 2005, além da edição de 2012. Dentre as “heranças” do Fórum Social Mundial, está a criação oficial do Movimento Passe Livre (MPL) no ano de 2005 (DOWBOR; SWAKO, 2013), movimento que foi um dos principais protagonistas do ciclo de protestos de 2013 no país, com destaque para sua atuação na cidade de São Paulo. Embora as dinâmicas desenvolvidas durante o FSM sejam objeto de análises teóricas (DI GIOVANNI, 2013; SANTOS, 2008), o exemplo do MPL é um dentre os resultados atribuídos aos encontros promovidos pelo Fórum.<sup>24</sup>

Além disso, as entrevistas com jornalistas para a presente pesquisa indicam que, nos anos anteriores a 2013, presenciou-se a ocorrência de uma série de outros eventos na cidade. Esse é o caso, por exemplo, da Massa Crítica,<sup>25</sup> uma manifestação que ocorre regularmente em diversas localidades do mundo e que tem como objetivo a reunião de cicloativistas (e de outros militantes que utilizam meios de locomoção movidos à propulsão humana). A Massa Crítica tornou-se pauta de diversos veículos midiáticos de Porto Alegre em 2011, quando, em um desses atos, um conjunto de cicloativistas foi atropelado por um motorista de carro.<sup>26</sup> Ainda, é possível citar a ocorrência de atos intitulados “Largo Vivo”,<sup>27</sup> os quais, assim como no caso do evento “Defesa Pública da Alegria”, têm como objetivo a ocupação dos espaços públicos da cidade.

Em resumo, o manifestante entrevistado para esta pesquisa refere-se a Porto Alegre como *“uma cidade com histórico das forças de esquerda terem força, das forças progressistas terem força”*. A luta pelo transporte público insere-se nesse contexto e se

---

<sup>24</sup> A relevância do FSM no contexto da cidade é ainda confirmada por banco de dados do “Grupo de Pesquisa Associativismo, Contestação e Engajamento” (GPACE), sobre a cobertura midiática a ações de movimentos sociais em Porto Alegre. Segundo dados do banco, em períodos de realização do FSM na cidade, o número de ações de movimentos sociais cresceu exponencialmente.

<sup>25</sup> A respeito, ver: <[https://www.facebook.com/massacriticapoa/info/?tab=page\\_info](https://www.facebook.com/massacriticapoa/info/?tab=page_info)>. Acesso em: 21/11/2015.

<sup>26</sup> A respeito, ver: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/02/grupo-de-ciclistas-e-atropelado-em-porto-alegre.html>>. Acesso em: 21/11/2015. Igor Natusch, ex-editor do Sul21, entende ser o evento do “atropelamento coletivo” um evento disparador de mobilizações na cidade, assim como o episódio do “tatu-bola”.

<sup>27</sup> Sobre o “Largo Vivo”, ver: <<https://www.facebook.com/Largo-Vivo-305842799557362/timeline>>. Acesso em: 21/11/2015.

apresenta como uma pauta recorrente na cidade, de modo que, segundo o manifestante entrevistado, “há décadas essa luta está acontecendo todo início de ano”.

### **2.2.2. A entrada em 2013: o reajuste da tarifa, os protestos iniciais e o mês de junho**

No início de 2013, o Sindicato de Empresas de Ônibus de Porto Alegre (SEOPA) realizou, junto à Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC), um pedido de aumento da passagem de ônibus na cidade de R\$ 2,85 para R\$ 3,30, representando um reajuste de 15,8% no valor do passe. Procedimento semelhante ocorreu em Porto Alegre nos anos anteriores, de modo que estudo realizado pelo Departamento Institucional de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE)<sup>28</sup> indica que, entre os anos de 1994 e 2012, o percentual de reajuste do preço do transporte coletivo na capital do Rio Grande do Sul foi de 670,27%, enquanto a inflação, pelo INPC,<sup>29</sup> no mesmo período e local, foi de 281,31%.<sup>30</sup>

O fato de o aumento da passagem de ônibus ser recorrente na cidade a cada início de ano (com a consolidação de movimentos de resistência a esses reajustes) e o contexto de mobilizações urbanas acima explicitado compuseram dimensões importantes para a estrutura de oportunidade política<sup>31</sup> de emergência dos protestos no início do ano de 2013, situando-se o Bloco de Lutas pelo Transporte Público como organização protagonista desses eventos. A primeira manifestação contra o aumento da tarifa do transporte público, no ano, ocorreu no dia 21 de janeiro. Reunindo centenas de pessoas (entre 200 e 300, em média), eventos de protesto ocorreram desde janeiro a abril, momento em que o aumento da tarifa foi revogado, em virtude de uma liminar proposta por vereadores do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).<sup>32</sup>

---

<sup>28</sup> O estudo denomina-se “A Manutenção do Desincentivo ao Transporte Coletivo em Porto Alegre”.

<sup>29</sup> Índice Nacional de Preços ao Consumidor.

<sup>30</sup> A respeito, ver: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/transito/noticia/2013/03/estudo-acirra-criticas-ao-aumento-das-passagens-de-onibus-em-porto-alegre-4060432.html>>. Acesso em: 22/12/2015.

<sup>31</sup> Adota-se o conceito de “oportunidade política” recorrente nos autores da Teoria do Processo Político. Segundo Tarrow (2009, p. 105), oportunidade política consiste em “dimensões consistentes – mas não necessariamente formais ou permanentes – do ambiente político que fornecem incentivos para a ação ao afetarem as expectativas das pessoas quanto ao sucesso ou fracasso”.

<sup>32</sup> A respeito, ver: <<http://www.sul21.com.br/jornal/juiz-acata-pedido-de-liminar-do-psol-e-suspende-ultimo-aumento-da-passagem/>>. Acesso em: 23/11/2015.



Posteriormente, em junho, com a ocorrência de atos de protesto em outras cidades do país, o Bloco de Lutas voltou às ruas, com atos que chegaram a concentrar 20 mil pessoas.<sup>33</sup> O primeiro desses protestos ocorreu no dia 13, seguido dos atos dos dias 17, 20, 24 e 27 de junho. Em julho e nos meses seguintes do ano, deu-se continuidade à realização de manifestações, embora estas tenham declinado em termos frequência e de número de participantes.

Assim, as manifestações de 2013, em Porto Alegre, podem ser subdivididas entre momentos distintos: os protestos iniciais, “pré-junho”, entre janeiro e abril,<sup>34</sup> os protestos ocorridos a partir de junho. Os eventos iniciais tiveram como ator central o Bloco de Lutas pelo Transporte Público, com a reunião de centenas de pessoas, sendo a pauta única das manifestações o transporte público (especificamente, a revogação do aumento da passagem de ônibus). No segundo momento, durante o mês de junho, com a nacionalização dos protestos, o número de pessoas às ruas sofreu um aumento significativo, proporcionado pela entrada em cena de pessoas não necessariamente ligadas ao Bloco de Lutas, de modo que este deixou de ser identificado como o ator central das manifestações.<sup>35</sup> A entrada de novos manifestantes foi acompanhada da multiplicação de demandas, com a defesa de causas que extrapolaram a demanda inicial: o combate à corrupção, a crítica à violência policial, a insatisfação com os investimentos para a Copa do Mundo de 2014, a oposição ao governo federal, a necessidade de reforma das instituições políticas do país, etc. Ou seja, a partir da entrada de novos atores em cena, não mais uma causa aglutinou o movimento; pelo contrário: as ruas foram tomadas por uma série de reivindicações, muitas vezes ideologicamente contraditórias entre si (ROLNIK, 2013, p. 8).<sup>36</sup>

Em suma, pode-se afirmar que os protestos deflagrados em 2013, em Porto Alegre, foram desencadeados em um contexto histórico determinado e transcorreram,

---

<sup>33</sup> Esse é o caso do protesto do dia 20 de junho de 2013: <<http://gaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia-aberta/manifestacao-de-porto-alegre-reune-cerca-de-20-mil-pessoas-6327.html>>. Acesso em: 22/12/2015.

<sup>34</sup> Esse momento “pré-junho” não tem sido abordado de forma detalhada pelas pesquisas que tratam das manifestações brasileiras de 2013, sendo os fenômenos de junho o objeto central dos estudos. Entretanto, entende-se, nesta pesquisa, que os eventos de protesto ocorridos entre janeiro e abril devem ser objeto de análise, inclusive para que sejam acumulados elementos explicativos ao processo cujo ápice pode ser identificado em junho.

<sup>35</sup> É interessante notar que, quando da busca por materiais midiáticos que abordassem as manifestações durante o ano, verificou-se que, nos meses iniciais, entre janeiro e abril, o Bloco de Lutas foi sempre tomado como o grupo organizador dos eventos. A partir de junho, não necessariamente o Bloco de Lutas foi citado nas notícias, de modo que outros atores, não vinculados a coletivos políticos específicos, passaram a compor as manifestações.

<sup>36</sup> As mudanças ocorridas entre esses distintos momentos do ano são detalhadas no capítulo 7 deste trabalho.

*cronologicamente, em diferentes etapas, com características próprias a cada um desses momentos.* O resgate dessa historicidade é importante para que se vislumbre o processo que culminou nos atos de junho e para que sejam afastadas interpretações que entendem estes eventos como meros resultados da “espontaneidade”<sup>37</sup> das massas. Embora se reconheça que elementos de aleatoriedade estão presentes nas ações de movimentos sociais, o contexto de Porto Alegre indica a presença de determinadas condições, as quais, em conjunto, não explicam totalmente, mas oferecem indícios para que se compreenda a *efervescência política* deflagrada em 2013.

### **2.3. O ciclo de protestos de 2013 e suas especificidades**

Após breve reconstrução histórica, foram mapeados, a partir do material produzido para este estudo, alguns pontos centrais a serem destacados a respeito do ciclo de protestos de 2013, em Porto Alegre. Entende-se que estes pontos são questões relevantes a serem explicitadas, como características específicas daquelas mobilizações. A exposição desses pontos visa fornecer informações contextuais para as análises realizadas neste estudo.

#### **2.3.1. As estruturas de mobilização: a composição e as características do Bloco de Lutas pelo Transporte Público**

Uma das condições para a emergência de confrontos políticos, segundo os autores ligados à Teoria do Processo Político (TPP), é a composição de estruturas de mobilização (TARROW, 2009), ou seja, trata-se da necessidade de existência de elementos organizativos que possibilitem a aglutinação de insatisfações a princípio individuais em torno de uma demanda coletiva. Em 2013, na cidade de Porto Alegre, a organização que protagonizou as manifestações iniciais, entre janeiro e abril, contra o aumento da passagem de ônibus, foi o Bloco de Lutas pelo Transporte Público. Embora a mobilização contra o aumento da passagem de ônibus seja recorrente em Porto Alegre, tendo em vista que a cada início de ano é realizado um novo reajuste na tarifa, o ano de 2013 caracterizou-se como o momento em que foi possível a união de uma série de grupos em torno da causa do transporte. Quanto à

---

<sup>37</sup> Para uma definição sociológica do conceito de “espontaneidade”, aplicado à teoria dos movimentos sociais, ver Snow e Moss (2014).

articulação de grupos que formaram o Bloco de Lutas naquele ano, o manifestante entrevistado refere o seguinte:

**Marcos:**<sup>38</sup> [O Bloco de Lutas era formado por] vários grupos. *Uma miscelânea de grupos*, que até vai ser difícil lembrar todos agora. O Movimento Utopia e Luta, a Federação Anarquista Gaúcha (FAG), Frente Quilombola, a Assembleia Nacional dos Estudantes Livre (ANEL), o PSTU, PSOL, naquela época o PT fazia parte, também tinha militantes do PT que faziam parte do Bloco. [...]. Se criou naquele período uma frente anarquista, que agora eu não consigo lembrar o nome, mas ela durou ao longo de 2013, depois ela se desfez, que englobou todos os setores anarquistas nessa frente, mas era mais ou menos essa composição. PCB acho que também fazia parte, mais Levante Popular da Juventude. Estava alicerçado nisso (*grifos nossos*).

Como se pode extrair dessa fala, o Bloco de Lutas era composto por uma ampla gama de atores, com diferentes posicionamentos políticos, desde partidos a movimentos anarquistas. Para a composição dessa multiplicidade de atores em um mesmo coletivo, um modelo que tem sido experimentado no Brasil é aquele que adota a ideia de “*horizontalidade*” (DOWBOR; SZWAKO, 2013) como princípio organizativo. Tanto o Bloco de Lutas quanto o Movimento Passe Livre, grupos protagonistas das manifestações de 2013, identificam-se com essa proposta. Trata-se de uma *rejeição às lógicas “tradicionais” dos movimentos sociais, nas quais são identificadas estruturas hierárquicas bem definidas, com lideranças e funções específicas distribuídas entre os(as) ativistas*. No caso dos coletivos que prezam pela horizontalidade, busca-se resistir a uma “separação base/líderes por meio da instauração, por exemplo, de grupos de trabalho e de resoluções tomadas por consenso, em vez de votações, na maior parte de suas deliberações” (DOWBOR; SZWAKO, 2013, p. 48).

Pesquisas têm identificado semelhanças nos aspectos organizativos das manifestações de 2013, no Brasil, com outros movimentos globais, como é o caso do *Occupy Wall Street* (HARVEY [et. al], 2012) e da Primavera Árabe (ŽIŽEK, 2013). Diante dessa possível novidade, estudos têm também buscado analisar a emergência de movimentos contestatórios caracterizados pela dificuldade de ser delimitada uma liderança específica, por meio da ação de grupos que adotam uma lógica “horizontal” da ação coletiva (DOWBOR; SZWAKO, 2013). Outro fenômeno que tem sido objeto dos estudos contemporâneos desses movimentos é a utilização de novas tecnologias da informação (TICs), como é o exemplo das redes sociais, por ativistas, para organização dos movimentos e para a difusão de mensagens (CASTELLS,

---

<sup>38</sup> Nome fictício.

1999; DARTNELL, 2006; DELLA PORTA; KRIESI, 1999; TARROW, 2005). Ao mesmo tempo, há autores que buscam explicar de que forma a utilização dessas tecnologias altera a própria configuração organizacional “tradicional” dos movimentos sociais (BENNETT; SEGERBERG, 2012; GARRETT, 2006).

No caso das características organizacionais do Bloco de Lutas em 2013, resta uma ampla discussão teórica a ser realizada; porém, o material produzido na pesquisa indica a presença de uma multiplicidade de grupos, conforme acima narrado. Ao mesmo tempo, embora entre janeiro e abril o protagonismo das manifestações estivesse concentrado no Bloco de Lutas, a entrada de novos atores (não vinculados ao grupo) nos protestos durante o mês de junho parece ter contribuído para o aumento dessa multiplicidade, com a dificuldade de delimitação de “lideranças formais” que organizassem os eventos. Nesse sentido, Nilson Vargas, editor-chefe da *Zero Hora*, afirma:

**Nilson:** [O ciclo de protestos de 2013] *emergiu de maneira diferente da maneira como todo mundo sempre conheceu a construção de movimentos populares, de movimentos de massa, de movimentos de reivindicação, de movimentos de protesto no Brasil. [...] Não tinha um presidente do CPERS ali, não tinha um presidente da CUT, não havia entidades formais que a gente identificasse que historicamente organizava esse tipo de evento. A gente tinha dificuldade de interface de comunicação. A gente às vezes era surpreendido por um horário que mudava. Taticamente, quem organizava os eventos nem sempre liberava o itinerário, e isso nos dificultava (grifos nossos).*

A dificuldade de identificação de lideranças por jornalistas que cobriram os protestos no mês de junho reforça a ideia de contraposição do Bloco de Lutas a lógicas de maior hierarquização organizacional.<sup>39</sup> Essa especificidade das estruturas de mobilização, em suma, é observada tanto na literatura quanto o material empírico produzido, perpassando diversos pontos tratados neste estudo.

### **2.3.2. As dinâmicas do confronto: as interações entre manifestantes e policiais**

A forma como se desenvolveu o ciclo de protestos de 2013 impõe desafios não apenas para as teorias dedicadas a explicar a ação coletiva, como também repercute sobre as

---

<sup>39</sup> A inexistência de uma “liderança formal” não implica a ausência de lideranças. Mesmo informalmente, as dinâmicas dos grupos envolvem a assunção, por determinados atores, de posições próximas à ideia de “liderança”. A formalização ou não - bem como o grau em que tais posições são incorporadas e mantidas - é o que diferencia os coletivos guiados por uma lógica de “horizontalidade” dos grupos “verticalizados”.

dinâmicas dos eventos de protesto e especificamente age sobre as lógicas de interação entre manifestantes e policiais. Nesse sentido, o coronel Fábio narra a surpresa com a qual as manifestações de 2013, no mês de junho, foram recebidas pela polícia, no Brasil e no Rio Grande do Sul, em decorrência da dificuldade de delimitação de uma “liderança” ao movimento:

**Coronel Fábio:** A dinâmica do movimento *era uma dinâmica desconhecida até então pra polícia no Brasil*. E aqui no Rio Grande do Sul não era diferente, porque o movimento não tinha uma liderança específica, [...] os sindicatos, os partidos políticos estavam fora, ou pelo menos... não fora, mas eles não tinham identidade. Então isso dificultava muito a relação, porque quando tu tem um sindicato, um partido político ou uma liderança identificada, tu dialoga com aquela liderança e tu sabe... “o movimento vai por aqui...”. Tu pactua... “as ações, o movimento, a marcha, ou a caminhada vai se dirigir por aquela ou tal rua, vai até tal local”, enfim, mas como não tinha isso, *era muito complexo, era muito difícil*. Então tu tinha que distribuir efetivos nos mais variados pontos que o setor de inteligência detectava para ver onde é que a manifestação podia ir, mas como isso os próprios líderes do movimento tinham dificuldade de estabelecer, eles disputavam essa liderança por ocasião do momento da manifestação, então era muito difícil (*grifos nossos*).

O relato do coronel explicita um estilo de policiamento adotado pela Brigada Militar do Rio Grande do Sul em eventos de protesto. O conceito de “estilo de policiamento a protestos” (*protest policing style*) é desenvolvido por Della Porta e Fillieule (2004) para compreensão das táticas, estratégias e modelos utilizados por instituições de policiamento em mobilizações sociais. Segundo a entrevista com o coronel Fábio, a estratégia adotada pela BM nessas circunstâncias seria a busca pelo controle ao acontecimento, com a coleta de informações que confeririam certa previsibilidade ao ato: a identificação, de modo preciso, das organizações que estariam à frente da manifestação e o conhecimento do trajeto e dos repertórios adotados ao longo do protesto (trata-se do modelo “tradicional” de ação coletiva, presente, por exemplo, em marchas do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra – MST).

Ao estudar estilos de policiamento a protestos na Europa e nos Estados Unidos, Della Porta e Fillieule (2004) descrevem uma tendência, a partir da década de 1980, de desenvolvimento de estratégias menos repressoras e mais fundamentadas na negociação com ativistas. Tal diretriz é concretizada por espécies de “sistemas de gestão da ordem pública” (*public order management systems – PMOS*), baseados na padronização de protestos e na diminuição da probabilidade de ocorrência de situações não previstas pelo policiamento.

A fala do coronel Fábio acerca dos acontecimentos de 2013 denota uma estratégia vinculada à ideia de “sistema de gestão da ordem pública”; entretanto, as circunstâncias

inesperadas dos protestos ocasionaram *dificuldades ao policiamento, com ênfase sobre a dificuldade de delimitação das lideranças e dos trajetos a serem percorridos no momento dos atos*. Além da composição organizativa dos grupos que participaram das manifestações de 2013, os próprios repertórios utilizados por alguns dos ativistas podem ser identificados como fenômenos inesperados na relação entre manifestantes e policiamento. Isso porque, conforme pesquisa realizada pelo “Grupo de Pesquisa Associativismo, Contestação e Engajamento” (GPACE), da UFRGS, em notícias do jornal *Zero Hora* entre os anos 1970 e 2010, é rara a publicização de práticas de ações “violentas” (dano a patrimônio, confronto direto com a polícia) por manifestantes, em atos de protesto, no estado do Rio Grande do Sul.<sup>40</sup> As mobilizações de 2013, entretanto, foram marcadas pelo uso, por determinados(as) ativistas, de táticas de “ação direta”. Esta é assim conceituada por Rob Sparrow, autor do livro *Política Anarquista e Ação Direta*:

A característica da ação direta é que ela busca chegar aos nossos objetivos por meio de nossas próprias atividades, ao invés de tentar isso por meio da ação de outros. A ação direta busca exercer o poder diretamente sobre os assuntos e as situações que nos dizem respeito. Dessa maneira, ela diz respeito à tomada do poder pelas próprias pessoas.

[...]

A ação direta repudia a aceitação da ordem existente e sugere que temos tanto o direito, quanto o poder, de transformar o mundo. Isso é demonstrado quando a ação direta é realizada. Os exemplos de ação direta incluem bloqueios, piquetes, sabotagens, ocupações, colocações de barras de metal em árvores, greves parciais, reduções no ritmo de trabalho e a greve geral revolucionária (SPARROW, 2009, p. 11).

A presença de repertórios identificados com essa perspectiva política, como a queima de lixeiras e o ataque a patrimônios considerados “símbolos do capitalismo” (como bancos e grandes empresas), consiste em uma situação não rotineira no histórico de mobilizações em Porto Alegre. Em 2013, o policiamento dos protestos teve o desafio de enfrentar tal questão. Ainda conforme relato do coronel Fábio, o episódio do “tatu-bola”, no ano anterior, por ter sido considerado uma ação que priorizou o patrimônio em relação à vida dos manifestantes, ocasionou “reflexões” e uma mudança de concepção da BM do Rio Grande do Sul, pela

---

<sup>40</sup> Nacionalmente, no século XX, há registros em trabalhos acadêmicos e na imprensa, com o relato da ocorrência de uma série de “quebra-quebras” e “conflitos de ação direta”, como é o caso dos bondes quebrados em São Paulo, em 1947, e da deprecação de trens, no Rio de Janeiro, na década de 1970 (OLIVEIRA, 2008, p. 150).

adoção de *uma diretriz institucional de “preservação da vida” dos manifestantes*, nos atos de 2013.<sup>41</sup> Nesse sentido, as táticas utilizadas pelo policiamento, em 2013, teriam visado, prioritariamente, garantir a integridade física dos manifestantes, motivo pelo qual entende Fábio ter a BM atuado “de uma maneira correta” durante as manifestações, por não ter havido, em suas palavras, “nenhum manifestante gravemente ferido”, assim como nenhum registro de “agressão policial contra a população”.

Todavia, há diferentes versões a respeito das interações entre manifestantes e policiais durante o ciclo de protestos de 2013. O ativista entrevistado para esta pesquisa, por exemplo, relata a ocorrência de *episódios de “violência policial”, com “agressão” a manifestantes*. Jornalistas entrevistados corroboram com essa interpretação, como é o caso de Iuri Müller, ex-jornalista do *Sul21*. Segundo Iuri, com as manifestações de 2013, *“a imprensa percebeu, assim como boa parte da classe média, o quão violenta é a polícia na cidade em que se vive”*. Essa divergência reforça a ideia de que as circunstâncias próprias àquelas manifestações proporcionaram situações de complexidade nas dinâmicas entre ativistas e policiamento.

### **2.3.3. As disputas interpretativas: enquadrando o confronto político**

Diante das complexidades acima mencionadas, a interação entre manifestantes e policiais foi, ao longo do ano de 2013, objeto de interpretações midiáticas. Não apenas as instituições de policiamento, como também determinados veículos midiáticos foram surpreendidos com os eventos de protesto ocorridos à época. Nas palavras de Adriana Franciosi, fotógrafa do jornal *Zero Hora*, *as manifestações de 2013 foram “um baque para o jornalismo brasileiro”, pois “ninguém estava entendendo muito bem o que estava acontecendo”*. No mesmo sentido, o editor-chefe do jornal, Nilson Vargas, afirma que *“como toda a imprensa, a gente [do jornal Zero Hora] foi surpreendido por um movimento que emergiu de maneira diferente”*.

A “surpresa” causada pelas manifestações de 2013 não se restringiu ao âmbito regional. O desafio de responder à pergunta *“o que está acontecendo aqui?”* (GOFFMAN, 2012 [1986]) pode ser entendido como um fenômeno nacional, não restrito aos meios impressos. A esse respeito, emblemático é o caso do jornalista Arnaldo Jabor, o qual, em

---

<sup>41</sup> O coronel Fábio denomina a concepção de policiamento adotada pela Polícia Militar, no ano de 2013, como “polícia cidadã”.

edição do telejornal *Jornal da Globo*, no dia 12 de junho de 2013, ao fazer referência à manifestação promovida pelo MPL contra o aumento das passagens em São Paulo, classificou os(as) ativistas como “filhos de classe média” e pertencentes a uma “organização criminosa”, qualificando os protestos como uma luta “por 20 centavos”.<sup>42</sup> Porém, no dia 17 de junho, em sua seção na *Rádio CBN*, Jabor, com o crescimento das manifestações e, em suas palavras, “com a violência maior da polícia”, modificou sua interpretação sobre as manifestações, referindo que elas seriam “muito mais” do que uma luta por 20 centavos.<sup>43</sup>

Por outro turno, a sensação de “surpresa” não é um elemento consensual na fala dos profissionais que cobriram as manifestações de 2013. Igor Natusch, ex-editor do *Sul21*, por exemplo, embora reconheça que “a maior parte dos lugares foi surpreendida pelo que aconteceu na metade de 2013”, relata que *o processo de interpretação do ciclo de protestos de 2013 foi diferenciado no jornal [Sul21], pelo conhecimento dos jornalistas do veículo em relação aos atores envolvidos nas manifestações*. Em suas palavras, “como a gente [do *Sul21*] tinha uma compreensão melhor dos atores envolvidos, a gente conseguiu se movimentar um pouco melhor nesse espaço”.

Portanto, resumidamente, o conjunto de informações que compõe a presente pesquisa aponta para o seguinte contexto: *a composição heterogênea dos grupos que formavam o Bloco de Lutas pelo Transporte Público, naquele ano; as novidades na interação entre policiamento e manifestantes*, tanto no que se refere à adoção de diretrizes para o controle dos protestos, quanto no que diz respeito aos repertórios utilizados pelos manifestantes; *as dificuldades enfrentadas por veículos midiáticos para interpretar a multiplicidade de interações daquele contexto*. Identificar os enquadramentos interpretativos construídos por determinados veículos para explicar a cobertura ao ciclo de protestos de 2013 em Porto Alegre, especificamente no que diz respeito à interação entre manifestantes e polícia, é objeto deste trabalho.

---

<sup>42</sup> Segue *link* do vídeo: <<https://www.youtube.com/watch?v=RsYB2XpC7l0>>. Acesso em: 23/12/2015.

<sup>43</sup> Segue *link* do áudio: <[https://www.youtube.com/watch?v=P8j\\_2Hb9FrM](https://www.youtube.com/watch?v=P8j_2Hb9FrM)>. Acesso em: 23/12/2015.



### **3. O PAPEL DAS MÍDIAS NA INTERPRETAÇÃO DA AÇÃO COLETIVA: ELEMENTOS CONCEITUAIS**

O presente capítulo tem como objetivo apresentar, adotando-se como ponto de partida as questões empíricas acima tratadas, os referenciais teóricos dos quais o estudo parte, para que se responda ao problema de pesquisa. Em um primeiro momento, apresenta-se discussão sobre os papéis assumidos pela mídia na “construção social da realidade” (subcapítulo 3.1); em seguida, expõe-se o modo como os veículos midiáticos brasileiros têm abordado, histórica e contemporaneamente, temáticas ligadas à violência e aos movimentos sociais (subcapítulo 3.2); por fim, explicita-se o referencial teórico do enquadramento interpretativo da ação coletiva, como modelo analítico central desta pesquisa (subcapítulo 3.3).

#### **3.1. Contradições da prática jornalística: entre a (persistente) ideia de “objetividade” e a “construção social da notícia”**

Para que se reflita acerca das interpretações atribuídas, por veículos midiáticos, a situações ocorridas em âmbito social, é importante que sejam realizados alguns questionamentos sobre quais as posições ocupadas pelos atores que produzem tais interpretações. Em outros termos, *quando uma notícia é produzida, qual a relação do veículo midiático com o conteúdo que está sendo disseminado? Seria o jornal um ator que relata os acontecimentos objetivamente, conforme estes ocorrem? Consistiria o jornal em mais um dentre os atores que disputam determinadas interpretações da realidade?* Podem ser mapeadas, a partir da história da construção do jornalismo como profissão (BUDÓ, 2013), duas posições básicas: *uma que entende os meios de comunicação como observadores distantes dos fatos* (LOPES, 2007), *como “fonte de informação”* (PORTO, 2002); *outra que entende os veículos midiáticos como atores engajados, os quais produzem interpretações da realidade a partir de uma ampla gama de interesses sociais* (BUDÓ, 2013).

A ideia que fundamenta a primeira das posições é o princípio da “objetividade” no jornalismo, um conceito central quando são investigados os processos de produção do conteúdo midiático. Por meio da noção de “objetividade”, entende-se que caberia aos(às) jornalistas exercer uma atividade de reprodução dos fatos da realidade, tais como estes teriam ocorrido. Seria a notícia um mero “reflexo da realidade”, uma tradução dos fatos ocorridos no mundo. Tal concepção tem como fundamento a “teoria do espelho”, a qual aponta para a

característica informativa do jornalismo, pela compreensão de que a notícia deve espelhar a realidade dos fatos (BUDÓ, 2013).

O desenvolvimento da ideia de “objetividade”, o qual se dá a partir do século XIX, consiste em uma construção histórica, atrelada à concepção de “neutralidade científica” (BUDÓ, 2013). Nos Estados Unidos, até 1830, os jornais que entravam em circulação eram propriedade de alguns indivíduos, os quais patrocinavam todo o processo de construção da notícia. Por esse motivo, quase sempre, o jornal expressava os interesses políticos dos grupos aos quais esses indivíduos pertenciam (SCHUDSON, 1978). Na década de 1830, ocorre, porém, a entrada de anúncios publicitários, o que modifica a lógica de produção dos periódicos estadunidenses. Desencadeia-se o fenômeno do aumento da distribuição, com o desenvolvimento de técnicas de impressão, com a diminuição do preço dos jornais e com a consolidação dos periódicos denominados *penny press*, vendidos a um preço baixo (LOPES, 2007).

Diferentemente do formato anterior, caracterizado por jornais de cunho personalista e abertamente político, com a expressão dos interesses dos proprietários, os jornais *penny press* identificam-se como “independentes da política” e como “refletores da realidade do mundo” (LOPES, 2007, p. 03). A partir de então, vislumbra-se a separação entre opinião (caracterizada por sua “subjetividade”) e notícia (caracterizada pela busca de “objetividade”) (LOPES, 2007). A consolidação dessa perspectiva, com a consagração do princípio da “objetividade”, ocorre nos Estados Unidos, entre os anos 20 e 30 do século XX, e, conforme exposto, “significa que a notícia representa a imagem da realidade refletida no espelho e, por isso, traz consigo a ideia de observador desinteressado” (BUDÓ, 2013, p. 79).

Conforme Schudson (1978), uma série de fatores (econômicos, morais, jurídicos, tecnológicos, etc.) contribui para a reconfiguração do jornalismo nos Estados Unidos, entre os séculos XIX e XX, com a conseqüente incorporação do princípio da “objetividade” como *legitimador da própria profissão de jornalista*. Com base na possibilidade da existência de narrativas “objetivas”, que reproduzem os fatos da realidade, constroi-se, no referido período histórico, a possibilidade de legitimação do periodista como profissional “desinteressado”, cujo papel consistiria em “informar” (PORTO, 2002).

Implicitamente a essa concepção, predomina o paradigma de que os veículos midiáticos devem buscar ser “imparciais”, não se posicionando favorável ou contrariamente a qualquer grupo. No entanto, embora a concepção de “objetividade” tenha se desenvolvido como ideia legitimadora da profissão jornalística, fazendo-se presente, contemporaneamente,

nos manuais de ética de importantes jornais,<sup>44</sup> os estudos de comunicação têm reconhecido as limitações e a insuficiência desse paradigma (PORTO, 2002).

Segundo Hackett (1993), o conceito de “objetividade”, atrelado à busca por uma reprodução “imparcial” da realidade, constitui um suporte teórico em declínio, insuficiente para explicar os processos de produção interpretativa desencadeados pelos meios de comunicação. Na base da crítica à ideia de objetividade está a noção construtivista de que é impossível alcançar, de modo “objetivo”, a verdade dos fatos. Trata-se, em suma, de um debate epistemológico, no sentido de que as correntes construtivistas, hoje predominantes tanto no campo da Comunicação como no campo da Sociologia, entendem ser a “verdade” uma construção decorrente de embates travados em âmbito social. Todos os atores, sem exceção, ao se colocarem diante da realidade, a irão interpretar com base em diferentes pressupostos. É impossível, nessa perspectiva, que se adote uma interpretação “isenta” da realidade, pois não há algo como “a verdade”. A realidade, em si, é resultado de inúmeras disputas, em torno da atribuição de sentidos aos fatos.<sup>45</sup> A mídia apenas seria uma dentre as várias arenas nas quais se desbravariam as disputas interpretativas dos acontecimentos do mundo (certamente uma arena mais ressonante do que outras, dadas as amplas possibilidades de disseminação das informações produzidas pelos meios de comunicação).

Hoje considerada um “*mito*”, a objetividade no jornalismo é, portanto, rechaçada por diversas teorias construtivistas, as quais têm como interesse investigar os modos como os atores midiáticos selecionam as temáticas abordadas nas notícias (teorias de *agenda setting*), os enquadramentos produzidos pelos veículos midiáticos (teorias dos enquadramentos interpretativos), o jornalismo como gênero discursivo (BENETTI, 2008), entre outras perspectivas. As recentes pesquisas, nesse sentido, têm se posicionado *tanto pelo “fim” das noções de “objetividade” e de “neutralidade”* (DORNELLES, 2008) *quanto pela superação da dicotomia “objetividade/subjetividade”* (MAIA, 2014). Predomina a compreensão de que o conteúdo midiático é engajado e atrelado a diversos interesses sociais (reproduzindo disputas de poder que ocorrem na sociedade). Nos dizeres de Tim May (2004, p. 213), “um documento não pode ser lido de uma maneira ‘desligada’. Ao contrário, devemos abordá-lo de

---

<sup>44</sup> Este é o caso do *Guia de Ética e Autorregulamentação Jornalística* do Grupo RBS, conforme se verificará no capítulo 5 deste estudo.

<sup>45</sup> A respeito da ideia de “construção social da realidade”, ver: BERGER; LUCKMANN, 1966.

um modo engajado, não desligado.” Há, assim, um contexto social mais amplo, expresso pelas informações veiculadas pelas mídias.

A despeito das críticas levadas a cabo em âmbito teórico, *o princípio da objetividade continua sendo adotado como fundamento da prática jornalística*, embora os(as) próprios(as) jornalistas reconheçam a “*utopia*”<sup>46</sup> em que consiste a busca da objetividade. Nos dizeres de Tuchman (1993), “os jornalistas invocam sua objetividade quase do mesmo modo que um camponês mediterrâneo põe um colar de alhos à volta do pescoço para afastar os espíritos malignos”. Ou seja, a “objetividade” ainda consiste em uma diretriz deontológica, que guia práticas jornalísticas, de modo que “no Brasil, ser acusado de faltar com a objetividade é considerado deslize, falta de ética ou descompromisso profissional” (LOPES, 2007, p. 09). E continua Lopes, a respeito do “mito da objetividade”:

Percebemos que alguns valores e práticas se destacam em relação a outros na história do jornalismo. Ainda que se elaborem contrapontos e contra-argumentos sobre eles, alguns deles passam por um processo de mistificação, tornando-se símbolos para a identidade jornalística. *Fora do ambiente acadêmico, e das discussões mais aprofundadas, o mito [da objetividade] continua vivo no cotidiano do trabalho jornalístico, no senso comum, na percepção que a sociedade tem do jornalista e na auto-imagem que o jornalista sustenta perante seus pares e perante a sociedade (grifos nossos)* (LOPES, 2007, p. 09).

Ainda assim, como já dito, mesmo os próprios agentes das práticas jornalísticas reconheçam a insuficiência desse conceito. Essa tensão entre a necessidade e a concomitante impossibilidade de assunção de uma postura “objetiva” (“isenta”) diante dos fatos sociais é explicitada na fala de Itamar Melo, repórter de *Zero Hora*, em entrevista para esta pesquisa:

**Itamar:** Então... *eu sei que não existe essa coisa de isenção e tal, mas na medida do possível é o que se tenta fazer aqui.* É claro que existem sempre, em qualquer meio de comunicação, interesses que prejudicam essa isenção. Tu tem interesses comerciais, tu tem a própria ideologia das pessoas que estão aqui, que é uma coisa inconsciente e que vai influenciar em como tu vai cobrir as coisas. Então o que eu quero dizer é que nós não assumimos uma ideologia [...], então a gente persegue uma coisa diferente, eu acho, que é tentar refletir fielmente. É claro que isso é uma quimera. É impossível. Tu tem os teus condicionantes e tal (*grifos nossos*).

---

<sup>46</sup> Itamar Melo, jornalista de Zero Hora, classifica, em entrevista, a busca pela “objetividade” como uma “quimera”.

Também em entrevista para esta pesquisa, Samir Oliveira, ex-repórter do *Sul21*, escancara sua contrariedade à ideia de objetividade. Assim afirma Samir: “esse debate sobre imparcialidade no jornalismo é uma porcaria assim, é um mito que criaram e tal que tem que ser imparcial e ninguém é parcial, mesmo quando tenta ser”.

No presente estudo, a perspectiva de realização de uma reflexão com base na ideia de enquadramentos interpretativos da ação coletiva traduz um posicionamento teórico vinculado à ideia de “construção social da realidade” (BERGER; LUCKMANN, 1966; GAMSON [et al], 1992). Ademais, assume-se a perspectiva da Sociologia das conflitualidades (TAVARES DOS SANTOS, 2009), no sentido de que se entende a sociedade como arena eminentemente conflitiva, na qual diversos conteúdos (valores, normas, interpretações) entram em disputa. Assim, é necessário explicitar que, *nesta pesquisa, compreende-se o veículo midiático como mais um dentre os atores em disputa pela interpretação predominante dos fenômenos sociais.*

Partindo-se desse pressuposto, há, na área da Comunicação, estudos que buscam mapear quais fatores determinam a construção da notícia, ou seja, quais elementos, somados, constroem a escolha dos veículos midiáticos por determinadas interpretações da realidade, em detrimento de outras versões possíveis. O livro *Making News*, de Gaye Tuchman (1978), é considerado a obra inaugural desses estudos. Contemporaneamente, está consolidada a teoria do “*newsmaking*”, a qual busca compreender, a partir das rotinas jornalísticas, o processo de produção das notícias, com o desenvolvimento de diversos conceitos específicos para que se trate esse tema.

Embora não seja objetivo desse estudo explicar as dinâmicas jornalísticas que fundamentam a forma como se constroem os enquadramentos diante da (múltipla) realidade dos fatos sociais, é importante salientar que as teorias do *newsmaking* superam o paradigma da “objetividade”. Por meio de tais teorias, pode-se abordar a estrutura dos veículos midiáticos em seus aspectos organizacionais e em sua inserção em âmbito social. Esses estudos consideram ser os veículos midiáticos “*empresas*”, *submetidas a lógicas econômicas e sociais específicas do contexto em que estão inseridas* (ETCHICHURY, 2010).

Nesse ponto, a aproximação entre as teorias da Comunicação e a Sociologia torna-se explícita. Inclusive Max Weber (1910) dedicou parte de sua obra à compreensão dos aspectos econômicos ligados à empresa jornalística. Segundo Weber, o veículo midiático tem sua atividade ligada à necessidade de manutenção de uma clientela, a qual se compõe, de um lado, pelo público-leitor (compradores do jornal) e, de outro, pelos anunciantes. Essas espécies de relação geram tensionamentos, pois, ao mesmo tempo em que a empresa deve cumprir

exigências coletivas (do público-leitor), há demandas privadas (ligadas aos interesses dos anunciantes) a serem supridas. Dessas relações depende a própria subsistência do veículo.

Tais dificuldades de conciliação entre diferentes clientelas são desenvolvidas teoricamente por Etchichury (2010), assim como por Jorge Furtado, na obra cinematográfica *O Mercado de Notícias* (inspirada no texto homônimo do dramaturgo Ben Jonson). No filme, são narradas as relações de subserviência da produção de notícias às demandas de mercado. Embora a teoria do “*newsmaking*” dê conta de uma série de fatores ligados à produção jornalística, a compreensão da notícia como produto de uma empresa capitalista, voltado às demandas do mercado, atravessa diversas das teorias da Comunicação (e a própria história da constituição do jornalismo) e explicita a posição de veículo midiáticos como atores inseridos em disputas interpretativas, e não meros espectadores “neutros” da realidade. Nas palavras de Berger:

Importante é não esquecer que o jornalista, como todos os produtores da Indústria Cultural, é *um trabalhador*, cuja produção específica o qualifica como um intelectual, pois a mercadoria que produz são idéias, valores, imagens e sons que explicam o mundo... (*grifos nossos*) (BERGER, 1996).

### **3.2. Movimentos sociais e violência nas mídias brasileiras: entre uma história (consolidada) de “criminalizações” e recentes (indícios de) transformações**

Considerando-se as questões tratadas no subcapítulo anterior, questiona-se: *quais as posições que os veículos midiáticos brasileiros têm historicamente assumido em relação ao objeto da presente pesquisa?* Em outros termos, *de que modo as mídias, no país, têm abordado as temáticas dos movimentos sociais e das interações “violentas” entre manifestantes e polícia?* Nesse sentido, importa resgatar tanto os modos como os veículos midiáticos têm construído a interpretação de ações de movimentos sociais quanto como os fenômenos reconhecidos como “violentos” (não necessariamente ligados à ação coletiva) têm sido objeto de coberturas jornalísticas.

Iniciando-se pelo último dos pontos acima mencionados, deve-se ressaltar que, quando se trata de fenômenos ligados à ideia de “violência”, esta pode assumir diversas formas e conceitos. O estudo de Yves Michaud (1989) a esse respeito é esclarecedor, no sentido de reconhecer que a violência é um conceito *polissêmico*, que assume diversas concepções a depender dos contextos e das perspectivas (jurídica, etimológica, etc.) adotadas. Desse modo, “não há discurso nem saber universal sobre a violência: cada sociedade está às voltas com a

sua própria violência segundo seus próprios critérios e trata seus próprios problemas com maior ou menor êxito” (MICHAUD, 1989, p. 14).

Na medida em que uma definição de violência não está aprioristicamente dada, definir determinadas situações como violentas ou pacíficas é uma operação que produz consequências sobre a realidade. Nas palavras do autor francês:

...caracterizar alguma coisa – ato, comportamento, situação – como violência, é atribuir-lhe um valor e começar a agir. Por estar estreitamente ligada à ideia de transgressão das regras, a de violência está carregada de valores positivos e negativos vinculados à ideia de transgressão (MICHAUD, 1989, p. 13).

Assim, no momento em que se vincula a categoria “violência” a atores ou ações, são produzidas respostas sociais para gestão do conflito. Por exemplo, em uma sociedade em que o aprisionamento é tido como resposta eficaz para punir situações tidas como violentas, a atribuição dessa característica a determinado ato (exemplo: quebrar uma vidraça em uma manifestação social) contribui para legitimar demandas por encarceramento de pessoas que são identificadas como atores que realizam tais atos. Em suma, *a carga valorativa (geralmente negativa) atrelada à recepção da “violência” faz com que o procedimento de atribuição da característica de violência a atos ou a atores jamais seja neutro. Essa construção opera-se em meio a disputas sociais, assumindo um caráter inerentemente político* (GRIZA; TIRELLI; SCHABBACH, 2012, p. 292).

Os veículos midiáticos, nesse contexto, assumem um papel central, dada sua capacidade de produção e disseminação de informações, de modo que pesquisas apontam para “o papel decisivo dos meios de comunicação, e o da imprensa em especial, nas respostas de governos e da sociedade aos problemas da violência” (RAMOS; PAIVA, 2007, p. 21). Sobre esse tema, é importante o estudo *Mídia e Violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil* (RAMOS; PAIVA, 2007). O livro busca pesquisar a evolução da cobertura da imprensa brasileira nos últimos anos, com base na análise de conteúdos publicados em jornais de diversos locais do país e em entrevistas com jornalistas, pesquisadores, policiais e observadores.

A pesquisa de Ramos e Paiva (2007) identificou um padrão de cobertura baseado em episódios factuais, com baixo percentual de textos com iniciativa da própria imprensa e com baixa quantidade de textos analíticos, mais abrangentes, sobre as condições da segurança pública no Brasil. Tal padrão revela um *modelo histórico, fundamentado em matérias “sensacionalistas”, com a existência de fortes vínculos entre jornalistas e policiais e com a*

*transformação da violência em um produto comercial* (pela máxima de que “violência vende”). Entretanto, a pesquisa revela que “os jornais melhoraram significativamente sua cobertura nos últimos anos” (RAMOS; PAIVA, 2007, p. 12). Os alarmantes números sobre o aumento da violência no Brasil,<sup>47</sup> segundo o estudo, ocasionaram, a partir da década de 1990, a articulação entre diferentes setores da sociedade para a formulação de novas experiências na gestão de políticas públicas. A resposta dos jornais a esse contexto foi a *qualificação da cobertura, com a perda de espaço de matérias “sensacionalistas”<sup>48</sup> e a entrada em pauta de matérias ligadas à segurança pública e aos direitos humanos* (RAMOS; PAIVA, 2007). Em suma, o estudo aponta para uma melhora (embora ainda insuficiente<sup>49</sup>) no tratamento do tema da violência nos jornais brasileiros, nos últimos anos.

Essa pesquisa revela traços importantes de mudança nas coberturas jornalísticas do país. A literatura consolidada no Brasil aponta, de modo geral, para os aspectos “sensacionalistas” das abordagens midiáticas ao tema da violência. Tendo em vista que os meios de comunicação inserem-se na lógica de empresas capitalistas (WEBER, 1910), estudos em teoria da Comunicação constroem a ideia de “critérios de noticiabilidade” e de “valor-notícia”. A “noticiabilidade” consiste em “todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia” (SILVA, 2005, p. 96), enquanto o “valor-notícia” refere-se a uma série de características que atuam para a seleção, dentre os diversos acontecimentos do cotidiano, daquilo que virará notícia (seleção primária), bem como para a seleção do que será enfatizado ou omitido na apresentação da notícia aos(às) leitores(as) (seleção secundária) (WOLF, 2003).

Essas noções são relevantes teoricamente, pois salientam o fato de que os veículos midiáticos competem entre si, na busca pela construção de fatos “extraordinários”, que fogem da normalidade e que por isso tenderiam a ser mais interessantes, como objetos de consumo.

---

<sup>47</sup> Para demonstrar esse aumento, é informado, no livro, que “a taxa de homicídios do país aumentou 77% em 13 vinte anos, passando de 15,2 homicídios por 100 mil habitantes em 1984 para 26,9 homicídios em 2004” (RAMOS; PAIVA, 2007, p. 12-13). A incidência desses homicídios confirma a regra brasileira de assassinato a uma maioria jovem (entre 15 e 24 anos), negra, do sexo masculino e habitante das periferias/favelas das grandes cidades.

<sup>48</sup> Apenas 0,4% dos textos analisados nacionalmente sugeriram que a restrição de direitos de criminosos seria uma alternativa à criminalidade. Apenas 0,3% sugeriu que se fizesse “justiça com as próprias mãos”, sem criticar essa espécie de postura. Na maioria dos jornais, o percentual de fotos de cadáveres foi quase zero (RAMOS; PAIVA, 2007).

<sup>49</sup> Segundo o estudo, apenas 3,6% das notícias no Brasil tiveram como foco políticas de segurança pública. Além disso, 77% das notícias analisadas fazem um relato factual, de modo que as matérias que realizam uma abordagem contextual e analítica ainda são minoria. Os próprios jornalistas entrevistados relatam ser insuficiente essa melhoria (RAMOS; PAIVA, 2007).



Se é coerente a afirmação de Goffman (2012 [1986], p. 38), de que *“apenas os acontecimentos extraordinários são notícia”*, a *exposição da violência, por assumir o aspecto do que não é rotineiro, possui considerável valor-notícia, justificando a máxima de que “violência vende”*. No entanto, a partir do momento em que a exposição da violência torna-se um padrão na competitividade entre veículos midiáticos, o extraordinário passa a ser ordinário (BOURDIEU, 1997). Tal constatação é importante para que se compreenda a persistência, durante anos, no Brasil, de cobertura dos fenômenos violentos de forma factual, descontextualizada e espetacularizada, com elementos visualmente impactantes. Esse modelo de cobertura, embora, como já referido, esteja em declínio no país, consolidou-se historicamente como prática jornalística voltada à venda, tendo como consequência a contribuição para sensações de medo e para respostas puramente punitivas (destituídas da compreensão da violência como fenômeno social) ao crime.

Esse padrão, que se aplica à cobertura da “criminalidade cotidiana”, é identificado também nos estudos sobre a cobertura a ações de movimentos sociais. Há, nesse sentido, uma série de pesquisas que se debruçam sobre o tema, especialmente sobre ações do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST). Essas pesquisas (BERGER, 1996; OLIVEIRA, 2008; MAGALHÃES; SOBRINHO, 2010; BUDÓ, 2013) indicam *o uso de palavras pejorativas (“pânico”, “guerra”, “tumulto”) para qualificar os protestos, com a ênfase a danos patrimoniais produzidos por ativistas e com a construção da ideia do manifestante como “subversivo”, “vândalo”, “baderneiro”, como um risco à lei e à ordem.*<sup>50</sup> *Quaisquer distúrbios à vida cotidiana ou ações potencialmente classificadas como “violentas” assumem considerável “valor-notícia” e tornam-se o foco central da cobertura jornalística, em detrimento da cobertura dos processos de mobilização e das reivindicações pleiteadas pelos movimentos. Ao mesmo tempo, a ação policial, de modo geral, não é objeto de questionamento (e tomada como “verdade”) pelos veículos midiáticos estudados, embora, nas*

---

<sup>50</sup> A literatura que se debruça sobre o tema coloca especial ênfase ao fato de que os traços autoritários e as diferenças sociais que marcaram a construção histórica do país ocasionaram uma forma repressiva de se lidar com movimentos sociais. A produção da imagem das classes trabalhadoras e pobres como “classes perigosas” (CHEVALIER, 2000) construiu a retórica discursiva necessária para a propagação do discurso de lei e ordem e de “criminalização” dos movimentos sociais. Por meio da criação da figura do inimigo público a ser combatido (seja ele o “vândalo”, o “criminoso”, o “bandido”), cria-se um discurso que legitima a atuação repressiva por parte do Estado.

palavras do coronel Fábio, em entrevista para esta pesquisa, a polícia no Brasil seja “uma instituição repressora a serviço dos governos”.<sup>51</sup>

Como resposta à pergunta formulada no início deste subcapítulo, portanto, pode-se afirmar que, segundo a literatura estudada, *os veículos midiáticos brasileiros tendem a reproduzir esquemas ligados ao “senso comum” e à espetacularização, com vistas a suprir demandas comerciais. Esse padrão constroi interpretações desfavoráveis a classes populares e a movimentos sociais.* Há, nesse sentido, que se considerar que os estudos sobre mídia, no Brasil, de modo geral, têm como objeto grandes corporações, que, nos dizeres de Budó (2013, p. 81), cumprem “um importante papel na reprodução da dominação através da indústria cultural”. Em suma, tais estudos realizam correlações entre as grandes corporações midiáticas do país e a defesa de interpretações favoráveis às classes culturalmente dominantes. Atribui-se aos veículos midiáticos, nessa perspectiva, um papel de “criminalização”<sup>52</sup> dos movimentos sociais e das classes populares.

Porém, como já ressaltado, há indícios de que, nos últimos anos, a abordagem da imprensa brasileira a respeito de temáticas ligadas à violência tem se qualificado. Desse modo, é importante evitar a assunção de posturas maniqueístas, que entendem as grandes corporações midiáticas como “manipuladoras” e “inimigas” das classes populares. Os fenômenos da mídia assumem uma evidente complexidade, de modo que os estudos que se debruçam sobre o tema devem levar a sério tal complexidade. A esse respeito é importante a fala de Nilson Vargas, editor-chefe de *Zero Hora*, sobre as mudanças contemporâneas ocorridas nos processos de produção e disseminação do conteúdo informativo:

**Nilson:** ...eu acho que nos dias de hoje, nos dias atuais, em que a gente tem uma teia de possibilidades, de informação, de participação ativa da sociedade nos fatos, nas decisões, em que existe uma pulverização da função de difundir informação, de compartilhar informação, de formar opinião pública, de subsidiar a opinião pública com informação, eu acho que é um ato de inteligência, vamos dizer assim, dos gestores, dos donos dos veículos... eles entenderem que eles não tem a posse da propriedade... da informação... eles não têm a propriedade da informação. Eles... a capacidade de conduzir a opinião pública foi infinitamente... se não reduzida... não acho que é reduzida. Eu acho que foi pulverizada de uma maneira que eu acho que é muito perigoso ainda querer operar como eventualmente se operou, não só no Brasil, em qualquer lugar, há três décadas atrás, quatro décadas atrás, em que havia uma

---

<sup>51</sup> A respeito do caráter repressor da polícia brasileira, há uma vasta bibliografia. Dentre os estudos contemporâneos, recomenda-se: KUCINSKI, B. [et al.], 2015.

<sup>52</sup> “Criminalização” é aqui entendida como a produção de interpretações que tendem a visualizar atores oriundos de classes populares e de movimentos sociais sob o rótulo do crime, com a incorporação de um processo de rotulação social (BECKER, 2008 [1963]) sobre tais atores.

relação em que processo, o fenômeno de comunicação era mais simples. Tinha um emissor, um receptor e acabou. Hoje ela é uma teia muito complexa.

A “teia complexa” citada por Nilson Vargas, sem fronteiras marcadas entre emissor e receptor da informação, compõe, segundo os atuais estudos em comunicação, o resultado do desenvolvimento de novas tecnologias da informação (TICs). A consolidação da *Internet* como meio de comunicação tem instaurado mudanças no modo como os atores recebem, produzem e publicam conteúdos entre seus interlocutores. Isso porque, em meios de comunicação próprios do século XX (mídia impressa, rádio, televisão), há uma fronteira evidente entre aquele que produz e aquele que recebe a informação. De um lado, estaria o órgão gerador e transmissor da informação (geralmente grandes corporações); de outro, o sujeito receptor (leitor, ouvinte, telespectador). Com o advento da *Internet* e a criação de espaços como *blogs* e redes sociais, atores outros (que não grandes corporações) passam a ser potenciais criadores e difusores de informações (o que possibilita a transmissão de mensagens vistas sob ângulos diferentes daqueles que predominam em corporações midiáticas, nas quais há uma cisão delimitada entre sujeito produtor e receptor do conteúdo).

Porém, embora parte da literatura tenha vislumbrado a *Internet* em tom otimista, no sentido de esta contribuir para uma possível “democratização” da informação (CASTELLS, 1999; CASTELLS, 2005), estudos contemporâneos têm questionado essa concepção. Isso porque veículos que utilizavam/utilizam outros meios para disseminar conteúdo informativo (como rádio, televisão, periódicos impressos) não necessariamente entram em derrocada com o advento da *Internet*, pois tais veículos também podem se apropriar do *cyberespaço*,<sup>53</sup> migrando para o mundo virtual por meio de *sites*, *blogs* e perfis no *Facebook*.

No caso das manifestações brasileiras de 2013, é muito interessante estudo divulgado por *Zero Hora*, na edição do jornal de 05 de julho de 2013.<sup>54</sup> Segundo a pesquisa, publicada no jornal *Folha de S. Paulo* e realizada pelo *site* Topsy, entre os dias 06 e 22 de junho de 2013, 80% dos endereços de maior alcance nas principais *hashtags* das manifestações no *Twitter* eram *links* oriundos da imprensa “tradicional” brasileira. Por outro lado, apenas 5% desse conteúdo era proveniente de *blogs*. Ou seja, existe a hipótese, ainda a ser investigada, de que as TICs estariam sendo utilizadas para a maior disseminação do conteúdo informativo de

---

<sup>53</sup> O *cyberespaço* pode ser entendido como um “espaço virtual de trocas, ação coletiva e produção comum de linguagens” (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 19).

<sup>54</sup> Fonte: “Notícias de jornais e TVs dominam as redes sociais”, *Zero Hora*, edição impressa, 05/07/2013.

grandes corporações midiáticas, com a reafirmação de interpretações hegemônicas da realidade, e não para a “democratização” da informação.

Ao mesmo tempo, não se vivencia contemporaneamente um fenômeno de supressão de meios não virtuais de circulação de informação, tendo em vista que apenas determinada parcela da população mundial possui acesso à *Internet*.<sup>55</sup> Tendo em conta essa realidade complexa, o presente estudo toma como objeto empírico tanto veículos caracterizados pela circulação de conteúdo em meio impresso (*Zero Hora* e *Diário Gaúcho*) – embora estejam também presentes no mundo virtual – quanto veículo cuja circulação dá-se exclusivamente pela *Internet* (Su21). Por esse procedimento, busca-se, a um só tempo, acompanhar as mudanças que têm ocorrido nos processos de comunicação e evitar produzir um estudo que apenas reafirme as perspectivas teóricas que identificam a vertente “criminalizante” dos meios de comunicação brasileiros sobre as ações de movimentos sociais. Pretende-se, em suma, apreender a complexidade das atuais configurações dos meios de comunicação e verificar a eventual existência das mudanças identificadas por Ramos e Paiva (2007).

### **3.3. Interpretando o confronto: enquadramentos midiáticos da ação coletiva**

Para operacionalização da discussão, opta-se, na presente pesquisa, pelo desenvolvimento do conceito de enquadramento interpretativo (GOFFMAN, 2012 [1986]). Tal conceito é formulado a partir da obra de Erving Goffman, *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise* (2012) [1986]. Embora, nesse livro, Goffman não tenha abordado especificamente o tema de movimentos sociais, o conceito de “enquadramento” (ou “emolduramento”) tem sido utilizado no estudo dos modos por meio dos quais se interpreta a ação coletiva (SIVLA; COTANDA; PEREIRA, 2013, p. 5).

Na obra, que se destaca por seu alto grau de abstração, o interesse de Goffman recai sobre a necessidade de seguir a tradição de William James, quando este, ao invés de se questionar sobre *o que é a realidade*, propõe o seguinte questionamento: “*Em que circunstâncias pensamos que as coisas são reais?*” (JAMES, 1950). Ao seguir os rastros dessa tradição, Goffman furta-se a tecer questionamentos ontológicos sobre a existência da realidade em si, compreendendo que o procedimento mais adequado consiste entender,

---

<sup>55</sup> Segundo relatório anual da União Internacional de Telecomunicações (UIT), no ano de 2013, 37% dos domicílios do mundo possuíam acesso à *Internet*. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/onu-44-bilhoes-de-pessoas-permanecem-sem-acesso-a-internet/>>. Acesso em: 20/10/2014.

epistemologicamente, *de que modo as pessoas definem as situações como reais* (GOFFMAN, 2012 [1986]). Para desenvolver sua teorização, Goffman lança mão do conceito de quadro (*frame*), inicialmente criado por Bateson (1972). Sobre essa noção, assim afirma Bateson:

A moldura à volta de uma imagem, se a considerarmos como uma mensagem para dar ordem ou organizar a percepção do espectador, diz: ‘conceda atenção àquilo que está dentro e não dê atenção àquilo que está fora’ (BATESON, 1972).

Utilizando-se o conceito de moldura como referência, Goffman (2012 [1986]) entende que essa operação de “conceder atenção” ao que está dentro do quadro permite que, diante da multiplicidade de aspectos que poderiam ser apreendidos da realidade, apenas alguns deles sejam capturados e organizem o mundo dos atores sociais. Seguindo essa linha de pensamento, Goffman dispõe que sua preocupação enquadra-se em uma *perspectiva situacional*, cuja reflexão central busca dar conta de entender como os indivíduos, diante das (múltiplas) circunstâncias da vida, organizam a realidade, respondendo à pergunta: “*o que está acontecendo aqui?*” (“*what’s going on here?*”) (GOFFMAN, 2012 [1986], p. 30).

Considerando-se que o livro “trata da organização da experiência” (GOFFMAN, 2012 [1986], p. 37), o autor canadense afirma que seu objetivo não consiste em abordar a estrutura da vida em sociedade, mas sim a estrutura que os atores possuem da experiência na vida social, em quaisquer circunstâncias. Nesse ponto, Goffman reafirma-se como interacionista simbólico, embora explicita que seu “objetivo é tentar isolar alguns dos esquemas fundamentais de compreensão disponíveis em nossa sociedade” (GOFFMAN, 2012 [1986], p. 33), motivo pelo qual se pode inclusive fazer uma leitura de *Os quadros da experiência social* como uma obra cuja vertente teórica aproxima-se do estruturalismo.

Para atingir esse objetivo, Goffman desenvolve o conceito de “esquemas primários” (*primary frameworks*). Segundo o autor, quando os indivíduos se deparam com as situações do cotidiano, a sociedade ocidental disponibiliza determinados esquemas de interpretação a partir dos quais os indivíduos podem organizar sua experiência. Esses esquemas são definidos por Goffman como “primários”, pois se aplicam independentemente de outra interpretação que os preceda (GOFFMAN, 2012 [1986]). Ao trabalhar com esse conceito, Goffman pretende demonstrar que as sociedades dispõem de um conjunto de esquemas (“cosmologia”) prévios às situações vividas pelos atores sociais, de modo que os indivíduos lançam mão desses esquemas para interpretar a realidade. Além deste, são desenvolvidos, ao longo da

obra, outros conceitos, como os de tons, tonalizações, tramas e maquinações (GOFFMAN, 2012 [1986]).

Para o presente estudo, é importante salientar que, com base no conceito de quadro (*frame*), teóricos dos movimentos sociais formularam a ideia de “*molduras interpretativas da ação coletiva*” (MIAC). A primeira apropriação da teorização de Goffman para o estudo de movimentos sociais operou-se no trabalho de Gamson *et al.* (1992).<sup>56</sup> A partir de então, diversos autores têm se vinculado a essa perspectiva teórica (BENFORD, 1997; SNOW; BENFORD, 1988; SNOW; BENFORD, 1992; KOENIG, 2006; KOENIG, 2004). Para uma definição conceitual de “molduras interpretativas da ação coletiva”, Snow e Benford (1992, p. 137) propõem que estas são o “*esquema interpretativo que simplifica e condensa o ‘mundo lá fora’, salientando e codificando seletivamente objetos, situações, eventos, experiências e sequências de ações num ambiente presente ou passado*”.

Podem ser identificadas duas perspectivas predominantes no estudo das MIAC. A primeira delas dá ênfase ao processo de criação de significados compartilhados pelos sujeitos engajados em organizações e movimentos sociais, para que se recrutem e se mantenham ativistas (SNOW; BENFORD, 1988); a segunda perspectiva é aquela que tem como foco analisar a *batalha interpretativa (framing contest)* em que os atores de movimentos sociais estão inseridos, disputa esta que inclui tanto ativistas quanto as mídias, governos e outros atores. É nesta segunda perspectiva que se situa o presente estudo.

O interesse da presente pesquisa recai sobre o papel de veículos midiáticos na construção de molduras interpretativas da ação coletiva durante o ciclo de protestos de 2013, em Porto Alegre. Para tanto, parte-se da noção, já explicitada, de que “os meios de comunicação estão longe de ser espectadores neutros ao enquadrar os fatos dos movimentos” (TARROW, 2009, p. 151). Para constituição de um paradigma alternativo às abordagens que tomam como referência a “objetividade” (PORTO, 2002), o conceito de enquadramento tem sido desenvolvido e se consolidado como instrumento para estudos de mídia.

De qualquer modo, revisões de literatura nas pesquisas em Comunicação indicam, assim como no caso das pesquisas sobre movimentos sociais, a falta de precisão do termo “enquadramento” e a ausência de teorias sistematizadas para operacionalização desse conceito (ENTMAN, 1994; BENFORD, 1997; SCHEUFELE, 1999). Na área da Comunicação, o

---

<sup>56</sup> Para uma revisão sobre a apropriação do conceito de quadro (*frame*) pelas teorias dos movimentos sociais, ver: PEREIRA, 2014.

primeiro estudo a utilizar, com base em Goffman (2012 [1986]), a ideia de enquadramento foi Gaye Tuchman, em pesquisa intitulada *Making News* (1978). Em sua clássica investigação, Tuchman buscou compreender as relações existentes entre práticas de enquadramento e processos de produção da notícia, embora, segundo Porto (2002), a autora não tenha precisado o conceito de enquadramento. Nos anos seguintes, foram produzidos outros trabalhos de relevância no campo da comunicação, com destaque para o estudo de Todd Gitlin (1980) sobre a cobertura da imprensa norte-americana ao movimento contra a guerra do Vietnã, com a demonstração do modo como a cobertura impactou a organização do movimento (PORTO, 2002).

É de Gitlin (1980) a primeira sistematização mais precisa do conceito de enquadramento, aplicado aos estudos de mídia. Segundo o autor, os enquadramentos de mídia, na esteira da proposta de Goffman (2012 [1986]), organizam o mundo tanto para os(as) jornalistas quanto para o público que acessa o conteúdo midiático. Essa organização é realizada por meio de uma consolidação de padrões persistentes de esquematização da realidade, com a utilização de ferramentas para delimitação de determinadas interpretações (GITLIN, 1980). Nos exatos termos do autor:

*Enquadramentos da mídia são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou visual, de forma rotineira (grifos nossos) (GITLIN, 1980, p. 7).*

Um ponto importante na definição de Gitlin é a compreensão de que os meios de comunicação operam na utilização de recursos (seleção, ênfase, exclusão, etc.) para organizar o mundo e produzir interpretações específicas sobre os acontecimentos (PORTO, 2002). Os modos e a intensidade de utilização desses recursos conformam os padrões interpretativos dos veículos midiáticos. Ao estudar a cobertura do movimento contra a Guerra do Vietnã e ao formular sua definição da ideia de enquadramento, Gitlin (1980) possibilitou a emergência de um campo de pesquisas que se centra na relação entre mídia e movimentos sociais. Nesse sentido, há uma série de estudos que abordam esse tema (RYAN, 1991; GAMSON; WOLFSFELD, 1993; ENTMAN; ROJECKI, 1993; MCADAM; MCCARTHY; ZALD [ed.], 1996; WOLFSFELD, 1997). Dentre tais estudos, destaca-se a tradição liderada por Gamson *et al.* (1992), com a abordagem da mídia como ator inserido na “construção social da realidade”. Segundo Gamson, as construções midiáticas operam baseadas em “pacotes interpretativos”

(GAMSON; MODIGLIANI, 1989), os quais competem entre si pela interpretação preponderante da realidade.

Enquanto o conceito de “enquadramento” de Gitlin focaliza os procedimentos utilizados pelas mídias para a construção de interpretações sobre a ação coletiva (ênfase na forma), Gamson, por meio da noção de “pacotes interpretativos”, aborda o conteúdo das interpretações midiáticas, considerando-se que esses “pacotes” são formados por esquemas interpretativos, no sentido atribuído por Goffman (2012 [1986]). A partir desses elementos, Entman (1994) formula um conceito de “enquadramento” que busca tratar, concomitantemente, de questões de forma e de conteúdo:

O enquadramento envolve essencialmente seleção e saliência. Enquadrar significa selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito (ENTMAN, 1994, p. 294).

Para além desse debate conceitual, contemporaneamente, discute-se a construção de significados pela mídia, segundo interesses corporativos e valores ligados à manutenção da ordem social, assim como se discute a apropriação de TICs por parte de ativistas e de mídias não corporativas, na tentativa de se produzirem interpretações diversas daquelas propagadas pelos grandes meios de comunicação. Essa dinâmica de confronto na construção de significados, a partir da apropriação de TICs, é expressa por Garrett (2006, p. 20-21), ao entender que “os produtos da grande mídia tendem a apresentar um viés favorável às instituições favorecidas e às figuras de autoridade”, enquanto as “novas TIC permitem aos desafiadorees evitar a distorção provocada pelos filtros da mídia de massa, possibilitando novos níveis de controle editorial”.

Especificamente em relação aos temas da violência em movimentos sociais, a bibliografia demonstra que as disputas interpretativas estão ligadas à construção de narrativas sobre o contexto em que a “violência” é deflagrada. Isso porque os atores imersos no conflito (integrantes de movimentos sociais, autoridades estatais e a própria mídia) necessitam criar, a respeito dos fatos, versões que favoreçam seus interesses (RUGGIERO, 2005, p. 289). A partir das diferentes molduras interpretativas formuladas pelos atores do conflito, são explicitados antagonismos e fronteiras identitárias entre “nós” e “eles”. Ao definir problemas, identificar protagonistas e antagonistas, apontar linhas particulares de ação, os atores em disputa buscam mobilizar o suporte necessário para justificar seus atos. Por meio dessa



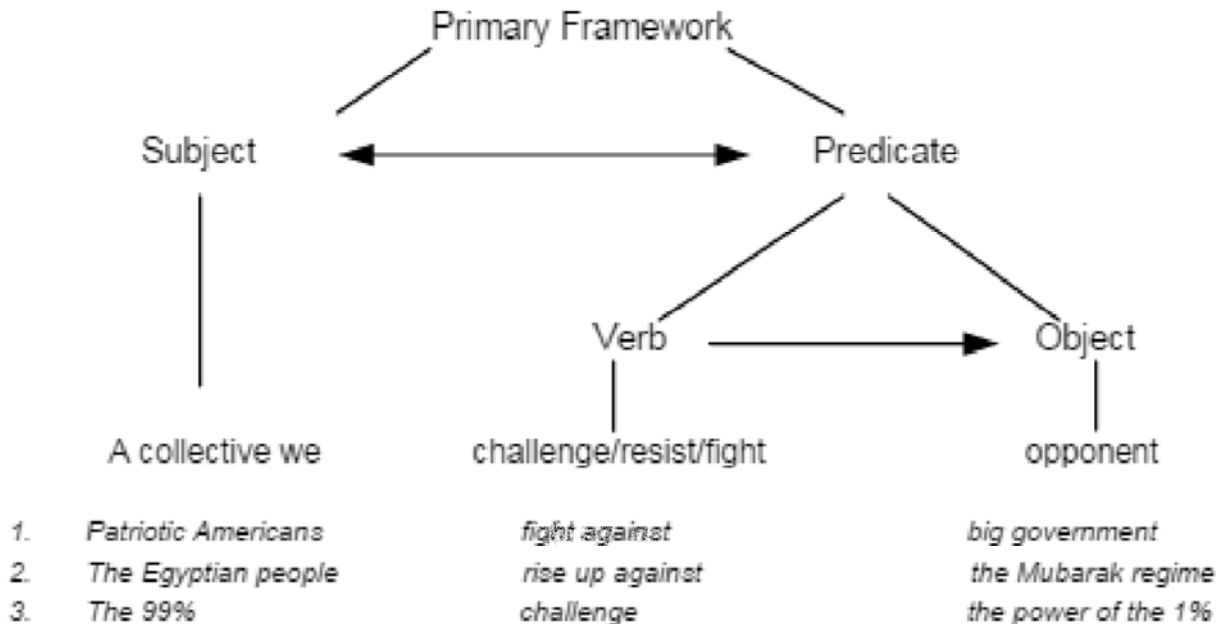
construção interpretativa da realidade, intenta-se adquirir consistência explicativa e poder emocional, na luta pela delimitação de identidades coletivas em confronto (DELLA PORTA, 2008). A identidade dos(as) manifestantes, dimensão consolidada na literatura como fator explicativo das dinâmicas de movimentos sociais (MELUCCI, 1995) é, assim, ao mesmo tempo constitutiva dos processos de mobilização (sempre há um “nós” a ser delimitado) e estratégica, por ser utilizada como fator de mobilização (ou de arrefecimento) dos episódios de contestação (DEMETRIOU, 2007).

Ademais, a bibliografia descreve que, no caso da prática de atos tidos como “violentos” por parte de atores sociais, o apoio público aos atos está atrelado à construção de um sentimento de injustiça, à desumanização/neutralização dos adversários e à descrença na eficácia de outros meios de resolução do conflito, como o diálogo (LÓPEZ; SABUCEDO, 2007). Nesse sentido, a construção interpretativa das reivindicações assume central importância, tendo em vista que o compartilhamento de um sentimento de injustiça potencialmente justifica a adoção de determinados repertórios como meios pertinentes para a reparação das situações “injustas”.

Soma-se, ainda, a importância da interação entre manifestantes e aparatos repressivos do Estado, pois uma ação tida como “violenta” por alguma das partes pode servir para justificar atitudes radicais da parte que se sentiu agredida (RUGGIERO, 2005). O estudo dos padrões de radicalização no ativismo político (DELLA PORTA; HAUPT, 2012) indica que os episódios de tensão entre manifestantes e policiais podem ocasionar tanto o crescimento de mobilizações, pela insatisfação causada com episódios de intensa repressão policial, quanto o arrefecimento dos protestos, pela desmobilização de atores que não compactam com a utilização de repertórios de confronto.

É interessante, ainda, o estudo realizado por Johnston e Alimi (2012). Nesse trabalho, utilizando como base o conceito de “esquemas primários” (*primary frameworks*) para a compreensão de confrontos políticos (especificamente, na Chechênia e na Palestina), entendem os autores serem os *primary frameworks* apreendidos a partir de três componentes discursivos: o “sujeito” (identidade coletiva), o “verbo” (o que o sujeito faz) e o “objeto” (a quem ou a que se refere a ação do sujeito). A construção discursiva do conflito dá-se por meio da realização de um contexto de oposição entre determinado “sujeito” e um “objeto”, sendo estes ligados por um “verbo”. Ao se realizar o estudo dos três elementos (“sujeito”, “verbo” e “objeto”) em interação, pode-se compreender qual o esquema primário implícito à mensagem. Graficamente, essa construção narrativa pode ser representada da seguinte forma:

**Quadro 2 – Representação gráfica da estrutura de *primary framework***



Fonte: Johnston; Alimi (2012).

Embora Johnston e Alimi (2012), em seu estudo, tenham trabalhado com a construção de interpretações por parte dos atores envolvidos na oposição entre Chechênia e Palestina, é importante reiterar que o presente trabalho não tem como foco os enquadramentos interpretativos desenvolvidos por parte de ativistas, mas sim aqueles construídos por veículos midiáticos, acerca da ação coletiva. O interesse recai sobre as possibilidades de interpretação do objeto empírico, por meio do posicionamento de atores na condição de “sujeito” ou de “objeto”, com a atribuição de determinadas características ao “sujeito” e ao “objeto” e com definição do “verbo” utilizado para relacionar “sujeito” e “objeto”.

Os enquadramentos mobilizados pelas mídias, na articulação dos elementos tratados neste subcapítulo, são construídos de forma a favorecerem ou desfavorecerem a ação dos movimentos sociais, a depender do modo como a mobilização é interpretada. Nesse sentido, é importante o conceito de “legitimidade”, entendido como o grau em que os veículos midiáticos, com seus enquadramentos, apoiam ou rejeitam as reivindicações dos movimentos sociais (KOOPMANS, OLZAK, 2004). O presente estudo busca lançar mão da ideia de legitimidade, para que se analise em que medida a cobertura dos jornais estudados produz conteúdos que (i)legitimam o ciclo de manifestações de 2013.

## **4. DOS FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS AO PERCURSO EMPÍRICO**

O presente capítulo busca demonstrar o percurso teórico-metodológico adotado para a realização desta pesquisa. Primeiramente, apresenta-se a reflexão epistemológica que embasa os ângulos sob os quais o objeto foi visualizado e justifica as técnicas adotadas (subcapítulo 4.1). Em seguida apresenta-se o processo e produção de dados (subcapítulo 4.2). Por fim, são explicitados os procedimentos de análise de dados (subcapítulo 4.3).

### **4.1. Uma perspectiva interacionista simbólica**

Pensar metodologicamente a produção deste trabalho envolve a explicitação da abordagem epistemológica subjacente à definição das técnicas de produção e de análise de dados. Em outros termos, trata-se de trazer à tona o(s) ângulo(s) sob o(s) qual(is) se observou o objeto de análise, dado que o pesquisador entra em campo aparelhado por uma série de concepções prévias sobre os modos mais eficazes de se defrontar com o mundo. Estas, ao guiarem o olhar do pesquisador preferencialmente a determinadas situações (e em detrimento de outras), fundamentam as opções metodológicas presentes na pesquisa.

No caso deste estudo, dentre as perspectivas possíveis de se adotar, partiu-se, como abordagem central para se pensar o objeto de análise, de uma compreensão interacionista simbólica<sup>57</sup> da realidade. Tendo em vista que a presença efetiva de atores humanos em relação, na vida cotidiana, assume centralidade nessa perspectiva (MARTINS, 2013), as dinâmicas de interação e de atribuição de significados às ações individuais foram tomadas como elementos de referência para a produção e análise dos dados.

Partiu-se, assim, da noção de que, no mundo social, há um processo, desenvolvido em âmbito empírico, de constante criação e negociação de sentidos, por parte dos atores sociais. Embora não se exclua a ideia de que há estruturas sociais que estão em relação com a ação individual, busca-se o afastamento de teorias funcionalistas, que se debruçam sobre o modo como sólidas estruturas determinam a ação do sujeito (MARTINS, 2013).

Em uma tentativa de superação da clássica oposição ocidental entre estrutura social e agência individual, buscou-se, nesta pesquisa, compreender que as dimensões culturais e de

---

<sup>57</sup> A respeito do contexto de surgimento de abordagens interacionistas simbólicas no âmbito da Escola de Chicago, ver: MARTINS, 2013.

poder que atuam sobre a ação individual não se constituem como *a priori* estático e determinante (que, no limite, exclui o espaço de agência do sujeito). Entende-se que o mundo social está em constante produção e reatualização por meio da contínua realização de interações entre atores (nível microsociológico), ao mesmo tempo em que esta ação individual se dá de forma relacional com estruturas culturais e de poder.

A ênfase, portanto, residiu sobre a possibilidade de o sujeito atribuir sentido à ação, mas esta atribuição não se dá de modo aleatório, desapegado de fundamentos sociais, e sim tendo como dimensão objetiva as estruturas sociais (instituições, valores, crenças, etc.), no jogo cotidiano de negociação de sentidos. Tais estruturas, ao mesmo tempo em que determinam, em alguma medida, a ação individual (enquanto dimensão objetiva), são reatualizadas pela continuidade das interações humanas (COOLEY, 1964).

No caso da pesquisa em mídia, uma perspectiva que atribui centralidade aos processos interativos de negociação de sentido traz consequências sobre os modos de produção e de análise de dados. O material publicado pelos veículos midiáticos constituiu fonte central de análise, pois as interpretações da realidade formuladas no conteúdo jornalístico representam o resultado de um processo em que, dentre os vários enquadramentos possíveis da realidade, determinados recortes são estabelecidos e transmitidos em forma de narrativa jornalística.

A publicação, como produto, é a materialização do resultado de um processo interativo anterior. Na rotina do veículo midiático, o jornalista, enquanto ator em interação com uma série de elementos da realidade, negocia os sentidos possíveis a serem atribuídos a determinada situação, em uma complexa dinâmica que culmina na publicação jornalística. Assim, entendeu-se como relevante incorporar à análise aspectos das interações ocorridas no âmbito da rotina do veículo midiático, ou seja, foi de interesse no estudo refletir sobre o modo como os jornalistas responsáveis pela confecção dos materiais documentais negociaram, interativamente, os sentidos possíveis dos fenômenos que constituem o conteúdo dos referidos documentos.

Adotando-se esse pressuposto, optou-se, para operacionalização metodológica, por se realizar uma reflexão com base no conceito de enquadramento interpretativo da ação coletiva. Embora a noção de enquadramento interpretativo seja frequentemente utilizada em estudos sobre a ação de movimentos sociais (KOENIG, 2004), bem como em pesquisas sobre comunicação e mídia (PORTO, 2002), não há uma metodologia sistematizada e estabelecida para se operar tal conceito (BENFORD, 1997). Tal circunstância, ainda que gere, como potência, um espaço aberto para experimentações de desenhos metodológicos, ocasiona algumas dificuldades. Ao mesmo tempo em que se observa a dificuldade de formalização de

instrumentos de identificação e de mensuração dos enquadramentos, muitos estudos não explicitam o trajeto percorrido para a detecção desses recortes interpretativos da realidade (KOENIG, 2004).

Para que esses problemas fossem enfrentados, fez-se necessária a explicitação dos modelos de identificação e de análise enquadramentos utilizados pelo(a) pesquisador(a), de modo que o(a) leitor(a) pudesse compreender os procedimentos metodológicos que culminaram nas conclusões do estudo. Assim, a ausência de uma sistematização prévia foi resolvida por meio da demonstração do modo como o(a) pesquisador(a), no seu estudo específico, construiu metodologicamente tal operacionalização (KOENIG, 2004). São apresentados, abaixo, os percursos adotados para produção da base de dados da presente pesquisa.

## **4.2. Entrando em campo: a produção do banco de dados**

O desenho metodológico desenvolvido para este trabalho subdividiu-se em duas etapas distintas, por meio das quais se buscou delimitar quais os enquadramentos interpretativos expressos por veículos midiáticos de Porto Alegre, a respeito dos protestos pelo transporte público ocorridos na cidade, em 2013. Para o primeiro momento, o método escolhido consistiu na pesquisa documental, em material midiático produzido no contexto de manifestações pelo transporte público, em Porto Alegre, no curso do ano de 2013. Para a etapa posterior, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os(as) jornalistas (repórteres, fotógrafos(as) e editores) que, à época, trabalhavam nos veículos midiáticos pesquisados e que foram responsáveis pela realização das coberturas dos protestos.

### **4.2.1. Primeiro momento: a pesquisa documental**

Para a seleção do material midiático que compõe o *corpus* da pesquisa, foram elencados critérios para a seleção documental. Dada a ampla cobertura midiática ao ciclo de manifestações de 2013 no Brasil e se considerando que as dinâmicas de confronto entre manifestantes e aparatos policiais foram um dos temas centrais na disputa pela interpretação das manifestações, delimitou-se, espacial e temporalmente, o material empírico estudado. Ademais, estabeleceu-se um critério para a seleção dos veículos midiático a serem pesquisados.

*a) Critérios formulados para a produção de dados*

Para que pudessem ser mapeados, a partir dos veículos midiáticos selecionados, enquadramentos interpretativos formulados a respeito das interações entre manifestantes e policiais, em atos realizados pelo Bloco de Lutas, no ano de 2013, na cidade de Porto Alegre/RS, realizou-se a coleta de publicações referentes à cobertura de eventos específicos ocorridos na cidade durante o lapso temporal abaixo explicitado.

Como critério de busca documental, foi utilizado o termo “protesto(s)”. Uma vez realizada a busca, foram selecionadas, como objeto empírico, todas as publicações que abordam protestos relacionados à luta pelo transporte público, na cidade de Porto Alegre, no lapso temporal abrangido pelo estudo. O critério geral para a escolha dos dados coletados consistiu na necessidade de se abranger um período de tempo suficientemente amplo, que abarcasse eventuais mudanças de contexto e, igualmente, eventuais alterações de enquadramento. Ademais, buscou-se produzir dados que abarcassem interpretações potencialmente divergentes, provenientes de veículos midiáticos distintos.

Diante do fato de que as manifestações ocorreram em diversas cidades do país durante o ano de 2013, optou-se por se delimitar a cidade de Porto Alegre como espaço a ser estudado empiricamente. Assim, pretendeu-se que a cidade, explicitadas suas especificidades e as relações que podem ser feitas com os contextos nacional e global, fosse tomada como exemplo paradigmático.

Tal opção deveu-se ao fato de que Porto Alegre foi uma das cidades protagonistas das manifestações de 2013, no país. Embora, a partir do mês de junho, a imprensa brasileira tenha realizado, por exemplo, ampla cobertura dos acontecimentos de São Paulo/SP e Rio de Janeiro/RJ (cidades política e economicamente mais centrais no país), Porto Alegre foi a primeira cidade do Brasil em que o aumento das tarifas de ônibus no ano de 2013 foi revogado,<sup>58</sup> sendo que desde o início do ano de 2013, o Bloco de Lutas realizou atos

---

<sup>58</sup> No dia 04 de abril de 2013, foi acatado um pedido liminar que revogou o aumento do valor das passagens de ônibus em Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/apos-liminar-da-justica-protesto-contra-aumento-da-passagem-vira-festa-no-meio-da-chuva-1/>>. Acesso em: 20/04/2014.

contrários ao aumento da passagem de ônibus na cidade, conforme disposto no capítulo 2 deste trabalho.<sup>59</sup>

Como exemplo da centralidade de Porto Alegre no processo de mobilização que culminou nas manifestações de junho de 2013, é ilustrativa a seguinte imagem, resultante de protesto realizado em São Paulo, no dia 06 de junho de 2013:

**Figura 4 – Cartaz alusivo à redução do valor da passagem em Porto Alegre, em protesto de 06 de junho de 2013, realizado na cidade de São Paulo**



Fonte: *Zero Hora*, edição impressa, 07/06/2013. Fotografia: Gabriela Biló.

A expressão “Vamos repetir Porto Alegre!” fez referência à possibilidade de que, em São Paulo, assim como ocorrera no mês de abril, em Porto Alegre, fosse revogado o reajuste da tarifa de ônibus. A imagem explicita a utilização do caso da capital gaúcha como exemplo para o processo nacional que se desenvolveu posteriormente, ao longo dos meses de junho e julho. Igualmente, em Porto Alegre já havia se desenvolvido, no primeiro semestre de 2013,

---

<sup>59</sup> O primeiro ato do Bloco de Lutas no ano de 2013 foi realizado em 21 de janeiro. A respeito, ver: <<http://www.sul21.com.br/jornal/protesto-contr-aumento-da-passagem-mobiliza-centenas-de-pessoas-em-porto-alegre/>>. Acesso em: 06/09/2015.

um processo de cobertura midiática dos protestos pelo transporte público e das tensões ocorridas entre manifestantes e o aparato policial.<sup>60</sup> No momento em que as manifestações atingiram outras capitais do país, os veículos midiáticos de Porto Alegre já estavam produzindo interpretações acerca de situações conflituosas ocorridas nos atos promovidos pelo Bloco de Lutas na cidade. Nesse sentido, embora haja diferenças regionais nos modos como as polícias brasileiras enfrentam situações de protesto (TAVARES DOS SANTOS; TEIXEIRA, 2014), salienta-se: para que se explique a construção das interpretações midiáticas acerca de interações violentas nas manifestações de 2013, no Brasil, os processos de mobilização e de cobertura jornalística deflagrados em Porto Alegre assumem centralidade analítica.

Temporalmente, estabeleceu-se como critério serem selecionadas publicações de cobertura aos eventos de protestos pelo transporte público ocorridos na cidade de Porto Alegre no ano de 2013. Metodologicamente, optou-se por serem delimitados três períodos temporais específicos, no curso dos eventos de protesto na cidade:

*Janeiro a maio de 2013:* o período compreende o momento inicial da realização de atos públicos contra o aumento da tarifa de transporte público em Porto Alegre, no ano.<sup>61</sup> Durante esse período, o número de manifestantes, que inicialmente girava em torno de duzentas a trezentas pessoas por ato, aumentou com o decorrer dos eventos de protesto. No mês de abril, foi revogado liminarmente o aumento da tarifa de ônibus na cidade, em decorrência de ação protocolada pelos vereadores Pedro Ruas e Fernanda Melchionna (PSOL). Igualmente, a partir de fatos ocorridos no protesto do dia 27 de março, foram produzidas interpretações midiáticas (ainda preliminares, em relação ao volume de discussões realizadas no mês de junho) a respeito das interações entre manifestantes e aparato policial.

---

<sup>60</sup> O primeiro ato de 2013 em que o tema da violência assumiu centralidade nas interpretações midiáticas ocorreu em 27 de março, quando o secretário municipal de governança, César Busatto (PMDB), teve a roupa manchada por tinta vermelha. No mesmo protesto, foram utilizadas bombas de efeito moral pela polícia, e uma manifestante foi detida dentro da prefeitura. A respeito, ver: <<http://www.sul21.com.br/jornal/revolta-contra-aumento-da-passagem-gera-grande-protesto-na-noite-de-porto-alegre/>> Acesso em: 06/09/2015.

<sup>61</sup> É importante referir que a luta pelo transporte público em Porto Alegre não se iniciou no ano de 2013. Mesmo antes deste ano, o “Bloco de Lutas Pelo Transporte Público de Porto Alegre” já realizava atos contra o aumento do custo da passagem de ônibus na cidade.



Manifestações<sup>62</sup> ocorridas em Porto Alegre, no período: 21 de janeiro, 18 de fevereiro, 27 de março, 01 de abril, 04 de abril e 11 de abril.

*Junho a julho de 2013:* durante o mês de junho de 2013, com a disseminação da pauta em âmbito nacional, ocorreu o ápice das manifestações relativas ao transporte público na cidade (SECCO, 2013), tanto em função do elevado número de pessoas às ruas, com protestos que reuniam cerca de vinte mil pessoas por ato, em junho, em Porto Alegre, quanto em virtude da grande repercussão que as manifestações tiveram, em âmbito midiático. Nesses meses, os conflitos ocorridos nas manifestações, com a ação de manifestantes (depredações a bens públicos e privados, saques, etc.), na interação com a repressão policial, tornaram-se objeto central no debate público. Dentre as diversas pautas que foram pleiteadas nos protestos do mês de junho, estavam presentes os temas da segurança pública e da violência policial.<sup>63</sup> No mês de julho, deu-se continuidade aos eventos de protesto, embora o número de mobilizações e de manifestantes tenha diminuído em relação ao mês anterior. Na cidade de Porto Alegre, além dos repertórios de passeatas, em julho ocorreu a ocupação, pelo Bloco de Lutas, da Câmara de Vereadores.

Manifestações ocorridas em Porto Alegre, no período: 13 de junho, 17 de junho, 20 de junho, 24 de junho, 27 de junho, 04 de julho, 11 de julho e 22 de julho.<sup>64</sup>

*Agosto a dezembro de 2013:* durante esses meses, o número de eventos de protestos pelo transporte público na cidade e no país diminuiu, em relação ao conjunto de manifestações observado ao longo de junho e julho. Por esse motivo, o período de agosto a dezembro de 2013 é tido como um momento de arrefecimento dos protestos, tanto local quanto nacionalmente. De qualquer modo, foram promovidos protestos menores, e nestes ocorreram situações de interação entre manifestantes e policiais. Ademais, esse período abrange o desenvolvimento das repercussões dos fenômenos ocorridos entre junho e julho. O interesse de selecionar este lapso temporal como objeto de análise consiste na verificação do

---

<sup>62</sup> As manifestações citadas para os 3 períodos referem-se à utilização do repertório de atos de protesto em espaços públicos, com a reunião presencial e a realização de passeatas. Não foram contabilizados, portanto, outros repertórios eventualmente utilizados.

<sup>63</sup> Pesquisa relativa às pautas predominantes durante as manifestações demonstra que a questão da “segurança” assumiu centralidade nas redes sociais, no dia 21 de junho de 2013 (TAVARES DOS SANTOS; TEIXEIRA, 2014).

<sup>64</sup> No dia 10 de julho, ocorreu a ocupação da Câmara de Vereadores de Porto Alegre.

modo como se deu a continuidade de produção de interpretações dos protestos pelos veículos midiáticos da cidade, após as ocorrências e junho e julho.

Manifestações ocorridas em Porto Alegre, no período: 01 de agosto, 14 de agosto, 29 de agosto, 07 de setembro, 26 de setembro, 10 de outubro, 25 de outubro.<sup>65</sup>

A delimitação temporal realizada, em suma, buscou abranger a totalidade do transcurso do ano de 2013. A produção de dados relativos a esse período, em consonância com o problema estudado, permite que sejam identificados os enquadramentos interpretativos mobilizados ao longo do ano, de modo que o pesquisador verifique eventuais alterações (ou manutenções) das interpretações, de acordo com o contexto em que tais enquadramentos foram produzidos. Assim, adotando-se junho e julho de 2013 como período em que a ação dos manifestantes e a repressão policial tornaram-se pontos fundamentais de discussão midiática, a produção de dados relativos a eventos que antecederam e que sucederam os referidos meses permite que se reconstrua o processo de formulação dos enquadramentos interpretativos identificados.

Para escolha dos veículos midiáticos pesquisados, optou-se por serem abrangidas narrativas jornalísticas potencialmente distintas. Assim, os veículos foram escolhidos com base na multiplicidade de características que os diferenciam. Tais critérios de diferenciação foram: o público-alvo, a linguagem utilizada, o formato de circulação, a concepção de jornalismo que embasa a atuação de cada jornal. Foram selecionados, nesse sentido, três veículos que se caracterizam por seguirem distintos modelos de jornalismo: *Zero Hora*, *Diário Gaúcho* e *Sul21*. Para uma descrição detalhada de cada um dos jornais, ver o capítulo 5 deste trabalho.

#### *b) Processo de produção de dados*

Neste momento, explicitar-se-á o processo de produção de dados. O objetivo desta etapa do trabalho consiste em apresentar tal fase da pesquisa de forma detalhada, pois se compreende que esta etapa demonstra o trajeto percorrido para que se chegasse ao conjunto dos dados a serem analisados, e tal percurso contém elementos analíticos importantes para a pesquisa.

---

<sup>65</sup> No dia 07 de novembro, ocorreu um ato cultural contra a criminalização do movimento.

A construção do banco de dados deu-se de modo gradativo. Embora já houvesse sido feita uma busca exploratória em material midiático para que se formulasse o projeto da pesquisa, não havia uma sistematização prévia deste material. Assim, ao longo de cerca de três meses foi realizada a produção dos dados que compõem o *corpus* da pesquisa.

Nesse percurso, a primeira dificuldade encontrada foi o fato de o conteúdo dos veículos midiáticos escolhidos estar disponível em meios diferentes: digital (*Sul21*) e impresso (*Diário Gaúcho* e *Zero Hora*). Assim, nas buscas realizadas em cada um dos veículos foram percorridos trajetos diferentes. No caso do *Sul21*, a produção dos dados deu-se por meio do acesso ao *site* do jornal, com a utilização da ferramenta de busca disponível no próprio *site*. Nos casos de *Diário Gaúcho* e de *Zero Hora*, foi requerido que o Centro de Documentação e Informação (CDI) do Grupo RBS realizasse a busca nos jornais impressos.

O trajeto realizado para que se chegasse ao conjunto final de dados pode ser separado em dois momentos: um primeiro, de produção bruta dos dados; e um segundo, de refinação dos dados. Inicialmente, foi realizada a busca do termo “Bloco de Lutas” entre os anos de 2013 e 2014, nos três jornais. Ocorre que, a partir da comparação entre os resultados da busca e as edições completas dos jornais, percebeu-se que, em determinado período (meados de junho de 2013), as notícias relativas aos protestos pelo transporte público não necessariamente continham o termo “Bloco de Lutas”. Dada a diversificação de atores que naquele momento compunham os protestos, não mais o Bloco de Lutas foi reconhecido pelos jornais como o ator protagonista das manifestações. Ademais, como resultado dessa busca inicial, percebeu-se que grande parte do material recolhido concentrou-se no ano de 2013 (principalmente entre os meses de junho e julho).

Diante dessas constatações, foram feitas duas alterações em relação ao que havia sido idealizado para a produção de dados, quando da formulação do projeto de pesquisa: como palavra-chave utilizada na busca, o termo “Bloco de Lutas” foi substituído pelo termo “protesto(s)”, pois se entendeu que este último abrangeria de forma mais ampla o objeto em estudo (incluindo eventos de protesto que se enquadrariam na luta pelo transporte público, mesmo que o Bloco de Lutas não fosse identificado como ator em disputa); em virtude da grande quantidade de material produzido no ano de 2013, em comparação ao ano de 2014, decidiu-se restringir temporalmente o objeto de pesquisa ao ano de 2013, pois se entendeu que o material produzido neste período seria denso o suficiente para que o problema pudesse ser respondido.

Assim, a produção bruta dos dados teve como lapso temporal o ano de 2013 e como palavra-chave o termo “protesto(s)”. A consulta ao *Sul21* foi feita pelo pesquisador, na

ferramenta de busca do *site* do jornal; no caso de *Zero Hora*, após a pesquisa inicial por meio do CDI, decidiu-se realizar a pesquisa no *site* do veículo, pois as edições impressas do jornal encontram-se disponíveis em meio digital; em relação ao *Diário Gaúcho*, foi solicitada nova pesquisa ao CDI, pelo termo “protestos(s)”, no ano de 2013.

De qualquer modo, é preciso esclarecer, como limitação, que, embora o termo “protesto(s)” permita que se abranja uma grande quantidade de fenômenos, é possível que a pesquisa tenha excluído materiais nos quais outros termos tenham sido utilizados para caracterizar os repertórios utilizados por manifestantes na luta pelo transporte público (exemplos: “ocupação”, “caminhada”, “passeata”). Ainda assim, entende-se que o termo “protesto(s)” é aquele que melhor se enquadra na proposta da pesquisa.

A pesquisa realizada, com a utilização do termo “protesto(s)”, possibilitou que uma ampla gama de materiais, não necessariamente ligada ao objeto em estudo, fosse selecionada. Dessa forma, procedeu-se a uma segunda fase na produção de dados, consistente em inspecionar, a partir do acervo bruto de materiais, aqueles que não se enquadraram, por determinados critérios (seja de conteúdo, seja de forma), no tema do estudo.

Assim, tratou-se de retirar do *corpus* dados que abordassem protestos relativos a temas não ligados ao transporte público, ou que não tivessem o Bloco de Lutas como um dos atores das manifestações (exemplo: protesto de professores pela melhoria nas condições da educação); além disso, foram retirados materiais que fizessem referência aos protestos, mas apenas de modo secundário, não sendo as manifestações (ou um aspecto relativo a elas, como repercussões ou análises) o conteúdo central.

Não foram também incluídas informações produzidas por leitores do jornal (exemplo: comentários a notícias, espaços direcionados ao leitor), pois o presente estudo teve como fonte o conteúdo produzido pelos jornais, e não a recepção de tal conteúdo por parte dos leitores. Ainda, foram excluídos: textos curtos, caracterizados como “chamadas” destinadas a fazer referência a informações que constam em outra seção do jornal; capas, tendo em vista que um dos veículos selecionados é digital, e a atualização diária do *site* impossibilita a captura desse formato de material; textos produzidos por outros veículos midiáticos e integralmente reproduzidos nos veículos selecionados, pois neste caso, não se trata de interpretações produzidas pelos veículos selecionados.

Dessa forma, o *corpus* final foi formado por materiais que tiveram como tema central protestos relativos ao transporte público ou manifestações nas quais o Bloco de Lutas foi um dos atores presentes. Assim, sendo o tema principal dos protestos analisados a luta pelo transporte público, foram incluídas manifestações que se relacionaram a este tema, mesmo

que não fosse o Bloco de Lutas o ator responsável por promover o evento (exemplo: greve de rodoviários).

Ademais, é importante referir que, como já dito, a partir de junho de 2013, houve a realização de uma série de protestos, nos quais o Bloco de Lutas não foi identificado por alguns veículos midiáticos como o principal ator promotor dos eventos, mas nestes estava presente a pauta da luta pelo transporte público, entre outras possíveis pautas. Tais eventos foram, posteriormente, denominados por veículo midiáticos e por teóricos como “protestos de junho”, “onda de protestos”, “jornadas de junho”, entre outras expressões (MARICATO [*et al.*], 2013; CATTANI [org.], 2014). Assim, como se entende que há uma continuidade entre as manifestações realizadas pelo Bloco de Lutas no primeiro semestre de 2013 e os protestos realizados a partir de junho de 2013 (seja pela presença efetiva de indivíduos representantes do Bloco de Lutas, seja pela presença da pauta da luta pelo transporte público), a cobertura midiática de todos esses eventos foi considerada relevante para compreensão do tema do estudo. Do mesmo modo, a cobertura, pelos veículos midiáticos selecionados, de protestos realizados em outras cidades do Brasil além de Porto Alegre e enquadrados na referida “onda de protestos” foi incluída no *corpus*, dada a abrangência nacional que as manifestações assumiram.

Ainda, salienta-se que se entende ser a cobertura dos protestos não apenas a narração dos eventos, mas também a cobertura de atos preparatórios e de repercussões dos eventos, bem como a produção de análises sobre os protestos. Tal conteúdo igualmente compõe o *corpus*. Por fim, o processo de negociação do valor da tarifa do transporte público urbano é considerado elemento relevante para entendimento do processo deflagrado durante as manifestações de 2013, de modo que materiais que possuem esta discussão como tema central também foram incluídos no conjunto de dados.

Resumidamente, pode-se delimitar o *corpus* da pesquisa da seguinte maneira:

**Quadro 3 – Materiais excluídos do *corpus* de dados da pesquisa**

<b>Materiais excluídos</b>		
Critérios	Conteúdo	Cobertura de protestos relativos a temas não ligados ao transporte público, ou que não tenham o Bloco de Lutas como um dos atores das manifestações.
		Citação aos protestos como tema secundário
	Forma	Espaços do leitor
		“Chamadas” para informações localizadas em outra seção do jornal
		Material produzido por outro veículo midiático e reproduzido integralmente no veículo selecionado

Fonte: autoria própria

**Quadro 4 – Materiais incluídos no *corpus* de dados da pesquisa**

<b><i>Corpus</i> de dados da pesquisa</b>		
Critérios	Conteúdo	Cobertura de protestos que tenham como tema o transporte público ou o Bloco de Luta como ator
		Cobertura de protestos que tenham como tema o transporte público em outras cidades do Brasil
	Forma	Discussão sobre o valor da tarifa do transporte público urbano
		Nota
		Notícia
		Artigo
		Coluna
		Carta do editor
Editorial		

Fonte: autoria própria

A respeito dos formatos do material midiático incluído na pesquisa, conforme se extrai do Quadro 4, foram selecionados os seguintes conteúdos: notas, notícias, artigos, colunas, cartas do editor, editoriais. Assim podem ser definidos tais formatos:

*Nota:* Conteúdo descritivo dos fatos. Caracteriza-se por ser sucinta. Não há uma definição objetiva que situe a diferença entre uma nota e uma notícia. Dessa forma, na presente pesquisa optou-se por ser estabelecido um critério para a diferenciação entre notas e notícias. Foram consideradas notas conteúdos jornalísticos compostos por, no máximo, 04 parágrafos. Tal delimitação foi definida em consequência do contato prévio com o material, em pesquisa exploratória, de modo que, a partir da comparação entre o conteúdo dos diferentes veículos analisados, chegou-se à conclusão de que o máximo de 04 parágrafos é um critério objetivo possível para que se possa distinguir a menor complexidade da nota em relação à notícia.

*Notícia:* Conteúdo descritivo dos fatos. Caracteriza-se, nesta pesquisa, segundo o critério acima expresso, por conter mais de 04 parágrafos. Assim, consiste em uma descrição detalhada dos acontecimentos, em comparação à nota. Nos materiais que compõem o *corpus* deste estudo, há reportagens, compostas por um conjunto de notícias a respeito dos protestos de 2013. Optou-se por se tratar tais materiais como notícias separadas, tendo em vista que as temáticas específicas abordadas em cada notícia são distintas.

*Artigo:* Conteúdo opinativo e analítico. Caracteriza-se por conter opiniões e análises a respeito dos eventos de protesto. Diferencia-se da coluna, pois no caso do artigo, o sujeito que produz o texto não publica, com frequência, conteúdo no veículo midiático, mas sim é convidado ou se propõe a enviar o texto para o veículo.

*Coluna:* Conteúdo opinativo e analítico. Caracteriza-se por conter opiniões e análises a respeito dos eventos de protesto. Diferencia-se do artigo, pois no caso da coluna, o sujeito que produz o texto publica, com frequência, conteúdo no veículo midiático.

*Carta do editor:* Texto escrito por editor do jornal. Caracteriza-se por ser um texto destinado a explicitar dinâmicas internas do jornal, a respeito da linha editorial assumida pelo veículo. No caso das manifestações de 2013, esse formato foi utilizado para que fossem

explicitadas diretrizes editoriais sobre os enquadramentos interpretativos formulados durante o curso dos protestos.

*Editorial:* Texto opinativo e analítico. Caracteriza-se por não ser assinado por nenhum jornalista, pois representa o posicionamento do veículo midiático a respeito do tema abordado no texto.

#### **4.2.2. Segundo momento: entrevistas**

Em seguida, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (BAUER; GASKELL, 2008) com jornalistas (repórteres, fotógrafos(as) e editores) que participaram das coberturas de *Diário Gaúcho*, *Sul21* e *Zero Hora*, no curso dos protestos, em 2013. A opção pela realização de entrevistas decorreu da noção de que o conteúdo expresso no material jornalístico (publicações) é insuficiente para dar conta das dinâmicas envolvidas na construção dos enquadramentos interpretativos. Há conflitos, contradições, disputas interativas que convergem no produto final, mas que apenas podem ser compreendidas na medida em que se estuda o processo de construção do material midiático. A realização de entrevistas buscou, nesse sentido, reconstruir o percurso que culminou na elaboração do material jornalístico de cobertura das manifestações.

##### *a) Critérios de seleção dos atores entrevistados*

Foram selecionados(as) para a entrevista jornalistas que trabalhavam nos jornais à época das manifestações e que atuaram na produção do conteúdo de cada um dos veículos, a respeito dos protestos. Não foram incluídos(as) profissionais que trabalhavam nos jornais, mas que não participaram da confecção de publicações sobre as manifestações, assim como foram excluídos(as) profissionais que começaram a trabalhar nos veículos após o ano de 2013. Buscou-se abranger o maior número possível de profissionais responsáveis por cobrir a pauta das manifestações, à época.

Tendo em vista que a pesquisa teve como finalidade identificar os processos de interação que culminaram na produção do material midiático, buscou-se selecionar profissionais que ocupavam cargos distintos e que, a princípio, exerciam funções específicas



no curso do labor jornalístico. Nesse sentido, foram realizados encontros com editores, repórteres, fotógrafos(as) e colunista.

Segue a lista de jornalistas entrevistados(as):

**Quadro 5 – Relação das funções dos(as) jornalistas entrevistados(as)**

Jornalistas entrevistados		
Veículos midiáticos	<i>Diário Gaúcho</i> <sup>66</sup>	01 editor
	<i>Sul21</i>	01 editor
		02 repórteres
		01 fotógrafo
	<i>Zero Hora</i>	01 editor
		03 repórteres
		01 fotógrafa
		01 colunista <sup>67</sup>

Fonte: autoria própria

As funções desempenhadas pelos profissionais citados no Quadro 5 podem ser descritas, resumidamente, dessa maneira:

*Editor*: profissional responsável pela supervisão e coordenação do processo produção de conteúdo informativo.

*Repórter*: profissional responsável pela operacionalização de pautas do jornal e escrita de material noticioso.

<sup>66</sup> No caso do *Diário Gaúcho*, o número reduzido de atores entrevistados (um editor e uma repórter) deve-se ao fato de que, como este veículo está vinculado ao Grupo RBS, os conteúdos produzidos sobre as manifestações de 2013 tiveram como fonte, em grande medida, o material de Zero Hora, de modo que apenas uma repórter do *Diário Gaúcho* foi às ruas durante os protestos. Assim, a dinâmica que guiou a atuação deste veículo à época foi a seleção e a publicação resumida de determinados materiais produzidos por Zero Hora.

<sup>67</sup> Foi entrevistada apenas uma colunista, vinculada a Zero Hora, pois o foco da pesquisa centra-se no conteúdo descritivo do material jornalístico, preferencialmente ao conteúdo opinativo. A colunista foi entrevistada devido à frequência elevada com que abordou, em suas colunas, o tema das manifestações, no ano de 2013. De qualquer modo, reconhece-se que, no trabalho de uma colunista, o conteúdo opinativo prevalece sobre o descritivo, motivo pelo qual a dinâmica de produção e o conteúdo das colunas não necessariamente são compatíveis com os processos observados em notícias e notas.

*Fotógrafo*: profissional responsável pela produção de material fotográfico, a ser incorporado ao conteúdo escrito do jornal.

*Colunista*: profissional responsável pela publicação, com determinada frequência (diária, semanal, etc.), de conteúdo opinativo.

De qualquer modo, tais funções não necessariamente observam-se de modo preciso, com fronteiras estritamente definidas, no cotidiano jornalístico. O desempenho das atividades acima referidas varia, a depender das configurações específicas de cada veículo midiático.

*b) Processo de realização das entrevistas*

Quanto à entrada em campo para a realização das entrevistas, embora, inicialmente, houvesse a expectativa de que seriam encontradas dificuldades de acesso aos(às) jornalistas em virtude das controvérsias em torno das manifestações de 2013, o contato com as pessoas entrevistadas foi relativamente simples. Ao total, foram necessários três meses, no curso de 2015, para a execução dessa fase da pesquisa.

Em relação ao percurso utilizado, optou-se, primeiramente, por serem abordados os jornalistas do *Sul21*, dado o fato de que já havia uma rede de contatos mais consolidada para acesso a essas pessoas. Os 04 entrevistados do jornal cobriram os protestos ao longo de 2013 e atualmente não trabalham mais para o veículo. Por esse motivo, os encontros não foram realizados na redação do *Sul21*, mas sim em locais externos, acordados em diálogo com os jornalistas.

Nos casos de *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, esperava-se pela existência de dificuldades de acesso aos jornalistas, dada a maior amplitude organizacional dos jornais em relação ao *Sul21* e em virtude da inexistência de uma rede de contatos previamente constituída para que se entrasse nas redações dos veículos. No entanto, tal expectativa não se confirmou. Após realização de contato por e-mail com um jornalista de *Zero Hora*, este se encarregou de apresentar ao pesquisador todos(as) os(as) jornalistas que seriam posteriormente entrevistados(as). Tendo em vista que *Zero Hora* e *Diário Gaúcho* são veículos ligados ao

Grupo RBS, suas redações localizam-se no mesmo prédio.<sup>68</sup> Assim, nos dias em que foram realizadas idas ao local, foi possível serem feitas entrevistas com jornalistas de ambos os jornais.

As entrevistas, nos três veículos, transcorreram conforme o planejado, e as perguntas foram respondidas satisfatoriamente. Tendo em vista que se adotou um formato de entrevistas semiestruturadas, apesar de haver um roteiro de questões previamente formuladas, foram realizadas perguntas não previstas, a depender do interesse do pesquisador, a partir das falas dos atores entrevistados. Cada encontro durou entre 40 minutos e 01 hora e 20 minutos. A esquematização do conteúdo que foi questionado, em forma de roteiro de entrevista, no encontro com os jornalistas, pode ser consultada no “Apêndice 1” deste trabalho.

Ainda, vale referir que as idas às redações de *Zero Hora* e *Diário Gaúcho* produziram o encontro com as dinâmicas da rotina jornalística dos veículos. As percepções do pesquisador acerca desse contexto foram resumidas em forma de diários de campo, como fonte adicional de produção de dados. Além disso, visando a uma mais ampla contextualização dos fenômenos estudados, foram realizadas entrevistas com o Comandante-Geral da Brigada Militar do estado do Rio Grande do Sul à época das manifestações e com um militante, integrante, em 2013, do Bloco de Lutas Pelo Transporte Público. Por fim, para acúmulo de informações acerca das diretrizes que fundamentam as atuações de *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, consultou-se o *Guia de Ética e Autorregulação Jornalística* do Grupo RBS.<sup>69</sup>

### **4.3. Destrinchando o campo: a análise de dados**

Assim como a produção do *corpus* da pesquisa, a análise de dados do presente estudo foi subdividida em distintos momentos, de acordo com o material empírico disponível. Primeiramente, buscou-se sistematizar o banco de dados, por meio da quantificação do material documental. Posteriormente, foi realizada a análise do conteúdo de notícias específicas, relativas à cobertura de eventos de protesto ocorridos no curso do ciclo de manifestações de 2013. Por fim, foi analisado o conteúdo das entrevistas, articulado com os demais elementos empíricos da pesquisa.

---

<sup>68</sup> As redações de *Zero Hora* e *Diário Gaúcho* localizam-se à Avenida Ipiranga, n. 1075, na cidade de Porto Alegre.

<sup>69</sup> Efetuou-se contato com o Sul21, para que fosse dado acesso a documento que guia a produção jornalística do veículo, mas o pesquisador foi informado de que o jornal não possui documento dessa espécie.

#### 4.3.1. Quantificação do banco de dados

A quantificação do banco de dados teve por objetivo sistematizar o material documental que compõe o *corpus* do trabalho. Tendo em vista que, ao total, foram selecionadas 542 publicações relativas à cobertura de *Zero Hora*, *Diário Gaúcho* e *Sul21* ao ciclo de manifestações de 2013, mostrou-se necessário organizar o material. Além do aspecto de sistematização, esse procedimento permitiu serem verificadas analiticamente tendências da cobertura de cada um dos jornais. Para embasamento teórico a esta etapa do trabalho, adotou-se como referência o estudo *Vozes silenciadas: Mídia e protestos: A cobertura das manifestações de junho de 2013 nos jornais O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo* (INTERVOZES, 2014).

Quanto aos critérios de quantificação dos dados, foram selecionados quatro: os números totais e a distribuição mensal das publicações; o formato das publicações; a distribuição temática das manchetes; a valência das manchetes em relação aos(as) manifestantes. Por fim, foram indicadas as tendências de cobertura dos jornais, como resultado analítico da quantificação.

#### 4.3.2. Análise de conteúdos das notícias

Uma vez realizada a quantificação dos dados, delimitou-se, dentre as publicações que compõem o *corpus* da pesquisa, material jornalístico para realização de análise de conteúdo. Essa espécie de análise pode ser caracterizada como um conjunto de técnicas voltado para a sistematização e para a descrição objetiva do conteúdo de mensagens – sejam estas verbais ou não verbais (BARDIN, 2010).

Considerando-se que a pesquisa teve como objetivo a identificação de enquadramentos interpretativos formulados ao longo do ano de 2013, foi delimitada, como objeto de análise, a cobertura midiática a eventos específicos de protesto, ocorridos durante esse período. Como critério de seleção, definiu-se serem abrangidos eventos que se situassem temporalmente em diferentes meses do ano, abarcando o período “pré-junho”, os acontecimentos de junho e as coberturas posteriores a este mês. Ainda, buscou-se selecionar protestos que agrupassem uma multiplicidade considerável de características (atores envolvidos, pautas demandadas, repertórios utilizados, interação entre manifestantes e aparato policial, etc.). Esses critérios

tiveram como objetivo permitir ao pesquisador identificar diferentes enquadramentos produzidos por cada um dos veículos, bem como verificar eventuais alterações de enquadramentos operadas ao longo do ano. Segue quadro com os eventos escolhidos:

**Quadro 6 – Eventos de protesto selecionados para realização de análise qualitativa**

Eventos de protesto selecionados para análise de conteúdo		
Período	“Pré-junho”	Protesto do dia 27 de março
		Protesto do dia 04 de abril
	Junho	Protesto do dia 13 de junho
		Protesto do dia 20 de junho
	“Pós-junho”	Retrospectiva <sup>70</sup>

Fonte: autoria própria

O material publicado pelos veículos midiáticos inclui, como já referido, artigos, cartas do editor, colunas, editoriais, notas, notícias. Tendo em vista que a análise qualitativa centrou-se nos enquadramentos das mobilizações, foram selecionadas, dentre as publicações referentes aos eventos do Quadro 6, apenas notícias, sendo excluídos outros formatos jornalísticos.<sup>71</sup> Dentre as notícias, foram selecionadas aquelas cuja temática é a realização do protesto, com a descrição das interações ocorridas nas manifestações<sup>72</sup> e do percurso dos eventos, desde a concentração de ativistas até o desfecho da mobilização. Já as retrospectivas selecionadas consistiram nos textos produzidos pelos jornais ao final do ano, para descrever o ciclo de manifestações de 2013. A lista com as notícias selecionadas para análise de conteúdo constituem o “Apêndice 2” deste trabalho.

Para análise do material, utilizou-se como suporte o programa informacional CAQDAS (*Computer Aided Qualitative Data Analysis Software*) NVivo 10. Este programa

<sup>70</sup> As retrospectivas de cada jornal não fazem referência a um protesto específico, mas sim são textos que apresentam, resumidamente, a interpretação dos veículos sobre os acontecimentos do ciclo de protestos de 2013.

<sup>71</sup> As notícias têm como finalidade descrever a ocorrência de determinados fenômenos, a partir da interação do jornalista com os dados de realidade disponíveis, com a predominância de uma lógica descritiva sobre uma lógica opinativa. Tais conteúdos são, assim, representativos do modo como foi realizada a cobertura dos protestos pelos jornais selecionados. Os demais formatos possuem caráter opinativo e individual (colunas e artigos) ou expressam posicionamentos do jornal (cartas do editor e editoriais), de modo que a produção dessas espécies de publicação é regida por lógicas diversas daquelas que regem a produção das notícias.

<sup>72</sup> Notícias que descrevem protestos ocorridos em outras cidades (Exemplos: “BH ferve: cenários de guerra na noite da capital mineira” - Zero Hora, 27.07.2013; “Rio de violência: um dia sem civismo” - Zero Hora, 22.06.2013) foram excluídas, pois tais conteúdos não compõem o objeto do estudo.

permite que, a partir do material empírico estudado, seja realizado um processo de codificação. Este processo “implica a criação de códigos, ou categorias, nas quais são armazenados índices de referência (indexadores) às porções do material empírico utilizado na análise” (TEIXEIRA, 2009, p. 28-29). As categorias, por sua vez, são termos (ou expressões) que condensam uma “significação central do conceito que se quer apreender” (TEIXEIRA, 2009, p. 29). Ou seja, diante da multiplicidade das informações que compõem o conjunto dos dados da pesquisa, a codificação busca ordenar, organizar, sistematizar essas informações a partir de unidades de sentido (as categorias). Esse procedimento realiza a transição entre o concreto e o abstrato, entre elementos empíricos e sistemas conceituais.

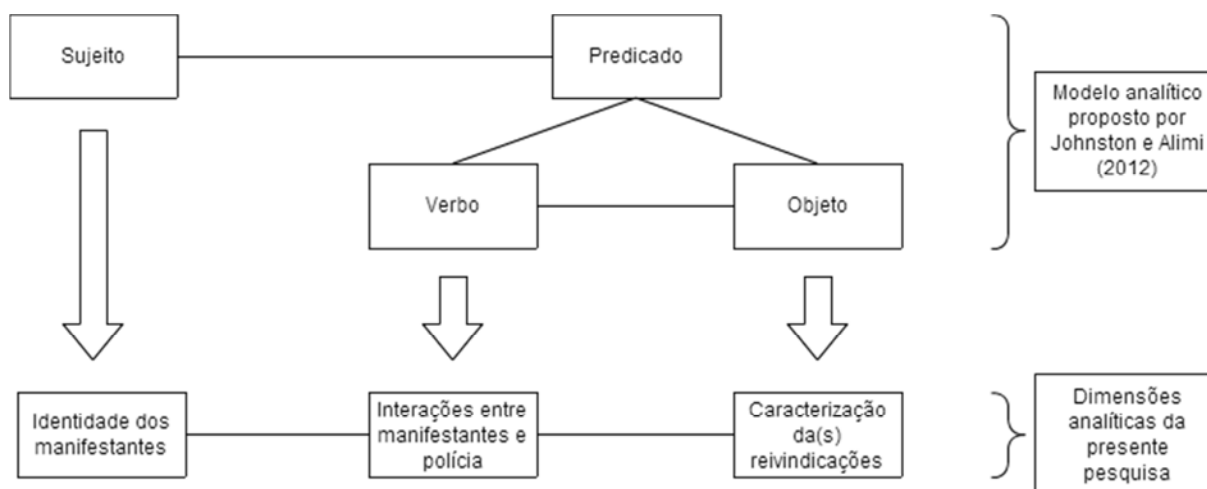
É possível que se analise o material a partir de uma lista pré-definida de categorias, ou que as categorias sejam criadas à medida que é consultada a base de dados (RICHARDS, 1999; TEIXEIRA; BECKER, 2001). No presente estudo, optou-se pela segunda alternativa: as notícias selecionadas foram lidas, e a partir dessa leitura foram definidos nós,<sup>73</sup> para sistematização do conteúdo e determinação das dimensões de análise. Foram objeto de apreciação tanto os elementos verbais (texto) quanto os não-verbais (imagens). A listagem de nós e sub-nós consta do “Apêndice 3” do trabalho.

As categorias apreendidas empiricamente foram posteriormente agrupadas em três amplas dimensões analíticas: identidade dos(as) manifestantes; caracterização da(s) reivindicações; interações entre manifestantes e policiais. Verificou-se que essas dimensões, articuladas, corresponderiam ao modelo proposto por Johnston e Alimi (2012), da seguinte maneira:

---

<sup>73</sup> “Nós” (*nodes*) equivalem à denominação que o Nvivo atribui para as “categorias” de análise.

**Figura 5 – Representação da construção do modelo analítico da pesquisa**



### 4.3.3. Análise das entrevistas

As entrevistas realizadas para o estudo também foram objeto de análise de conteúdo. Tendo em vista que este material empírico não responde a um problema específico da pesquisa, o conteúdo das entrevistas foi articulado com todos os capítulos do trabalho, servindo tanto como elemento disparador de discussões quanto como embasamento analítico para os argumentos desenvolvidos no texto. É da composição entre este material e as publicações dos jornais que se construiu a análise dos dados. A listagem de nós e sub-nós relativa ao conteúdo das entrevistas está disposta no “Apêndice 4” do trabalho.

## 5. OS JORNAIS EM ESTUDO E SUAS DIFERENTES CONCEPÇÕES DE JORNALISMO

Segundo Goffman (2012 [1986], p. 64), “cada tipo de acontecimento é apenas um elemento dentro de toda uma linguagem de acontecimentos, cada linguagem fazendo parte de um esquema distinto” (GOFFMAN, 2012 [1986], p. 64). A interpretação de determinado fenômeno depende da identificação de tal acontecimento como pertencendo a uma linguagem e a um esquema específicos de interpretação do mundo. A forma como os veículos midiáticos identificam fatos e os inserem em certo esquema interpretativo depende de inúmeras variáveis, as quais convergem em uma interpretação específica dos fatos.

A redação de um jornal é configurada a partir do entrelaçamento de elementos distintos (TUCHMAN, 1978), como as trajetórias dos jornalistas, o público-alvo ao qual se dirige o veículo, as idiosincrasias editoriais e a estrutura física da redação. Elencar todos os atravessamentos que incidem sobre a produção do conteúdo jornalística não consiste em objetivo deste trabalho. Por outro lado, considerando-se que a pesquisa tem como objeto diferentes veículos midiáticos, é importante demonstrar quais são as características que compõem cada um desses jornais. Estas, em conjunto, fornecem uma base para que se compreenda que as diferentes interpretações produzidas a respeito do ciclo de protesto resultam das configurações próprias a cada veículo midiático.

Neste capítulo, busca-se realizar uma breve apresentação da história, do público-alvo, da estrutura de redação, das linhas editoriais, das concepções de jornalismo e de informações adicionais para a identificação das configurações características de *Zero Hora*, *Diário Gaúcho* e *Sul21*. Para tanto, foram utilizadas, como fontes, entrevistas com jornalistas dos veículos, bem como consultas aos *sites*, às edições impressas e aos demais documentos que guiam a atuação de cada um dos jornais.

### 5.1. *Zero Hora*: “o maior jornal do Rio Grande do Sul”

*Zero Hora* é um veículo mantido pelo Grupo RBS e reconhecido por ser “o maior jornal do Rio Grande do Sul”, devido à sua estrutura e à sua longevidade.<sup>74</sup> O Grupo RBS “forma o maior grupo do setor de comunicações do país, fora do Eixo Rio-São Paulo” (BIZ,

---

<sup>74</sup> Disponível em: <<http://www.gruporbs.com.br/atuacao/zero-hora/>>. Acesso em: 31/07/2014.



2003, p. 31) e atualmente é líder na área de comunicação dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, contando com mídias em diversos formatos: rádio, televisão, jornal e plataformas digitais.<sup>75</sup> Quanto aos jornais vinculados ao grupo, além de *Zero Hora*, estão *Diário Gaúcho*, *Diário de Santa Maria*, *Pioneiro*, *Diário Catarinense*, *Jornal de Santa Catarina*, *Hora de Santa Catarina* e *A Notícia* (BUDÓ, 2013).

Nacionalmente, o Grupo RBS é afiliado à Rede Globo, considerada o “maior conglomerado empresarial da América Latina” (BIZ, 2003, p. 31). Em âmbito mundial, a Rede Globo está em quarto lugar entre as maiores redes privadas do mundo, comportando estações afiliadas que alcançam a quase totalidade do território brasileiro (BIZ, 2003). Nesse sentido, a história e os processos de produção de conteúdo jornalístico de *Zero Hora* estão inseridos em um contexto de vinculação ao amplo conglomerado midiático controlado pela Rede Globo.<sup>76</sup> A primeira questão a ser enfrentada, quando se trata de *Zero Hora*, portanto, é visualizar o jornal a partir do *modelo de concentração de riquezas característico do Brasil* (BERGER, 1996). Segundo Berger (1996), *Zero Hora*, ao deter as condições materiais para dominar os meios de comunicação impressos do estado, anula eventuais possibilidades de concorrência e se autointitula “*o jornal gaúcho*”.<sup>77</sup>

Especificamente em relação à história de *Zero Hora*, pode-se fazer referência ao jornal *Última Hora*, o qual circulou no Rio Grande do Sul desde 1960. O *Última Hora*, cuja criação deu-se em 1951, no Rio de Janeiro, era um jornal considerado de esquerda, com uma linha popular e de apoio ao então presidente Getúlio Vargas. Mesmo após o suicídio de Vargas, o *Última Hora* manteve seu caráter popular, mas sua circulação chegou ao fim com o golpe militar de 1964. Neste mesmo ano, o então *Última Hora* foi adquirido por Ary Carvalho, passando a denominar-se *Zero Hora* (BIZ, 2003).

Assim expressa o primeiro editorial do jornal, datado de 4 de maio de 1964:

---

<sup>75</sup> Disponível em: <<http://www.gruporbs.com.br/o-grupo-rbs/>>. Acesso em: 11/11/2015.

<sup>76</sup> Segundo BIZ (2003), o poderio da RBS, regionalmente, e da Rede Globo, nacionalmente, opõe-se ao art. 220, par. 5º, da Constituição Federal de 1988 (“Os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio”), pois, a partir desse conglomerado, poucos grupos detêm o controle dos veículos midiáticos brasileiros, o que ocasiona dificuldades para o exercício da democracia e da pluralidade de informações.

<sup>77</sup> O *Correio do Povo* (cuja fundação data de 1895), por tradição, poderia também pleitear essa posição de “o jornal gaúcho”, mas, segundo Berger (1996) o *Correio do Povo*, concorrente formal de *Zero Hora*, “conforma-se à posição secundária e não disputa o lugar no jogo político, onde a imprensa efetivamente se afirma”.

Nasce hoje um novo jornal, autenticamente gaúcho. Democrático. Sem compromissos políticos. Nasce com um único objetivo: servir ao povo, defender seus direitos e reivindicações, dentro do respeito às leis e às autoridades (GALVANI, 1995, P. 461).

Assim, é importante que se compreenda o contexto de surgimento do jornal. Nascido no mesmo ano do golpe militar de 1964, *Zero Hora* assume, quando de sua fundação, a perspectiva de um jornalismo “*sem compromissos políticos*”, ao mesmo tempo em que se apresenta como veículo que possui “respeito às leis e às autoridades”, alterando de forma evidente a diretriz de esquerda e popular que guiava a atuação do extinto *Última Hora*.<sup>78</sup> No ano de 1970, o jornal é adquirido por Maurício e Jayme Sirotsky e passa a incorporar a rede de telecomunicações que hoje compõe o Grupo RBS (BUDÓ, 2013). Desde sua criação, portanto, *Zero Hora* segue a perspectiva de *se identificar como jornal não ligado a qualquer perspectiva política, adotando, assim, uma postura de “objetividade” jornalística*. De qualquer modo, uma série de estudos demonstra os posicionamentos que, mesmo implicitamente, o jornal produz, na condição de grande corporação midiática, desconstruindo-se a noção de “objetividade” (BERGER, 1996; BUDÓ, 2013).

Desde sua criação até a contemporaneidade, *Zero Hora* cresce e passa a tornar-se hegemônico no Rio Grande do Sul. Durante as décadas de 1970 e 1980, há ainda certa pluralidade de jornais lutando pela supremacia no estado, com *Zero Hora* e *Correio do Povo* liderando os números de tiragem diária. Porém, nos anos 1990, com os investimentos em tecnologias e o crescimento do grupo RBS no estado (não apenas em meio impresso, como também na televisão e no rádio), *Zero Hora* solidifica-se como jornal detentor da supremacia regional (BERGER, 1996).

Na entrada do Século XXI, veículo implementa transformações, tanto no formato da edição quanto nos processos de produção da informação. Nos últimos anos, *Zero Hora* tem se adequadado à “tendência mundial de integrar a produção do conteúdo, independentemente da mídia em que é veiculado”. Assim, desde 2007, está no ar o *site* do veículo, e têm sido realizados aprimoramentos na versão digital do jornal. Contemporaneamente, o veículo está também presente em redes sociais (*Twitter, Facebook, Instagram e Google +*).<sup>79</sup> O jornal,

---

<sup>78</sup> Sobre a ligação entre *Zero Hora* e o regime militar, Guareschi e Ramos (1992, p. 70) asseveram: “Houve a extinção do *Última Hora*, por razões políticas, e o seu sucedâneo, é claro, deveria estar afinado com as contingências da ditadura. Mesmo os seus pró-homens nunca negaram as raízes do jornal. *Zero Hora*, indiscutivelmente, foi concebida como cria do autoritarismo”.

<sup>79</sup> Disponível em: <<http://www.gruporbs.com.br/atuacao/zero-hora/>>. Acesso em: 11/11/2015.

nesse sentido, segue o caminho, já apontado no capítulo precedente, de apropriação de TICs, com a disseminação de conteúdo (que anteriormente apenas circulava em meio impresso) em mídias digitais. Essa característica está expressa no *slogan* atual do veículo: “Papel. Digital. O que vier”.

Quanto à sua abrangência, *Zero Hora* segue consolidando-se como jornal de referência no estado do Rio Grande do Sul. Apesar de seu caráter regional, *Zero Hora* ocupa atualmente o posto de 6º jornal de maior circulação do país, segundo pesquisa do Instituto Verificador de Circulação (IVC), referente ao ano de 2014.<sup>80</sup> O jornal é predominantemente dirigido para as classes A e B de Porto Alegre e das principais cidades do interior do Rio Grande do Sul, embora sua posição hegemônica no estado faça com que o jornal não fique restrito a esse público.<sup>81</sup> O valor dos exemplares diários é de R\$ 3,50 para as edições semanais e de R\$ 4,00 para as edições dominicais (preço bem mais elevado do que o custo de R\$ 1,00 das edições semanais e de R\$ 1,25 das edições de sábado do *Diário Gaúcho*); ainda, *Zero Hora* disponibiliza a possibilidade de compra do jornal por assinatura, cujo custo é de R\$ 85,40 mensais.<sup>82</sup>

Da identidade de *Zero Hora* como o “jornal do gaúcho” decorre a questão de que o jornal não constroi sua linguagem em oposição às características de outros veículos. Ao abranger uma ampla gama de consumidores, não se identificando apenas com um tipo de leitor, *Zero Hora* “deve falar igualmente ao dirigente empresarial e a seu empregado, aos intelectuais e aos semi-alfabetizados, aos bem informados [...] e aos que têm a RBS como única fonte” (BERGER, 1996). É nesse sentido que Itamar Melo, repórter do jornal, refere, em entrevista, que cabe ao repórter de *Zero Hora*, na tentativa de abranger todas as versões possíveis dos fatos, ficar “*de certa forma em cima do muro*”. Nilson Vargas entende essa característica do jornal como um modo de abordar as questões sob a perspectiva do “*senso comum*”. As especificidades de linguagem constroem-se a partir da divisão de *Zero Hora* em diferentes cadernos, com temáticas particulares.

Em relação à sua organização estrutural, *Zero Hora* atualmente conta com 17 cadernos, mais de 200 jornalistas, com uma sucursal em Brasília e mais de 100 colunistas.<sup>83</sup> A

---

<sup>80</sup> Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 11/11/2015.

<sup>81</sup> Segundo estudo realizado em 2012, 72% dos leitores de *Zero Hora*, na Grande Porto Alegre, situam-se nas classes A e B (VIGEL, 2013).

<sup>82</sup> Valores informados na data de 11/11/2015.

<sup>83</sup> Disponível em: <<http://www.gruporbs.com.br/atuacao/zero-hora/>>. Acesso em: 11/11/2015.

atual composição da redação do veículo é decorrente de uma reestruturação instituída em 2014. Segundo entrevista com o chefe da redação de *Zero Hora*, Nilson Vargas, o jornal, em sua rotina produtiva, é dividido em editorias temáticas, as quais compõem 04 núcleos principais: o núcleo de esportes; o núcleo de cultura, lazer e entretenimento (denominado “Segundo Caderno”); o núcleo de comportamento (denominado “Sua Vida”); e, por fim, o núcleo de *hard news*, o qual se encarrega do noticiário factual (denominado “Notícias”), abrangendo temas como política, economia, polícia e educação. Cada um desses núcleos é coordenado por um editor específico, sendo que estes editores respondem, finalmente, ao chefe de redação.

A concepção de jornalismo que fundamenta a atuação de *Zero Hora* está expressa no *Guia de Ética e Autorregulamentação Jornalística* do Grupo RBS, atualizado no ano de 2011. No documento, dentre outros conteúdos, estão explicitados missão, valores e diretrizes éticas do grupo, de modo que é possível, a partir de tais conteúdos, informar-se acerca dos parâmetros que guiam a produção do conteúdo de *Zero Hora*.

A apresentação do referido documento inicia-se com a seguinte afirmação: “O primeiro dever do jornalismo é a busca da verdade” (GRUPO RBS, 2011, p. 7). A partir de então, são traçados a missão (“facilitar a comunicação das pessoas com o seu mundo”) e os valores do grupo: fazer o que é certo (“uma empresa ética e que se orgulha do que faz”), conexão com as pessoas (“gente com brilho nos olhos. Relação de confiança e respeito recíproco”), o nosso coração pulsa (“temos um ambiente vibrante e ousado. Buscamos excelência, com disciplina, agilidade e simplicidade.”), todos pelos clientes (“temos compromisso com nossos públicos – consumidores (ouvintes, leitores, telespectadores e internautas), anunciantes e usuários. Toda organização é dedicada a gerar as melhores soluções para os clientes”), realizar crescimento sustentado (“temos paixão por fazer mais e melhor. Assumimos compromisso com resultados consistentes no curto e longo prazos”), desenvolvimento coletivo (“temos orgulho de nossa contribuição para o país e para a sociedade, com forte senso de responsabilidade e de pertencimento às comunidades”) (GRUPO RBS, 2011, p. 8-9).

Na descrição da linha editorial do Grupo RBS, é dada ênfase à defesa da “liberdade de informação”, da “livre-iniciativa” e da “democracia”. Entre os temas abordados por seus veículos midiáticos, delinea-se o “combate às drogas e à violência” como uma das “bandeiras institucionais” levantadas (GRUPO RBS, 2011, p. 12-13). Embora esta e outras bandeiras sejam assumidas como temas de interesse da instituição, as diretrizes éticas da produção jornalística apontam a “imparcialidade” como elemento da atuação dos veículos do grupo.

Tal “imparcialidade” expressa a necessidade de a notícia “abrir espaço a todos os lados envolvidos no assunto”, ou seja, trata-se da incorporação do princípio do contraditório.<sup>84</sup> Correlacionado à “imparcialidade” consta também, no documento, a “precisão”, traduzida como a necessidade de, além de serem ouvidas versões conflitantes, se “procurar apurar a verdade, com isenção e na sua plenitude” (GRUPO RBS, 2011, p. 20-21). A “precisão”, nesse sentido, indica que não basta serem confrontadas diferentes versões; o veículo deve, ademais, averiguar o fato, a ponto de encontrar a interpretação “verdadeira”. O documento mobiliza, assim, a defesa da ideia de “objetividade” no jornalismo, com a noção de que o repórter e o jornal não se posicionam politicamente, cumprindo a função de apenas narrar o conteúdo dos fatos (BUDÓ, 2013).

No espaço destinado à “conduta profissional” dos funcionários dos veículos do Grupo RBS, o documento delimita a diretriz da “isenção”, a qual se relaciona com a “precisão”, pois se entende por “isento” o jornalista que tem “como única motivação divulgar, com precisão e equilíbrio, um fato de interesse público”, de modo que qualquer envolvimento pessoal ou emocional do jornalista com determinada situação impediria o profissional de realizar a cobertura do fato (GRUPO RBS, 2011, p. 26). Essa diretriz de atuação profissional reafirma a defesa da ideia de “objetividade”, pela distinção entre fatos e opiniões, sendo o espaço destas últimas reservado para os(as) colunistas do jornal, e não para os repórteres.

É possível verificar identidade entre o primeiro editorial de *Zero Hora*, datado de 1964, e os parâmetros éticos estabelecidos no *Guia de Ética e Autorregulamentação Jornalística* do Grupo RBS, de 2011, pois se mantém a ênfase sobre o papel “democrático” dos meios de comunicação, ao mesmo tempo em que se defende a ausência de “compromissos políticos” dos veículos, por meio da distinção entre fatos e opiniões. Cabe, entretanto, na análise do conteúdo do jornal, verificar em que medida, de fato, as interpretações produzidas por *Zero Hora* são “isentas” de “compromissos políticos” e consagram o princípio da objetividade, tendo em vista em que o jornal, como empresa cujo produto (notícia) dirige-se a um público-alvo (classes A e B de Porto Alegre e das principais cidades do interior do Rio Grande do Sul), tem sua manutenção atrelada à venda de jornais e ao financiamento por parte de anunciantes. É importante, em suma, levar a sério tais tensões, como pano de fundo para a análise da notícia.

---

<sup>84</sup> Em jornalismo, o princípio do contraditório significa a necessidade de serem publicadas todas as versões possíveis a determinados fatos, de modo que as partes envolvidas nos temas abordados sejam ouvidas.

## 5.2. *Diário Gaúcho*: “o jornal da maioria”

O *Diário Gaúcho* é, assim como *Zero Hora*, um jornal mantido pelo Grupo RBS e vinculado, em escala nacional, à Rede Globo de Comunicações. Assim, as considerações realizadas acerca da inserção de *Zero Hora* no referido grupo também são aplicadas ao *Diário Gaúcho*. Apesar de tal semelhança, os veículos possuem especificidades.

Diferentemente de *Zero Hora*, o *Diário Gaúcho* caracteriza-se por ser um jornal de criação recente, tendo sido sua primeira edição lançada no dia 17 de abril de 2000 (RAMOS, 2003). Na descrição de seu site, o veículo intitula-se como “o jornal da maioria”, por ser voltado para as “classes B, C e D, residentes na Grande Porto Alegre e principais cidades do interior do Rio Grande do Sul”.<sup>85</sup> Nesse sentido, explicita-se o caráter “popular” com o qual o jornal busca identificar-se. A criação do veículo foi precedida por uma pesquisa junto a um público que não possuía o hábito de ler jornal (BIZ, 2003).

Assim são explicitados os objetivos do *Diário Gaúcho*, no editorial de sua primeira edição:

Mostrar como trabalhadores, estudantes, donas de casa e, enfim, toda a comunidade da Região Metropolitana vivem o seu dia a dia. Aliado a este objetivo existe outro importante: ajudar os leitores a resolverem seus problemas do cotidiano (BIZ, 2003, p. 36).

O viés “popular” do veículo é relacionado ao modo como são apresentadas as páginas da edição impressa: o formato é de tabloide, com a restrição de 32 páginas por edição, circulação de segunda a sábado e um custo baixo, de R\$ 1,00 pela versão semanal e de R\$ 1,25 pela edição de sábado. Além disso, não há opção de assinatura mensal, o que confere a característica de “diário” ao jornal. Destaca-se, ainda, a difusão do jornal no meio digital, em canais como *site*, *Facebook* e *Twitter*.

Quanto à estrutura organizativa, o *Diário Gaúcho* possui, segundo entrevista com Felipe Bortolanza, um editor-chefe, um editor-executivo e editores por áreas, as quais se dividem da seguinte maneira: uma área que envolve economia, saúde, habitação, transporte, assuntos políticos, mundo (denominada “Geral”); uma área denominada “Polícia”; uma área

---

<sup>85</sup> Disponível em: <<http://www.gruporbs.com.br/atuacao/diario-gaucho/>>. Acesso em: 12/11/2015.

denominada “Esportes”; uma área denominada “Variedades”. Além disso, há editores específicos para a relação direta com os leitores, para edição da versão *online* e para a diagramação/arte do jornal.

O *Diário Gaúcho* é reconhecido por possuir uma linguagem gráfica característica, com um determinado número de páginas totalmente coloridas, com a utilização das cores da bandeira do Rio Grande do Sul em sua identidade visual e com a apresentação de letras grandes, de fácil visualização e leitura (BIZ, 2003). Corroborando com essa descrição, o atual editor-executivo do *Diário Gaúcho*, Felipe Bortolanza, em entrevista, afirma que “a gente [*Diário Gaúcho*] não tem assinatura. Então a nossa capa [...] precisa ser atrativa todos os dias, que as pessoas vão comprar nas ruas”.

Soma-se a essa concepção gráfica um estilo específico de linguagem jornalística, com textos simples, curtos e diretos, com vistas a facilitar o entendimento do(a) leitor(a).<sup>86</sup> Também segundo Felipe Bortolanza, “a gente [*Diário Gaúcho*] tem que traduzir o marco para o leitor, pensando no leitor mais básico, que ele entende no jornal um meio que ajuda na solução dos mínimos problemas cotidianos”. O esforço do jornal, assim, consiste na *tradução de situações amplas e complexas em questões cotidianas e simples*.

Segundo a apresentação de *Diário Gaúcho* em seu *site*, a “identificação com seu público” é fator determinante para a fidelização, de modo que o jornal, no ano de 2013, foi considerado o mais lido de Porto Alegre, com 1,2 milhão de leitores habituais.<sup>87</sup> O veículo foi, ainda, considerado o 8º jornal de maior circulação no Brasil, em 2014, segundo o Instituto Verificar de Circulação (IVC).<sup>88</sup>

Como concepção de jornalismo, apesar da particularidade de se caracterizar como jornal “popular”, o *Diário Gaúcho* segue os parâmetros do *Guia de Ética e Autorregulamentação Jornalística* do Grupo RBS. Assim, a diretriz da “objetividade” guia a produção jornalística do veículo. Felipe Bortolanza, em sua fala, confirma essa perspectiva, afirmando que, nas diversas situações cobertas pelo jornal, a redação do *Diário Gaúcho* “vai estar pra informar, ela não vai estar pra defender a bandeira contra”.

---

<sup>86</sup> Para um estudo aprofundado da linguagem utilizada no *Diário Gaúcho*, ver: BERTHIER; SILVA, 2012.

<sup>87</sup> Disponível em: <<http://www.gruporbs.com.br/atuacao/diario-gaucha/>>. Acesso em: 02/11/2014. Segundo estudo realizado em 2012, 55% dos leitores do *Diário Gaúcho*, na Grande Porto Alegre, situam-se na classe C.

<sup>88</sup> Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 11/11/2015.

Em virtude do formato do conteúdo expresso nas páginas do jornal, porém, determinados autores entendem ser o *Diário Gaúcho* um jornal “sensacionalista”<sup>89</sup>. Ao atribuir grande ênfase a determinadas situações do cotidiano, descrevendo-as de forma de simples e objetiva, sem demonstrar as complexas associações entre tais acontecimentos e o entorno social, estaria o *Diário Gaúcho* exercendo uma atividade vinculada exclusivamente à comercialização e ao entretenimento (BIZ, 2003). O exemplo paradigmático dessa perspectiva seria a superexposição de fatos entendidos como “violentos” e negativos, com disseminação de informações que exploram o medo e o pânico e reafirmam um discurso de lei e ordem, *sem debater a fundo a questão da violência* (RONCHETTI, 2003).

Em contraposição à crítica ao caráter teoricamente “sensacionalista” do jornal, Felipe Bortolanza afirma que o leitor do veículo “entende no jornal um meio de ajuda na solução dos mínimos problemas cotidianos”, sendo os “alertas emitidos pelos leitores” importantes canais de produção de conteúdo informativo. Ou seja, o editor do *Diário Gaúcho* enfatiza a relação de diálogo existente entre jornal e leitor(a), de modo que a cobertura de determinados temas, em detrimento de outros, seria decorrência do “perfil” específico do(a) leitor(a) do veículo. Essa tensão entre uma construção teórica de que o jornal seria classificado como “sensacionalista” e a identificação do veículo como meio voltado para a resolução dos problemas cotidianos de um perfil específico de público-alvo deve ser considerada quando da análise do conteúdo do *Diário Gaúcho*.

### **5.3. *Sul21*: jornalismo digital e “de esquerda”**

O *Sul21* é um veículo de comunicação caracterizado pela utilização das “novas mídias colaborativas da Internet 2.0”<sup>90</sup>, de modo que o jornal possui formato exclusivamente digital (não há versão impressa). Além disso, o *Sul21* possui uma história recente: sua criação é datada de 10 de maio de 2010, por meio da reunião de um grupo de blogueiros e advogados (ROSA, 2013). O jornal foi construído com o objetivo de “informar e fomentar discussão sobre questões relevantes para o desenvolvimento da sociedade no Século 21, através de um

---

<sup>89</sup> “Sensacionalismo” pode ser definido conceitualmente como a operação de “tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento” (ANGRIMANI, 1994, p. 16).

<sup>90</sup> Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/quem-somos/>>. Acesso em: 15/11/2015.



*olhar diferenciado sobre grandes temas e da ressignificação das mídias tradicionais*”.<sup>91</sup> Nesse sentido, o *Sul21* reconhece-se enquanto veículo “*dedicado prioritariamente ao noticiário político*”.<sup>92</sup>

Tal opção mostra-se estampada no *site* do jornal, pela identificação das áreas temáticas que compõem o espectro de abrangência do conteúdo do *Sul21*: “Política”; “Geral”; “Cidades – RS”; “Internacional”; “Sindical”; “Economia”; “Cultura”; “Futebol”; “Especiais”; “Charges”. Ademais, existem espaços dedicados à opinião: “Opinião Pública” (espaço destinado a artigos de pessoas não vinculadas ao jornal); “Colunistas” (espaço destinado aos(as) colunistas do *Sul21*).

Embora não haja pesquisas que demonstrem qual o perfil do leitor do *Sul21*, Igor Natusch, editor do jornal em 2013, em entrevista, refere que a partir de observações com a ferramenta do *Google Analytics* e pelo contato com o público, pode-se verificar que o *Sul21* possui um leitor mais jovem do que a média de idade corriqueiramente associada ao público-alvo de jornais. De modo geral, os(as) leitores(as) do *Sul21* possuem de 35 anos para baixo e são identificados(as) com a esquerda política, pelo interesse por causas sociais. O público-leitor concentra-se na cidade de Porto Alegre, devido à abrangência local dos conteúdos do jornal e em função das limitações estruturais, que dificultam a cobertura de fatos regionais e nacionais.

Apesar da especificidade do público ao qual se dirige o jornal, os números de acesso ao *site* tiveram um aumento expressivo durante as manifestações de 2013. A média de acessos, à época situada em torno de 30.000 leitores(as) diários(as), subiu para cerca de 60.000 leitores(as) diários(as). Essa percepção do aumento de acessos ao *Sul21* durante os protestos é compartilhada por todos os jornalistas do veículo entrevistados para esta pesquisa. Segundo Samir Oliveira, ex-repórter do *Sul21*, o pico de leitores(as) do site, à época, justificava-se “porque as pessoas identificavam nas coberturas que a gente [do *Sul21*] fazia uma narrativa que não era a narrativa que estava nos outros veículos”.

As limitações constituem característica importante da organização do veículo. O *Sul21*, comparativamente a *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, é um jornal composto por uma quantidade baixa de funcionários(as). Segundo Igor Natusch, a equipe era, à época de 2013, composta por três ou quatro repórteres (incluindo-se um estagiário), um fotógrafo (e o

---

<sup>91</sup> Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/quem-somos/>>. Acesso em: 15/11/2015.

<sup>92</sup> Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/institucional/>>. Acesso em: 15/11/2015.

estagiário de fotografia), um editor, um subeditor e, por fim, a chefia (composta por pessoas que ocupam posição de comando do veículo). Assim, a equipe de jornalismo possuía em torno de 10 integrantes. Essa pequena estrutura localiza-se à Rua General Câmara, n. 406, no Centro Histórico de Porto Alegre.

Quanto à sua concepção de jornalismo, o *Sul21* informa, em seu *site*, que o seu noticiário “*busca sempre a verdade factual*”<sup>93</sup>. Tal afirmação apresenta-se similar à expressão “busca da verdade”, que consta na apresentação do Guia de Ética do Grupo RBS, com a diferenciação entre jornalismo factual, o qual busca a apuração de acontecimentos, e jornalismo de opinião, o qual expressa o posicionamento pessoal de colunistas acerca de determinados temas. Nesse sentido, os três jornais que compõem o objeto do presente estudo compartilham de uma perspectiva baseada no dever do jornalismo de buscar a “verdade dos fatos”, concepção associada à ideia de “*objetividade*”.

Entretanto, há importantes diferenças entre o *Sul21* e os demais veículos deste estudo, em relação à postura política do jornal diante dos temas abordados. Também em seu *site*, o jornal explicita:

...aqui, reafirmamos, de forma clara, direta e honesta, as nossas convicções, que de maneira nenhuma interferirão no noticiário: *apoiamos – ressalvadas algumas divergências pontuais – o projeto de desenvolvimento em andamento no Brasil, com diminuição das desigualdades regionais, econômicas e sociais*. As nossas convicções, no entanto, não nos impedem de criticar este mesmo projeto que apoiamos, quando acharmos necessário. Manteremos nossa independência e autonomia, indispensáveis à manutenção do compromisso com a verdade e com a democracia na informação (*grifos nossos*).<sup>94</sup>

Ou seja, o veículo demonstra sua posição de apoio ao “projeto de desenvolvimento” encampado pelo Partido dos Trabalhadores (PT), entre os governos de Lula e de Dilma, em âmbito nacional. Esse posicionamento é confirmado pela fala de Samir Oliveira. Segundo o ex-repórter do *Sul21*, alguns dos apoiadores do jornal “são pessoas que giram em torno dessa linha política, digamos assim, de esquerda de uma forma mais ampla e especificamente petista em algumas coisas específicas”.

Quanto a esse posicionamento político, Igor Natusch, em entrevista, refere que o *Sul21* busca manter-se como “*veículo de esquerda*”, não apenas produzindo análises críticas ao

---

<sup>93</sup> Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/institucional/>>. Acesso em: 15/11/2015.

<sup>94</sup> Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/institucional/>>. Acesso em: 15/11/2015.

conteúdo publicado em outros jornais, mas também pautando temas que não são corriqueiramente abordados em veículos como *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*. Ramiro Furquim, fotógrafo do *Sul21* em 2013, classifica essa atuação como um *exercício de “contrainformação”*, referindo-se à produção de conteúdo não publicado em outros jornais. A respeito da cobertura do ciclo de manifestações de 2013, por exemplo, Igor Natusch comenta:

...as pessoas liam, vamos dizer... a *Zero Hora*, porque é natural que se leia a *Zero Hora*, a *Zero Hora* é que produz com mais rapidez conteúdo, já é um veículo completamente consolidado, então é natural que as pessoas liam a *Zero Hora*. E aí elas vinham pro *Sul21* buscando talvez não exatamente um contraponto, mas uma outra visão, vamos dizer assim.

Ainda assim, como acima referido, o *Sul21* busca manter o “compromisso com a verdade e com a democracia na informação”, por meio do direito ao princípio jornalístico do “contraditório”<sup>95</sup>. Em outros termos, o *Sul21* expõe sua defesa a determinado posicionamento político, mas salienta o compromisso do jornal em ouvir e em publicar as diferentes versões para os acontecimentos abordados pelo veículo. Portanto, assim como nos casos de *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, identifica-se uma tensão na concepção de jornalismo do *Sul21*: ao mesmo tempo em que se busca a afirmação como “veículo de esquerda”, pelo exercício da “contrainformação”, intenta-se manter a “verdade factual” como parâmetro de precisão das informações produzidas pelo jornal.

---

<sup>95</sup> Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/institucional/>>. Acesso em: 15/11/2015.

## 6. A ORGANIZAÇÃO DOS DADOS DOCUMENTAIS: ASPECTOS QUANTITATIVOS

Nesta seção do trabalho, é apresentada a quantificação do conjunto dos documentos que compõe a base de dados da presente pesquisa. A partir do total de material jornalístico coletado, busca-se demonstrar, quantitativamente, aspectos relevantes da cobertura de cada um dos jornais ao ciclo de protestos de 2013. Por meio de tais dados, é possível apontar indícios na análise de determinados elementos dessas coberturas. Foram quantificados: os números totais e a distribuição mensal das publicações (subcapítulo 6.1); o formato das publicações (subcapítulo 6.2); a distribuição temática das manchetes (subcapítulo 6.3); a “valência” das manchetes em relação aos(as) manifestantes (subcapítulo 6.4). Por fim, são apresentadas, como resultado da quantificação, as tendências de cobertura de apontadas por cada um dos jornais (subcapítulo 6.5).

### 6.1. Números totais e distribuição mensal das publicações

A Tabela 1 demonstra a quantificação do *corpus* de dados, em números totais:

**Tabela 1 – Quantidade de publicações que compõem o *corpus* da pesquisa – números totais**

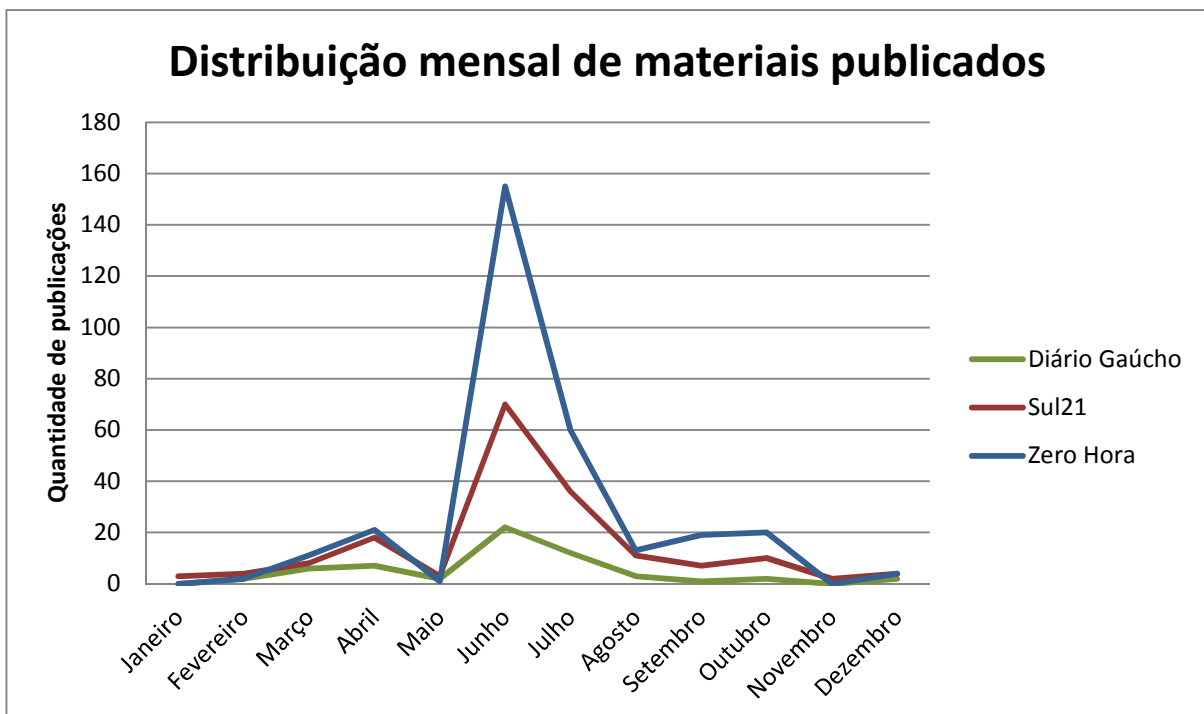
Quantidade de publicações – números totais	
<i>Zero Hora</i>	306
<i>Diário Gaúcho</i>	58
<i>Sul21</i>	177
<b>Total</b>	<b>542</b>

Fonte: autoria própria

Ao total, foram coletados 542 materiais publicados pelos veículos midiáticos selecionados, a respeito do ciclo e manifestações de 2013. Este é o universo que compõe a base de dados documentais da pesquisa. O jornal de maior publicação foi *Zero Hora*, com 306 resultados, seguido por *Sul21*, com 177 resultados, e *Diário Gaúcho*, com 58 resultados. Esses números, porém, devem ser interpretados com restrições, tendo em vista que cada um dos jornais possui estruturas específicas, tanto na organização interna da redação (número de funcionários e divisão temática) quanto na quantidade de espaço para publicação. Seria

esperado, nesse sentido, que *Zero Hora*, por possuir grande estrutura e um número alto de páginas, fosse, dentre os veículos, aquele com a maior quantidade de publicações. Ressalta-se, porém, os números elevados de *Su21*, o que denota o interesse da cobertura do jornal ao tema, a despeito dos limites estruturais de sua redação, comparativamente a *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*. Este, por outro turno, apresenta uma quantidade relativamente baixa de publicações, apesar de a questão do transporte público ser, em tese, um tema relevante para o público-alvo do veículo. A seguir, é demonstrada a distribuição de materiais coletados por cada um dos jornais selecionados, conforme a evolução dos meses de 2013:

**Gráfico 1 – Distribuição dos materiais publicados por mês, no ano de 2013**



Fonte: autoria própria

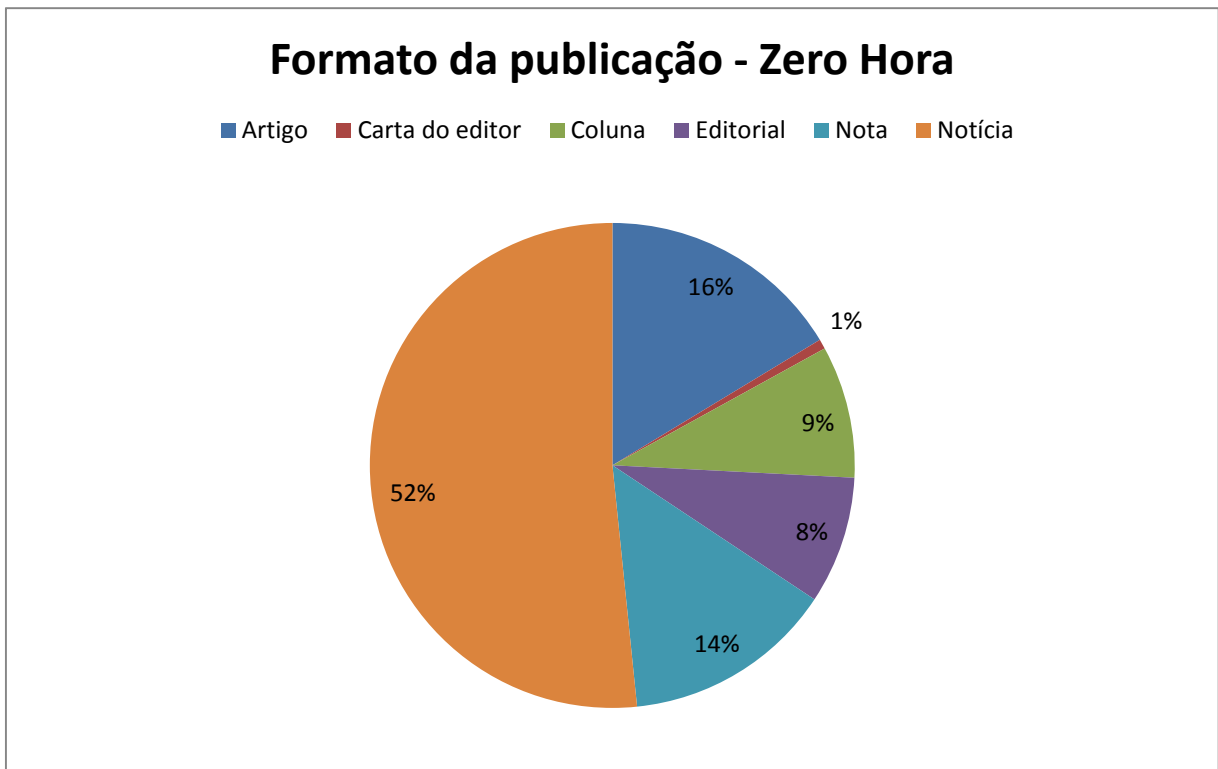
Conforme demonstra o gráfico, há uma similaridade na evolução do número de publicações nos três jornais, apesar de o número total variar, conforme demonstrou a Tabela 1. Nos primeiros meses do ano, a quantidade de publicações é baixa. Verifica-se, nos casos de *Sul21* e *Zero Hora*, um evidente aumento na quantidade de material produzido em abril, comparativamente aos meses anteriores. Em seguida, os três jornais apresentam um pico no número de publicações, no mês de junho. Embora seja verificada uma queda na quantidade de materiais produzidos em julho, este é o segundo mês com o maior número de publicações no ano, em todos os jornais. Nos meses seguintes, apresenta-se, em todos os veículos, relativa estabilização e, por fim, queda no número de publicações, entre outubro e dezembro. Esses

números confirmam a entrada do tema das mobilizações na agenda dos jornais no mês de abril, quando houve a revogação do aumento da tarifa na cidade. Em junho e julho, os números de cobertura são coerentes com o crescimento do ciclo de manifestações, com a imposição do tema como pauta relevante.

## 6.2. Formato das publicações

A seguir, são representados graficamente os formatos dos materiais publicados por cada um dos jornais ao longo do ano:

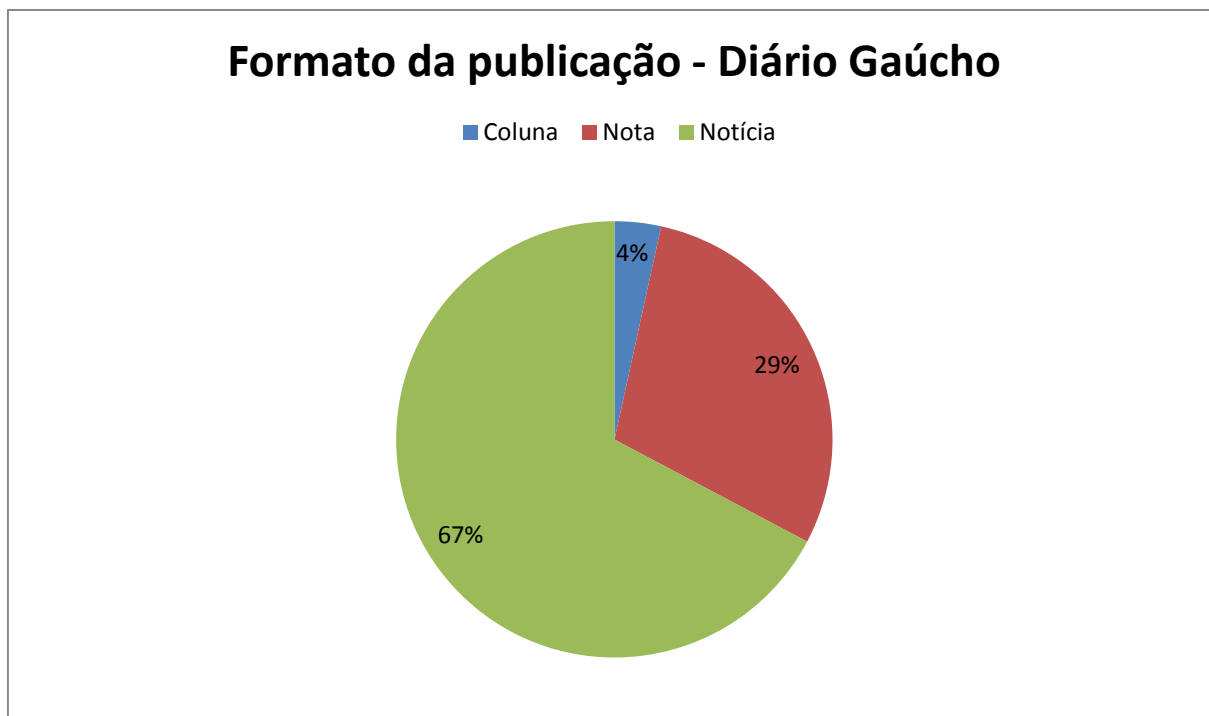
**Gráfico 2 – Formatos de publicação verificados no jornal *Zero Hora* – números proporcionais**



Fonte: autoria própria

Em relação à cobertura de *Zero Hora*, o formato de publicação que predomina é, assim como nos demais jornais, a notícia (158 resultados ou 52%); em seguida, há artigos (50 resultados ou 16%), notas (43 resultados ou 14%), colunas (27 resultados ou 9%), editoriais (26 resultados ou 8%) e cartas do editor (02 resultados ou 1%). Há predominância de textos descritivos dos fatos sobre textos opinativos ou analíticos; ainda assim, identifica-se uma ampla variedade de formatos, comparativamente aos demais veículos analisados.

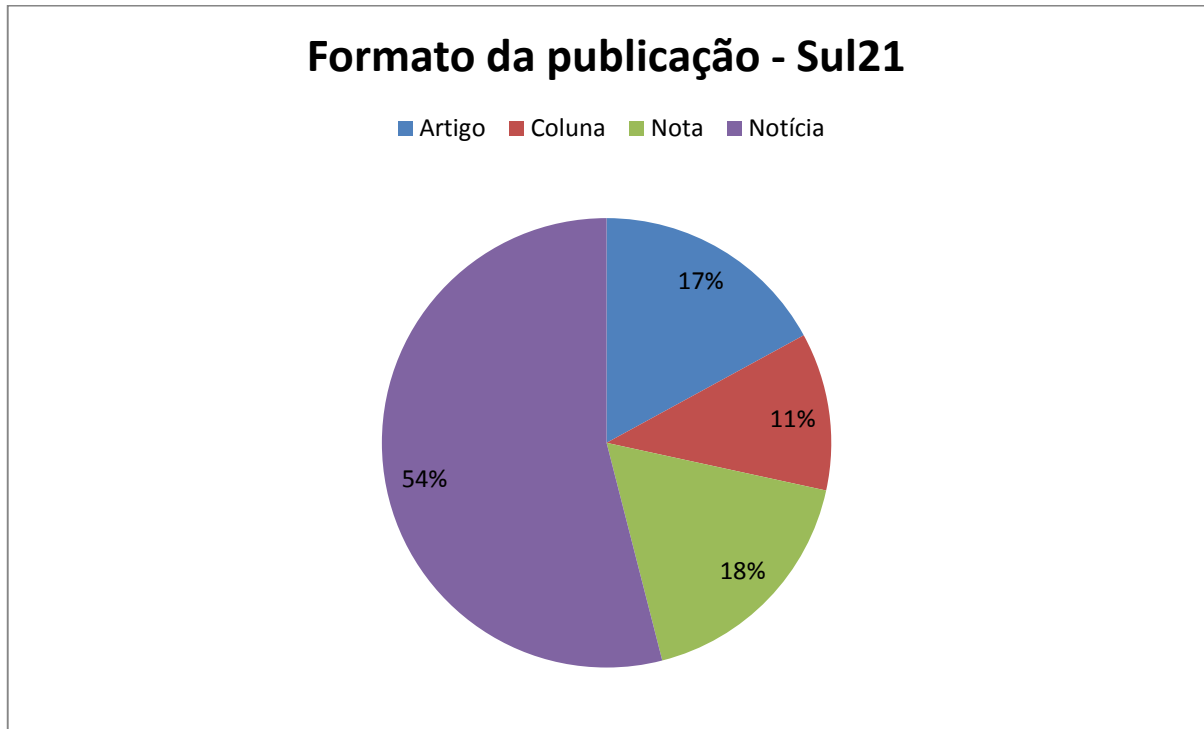
**Gráfico 3 – Formatos de publicação verificados no jornal *Diário Gaúcho* – números proporcionais**



Fonte: autoria própria

No caso do *Diário Gaúcho*, o formato de publicação que predomina é a notícia (39 resultados ou 67%), seguida da nota (17 resultados ou 29%) e da coluna (02 resultados ou 4%). Há predominância evidente de formatos que privilegiam a descrição dos fatos, em detrimento de textos opinativos ou analíticos.

**Gráfico 4 – Formatos de publicação verificados no jornal *Sul21* – números proporcionais**



Fonte: autoria própria

Quanto à cobertura do jornal *Sul21*, o formato de publicação que predomina é a notícia (94 resultados ou 54%), seguida da nota (31 resultados ou 18%), do artigo (30 resultados ou 17%) e da coluna (20 resultados ou 11%). Verifica-se, igualmente, predominância de textos descritivos dos fatos sobre textos opinativos ou analíticos; ainda assim, identifica-se uma distribuição relevante na variedade de formatos.

### **6.3. Distribuição temática das manchetes**

A seguir, serão representadas graficamente as temáticas presentes nas manchetes dos materiais dos três jornais pesquisados. Para tanto, foram selecionadas, dentre as publicações que compõem o *corpus* de dados da pesquisa, as notas e as notícias, pois estes formatos são caracterizados por possuírem conteúdo descritivo dos fatos e são, por isso, representativos do modo como foi realizada a cobertura dos protestos pelos jornais selecionados. Os demais formatos possuem caráter opinativo e individual (colunas e artigos) ou expressam posicionamentos do jornal (cartas do editor e editoriais), de modo que as informações constantes nestes formatos são insuficientes para que se verifique quais os enquadramentos formulados pelo veículo a respeito do fenômeno estudado.



A partir da exploração do material, foram identificadas 05 temáticas predominantes nas manchetes dos jornais:

*Processo de negociação do valor da passagem:* publicações que relatam o processo formal de negociação do valor da tarifa de ônibus. Exemplos: “Aumento da passagem em Porto Alegre passa por explicações ao TCE” (*Sul21*, 15/01/2013); “TCE abre auditoria sobre tarifa de ônibus” (*Diário Gaúcho*, 04/04/2013); “Queda na Justiça: Liminar reduz tarifa para R\$ 2,85” (*Zero Hora*, 05/04/2013).

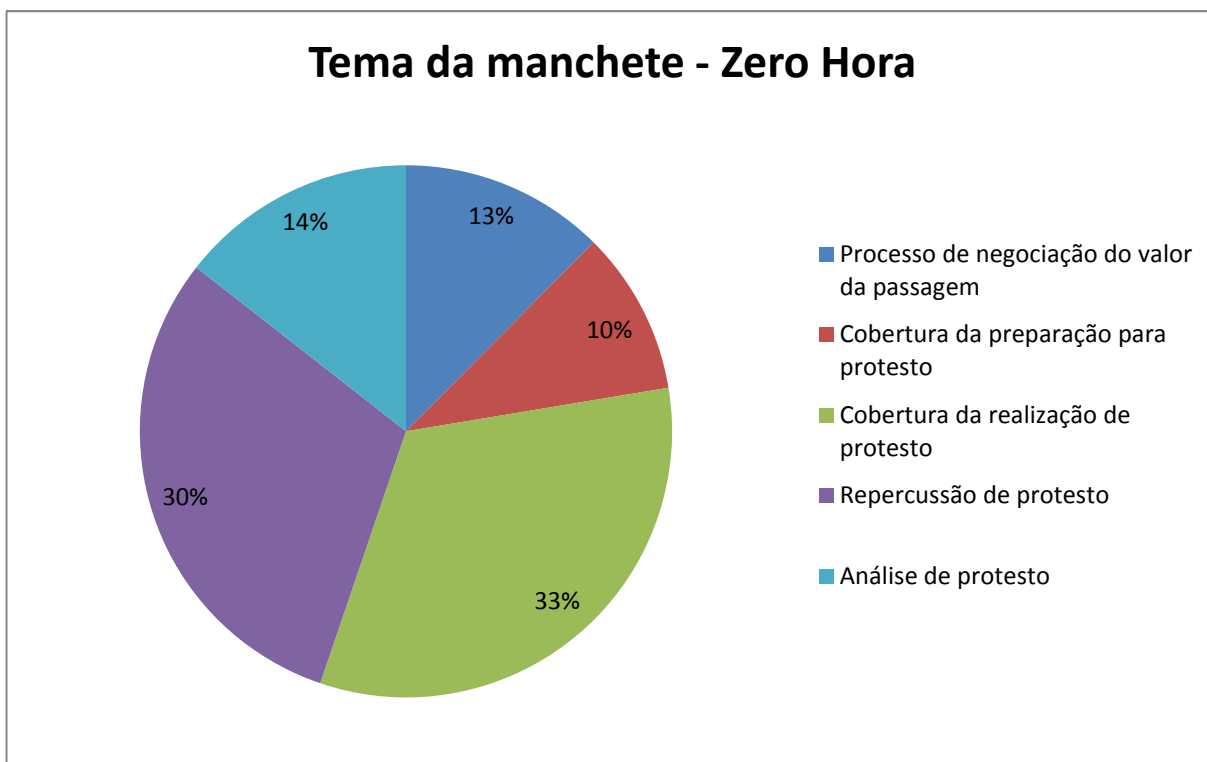
*Cobertura da preparação para protesto:* informação de que o protesto ocorrerá, ou descrição dos atos preparatórios que estão sendo executados para a realização de manifestação. Exemplos: “Novo protesto contra aumento da passagem ocorre nesta quinta em Porto Alegre” (*Sul21*, 12/06/2013); “Tensão antes de novo protesto” (*Diário Gaúcho*, 01.04.2013); “Protesto na capital: encontro será na Praça da Matriz” (*Zero Hora*, 27/06/2013).

*Cobertura da realização de protesto:* publicações que descrevem a ocorrência de protesto pelo transporte público. É descrito o modo como o protesto como ocorreu. Exemplos: “Protesto contra aumento da passagem mobiliza centenas em Porto Alegre” (*Sul*, 25/01/2013); “Baderna contra nova tarifa” (*Diário Gaúcho*, 28/03/2013); “Protesto e comemoração sob aguaceiro” (*Zero Hora*, 05/04/2013).

*Repercussão do protesto:* publicações em que são narradas as repercussões da realização do protesto. São descritas situações decorrentes dos protestos. Exemplos: “José Fortunati diz que protesto contra o aumento da passagem foi ‘baderna’” (*Sul21*, 28/03/2013); “Prejuízo gerado no último protesto em Porto Alegre chega a R\$ 752 mil, diz prefeitura” (*Sul21*, 19/06/2013); “Quatro indiciados por protesto na prefeitura” (*Diário Gaúcho*, 11/05/2013); “Protestos: violência será investigada” (*Diário Gaúcho*, 16/06/2013).

*Análise do protesto:* publicações de viés analítico, que buscam avaliar a conjuntura de ocorrência dos protestos. Exemplos: “Protestos em Porto Alegre são respostas à restrição do espaço público, afirmam sociólogos” (*Sul21*, 04/04/2013); “Anarquistas expõem sua visão sobre protestos pela redução da passagem em POA” (*Sul21*, 23/04/2013); “O povo à porta: protestos expõem surdez política” (*Zero Hora*, 23/06/2013).

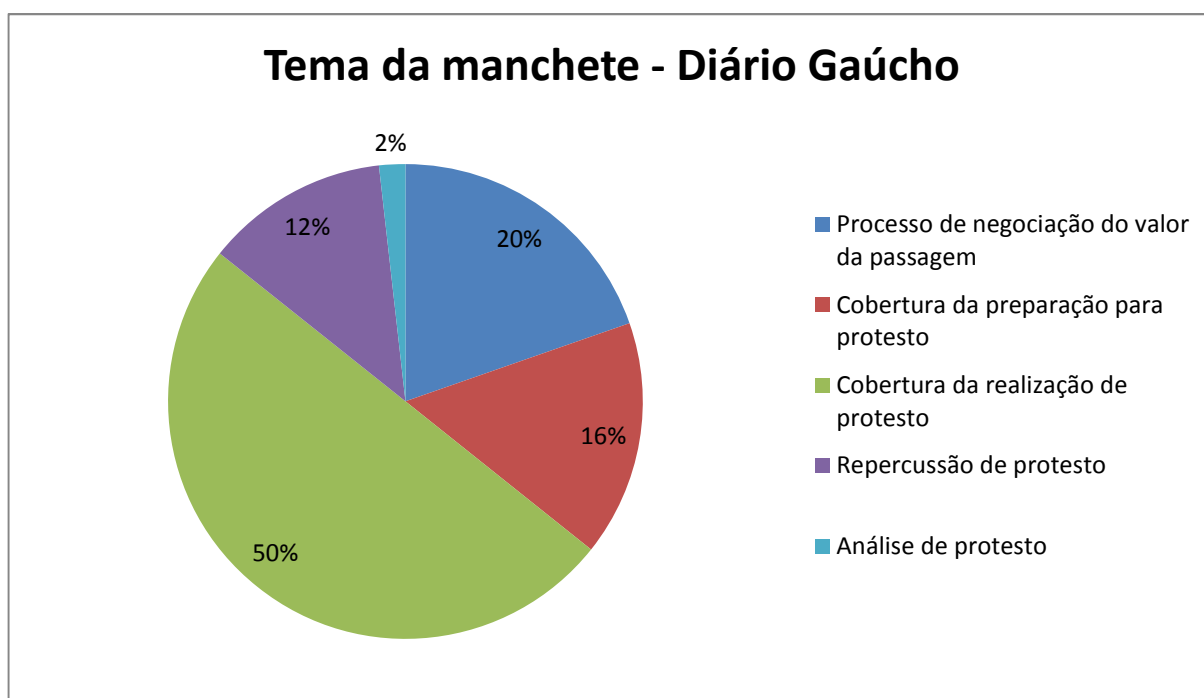
**Gráfico 5 – Temas predominantes nas manchetes do jornal *Zero Hora* – números proporcionais**



Fonte: autoria própria

Em *Zero Hora*, o tema predominante é a cobertura da realização de protesto (66 resultados ou 33%), seguido de manchetes de repercussão de protesto (61 resultados ou 30%); posteriormente, os temas preponderantes são a análise de protesto (29 resultados ou 14%), o processo de negociação do valor da passagem (25 resultados ou 13%) e a cobertura da preparação para protesto (20 resultados ou 10%).

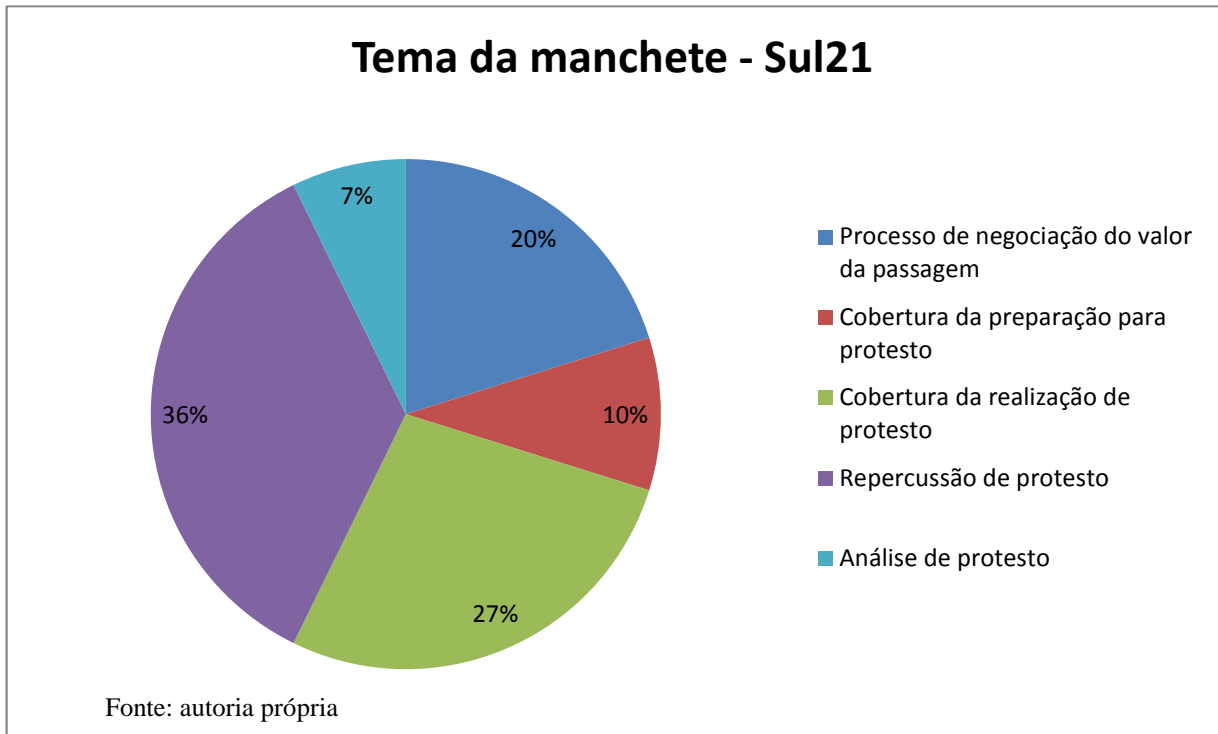
**Gráfico 6 – Temas predominantes nas manchetes do jornal *Diário Gaúcho* – números proporcionais**



Fonte: autoria própria

Quanto às manchetes do *Diário Gaúcho*, predomina o tema da cobertura da realização de protesto (28 resultados ou 50%); posteriormente, é identificado o tema do processo de negociação do valor da passagem (11 resultados ou 20%), seguido da cobertura da preparação para protesto (09 resultados ou 16%), da repercussão de protesto (07 resultados ou 12%) e da análise de protesto (01 resultado ou 2%).

**Gráfico 7 – Temas predominantes nas manchetes do jornal *Sul21* – números proporcionais**



No caso de *Sul21*, predomina o tema da repercussão de protesto (44 resultados ou 36%), seguido pela cobertura da realização de protesto (34 resultados ou 27%); a seguir, verificam-se os temas do processo de negociação do valor da passagem (25 resultados ou 20%), da cobertura da preparação para protesto (12 resultados ou 10%) e da análise de protesto (09 resultados ou 7%).

#### **6.4. “Valências” das manchetes em relação aos(às) manifestantes**

Como forma de quantificar, preliminarmente, o conteúdo presente nas manchetes dos materiais da pesquisa, optou-se pela realização de análise de “valência” das manchetes. Tal análise consiste em identificar a valoração que é realizada pelo texto jornalístico a respeito de determinado tema, pela atribuição de características positivas, negativas ou “neutras” a atores, situações, instituições, etc. A variável “valência” também é utilizada na literatura por meio do termo “estimação” (MARINKOVA, STEIBEL; 2013).

A quantificação da “valência” do conteúdo jornalístico consiste em um método utilizando com frequência em estudos de mídia, com destaque para pesquisas em comunicação política (BUCY; HOLBERT, 2011) e para pesquisas de metodologia mista, por meio da combinação de métodos quantitativos e qualitativos de análise de dados. De qualquer

modo, estudos demonstram que a quantificação da “valência” do conteúdo jornalístico apresentam importantes limitações, devendo o uso desta técnica ser moderado e contextualizado (MARINKOVA, STEIBEL; 2013). Isso porque a determinação sobre quais conteúdos podem ser classificados como positivos, negativos ou “neutros” consiste em uma escolha do pesquisador, atrelada à subjetividade deste. Além disso, a quantificação de elementos textuais apenas fornece parâmetros iniciais de análise e não substitui a análise qualitativa dos dados.

A quantificação da “valência” das manchetes, no presente estudo, leva em consideração as referidas limitações, de modo que se adota a técnica com cautela. Por esse motivo, a quantificação restringe-se ao conteúdo das manchetes (e não ao conteúdo integral) das notas e notícias que compõem a base de dados.<sup>96</sup> Além disso, essa técnica tem como objetivo oferecer um indicativo inicial sobre quais os enquadramentos preponderantes do tema e consiste, portanto, em um elemento a ser avaliado (confirmado ou refutado) pela análise qualitativa dos dados. Ainda, é importante ressaltar que foram consultadas, como parâmetro, pesquisas que lançaram mão desse recurso, no estudo da cobertura jornalística às manifestações de 2013, no Brasil (INTERVOZES, 2014).

Na presente pesquisa, a escolha dos critérios para a delimitação da “valência” das manchetes operou-se por meio da exploração da base de dados. O conteúdo estipulado como referência, para que se verificasse a estimativa realizada a respeito dele, foi a “ação dos(as) manifestantes”, ou seja, é sobre esta que incide a variável “valência”. Com base na exploração do *corpus* de dados, foram construídos os seguintes critérios, a respeito do modo como as manchetes qualificaram a ação dos(as) manifestantes:

*Valoração positiva:*

Tamanho da manifestação: o número de manifestantes e/ou de protestos é tido como alto e utilizado para demonstrar a grandiosidade do evento. Exemplos: “Milhares de pessoas lotam as ruas do centro de Porto Alegre contra o aumento da passagem” (*Sul21*, 02.04.2013); “Protestos em vários rincões” (*Diário Gaúcho*, 21.06.2013); “Um dia para o Brasil protestar”

---

<sup>96</sup> A escolha por restringir a quantificação da “valência” a manchetes de notas e notícias é justificada pelo mesmo motivo que justificou tal escolha no item “Distribuição temática das manchetes”. Além disso, a quantificação excluiu notas/notícias cuja temática é o processo de negociação do valor da passagem, pois, nestes casos, não há centralidade da descrição da ação dos(as) manifestantes.

(*Diário Gaúcho*, 12.07.2013); “Protestos em série: uma corrente nacional” (*Zero Hora*, 16.06.2013); “Milhares sob chuva e frio” (*Zero Hora*, 21.06.2013).

Adjetivação da manifestação: adjetivação dos(as) manifestantes ou do protesto ligada às ideias de festividade e de solidariedade. Exemplos: “Após liminar da Justiça, protesto contra aumento da passagem vira festa no meio da chuva” (*Sul21*, 05.04.2013); “Festa: pãozinho volta à mesa” (*Diário Gaúcho*, 05.04.2013); “Movimentos sociais e moradores da periferia caminham juntos na Vila Cruzeiro” (*Sul21*, 05.07.2013); “Jovens unidos por uma causa” (*Zero Hora*, 03.04.2013); “Protesto e comemoração sob aguaceiro” (*Zero Hora*, 05.04.2013).

Justificação da ação dos(as) manifestantes: manifestantes têm resultados concretos e tidos como positivos ou questionam a ação de outros atores; manifestantes são vítimas de violência. Exemplos: “Protestos em Porto Alegre são resposta à restrição do espaço público, afirmam sociólogos” (*Sul21*, 04.04.2013); “Manifestantes denunciam excessos da polícia nos últimos protestos em Porto Alegre” (*Sul21*, 20.06.2013); “Panela de pressão: Acuado, o poder público reagiu” (*Zero Hora*, 30.06.2013); “Lula exalta protestos” (*Zero Hora*, 19.07.2013); “Depois dos protestos: ativistas reagem a ação da polícia” (*Zero Hora*, 02.10.2013).

*Valoração negativa:*

Tamanho da manifestação: relato de que a manifestação é pequena, ou de que estaria ocorrendo um arrefecimento nas manifestações. Exemplos: “Baixa adesão: atos em ruas e estradas do país” (*Zero Hora*, 12.06.2013); “A voz das ruas: o gigante adormeceu?” (*Zero Hora*, 07.07.2013).

Qualificação dos(as) manifestantes com adjetivos pejorativos ou referência à falta de vínculos de solidariedade. Exemplos: “Para OAB-RJ, manifestação no Rio teve ‘traços de fascismo’” (*Sul21*, 18.07.2013); “Tensão antes de novo protesto” (*Diário Gaúcho*, 01.04.2013); “Protestos abusivos” (*Zero Hora*, 28.03.2013); “Racha e expulsões no Bloco de Lutas” (*Zero Hora*, 20.09.2013).

Ligação da manifestação à realização de atos que causam transtornos à ordem da cidade: transtornos ao trânsito, atos de violência contra pessoa, atos de depredação, etc. Exemplos: “Transtorno no trânsito: passagem e disputas paralisam a capital” (*Zero Hora*, 20.02.2013); “Protesto bloqueia trecho da Ipiranga, na capital” (*Zero Hora*, 26.03.2013); “Prefeitura estima que prejuízo causado pelo protesto do dia 27 passa de R\$ 30 mil” (*Sul21*, 04.04.2013); “Entre gritos e caos” (*Diário Gaúcho*, 23.06.2013); “Protesto e vandalismo” (*Diário Gaúcho*, 14.06.2013); “Atos de vandalismo” (*Zero Hora*, 14.06.2013).

*Valoração ambivalente, ambígua ou sem apreciação:*<sup>97</sup>

Ambivalência: descrição de fatores positivos e negativos na ação dos(as) manifestantes. Exemplos: “Protesto em Porto Alegre tem multidão nas ruas e forte confronto com a polícia” (*Sul21*, 14.06.2013); “Autoridades gaúchas dizem que ação em protesto foi adequada; advogados relatam abusos” (*Sul21*, 18.06.2013); “Democracia e conflitos: Manifestações em 11 capitais do país” (*Zero Hora*, 18.06.2013).

Ambiguidade: descrição que poderia ser considerada tanto negativa, quanto positiva, em relação à ação dos(as) manifestantes, a depender do contexto. Exemplos: “O Brasil sacode” (*Zero Hora*, 21.06.2013), “No Rio: foi hora do V de vinagre” (*Zero Hora*, 21.06.2013); “O que esperar? Quando as massas invadem as ruas” (*Zero Hora*, 24.06.2013).

Ocorrência de protesto, sem apreciação: descrição que se restringe a dizer que ocorre uma manifestação e/ou qual(is) era(m) a(s) pauta(s). Exemplos: “Manifestantes realizam novo protesto contra aumento da passagem em Porto Alegre” (*Sul21*, 18.02.2013); “Começo da semana: aumento e protesto na pauta do dia” (*Zero Hora*, 25.03.2013).

Repercussão de protesto, sem apreciação: relato de que ocorreram repercussões e/ou foram feitas análises sobre os protestos, mas estes não são adjetivados. Exemplos: “Protestos contra aumento da tarifa repercutem na imprensa internacional” (*Sul21*, 13.06.2013); “Protesto ecoa na Assembleia” (*Zero Hora*, 27.03.2013); “Reflexos dos protestos” (*Zero Hora*, 22.07.2013).

*Não aplicável:*

Não é feita qualquer referência, mesmo que de forma indireta, à ação dos(as) manifestantes; os(as) manifestantes não são atores da manchete. Exemplos: “Brigada Militar realiza reunião para tratar das manifestações em Porto Alegre” (*Sul21*, 17.04.2013); “Crise partidária: um levante sem políticos” (*Zero Hora*, 18.06.2013); “Conveniente surdez” (*Zero Hora*, 19.06.2013).

---

<sup>97</sup> Embora estudos (MARINKOVA, STEIBEL; 2013) utilizem o termo “neutra” para manchetes que não são classificadas como positivas ou negativas, entende-se que a utilização dos termos “ambivalente, ambígua ou sem apreciação” é mais abrangente e tensiona a possibilidade de estabelecimento de pontos vista “neutros” sobre a realidade.

A partir destes critérios, a quantificação da “valência” das manchetes, relativamente à ação dos(as) manifestantes, teve o seguinte resultado, em números totais e percentuais:

**Tabela 2 – “Valência” das manchetes em relação à ação dos(as) manifestantes – números totais e percentuais**

“Valência” da ação dos(as) manifestantes – números totais e percentuais								
	Positiva		Ambivalente, ambígua ou sem apreciação		Negativa		Total	
<i>Zero Hora</i>	37	24%	42	27%	75	49%	<b>154</b>	<b>100%</b>
<i>Diário Gaúcho</i>	04	10%	14	34%	23	56%	<b>41</b>	<b>100%</b>
<i>Sul21</i>	25	26%	42	43%	30	31%	<b>97</b>	<b>100%</b>

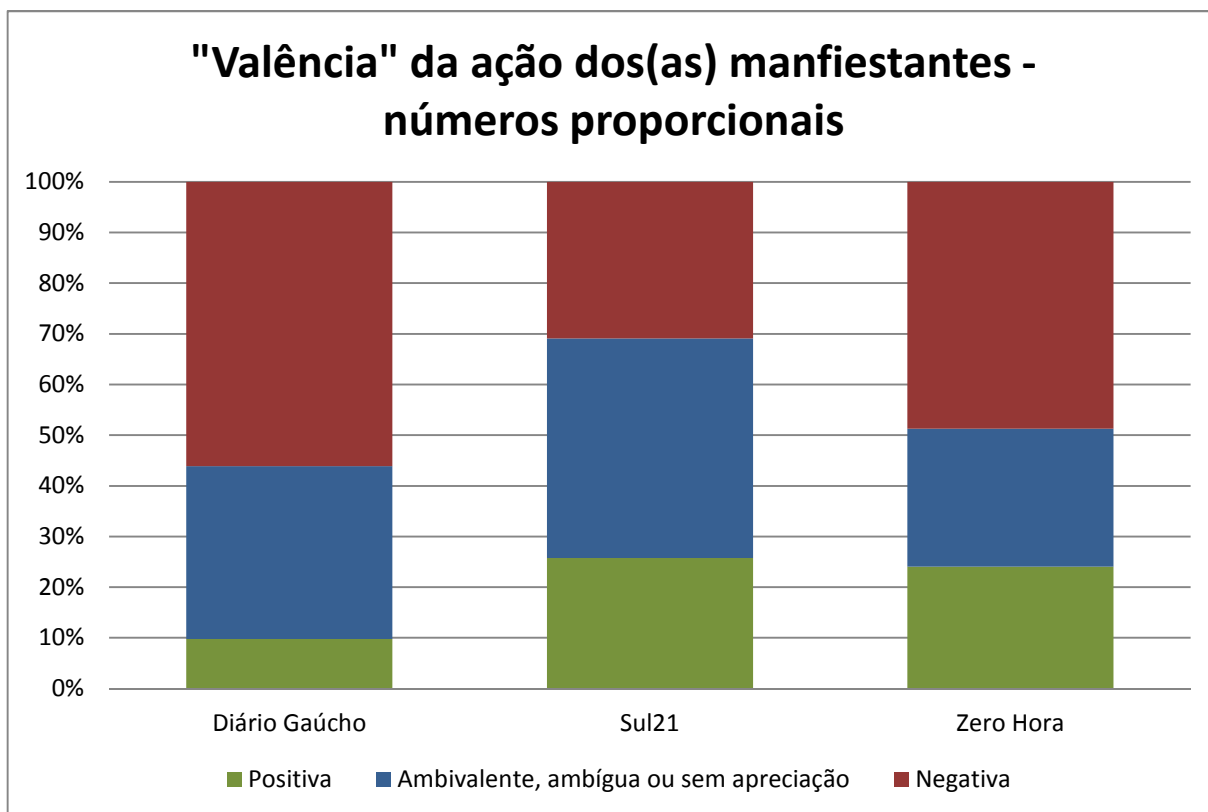
Fonte: autoria própria

Conforme se extrai da Tabela 2, *Zero Hora* teve a prevalência de manchetes negativas (75 resultados ou 49%), seguidas de ambivalentes, ambíguas ou sem apreciação (42 resultados ou 27%) e de positivas (37 resultados ou 24%). O *Diário Gaúcho* teve a prevalência de manchetes consideradas negativas em relação à ação dos(as) manifestantes (23 resultados ou 56%); a seguir, verificam-se manchetes ambivalentes, ambíguas ou sem apreciação (14 resultados ou 34%) e positivas (04 resultados ou 10%). Já na cobertura do *Sul21*, prevalece a presença de manchetes ambivalentes, ambíguas ou sem apreciação (42 resultados ou 43%) e posteriormente são identificadas manchetes negativas (30 resultados ou 31%) e positivas (25 resultados ou 26%).

Abaixo, são demonstradas, em forma de representação gráfica, as diferenças percentuais na “valência” das manchetes dos três jornais:



**Gráfico 8 – “Valência” da ação dos(as) manifestantes – números proporcionais**

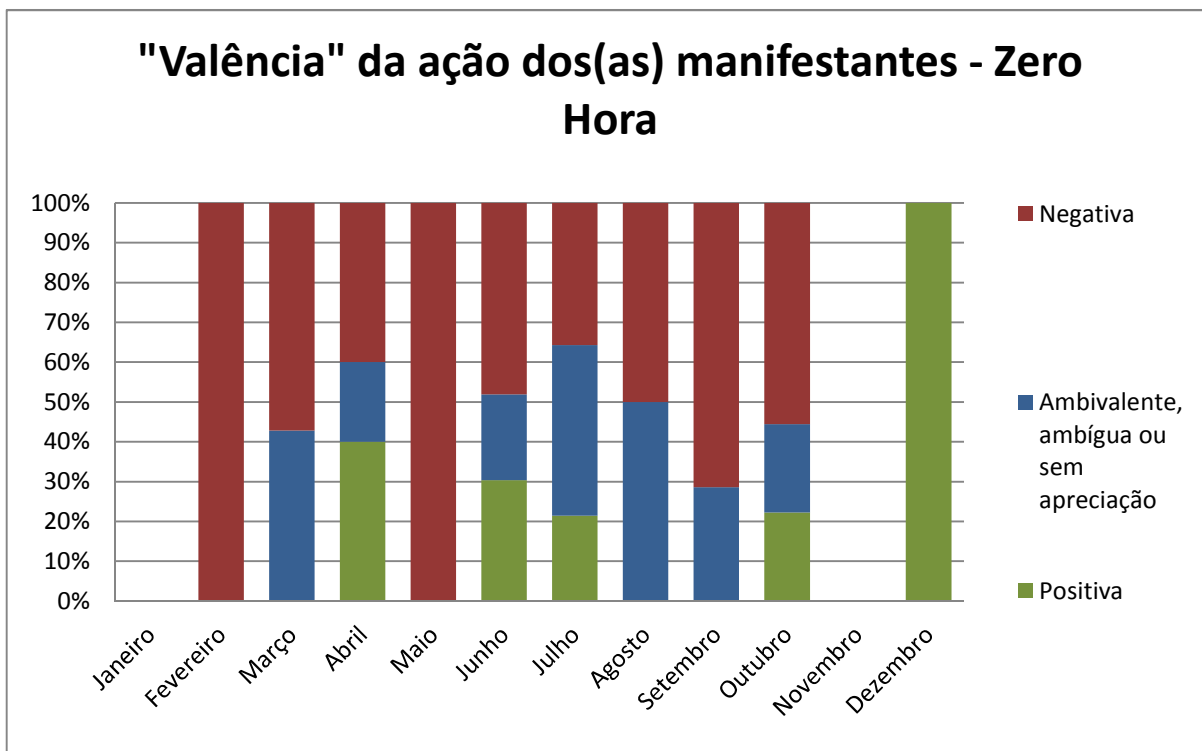


Fonte: autoria própria

O Gráfico 8 permite a visualização da predominância, nas manchetes dos jornais *Diário Gaúcho* e *Zero Hora*, de uma interpretação negativa da ação dos(as) manifestantes, embora *Zero Hora*, comparativamente com o *Diário Gaúcho*, tenha produzido mais manchetes positivas. Por outro turno, identifica-se, no jornal *Sul21*, prevalência de interpretações ambivalentes, ambíguas ou sem apreciação valorativa da ação dos(as) manifestantes, bem como equilíbrio na proporção entre manchetes negativas e positivas. Esses números indicam importantes diferenças na cobertura de cada um dos jornais. De modo geral, *Zero Hora* e *Diário Gaúcho* demonstram a tendência de construção de interpretações negativas à ação dos manifestantes; por outro turno, a prevalência de manchetes ambivalentes, ambíguas ou sem apreciação no *Sul21* aponta uma cobertura distinta do veículo em relação aos demais, com interpretações mais favoráveis aos(às) ativistas.

Entre os Gráficos 9 e 11, são representadas as distribuições mensais das manchetes dos três jornais, no que se refere à valoração da ação dos(as) manifestantes:

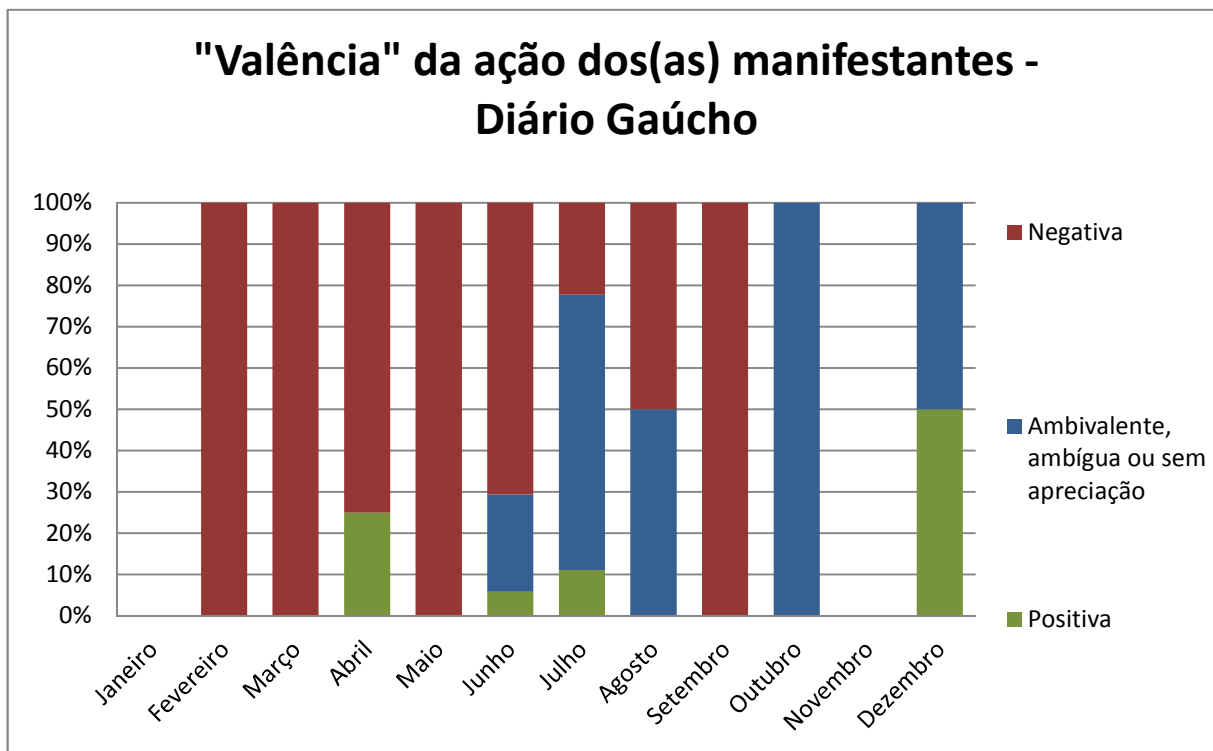
**Gráfico 9 – Distribuição mensal da “valência” da ação dos(as) manifestantes – *Zero Hora* – números proporcionais**



Fonte: autoria própria

Nas manchetes do jornal *Zero Hora*, identifica-se, entre janeiro e maio, predominância de valoração negativa da ação dos(as) manifestantes, com exceção do mês de abril, em que há equilíbrio entre interpretações positivas e negativas. Entre os meses de junho e julho, verifica-se o crescimento na proporção de manchetes positivas e ambivalentes, ambíguas ou sem apreciação, em relação à quantidade de interpretações negativas. Entre os meses de agosto e outubro, manchetes de valoração negativa voltam a prevalecer. Em novembro, não são identificadas publicações, enquanto em dezembro consta apenas uma publicação, de valoração positiva.

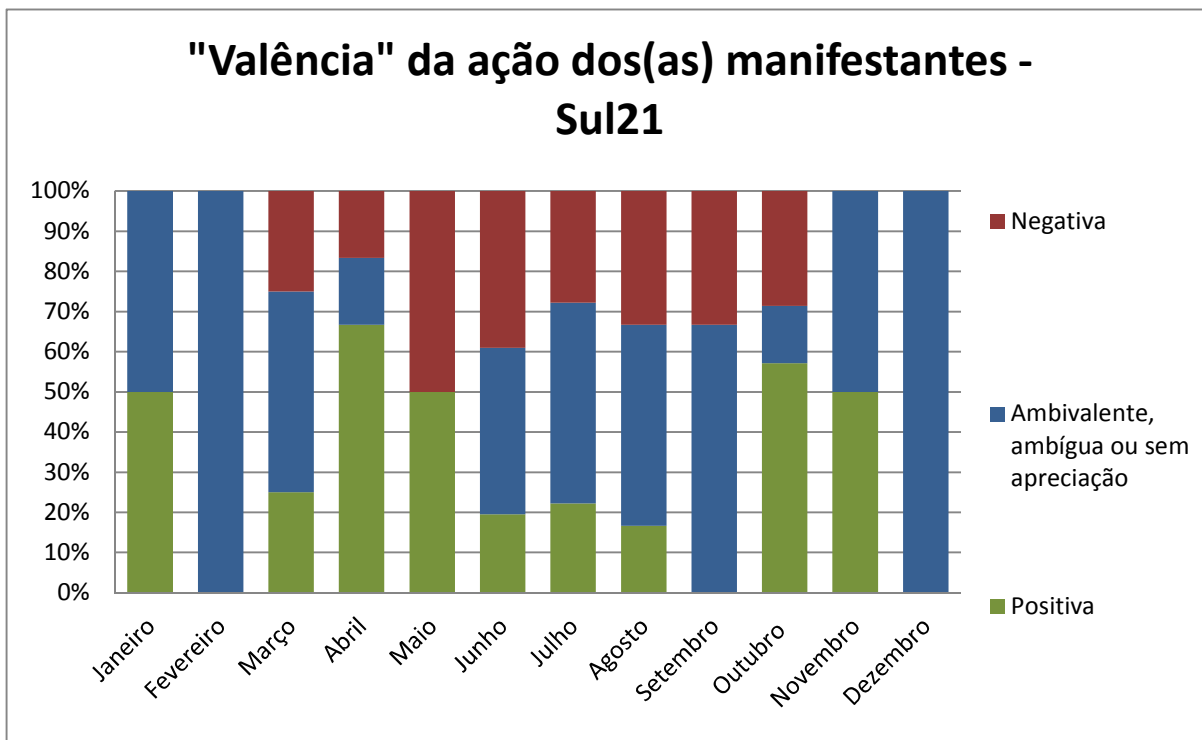
**Gráfico 10 – Distribuição mensal da “valência” da ação dos(as) manifestantes – *Diário Gaúcho* – números proporcionais**



Fonte: autoria própria

Nas manchetes do jornal *Diário Gaúcho*, verifica-se alta predominância de interpretações negativas nos primeiros meses do ano, até maio. Entre os meses de junho e julho, identifica-se o crescimento na proporção de manchetes ambivalentes, ambíguas ou sem apreciação valorativa, embora interpretações negativas ainda predominem. A partir do mês de agosto, até dezembro, estabelece-se certo equilíbrio na proporção de manchetes negativas e ambivalentes, ambíguas ou sem apreciação. A proporção de interpretações positivas, ao longo do ano, é muito baixo, apesar de sua ocorrência estar concentrada no mês de abril e entre os meses de junho e dezembro.

**Gráfico 11 – Distribuição mensal da “valência” da ação dos(as) manifestantes – Sul21 – números proporcionais**



Fonte: autoria própria

No caso do *Sul21*, a distribuição mensal da “valência” das manchetes indica, de forma geral, a predominância, ao longo do ano, de conteúdos ambivalentes, ambíguos ou sem apreciação valorativa. Embora, considerando-se o ano inteiro, a proporção entre manchetes negativas e positivas seja equilibrada, identificam-se períodos em que interpretações positivas predominam sobre as negativas (de janeiro a maio; de outubro a dezembro), assim como um período em que interpretações negativas predominam sobre as positivas (de junho a setembro).

## 6.5. Tendências de cobertura

A partir dos dados acima descritos, podem ser apontadas algumas tendências na cobertura de cada um dos jornais ao ciclo de protestos. Tais resultados constituem indicativos, a serem confirmados ou refutados quando da análise do conteúdo das notícias, no capítulo seguinte do trabalho.

*Zero Hora* caracteriza-se por ser, dentre os veículos estudados, *aquela que mais produziu conteúdo sobre as manifestações de 2013*. Ainda, é apresentada *grande amplitude*

*de formatos do material jornalístico.* Um dos fatores explicativos a serem considerados para estas questões é a maior infraestrutura de *Zero Hora* em relação aos demais veículos midiáticos da pesquisa. Predomina a *presença de conteúdo descritivo dos fatos (notícias), em detrimento de textos analíticos ou opinativos.* Como temas centrais da cobertura, destacam-se a realização de protestos e a repercussão dos eventos. Quanto à “valência”, *identifica-se um processo de alternância na valoração dos(as) manifestantes, com o crescimento, nos meses de abril, junho e julho, de manchetes positivas e ambivalentes, ambíguas ou sem apreciação, em relação à quantidade de interpretações negativas (no restante do ano, a valoração negativa é preponderante).*

No caso do *Diário Gaúcho*, verifica-se uma *baixa quantidade de publicações em relação aos demais jornais.* Quanto aos formatos de publicação, há *grande predomínio de conteúdo descritivo dos fatos (notícias e notas somadas equivalem a 96% do total), em detrimento de textos analíticos ou opinativos.* Como tema central das manchetes, destaca-se a cobertura da realização de protestos. Esses resultados, em conjunto, confirmam as já apontadas características do *Diário Gaúcho*, como jornal de linguagem menos analítica e mais sintética, voltada para a descrição factual de acontecimentos. Ainda, no que se refere ao indicador de “valência”, os dados demonstram processo análogo ao de *Zero Hora*, no sentido de que, *nos meses de junho e julho, manchetes ambivalentes, ambíguas ou sem apreciação crescem em proporção (no restante do ano, manchetes negativas possuem ampla prevalência; conteúdo positivo pouco se identifica).* Tanto em *Zero Hora* quanto no *Diário Gaúcho*, portanto, o critério “valência” indica uma interpretação negativa da ação dos(as) manifestantes, com mudanças ocorridas em momentos específicos do ano.

Na cobertura do *Sul21*, a *quantidade de material publicado, considerando-se a pequena estrutura física e de recursos humanos do jornal, pode ser avaliada como alta, com o predomínio relativo de conteúdo descritivo dos fatos (notícia).* Identifica-se uma amplitude maior de formatos do material jornalístico em relação ao *Diário Gaúcho*, ainda que, em comparação com *Zero Hora*, a multiplicidade de formatos adotados seja menor. Como temas centrais da cobertura, assim como em *Zero Hora*, destacam-se a realização de protestos e a repercussão dos eventos. Quanto à “valência” das manchetes, *verifica-se a manutenção da predominância, ao longo do ano, de conteúdos ambivalentes, ambíguos ou sem apreciação valorativa (assim, não ocorre mudança análoga às de Zero Hora e Diário Gaúcho).* Em um momento específico do ano, porém (entre junho e setembro), há um sensível aumento da proporção de valorações negativas. O resultado do critério “valência” aponta uma

*interpretação mais positiva da ação dos manifestantes por Sul21 comparativamente a Zero Hora e Diário Gaúcho, o que corrobora com o caráter “de esquerda” vinculado ao jornal.*

## 7. A CONSTRUÇÃO CRONOLÓGICA DE ENQUADRAMENTOS INTERPRETATIVOS

O presente capítulo tem como objetivo apresentar a análise de conteúdo das notícias publicadas por *Zero Hora*, *Diário Gaúcho* e *Sul21*, acerca dos protestos dos dias 27 de março de 2013, 04 de abril de 2013, 13 de junho de 2013 e 20 de junho de 2013, em Porto Alegre, além das notícias de retrospectiva produzidas por cada um dos jornais. Considerando-se que uma ampla gama de conteúdos informativos, em diversos formatos, foi produzida pelos jornais a respeito dos protestos, foram selecionadas, para análise, apenas as notícias que tiveram como tema a cobertura dos acontecimentos transcorridos nos referidos eventos. Todas as notícias analisadas neste capítulo podem ser consultadas na seção de “Anexos” do trabalho.

Para organização da análise, o capítulo é subdividido cronologicamente, com subcapítulos específicos, destinados às datas de protesto. Relativamente a cada um dos eventos de protesto, são abordadas três dimensões de análise, baseadas no conteúdo das notícias e nos referenciais teóricos que guiam a pesquisa: a identidade dos(as) manifestantes; a caracterização da(s) reivindicação(ões) do protesto; as interações entre manifestantes e policiais. Ao final de cada subcapítulo, são apresentadas, em formato e diagrama, sistematizações das coberturas dos jornais.

### 7.1. “Grande protesto” ou “baderna”? O protesto do dia 27 de março de 2013

O protesto do dia 27 de março é caracterizado pelo aumento do número de ativistas, em relação aos primeiros atos contra o aumento da passagem, no ano de 2013. Naquele momento, o valor da tarifa havia passado de R\$ 2,85 para R\$ 3,05. Uma ocorrência importante do protesto consiste na tensão entre manifestantes e policiais, com destaque para o desentendimento entre ativistas e o Secretário de Governança da cidade à época, César Busatto. As notícias analisadas são: “Ataque à prefeitura: Pedras e baderna na Capital” (*Zero Hora*); “Baderna contra nova tarifa” (*Diário Gaúcho*); “Revolta contra aumento da passagem gera grande protesto em Porto Alegre” (*Sul21*).

#### 7.1.1. Identidade dos(as) manifestantes

a) *Zero Hora*

Dentre os jornais selecionados para o estudo, *Zero Hora* destaca-se como aquele que mais espaço dedica à caracterização dos(as) manifestantes. Logo após a manchete da notícia, é referido que “grupo de esquerda comandou manifestação contra aumento da passagem de ônibus, ontem à noite, no centro de Porto Alegre”. Ao longo do texto, busca-se detalhar quais seriam os grupos que compuseram as “centenas de pessoas” presentes no protesto, bem como se faz referência ao modo de convocação (redes sociais) nos seguintes termos:

“O protesto [...] foi convocado via Facebook por *estudantes e jovens ligados ao PSOL, PT, PSTU e radicais anarquistas*. Agregados, eles formaram o Bloco de Luta pelo Transporte Público.

O grupo não se limita à união de universitários. Desde janeiro, está encorpado pelo apoio de *alas de funcionários das concessionárias do transporte público (grifos nossos)*”.<sup>98</sup>

O jornal enfatiza a ligação de manifestantes a partidos políticos de esquerda (PSOL, PT, PSTU), embora seja feita a ressalva de que o Bloco de Lutas seria também composto por integrantes não vinculados a partidos políticos, como “estudantes”, “radicais anarquistas” e “alas de funcionários das concessionárias do transporte público”. Ainda assim, a notícia atribui relevância à presença partidária no ato:

“*Bandeiras do PSTU* foram vistas, mas não é hábito a explícita identificação partidária. Nos protestos, costumam se mostrar como integrantes dos chamados coletivos, como o Juntos, *ligado ao PSOL*, que esteve na organização da manifestação. Também se posicionaram à frente do movimento os Diretórios Acadêmicos (DCEs) de PUC e UFRGS, *ambos comandados em conjunto por militantes e simpatizantes do PSOL, PT e PSTU*, além de anarquistas que não permitem a “partidarização” dos protestos (*grifos nossos*)”.<sup>99</sup>

Apesar dessa ênfase, entrevista com Natane Hammarstron, presidenta do DCE da PUCRS à época, expõe o repúdio dos(as) organizadores(as) do ato à vinculação do Bloco de Lutas a partidos políticos específicos:

---

<sup>98</sup> Pedras e baderna na capital. *Zero Hora*, Geral, 28 mar. 2013, p. 54.

<sup>99</sup> Pedras e baderna na capital. *Zero Hora*, Geral, 28 mar. 2013, p. 54.



“Entre os organizadores, é repudiada a ideia do vínculo das manifestações com partidos políticos. [...]”

- São pessoas que se associam livremente ao bloco. Eu não sou do PSOL. No DCE da PUC, temos apenas uma menina do PSOL entre sete pessoas. [...] – argumentou Natane Hammarstron, presidente do DCE da PUC...”<sup>100</sup>

Assim, *Zero Hora* salienta a existência de certa multiplicidade de atores no protesto, embora seja o Bloco de Lutas identificado como o protagonista da manifestação. É narrada, nesse sentido, integração entre os(as) manifestantes em torno do grupo. Ainda, verifica-se o enquadramento dos manifestantes como “grupo de esquerda”, com a busca pela identificação de partidos políticos específicos à frente do protesto (PSOL, PT, PSTU), embora os próprios manifestantes buscassem, segundo a notícia, negar tal vinculação. Dentre as imagens presentes na notícia, consta uma fotografia que retrata a concentração de pessoas no ato:

**Figura 6 – Manifestantes reunidos(as) para realização de protesto**



**Centenas de pessoas participaram do protesto no centro da cidade**

Fonte: Jornal *Zero Hora*, edição impressa, 28/03/2013. Fotografia: Ricardo Duarte.

<sup>100</sup> Pedras e baderna na capital. *Zero Hora*, Geral, 28 mar. 2013, p. 54.

A partir do entrelaçamento entre o conteúdo da notícia e as entrevistas realizadas nesta pesquisa, é confirmada a tentativa de definição acerca de quem seriam os atores presentes na manifestação. Profissionais do veículo afirmam que, inicialmente, não se possuía conhecimento aprofundado sobre os protestos. A fotógrafa Adriana Franciosi relata, a respeito do início do ciclo de manifestações de 2013, que “ninguém estava entendendo muito bem o que estava acontecendo”. Corroborando com essa ideia, o repórter Carlos Rollsing refere que “para todo mundo aquilo lá foi de certa forma bem surpreendente”. A partir dessas circunstâncias, o procedimento adotado pelo veículo midiático, no evento do dia 27 de março, consiste na busca de compreender quais seriam as “lideranças” presentes na manifestação. A esse respeito, a fala de Carlos Rollsing é coerente com o conteúdo da notícia:

**Carlos:** Começou ali com um pessoal que é mais reduzido, um pessoal que é atuante, militante na política, mas que são grupos mais reduzidos, que atuam muito nas universidades, alguns atuam em partidos políticos, outros atuam em coletivos, outros não têm uma atuação específica, mas têm uma ideologia. E era um grupo mais reduzido. No início eram 300, 200, 350, 400 pessoas que começaram a puxar o movimento e tal.

Na medida em que a notícia de *Zero Hora* objetiva uma delimitação da identidade dos atores presentes no evento, a insistência em serem reveladas ligações entre os(as) ativistas e partidos políticos é contraditória à proposta de “horizontalidade” (DOWBOR; SZWAKO, 2013) existente no Bloco de Lutas. A tentativa de identificação de lideranças partidárias naquele momento representa a repetição de um esquema interpretativo baseado em modelos hierárquicos (“verticalizados”). Tal procedimento torna-se ainda mais complexo, na medida em que partidos políticos brasileiros, contemporaneamente, são, com frequência, vinculados a categorias socialmente negativas, como corrupção, imoralidade e descrença.<sup>101</sup> A ligação de movimentos sociais a essas instituições, portanto, tende a tomar a ação coletiva como ilegítima (KOOPMANS; OLZAK, 2004). Ademais, considerando-se que um dos focos centrais da notícia consiste em caracterizar a manifestação sob o termo “baderna”, o procedimento de associação do protesto a “grupos de esquerda” tende a vincular tais grupos à ocorrência de atos de dano a patrimônios.

---

<sup>101</sup> A “crise de representatividade” é inclusive interpretada por parte da literatura com uma das condições disparadoras para o ciclo de protestos de 2013 (LIMA, 2013).

b) *Diário Gaúcho*

A notícia do *Diário Gaúcho* não constrói uma caracterização detalhada acerca da identidade dos(as) manifestantes. Não é descrito quem seriam os atores que protagonizaram o protesto, ou quais grupos comporiam o evento (o Bloco de Lutas Pelo Transporte Público não é citado). A ênfase da notícia recai sobre as interações entre manifestantes e policiais, de modo que os(as) ativistas são descritos(as) na medida em que se vinculam às situações conflitivas do ato. Nesse sentido, os(as) manifestantes são identificados pelo jornal de modo predominantemente negativo, sendo caracterizados, em síntese, pelo termo “revoltados”. Esse conteúdo é ainda reforçado pelas palavras do secretário de Governança, César Busatto (PMDB), o qual classifica, em entrevista publicada pelo jornal, a ação dos manifestantes como “fúria de jovens”, denominado estes como “animais criando guerra”.

Em suma, a notícia do *Diário Gaúcho* constrói, em relação aos(às) manifestantes, uma identidade coletiva ligada à ideia de conflito. Embora o jornal possua um caráter “popular”, não são contextualizadas as situações de “injustiça” e as reivindicações que teriam ocasionado o processo de mobilização.

c) *Sul21*

A notícia do *Sul21* não faz uma descrição detalhada acerca de quem seriam os(as) manifestantes presentes ao ato. Assim, diferentemente de *Zero Hora* (que busca identificar as ligações partidárias dos ativistas e os grupos que compunham o Bloco de Lutas) e do *Diário Gaúcho* (que identifica os manifestantes sob o termo negativo de “revoltados”), a notícia do *Sul21* resume-se a citar a presença de “centenas de manifestantes” ao evento, utilizando-se predominantemente dos termos “manifestantes” e “ativistas” para se referir às pessoas que compareceram ao ato. Não é feita referência ao Bloco de Lutas ou a qualquer outro grupo específico que poderia ser identificado como protagonista do evento. A imagem a seguir consta ao início da notícia e transmite o tamanho e a composição do evento:

**Figura 7 – Manifestantes em marcha**



Protesto desta quarta-feira (27) foi o maior já realizado contra o aumento da passagem em Porto Alegre | Foto: Ramiro Furquim/Sul21

Fonte: <<http://www.Sul21.com.br/jornal/revolta-contr-aumento-da-passage-m-gera-grande-protesto-na-noite-de-porto-alegre/>>. Fotografia: Ramiro Furquim.

Segundo Igor Natusch, editor do *Sul21* durante o ano de 2013, por ser o *Sul21* um jornal considerado de esquerda, voltado para um público que não se sentia representado por narrativas de outros veículos da cidade, já havia um histórico de cobertura de mobilizações sociais em Porto Alegre. Para Igor tal circunstância:

**Igor:**...acabou sendo até certo ponto uma vantagem que a gente teve quando começou a chegar essa... começou 2013 e tudo mais, porque enquanto outros veículos tiveram que fazer um ajuste, a gente já tinha mais ou menos entendido o que se esperava que fosse a cobertura daquele tipo de evento. Então a gente... e isso espero que não soe arrogante, mas nesse sentido a gente estava 2 ou 3 passos na frente da *Zero Hora*, por exemplo, né, que teve que fazer todo um esforço de readequação durante a cobertura. Porque a gente já tinha tido experiências anteriores, no qual a gente já tinha percebido qual era o tipo de cobertura que estava se esperando que fosse feita de eventos como aquele.

[...]

Então foi todo um processo que eu acho que o *Sul21* conseguiu ver de um ponto de observação privilegiado, por já estar atuando na cobertura daqueles eventos quando

outros veículos não estavam. Por ter uma identificação no sentido de conhecimento mesmo, de já saber melhor quais eram os atores envolvidos naquelas disputas. A gente já tinha uma compreensão bem superior à de outros veículos por já estar trabalhando naquilo mais há algum tempo.

Transparece da fala de Igor a ideia de que o *Sul21* possuía conhecimento sobre quais eram os atores envolvidos nos atos de protesto. Nesse sentido, o relato acima mencionado indica a desnecessidade de o *Sul21* mapear quais grupos comporiam os protestos, pois tal informação já havia sido mapeada em coberturas anteriores. Ao mesmo tempo, considerando-se que o público-leitor do jornal compõe-se predominantemente de jovens de Porto Alegre, identificados com pautas de “esquerda”, a fala de Igor transmite a ideia de que seria redundante para o jornal caracterizar quais grupos estariam presentes na manifestação, na medida em que o perfil do público-leitor do *Sul21* seria inclusive aquele predominantemente presente no evento.

De forma diversa da interpretação produzida por *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, *Sul21* enfatiza o tamanho da manifestação (caracterizado como “grande protesto”) e relata o apoio que os(as) manifestantes teriam recebido da população da cidade e de trabalhadores, com a descrição de que, em determinado momento, “muitos moradores [...] abanavam e comemoravam das janelas dos edifícios” e de que “muitos trabalhadores rodoviários [...] transportavam passageiros no corredor de ônibus.”. Assim, a ênfase da notícia, em relação à identidade dos(as) ativistas, é a produção de uma interpretação positiva, com ênfase sobre as interações de solidariedade entre manifestantes e a população da cidade.

### **7.1.2. Caracterização da(s) reivindicação(ões)**

#### *a) Zero Hora*

Quanto à caracterização da demanda da manifestação, a notícia de *Zero Hora* refere que o ato foi realizado “contra o aumento da passagem do ônibus para R\$ 3,05”. Mais especificamente, é afirmado que a bandeira do Bloco de Lutas seria a “redução imediata do valor da passagem de ônibus para R\$ 2,60”. Nesse sentido, a causa do transporte público é reconhecida como a única bandeira presente no ato.

Não é realizada, no texto de *Zero Hora*, contextualização a respeito do histórico dessas reivindicações ou dos acontecimentos que antecederam o protesto (negociação do valor da passagem). Ao final da notícia, apenas é citada a previsão de realização de outras manifestações, “relacionadas à Jornada de Lutas da Juventude Brasileira”, bem como a ocorrência, na manhã do dia 27 de março, em frente à sede do Grupo RBS, de outro ato, “pela ‘democratização dos meios de comunicação’, reforma política e redução da jornada de trabalho, entre outras reivindicações”. Portanto, a descrição da pauta do evento não ocupa posição de destaque da notícia. Outros temas, com destaque para a identificação dos(as) manifestantes e dos seus repertórios, constituem o núcleo temática do texto.

*b) Diário Gaúcho*

Segundo a notícia do *Diário Gaúcho*, a manifestação foi realizada “contra o aumento da tarifa de ônibus em Porto Alegre”, em função do aumento do valor da passagem de R\$ 2,85 para R\$ 3,05. A pauta do protesto é também explicitada quando se faz a referência a uma pichação realizada durante o ato, com o conteúdo “R\$ 3,05 é roubo”. Assim como no caso de *Zero Hora*, não consta contextualização sobre a reivindicação dos manifestantes ou sobre os atos que precederam o evento do dia 27 de março.

*c) Sul21*

No mesmo sentido de *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, a manifestação é identificada como “ato contra o aumento da passagem”. Diferentemente dos demais veículos, porém, a notícia do *Sul21* contém uma breve descrição da ocorrência de protestos que antecederam a manifestação de 27 de março:

“Antes de a passagem aumentar, cinco protestos foram realizados no centro da Capital. Após o aumento – que ocorreu na última quinta-feira (21) e elevou a tarifa de R\$ 2,85 para R\$ 3,05 -, os manifestantes têm realizado praticamente um ato por dia. Até então, o maior deles havia sido na noite de segunda-feira (25), quando



estudantes bloquearam durante quatro horas a avenida Ipiranga, em frente à PUCRS”.<sup>102</sup>

Após a citada contextualização, a notícia expressa que o protesto do dia 27 de março teve “dimensões ainda maiores”, sendo, à época, “o maior já realizado contra o aumento da passagem em Porto Alegre”. Assim, *Sul21* enfatiza que a manifestação teria sido, conforme a manchete da notícia, um “grande protesto”.

### 7.1.3. Interações entre manifestantes e policiais

#### a) *Zero Hora*

A ênfase da notícia de *Zero Hora*, quanto à interação entre manifestantes e policiais, recai sobre o uso de repertórios de dano a patrimônios (identificados sob o termo “depredações”), por parte de ativistas. Essa ênfase é evidenciada já no título da notícia, pois este considera que a Prefeitura foi alvo de “ataque” dos(as) manifestantes, sendo o protesto qualificado como “baderna”, no seguintes termos:

**Figura 8 – Manchete de *Zero Hora* ao protesto de 27 de março**

**ATAQUE À PREFEITURA**  
**Pedras e baderna na Capital**

Fonte: Jornal *Zero Hora*, edição impressa, 28/03/2013.

Posteriormente ao título, na chamada da notícia,<sup>103</sup> em negrito, o “ataque” à Prefeitura igualmente assume destaque, com a descrição da forma como os(as) ativistas teriam atingido

<sup>102</sup> Revolta contra aumento da passagem gera grande protesto em Porto Alegre. *Sul21*, 28 mar. 2013. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/revolta-contr-aumento-da-passagem-gera-grande-protesto-na-noite-de-porto-alegre/>>.

<sup>103</sup> A “chamada da notícia” (*lead*) é o texto, geralmente destacado, que se segue à manchete. Sua função é produzir um resumo do conteúdo da notícia.

o prédio do poder municipal, além da narrativa do conflito entre manifestantes e o Secretário de Governança, César Busatto, o qual classifica o ato como o de “animais querendo guerra”.

**Figura 9 – Chamada de *Zero Hora* na cobertura do protesto de 27 de março**

**A prefeitura de Porto Alegre foi atacada com pedras, bolas de gude, tinta e frutas em manifestação ontem à noite, em protesto contra o aumento do preço das passagens de ônibus.**

**O secretário de Governança da prefeitura, César Busatto, que tentou negociar com centenas de pessoas, foi atingido por tinta na camisa, rosto e cabelo, e definiu o ato como de “animais querendo guerra”.**

Fonte: Jornal *Zero Hora*, edição impressa, 28/03/2013.

Além dessa descrição inicial, a notícia refere que “o ato chegou a manter cerrados dentro do Paço Municipal o vice-prefeito Sebastião Melo, secretários, vereadores e servidores públicos”, assim como relata a “depredação... de viaturas da Guarda Municipal”. Outro elemento que confirma a ênfase do conteúdo da notícia sobre a “baderna” produzida pelos(as) manifestantes é o fato de que, dentre as três imagens que constam na notícia, 02 referem-se a atos de “ataque” atribuídos aos(às) ativistas. A primeira delas é uma imagem de vidros da Prefeitura quebrados, acompanhada de uma legenda em que são calculados os danos materiais causados ao prédio histórico (07 janelas quebradas):



**Figura 10 – Janelas da Prefeitura quebradas**



Durante a confusão, foram arremessadas taquaras, pedras, bolitas e frutas, que quebraram sete janelas de vidro do prédio histórico

Fonte: Jornal *Zero Hora*, edição impressa, 28/03/2013. Fotografia: Ricardo Duarte.

Na segunda imagem, é exposto o Secretário César Busatto, com a camisa manchada de tinta vermelha:

**Figura 11 – Secretário de Governança com a camisa manchada de tinta**



**Secretário de Governança César Busatto foi atingido com tinta**

Fonte: Jornal *Zero Hora*, edição impressa, 28/03/2013. Fotografia: Ricardo Duarte.

Diferentemente do que ocorre no caso dos repertórios dos(as) manifestantes, com a descrição detalhada de atos de “depredação”, a forma como se deu a ação policial durante o protesto não consiste em um conteúdo sobre o qual se detém a notícia. O único momento em que a ação policial é citada ocorre quando se relata que uma ativista foi detida durante o protesto e encaminhada ao Palácio da Polícia. Entretanto, não se descreve o modo como foi efetuada a detenção, assim como não são citados os demais procedimentos utilizados pelo policiamento diante da manifestação (como, por exemplo, o uso de bombas de gás lacrimogêneo).

Como observância ao princípio do contraditório, porém, o texto contém a uma entrevista com uma manifestante (Natane Hammarstron, presidente do DCE da PUCRS à época), e esta, nos termos de *Zero Hora*, busca rejeitar o “carimbo de violentos” eventualmente atribuído aos(às) manifestantes. Segundo as palavras da ativista, publicizadas pelo jornal, “não houve exagero. Vários indivíduos não pertencem ao coletivo e, na hora, tomam essas atitudes (*depredações*) (*grifo no original*)”.

#### b) *Diário Gaúcho*

A cobertura do *Diário Gaúcho* à manifestação, relativamente às interações entre manifestantes e policiais, segue, em termos gerais, o padrão interpretativo de *Zero Hora*. Dentre os repertórios utilizados pelos(as) ativistas, a ênfase recai sobre a descrição de atos “contrários à ordem”, sintetizados, na manchete, igualmente, sob o termo “baderna”, da seguinte forma:

**Figura 12 – Manchete do *Diário Gaúcho* ao protesto de 27 de março.**

**Baderna contra nova tarifa**

Fonte: Jornal *Diário Gaúcho*, edição impressa, 28/03/2013.

A qualificação do protesto sob esta perspectiva é confirmada nas palavras iniciais do texto, as quais enumeram repertórios utilizados pelos(as) manifestantes, sendo essa série de atos definida como o “saldo” das manifestações:

**Figura 13 – Chamada do *Diário Gaúcho* na cobertura do protesto de 27 de março**

Feridos, um detido, pichações, brigas, depredação e vidros da prefeitura quebrados por arremessos de paus, pedras, bolas de gude, taquaras e até frutas. Este foi o saldo de mais uma manifestação contra o aumento da tarifa de ônibus em Porto Alegre – na segunda-feira, passou de R\$ 2,85 para R\$ 3,05. A badema durou cerca de uma hora, no início da noite de ontem.

Fonte: Jornal *Diário Gaúcho*, edição impressa, 28/03/2013.

É narrado, ainda, que “três servidores ficaram feridos, além de um repórter de rádio”, que “duas motos da Guarda Municipal foram derrubadas” e que “centenas de pessoas trancaram a esquina das avenidas Ipiranga e João Pessoa”. Salienta-se que a descrição contida na notícia do *Diário Gaúcho* é sintética. Assim, os repertórios acima dispostos (como “pichações”, “brigas”, “vidros quebrados”) são, de modo geral, apenas citados no texto, inexistindo uma descrição mais detalhada das interações ocorridas no protesto.

O único episódio narrado de modo mais detalhado é a interação entre o Secretário de Governança, César Busatto, e os(as) manifestantes, os quais teriam, segundo a notícia, atingido com tinta rosa, xingado e arrancado os óculos de Busatto. Quanto a essa situação, o jornal publica entrevista com o Secretário, o qual afirma que a manifestação foi “uma fúria de jovens, pareciam animais criando guerra”, qualificando os protestos contra o aumento das passagens como “agressivos”. A caracterização negativa atribuída à ação dos manifestantes é confirmada, na notícia, pelas imagens selecionadas para compor a página do jornal. As três fotografias que ilustram a notícia, acompanhadas de suas respectivas legendas, enfatizam situações de tensão ocorridas ao longo do protesto:



**Figura 14 – Sequência de fotos da cobertura do *Diário Gaúcho* ao protesto de 27 de março**



Fonte: Jornal *Diário Gaúcho*, edição impressa, 28/03/2013. Fotografias: Ricardo Duarte.

Enquanto, em relação aos manifestantes, o foco da notícia recai sobre a realização dessas ações “agressivas”, há, como no caso de *Zero Hora*, um relato sucinto da ação policial. É citado que houve uma pessoa detida, mas não é descrita a forma como se deu essa detenção. Além disso, é entrevistado major da Brigada Militar, o qual relata a necessidade de uso de bombas de gás lacrimogêneo, nos seguintes termos: “– Tivemos de usar bombas de efeito moral – disse o major Luís Ulisses Rodrigues, do 9º BPM”. Essa fala atribui à polícia uma posição de passividade diante da ação dos(as) manifestantes, como se necessariamente a utilização de bombas de gás lacrimogêneo fosse a diretriz policial mais adequada naquelas circunstâncias. Não é dito, assim, quantas bombas foram utilizadas, nem o cabimento da utilização dessas bombas, e o estopim do confronto é identificado como decorrência da ação dos manifestantes. A ação policial, na utilização de bombas de efeito moral, é caracterizada

como mera reação frente à “agressividade” dos manifestantes. Portanto, o relato do major é tomado na notícia enquanto “fala oficial” e legítima, considerando-se também que o ponto de vista dos(as) manifestantes sobre o conflito não foi publicizado.

c) *Sul21*

A notícia do *Sul21* descreve, de forma detalhada, o desenrolar do protesto, com a narrativa, em ordem cronológica, das interações que ocorreram e dos repertórios utilizados pelos atores envolvidos no evento. É narrado que, inicialmente, os(as) manifestantes concentraram-se em frente à Prefeitura e ocuparam as escadarias do prédio, entoando palavras de ordem (“A prefeitura é nossa!” e “Abre a casa do povo!”), pois poucos agentes da Guarda Municipal (GM) estariam protegendo o local. Nesse ponto da notícia, é narrada a situação envolvendo o Secretário César Busatto. Segundo relato do *Sul21*, o secretário estaria buscando o diálogo com os(as) manifestantes em frente à Prefeitura e, após determinado momento, apareceu com a camisa manchada de tinta vermelha, concedendo a entrevista na qual qualificou os(as) ativistas como “animais criando guerra”, e a manifestação como “uma fúria de jovens”. Neste ponto do relato, os elementos presentes no conteúdo dos três jornais assemelham-se.

Entretanto, a partir do momento da eclosão do conflito, a narrativa do *Sul21* diferencia-se em relação a *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*. É referido que, enquanto os(as) manifestantes ocupavam as escadarias da Prefeitura, o batalhão de choque da Brigada Militar posicionou-se nos arredores. Após as luzes da praça na qual os(as) ativistas estavam serem desligadas e em meio a palavras de ordem (“Recua, polícia, recua! É o poder popular que está na rua!”), a BM teria jogado 02 bombas de efeito moral, dando início ao confronto e gerando “pânico” nas pessoas que estavam no local. Assim narra a notícia do *Sul21*:

“Para dispersar os manifestantes e poder retomar a entrada da prefeitura, a Brigada jogou duas bombas de efeito moral, causando pânico nos jovens e na população que caminhava pelo centro naquele momento. Depois das duas primeiras bombas, alguns manifestantes voltaram a avançar sobre a Praça Montevideu, jogando pedaços de paus e frutas – como limões – e bolas de gude nos policiais, que se protegiam com escudos.

A partir daí, a Brigada lançou mais três bombas, fazendo com que o grupo recuasse. Tudo isso ocorreu em menos de meia hora. Às 19h, os manifestantes já deixavam as

redondezas da prefeitura e se dirigiam à esquina da avenida Borges de Medeiros com a avenida Salgado Filho”.<sup>104</sup>

Quanto a esse relato, é interessante notar que a ação policial, em contraposição às notícias de *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, é narrada de forma detalhada. Além disso, os policiais da BM são identificados como sujeitos ativos do confronto, ao terem utilizado bombas de efeito moral sobre os(as) manifestantes (a notícia não identifica, por outro turno, ação de ativistas que teria justificado eventual “reação” por parte da polícia). Ainda, a notícia faz uso do termo “pânico” para descrever a sensação produzida pela diretriz de ação da BM. Apenas após essa ação inicial por parte da polícia, teriam os(as) ativistas reagido, com a utilização de instrumentos (“pedaços de paus”, “bolas de gude”, “frutas”) contra as autoridades policiais.

Posteriormente, é narrado que um jovem estaria ferido, com um corte na cabeça, pois teria sido “atropelado” pela cavalaria da Brigada Militar. Ainda, como resultado do conflito, em relação à ação dos(as) manifestantes, a notícia assim dispõe:

“Após o final do conflito, a reportagem do *Sul21* contabilizou 21 vidros quebrados nas janelas frontais da prefeitura. Um dos pilares da entrada do prédio também estava pichado com a frase “R\$ 3,05 é um roubo”. Pelo menos uma viatura da Guarda Municipal teve o para-brisa quebrado”.<sup>105</sup>

Tal descrição complexifica a interpretação produzida pelo *Sul21*, pois, ao mesmo tempo em que se identifica a polícia como sujeito ativo do conflito, sendo narrada inclusive a existência de um manifestante ferido, os resultados materiais da ação dos(as) manifestante são citados. Ainda assim, o jornal não utiliza o termo “baderna” para qualificar o protesto. Nesse sentido, pode-se apontar que a notícia do *Sul21* interpreta o protesto como situação dinâmica, na qual diferentes atores (polícia e manifestantes) ocupam posição de sujeitos ativos de agressão, embora, de modo geral, prevaleça a interpretação de que a polícia deu início ao confronto.

---

<sup>104</sup> Revolta contra aumento da passagem gera grande protesto em Porto Alegre. *Sul21*, 28 mar. 2013. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/revolta-contr-aumento-da-passagem-gera-grande-protesto-na-noite-de-porto-alegre/>>.

<sup>105</sup> Revolta contra aumento da passagem gera grande protesto em Porto Alegre. *Sul21*, 28 mar. 2013. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/revolta-contr-aumento-da-passagem-gera-grande-protesto-na-noite-de-porto-alegre/>>.

Um dos aspectos importantes da notícia do *Sul21* é que a prisão a uma manifestante, situação apenas citada nos textos de *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, é descrita de modo detalhado, ocupando cerca de metade do espaço textual da notícia. Segundo o jornal, a ativista “foi algemada pela Guarda Municipal e mantida no interior do prédio [da Prefeitura], impossibilitada de contatar quem estava do lado de fora”. Em entrevista, a vereadora Fernanda Melchionna (PSOL), que teria entrado no prédio com o auxílio de um advogado, assim refere: “Encontrei a Luane jogada no chão, algemada, sem ter apresentado nenhuma resistência”. Em seguida, teria sido a manifestante encaminhada ao Palácio da Polícia, local para o qual os(as) ativistas teriam marchado, caracterizando-se um segundo momento da manifestação (não relatado nas notícias de *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*). Durante esse trajeto, a notícia relata a ocorrência de atos de pichação e de dano a patrimônios, novamente enfatizando a incorporação dessa espécie de repertório por manifestantes:

“Os estudantes também aproveitaram o momento para pichar diversos ônibus com os dizeres: “R\$ 3,05 é um roubo”, “R\$ 2,60 já” e “Passe Livre Já”. Durante o caminho, um jovem quebrou uma janela de um ônibus – que quase não tinha passageiros – e, também, há relatos de que sinaleiras e faróis de diversos coletivos foram destruídas”.<sup>106</sup>

Por fim, o jornal descreve o desfecho da manifestação, em frente ao Palácio da Polícia, com a liberação da ativista:

“Ao chegar em frente ao Palácio da Polícia, o grupo sentou-se na avenida Ipiranga e exigiu a libertação de Luane Barros Xavier. “Libertad! Libertad a los presos por luchar!”, gritavam alguns manifestantes.

Em uma espécie de jogral – quando uma pessoa fala uma frase e o grupo a repete em voz alta -, os jovens afirmaram que a detenção de Luane apenas aumentava a indignação do movimento. “Ela apanhou dentro da prefeitura. Obviamente, isso é para nos intimidar. Mas pegaram um dos nossos e nossa indignação dobrou”, bradaram.

A estudante foi liberada pouco antes das 22h, quando a chuva já caía forte sobre Porto Alegre. Emocionada, ela abraçou os manifestantes e chorou”.<sup>107</sup>

---

<sup>106</sup> Revolta contra aumento da passagem gera grande protesto em Porto Alegre. *Sul21*, 28 mar. 2013. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/revolta-contr-aumento-da-passage-m-gera-grande-protesto-na-noite-de-porto-alegre/>>.

<sup>107</sup> Revolta contra aumento da passagem gera grande protesto em Porto Alegre. *Sul21*, 28 mar. 2013. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/revolta-contr-aumento-da-passage-m-gera-grande-protesto-na-noite-de-porto-alegre/>>.

A narrativa dessa situação, como já referido, está presente, dentre os jornais analisados, apenas na notícia do *Sul21*. Tal questão é importante, pois, em oposição às interpretações produzidas por *Zero Hora* e *Diário Gaúcho* (nas quais a polícia assume papel de “fala oficial”), no caso do *Sul21* os procedimentos policiais são descritos e questionados, especialmente com a inclusão da versão de manifestantes para o fato e com a citação a supostos atos de ilegalidade (como a hipótese de a ativista ter sido agredida dentro da Prefeitura). A versão policial para os fatos, porém, não é expressa na notícia. Para ilustrar a narrativa, o jornal publica as seguintes imagens:



**Figura 15 – Brigada Militar em frente à Prefeitura de Porto Alegre**



Brigada Militar chegou ao local e jogou bombas para dispersar os ativistas | Foto: Ramiro Furquim/Sul21

Fonte: <<http://www.Sul21.com.br/jornal/revolta-contr-aumento-da-passagem-gera-grande-protesto-na-noite-de-porto-alegre/>>. Fotografia: Ramiro Furquim

**Figura 16 – Bomba de efeito moral ao chão, após ser utilizada**



Pelo menos cinco bombas de efeito moral foram jogadas na multidão | Foto: Ramiro Furquim/Sul21

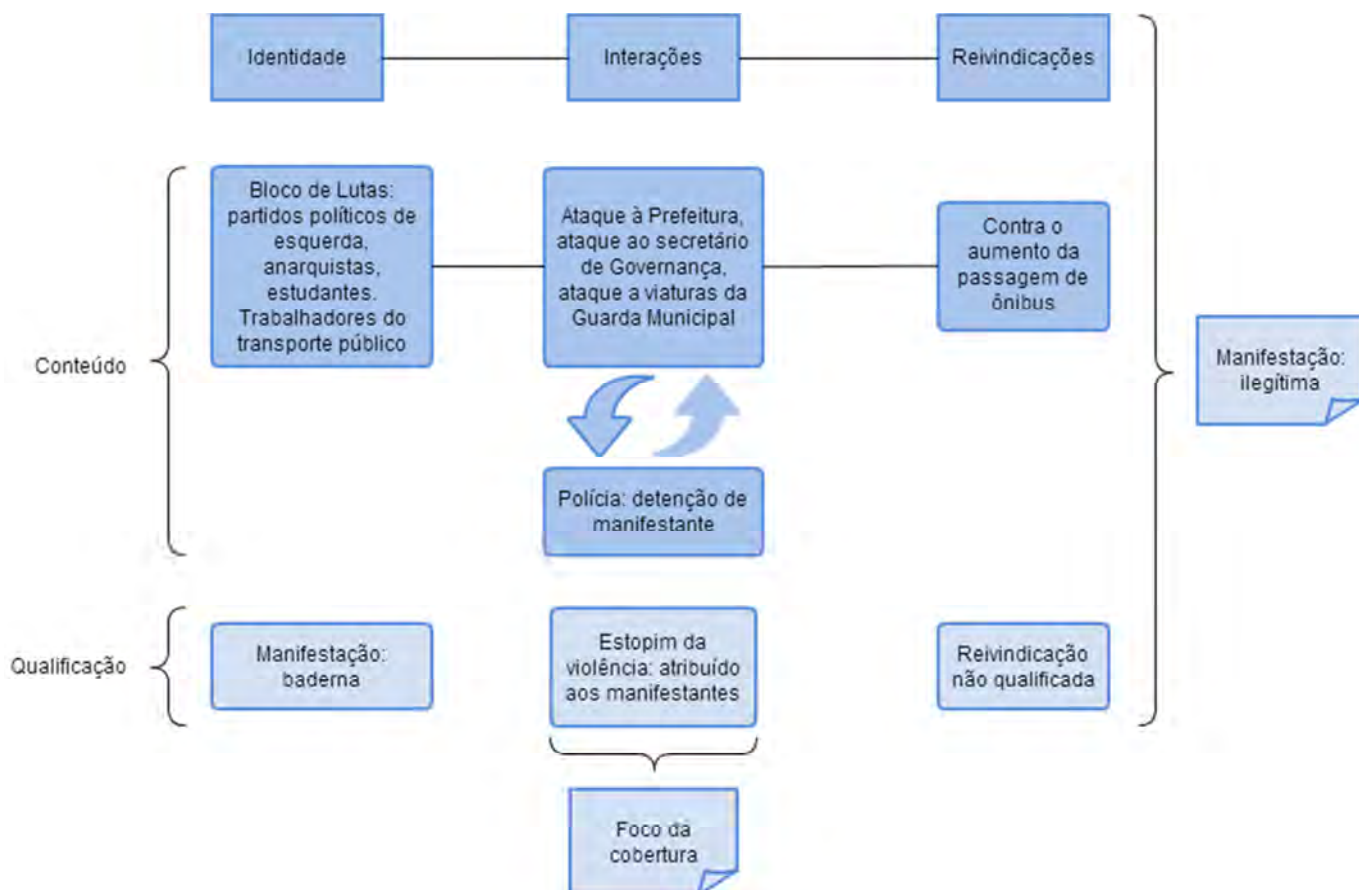
Fonte: <<http://www.Sul21.com.br/jornal/revolta-contr-aumento-da-passagem-gera-grande-protesto-na-noite-de-porto-alegre/>>. Fotografia: Ramiro Furquim

#### **7.1.4. Sistematização do conteúdo das notícias**

Ao final da análise de conteúdo da cobertura dos dias de protesto, são expostos diagramas para sistematização das informações contidas no corpo deste texto. As dimensões estudadas (identidade dos manifestantes; caracterização da(s) reivindicação(ões); interações entre manifestantes e policiais) foram inter-relacionadas e transpostas para a representação esquemática. Articularam-se as três dimensões de modo similar ao modelo proposto por Johnston e Alimi (2012),<sup>108</sup> sendo a “identidade” correspondente ao “sujeito”, as “interações” correspondentes ao “verbo” e as “reivindicações” correspondentes ao “objeto”. Nos esquemas, foram identificados, em relação a cada jornal, o “conteúdo” atribuído a cada dimensão, bem como a “qualificação” (síntese interpretativa) desse conteúdo. A qualificação é um resumo do enquadramento interpretativo. Por fim, verificou-se se as coberturas, a partir das informações contidas nas notícias, classificam as manifestações como legítimas ou ilegítimas (KOOPMANS; OLZAK, 2004).

---

<sup>108</sup> Ver subcapítulo 3.3.

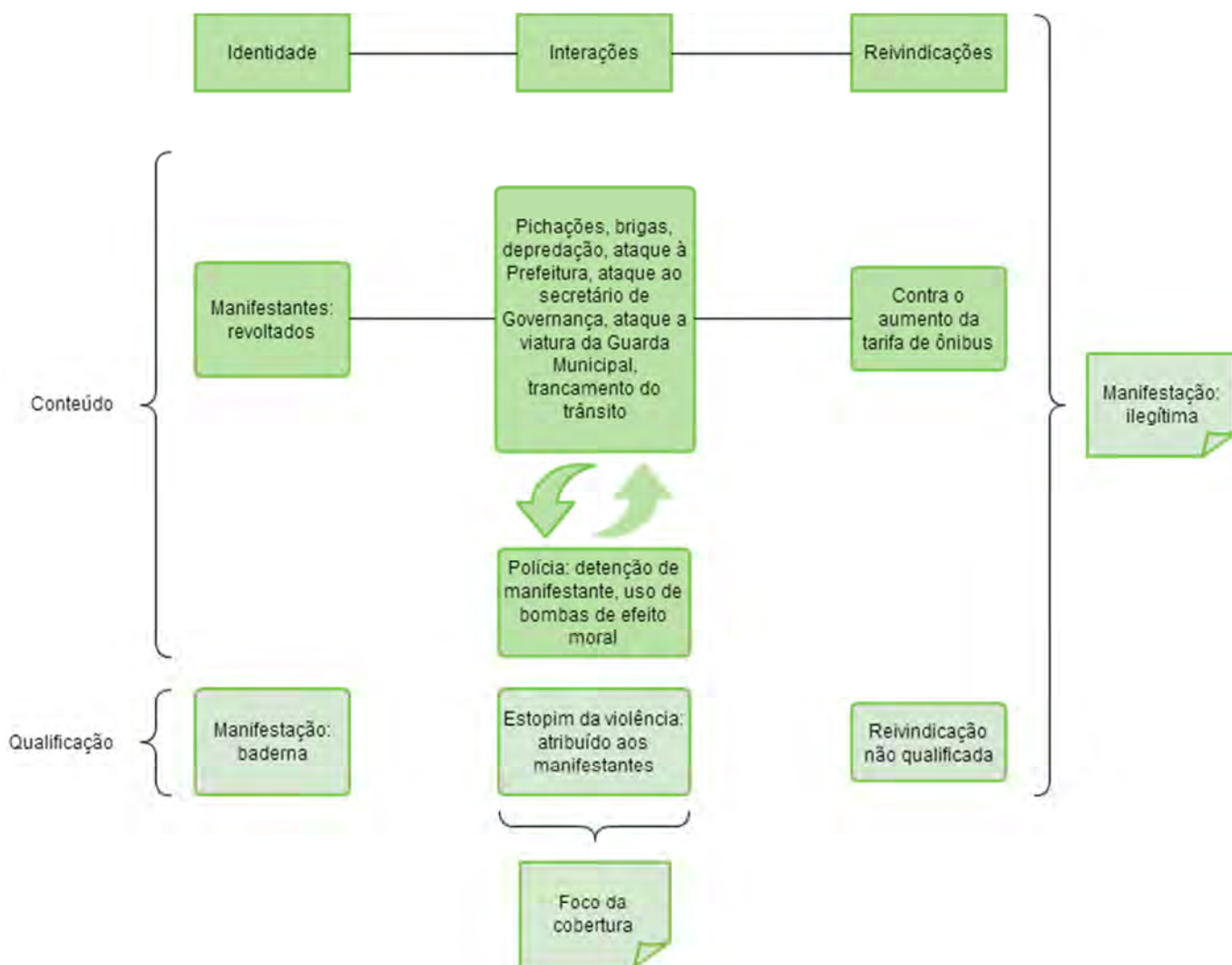
a) *Zero Hora***Figura 17 – Representação gráfica da cobertura de *Zero Hora* ao protesto de 27 de março**

Na notícia de *Zero Hora*, predomina uma interpretação negativa à ação dos(as) manifestantes. Essa constatação resta evidenciada pela análise de que, para qualificação do evento, são utilizados os termos e expressões “manifestação”, “protesto”, “baderna”, “confusão”, “explosão de fúria”, “animais querendo guerra”. É possível verificar que os(as) ativistas são posicionados como sujeitos ativos na produção de atos de “depredação”. Nesse sentido, são os(as) manifestantes identificados(as) como atores que portam a característica da “desordem” (“baderna”) e que dão início à interações conflitivas. Os agentes policiais, por sua vez, não são construídos enquanto sujeitos ativos do acontecimento, não sendo detalhada a única ação policial narrada na notícia (detenção de uma manifestante). O procedimento de atribuir aos(às) manifestantes a posição de sujeitos ativos da interação conflitiva é ainda associado à identidade coletiva de grupos e partidos “de esquerda”, de modo que, além de produzir uma interpretação pejorativa ao protesto, a notícia relaciona os atores a um

determinado posicionamento no espectro político. Por outro turno, as reivindicações dos(as) manifestantes não são contextualizadas (ausência de qualificação), sendo tal questão preterida em relação à identificação de quem eram os(as) ativistas e à descrição dos atos de “depredação”. Portanto, a cobertura de *Zero Hora* ao protesto do dia 27 de março segue um esquema interpretativo “criminalizante” (RAMOS; PAIVA, 2007), com a atribuição de características de “perigo” e de “risco à ordem” à manifestação, sendo esta tomada como ilegítima (KOOPMANS; OLZAK, 2004).

b) *Diário Gaúcho*

**Figura 18 - Representação gráfica da cobertura do *Diário Gaúcho* ao protesto de 27 de março**

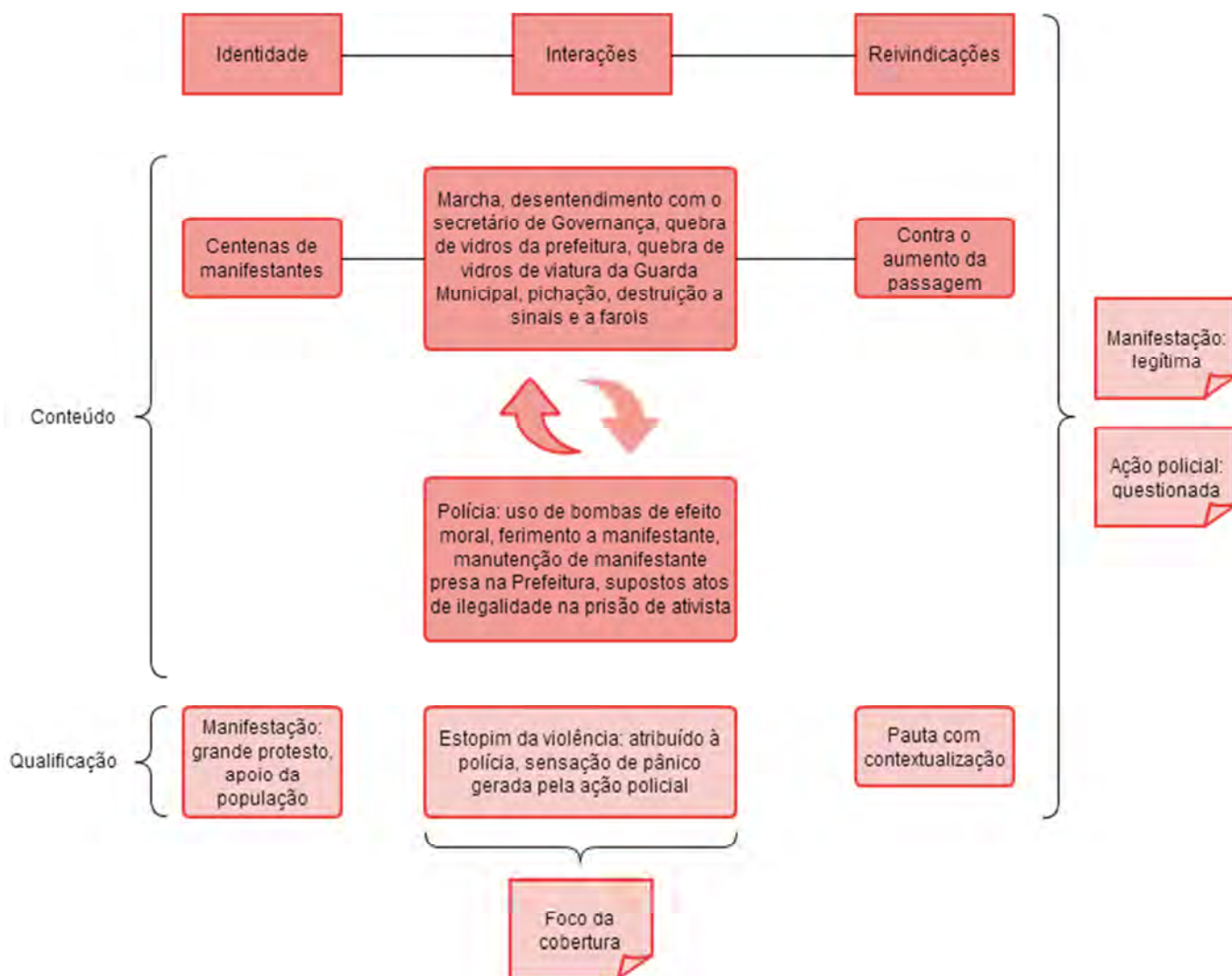


Na cobertura do *Diário Gaúcho*, assim como ocorre na notícia de *Zero Hora*, os(as) manifestantes são identificados(as) como os sujeitos que teriam, ativamente, produzido atos

“contrários à ordem”. Também em consonância com a cobertura de *Zero Hora*, a manifestação é caracterizada a partir do termo “baderna”, recaindo a ênfase da cobertura sobre os atos de conflito ocorridos ao longo do protesto (com foco no “extraordinário” e nos aspectos conflituivos), em detrimento da descrição do processo de mobilização dos(as) ativistas e da descrição da pauta da luta pelo transporte público. Ademais, o jornal não descreve quem seriam os(as) manifestantes e os(as) caracteriza como “revoltados”. A polícia, por sua vez, é situada em uma posição passiva, sendo sua ação descrita como reação às prévias “agressões” perpetradas pelos(as) manifestantes. Portanto, a cobertura do *Diário Gaúcho* ao protesto do dia 27 de março igualmente segue um esquema interpretativo “criminalizante” (RAMOS; PAIVA, 2007) da mobilização, sendo esta tomada como ilegítima (KOOPMANS; OLZAK, 2004).

c) *Sul21*

**Figura 19 - Representação gráfica da cobertura do *Sul21* ao protesto de 27 de março**



No caso do *Sul21*, tanto a polícia quanto os(as) manifestantes ocupam, de forma dinâmica, posição de sujeitos ora produtores, ora receptores de agressões. Tanto atos de repressão policial (uso de bombas de gás lacrimogêneo, detenção) quanto atos de danos a patrimônios, por parte de manifestantes, são citados. No entanto, a notícia enfatiza o ponto de vista dos(as) manifestantes, com o questionamento aos procedimentos adotados pelas autoridades policiais, sendo estas reconhecidas como atores disparadores do confronto (pelo uso de bombas de gás lacrimogêneo) e como responsáveis pela prisão da manifestante (prisão esta que, pela forma como teria sido conduzida, é descrita enquanto causa para insatisfação de

ativistas). Ademais, a demanda da mobilização é contextualizada e considerada legítima (KOOPMANS; OLZAK, 2004).

## 7.2. A “comemoração”: o protesto do dia 04 de abril de 2013

O protesto do dia 04 de abril é caracterizado pelo fato de que, na mesma data, houve a revogação do aumento da passagem na cidade, em decorrência de ação protocolada pelos vereadores Pedro Ruas e Fernanda Melchionna (PSOL). As notícias analisadas são: “Protesto e comemoração sob aguaceiro” (*Zero Hora*); “Festa: pãozinho volta à mesa!” (*Diário Gaúcho*); “Após liminar da Justiça, protesto contra aumento da passagem vira festa no meio da chuva” (*Sul21*).

### 7.2.1. Identidade dos manifestantes

#### a) *Zero Hora*

Assim como no protesto do dia 27 de março, no ato do dia 04 de abril, *Zero Hora*, dentre os jornais selecionados, é aquele que mais espaço dedica à descrição de quem seriam os(as) manifestantes presentes ao evento. A multidão de pessoas é caracterizada da seguinte maneira:

“Era gente de diferentes perfis e bandeiras ideológicas. Desde os que hasteavam as bandeiras de partidos de esquerda, como PSOL e PSTU, até os ativistas que chegavam de bicicleta, para se somar à causa do transporte sustentável. Desde os estudantes de escolas públicas da Capital até simpatizantes solitários, como o motorista Osmar Castilhos, 55 anos, que trabalha no Mercado Público e se juntou ao protesto por estar cansado de ver que o povo está sempre “se ralando”. E também os mascarados, identificados com movimentos anarquistas, que espalharam um rastro de pichações em muros, viadutos e em pelo menos 10 ônibus (*grifo nosso*)”.<sup>109</sup>

A notícia, portanto, relata a existência de uma multiplicidade de manifestantes na composição do protesto, ativistas considerados(as) genericamente pelo jornal como “jovens da geração da internet”. A descrição das diferenças entre participantes já constava da notícia de *Zero Hora* no dia 27 de março; entretanto, no texto do dia 04 de abril é menor a ênfase ao

---

<sup>109</sup> Protesto e comemoração sob aguaceiro. *Zero Hora*, Geral, 05 abr. 2013, p. 35.



caráter “de esquerda” do protesto e à ligação a partidos políticos. O foco consiste em demonstrar, que “diferentes perfis e bandeiras ideológicas” participaram da manifestação.

Ainda, consta da notícia a informação de que houve divergência no número de manifestantes. Segundo estimativa da Brigada Militar, a marcha teria sido composta por 3,5 mil pessoas, enquanto a contagem feita pelos(as) próprios(as) manifestantes e expressa por megafones apontou 10 mil participantes. Assim, *Zero Hora* explicita o aumento do protesto do protesto e o caracteriza, desde a manchete, como “comemoração”. A seguinte imagem, presente na notícia, é representativa da interpretação produzida por *Zero Hora* ao evento:

**Figura 20 – Manifestantes comemoram a revogação do aumento da passagem**



Fonte: Jornal *Zero Hora*, edição impressa, 05/04/2013. Fotografia: Lauro Alves.



Além do termo “comemoração”, a notícia utiliza a expressão “clima de euforia” para caracterizar a reação dos(as) manifestantes à revogação do aumento da tarifa de ônibus naquela data. Identifica-se, portanto, uma alteração evidente no enquadramento do jornal em relação ao protesto do dia 27 de março. Enquanto na data anterior o protesto foi descrito como “baderna”, com ênfase nos aspectos conflitivos do evento, no dia 4 de abril prepondera a descrição do caráter festivo da manifestação.

Essa mudança na cobertura pode ser, em parte, explicada pela leitura de publicação do próprio jornal, no dia 07 de abril de 2013. Nesta edição, consta uma carta da diretora de redação, Marta Gleish, sob o título “A cobertura das manifestações”.<sup>110</sup> Na carta, a diretora narra um processo de “autocrítica” no jornal, desde o dia 01 de abril. Segundo Marta, no evento de protesto pelo transporte público do dia 01 de abril, o foco da cobertura de *Zero Hora* ao evento (na notícia “Protesto – Parte 2: Desta vez, menos confusão”<sup>111</sup>) teria sido equivocado:

“Enfocamos um aspecto – o protesto ocorreu sem violência, diferentemente do anterior – e não outros. Não enfatizamos que a manifestação cresceu muito, nem mostramos quem formava a massa de milhares de pessoas. Recebemos críticas por isso. [...] a reportagem enfocou predominantemente a ausência de confusão e tumulto, já que no protesto anterior esta tinha sido a tônica. Não reproduzimos adequadamente o crescimento da manifestação, nem demos relevância ao motivo da união daquelas pessoas: o valor da tarifa e a qualidade do transporte. Recebemos críticas, vindas dos apoiadores dos protestos”.<sup>112</sup>

Ou seja, diante do recebimento de críticas, advindas de apoiadores(as) dos protestos, teria a redação do jornal passado por um processo de mudança do foco da cobertura. A diretriz de tal transformação consistiria em enfatizar o crescimento daqueles eventos e das pautas a eles relacionadas, em detrimento da cobertura dos conflitos ocorridos durante as manifestações. O primeiro resultado desse processo de “autocrítica” seria, segundo Marta, a reportagem de 03 de abril, “Jovens unidos por uma causa”,<sup>113</sup> com a descrição dos grupos que compunham as manifestações. O conteúdo da carta é confirmado pelas entrevistas realizadas para esta pesquisa. Nas palavras do repórter Carlos Rollsing:

---

<sup>110</sup> A carta de diretora de redação encontra-se no “Anexo 17” deste trabalho.

<sup>111</sup> A notícia encontra-se no “Anexo 18” deste trabalho.

<sup>112</sup> A cobertura das manifestações. *Zero Hora*, Carta da Editora, 07 abr. 2013, p. 02.

<sup>113</sup> A notícia encontra-se no “Anexo 19” deste trabalho.

**Carlos:** O problema que eu vi no início [da cobertura das manifestações] é que uma ou duas matérias tinham um problema ali na chamada, na manchete, assim. Algumas expressões ali equivocadas. Não me lembro agora qual foi a expressão. Não foi tumulto, mas... não sei se foi baderna, talvez. Alguma expressão assim. Que aí eu achei que não é a mais adequada para retratar a situação, que a manchete tinha que ser alguma coisa mais... isso o título ali interno podia ser alguma coisa mais focada na reivindicação mesmo e abordando também a questão do conflito, mas com uma palavra que não seja tão assim... uma palavra forte, né. Essa palavra do “baderna” tem todo um contexto aí por trás de... uma palavra que... eu não gosto muito dessa palavra. Mas na minha visão as manchetes teriam que retratar a questão da reivindicação e retratar também a questão das depredações. Mas aí é o que eu disse antes da delicadeza da escolha dessas palavras. Então acho que inicialmente a gente teve algumas palavras que foram escolhidas de uma forma não correta.

E continua Carlos, a respeito da mudança de cobertura do jornal:

**Carlos:** E então isso aí ao longo dos dias ali... no início mesmo foi corrigido. Passou a ter uma observação maior de que “olha, tem determinadas coisas que a gente precisa fazer uma avaliação mais ponderada, mais... enfim”. E aí depois, passado esse primeiro momento aí, aí começou... se a gente for buscar lá no passado, lá em 2013, começou a se fazer várias matérias, não só focadas no protesto, mas várias matérias, muitas mesmo, sobre as reivindicações.

Internamente à redação do jornal, a narrativa sobre a “mudança” da cobertura, em função de um “erro” inicial de avaliação dos protestos, é preponderante. Diversos trechos das entrevistas realizadas nesta pesquisa confirmam a carta de Marta Gleish:

**Itamar:** No começo, até antes de eu começar a cobrir, a linha era bastante contrária às manifestações, né. Ela era, ela era... naquela, pelo que eu lembro... era mais aquela coisa do... uma manifestação que tá atrapalhando o trânsito, que tá... as pessoas tão depredando e tal. Aí depois teve uma autocrítica do jornal que foi pública, né. Eles reconheceram que estavam equivocados e que... e aí mudou a linha pra ser uma... com a ideia mais de ser um relato mais colocando, enfim... dando importância às manifestações, à pauta e deixando de lado essa coisa mais de... como se fosse depredadores e não sei o quê. E ficou mais ou menos nessa linha, assim.

**Adriana:** Eu acho que houve uma mudança clara assim, na medida que houve um entendimento melhor do que que era as manifestações assim. Acho que num primeiro momento a gente falhou, né... claramente se falhou, porque não se deu a importância e a dimensão necessária que a coisa estava tomando, né... pra num segundo momento realmente se cobrir a partir do ponto de vista dos manifestantes e da pauta dos manifestantes

**Nilson:** A gente... no começo a gente simplificou, nos primeiros movimentos a gente rotulou, a gente... eu não diria que a gente criminalizou, mas a gente supervalorizou alguns aspectos. Em alguns momentos ficou a sensação de que a gente estava construindo um raciocínio de que o fato de ter havido protesto, de que o fato de ter havido vandalismo, de ter havido quebra de coisas invalidava tudo, tornava tudo um ato criminoso. [...] A gente não estava entendendo uma série de coisas, e a gente foi... aos poucos a gente foi entendendo e ficando mais preparado para entender. E

isso acho que melhorou a nossa cobertura das manifestações ao longo dos meses e nos ajudou a estar preparados para outras manifestações.

As falas supracitadas apontam para uma crítica dos(as) jornalistas de *Zero Hora* a um padrão de cobertura “sensacionalista” (RAMOS; PAIVA, 2007), caracterizado pela ênfase sobre fenômenos considerados “criminosos” e pela utilização de termos pejorativos para qualificar a ação dos(as) manifestantes, em detrimento da análise das reivindicações pleiteadas pelos(as) ativistas (BERGER, 1996; OLIVEIRA, 2008; MAGALHÃES; SOBRINHO, 2010; BUDÓ, 2013) – modelo predominante na cobertura de *Zero Hora* ao ato de 27 de março. A “autocrítica” exposta por Marta Gleish situar-se-ia, por outro lado, inserida nas mudanças identificadas por Ramos e Paiva (2007), no sentido de uma qualificação do jornalismo brasileiro, com a diminuição de frequência de coberturas voltadas à venda da “violência” como produto.

Ademais, quando questionados a respeito da origem das críticas recebidas pelo jornal, tanto Carlos quanto Nilson responderam que as respostas negativas à cobertura de *Zero Hora* teriam sido provenientes, de forma majoritária, de redes sociais (secundariamente, as críticas provinham do próprio encontro com manifestantes nos protestos). Ainda, segundo Nilson, essas reações “vinham daqueles a quem a gente queria servir” com o trabalho do jornal. Essas afirmações demonstram a necessidade de *Zero Hora* responder a um público específico, caracterizado, a um só tempo, como usuário de redes sociais e como leitor do jornal. Tais informações constituem indícios de um agenciamento do público-leitor sobre o conteúdo publicado pelo veículo (tendo em vista que, diante de uma resposta negativa e do crescimento das manifestações, o jornal busca adequar-se às demandas de seu público) (GAMSON [*et al.*], 1992), assim como indicam a instrumentalização de novas tecnologias da informação (TICs) tanto pelos(as) usuários(as) das redes sociais (na divulgação de críticas ao conteúdo de *Zero Hora*), quanto pelo próprio jornal (pela utilização de TICs para coleta de *feedback* sobre as suas publicações) (GARRETT, 2006).

Por fim, embora, na notícia de cobertura ao protesto do dia 04 de abril, uma mudança de foco seja identificada, tendo em vista que predomina o caráter de “comemoração” como característica atribuída à manifestação, a cobertura de *Zero Hora* narra circunstâncias conflitivas ocorridas durante o evento. Ainda assim, diferentemente do que ocorreu no protesto do dia 27 de março, o termo “baderna” deixa de ser utilizado, e a identidade dos(as) manifestante é construída como predominantemente “pacífica”, pois, segundo a notícia, “a maioria manteve o caráter pacífico e a rejeição a atos de vandalismo” (*grifo nosso*). A

cobertura desse evento, portanto, marca um processo de *Zero Hora* – o qual se reforçaria posteriormente, em junho –, de distinção entre manifestantes “pacíficos” (entendidos como “a maioria”) e manifestantes responsáveis por “atos de vandalismo” (entendidos como “minoria”).

b) *Diário Gaúcho*

Na notícia do *Diário Gaúcho*, não há uma descrição detalhada acerca de quem seriam os atores envolvidos no protesto. Não são identificados os grupos políticos presentes ao ato, e o Bloco de Lutas pelo Transporte público não é citado. É relatado apenas que “cerca de 3,5 mil manifestantes” ocuparam a frente da prefeitura (adotando-se a versão da BM, e não dos(as) manifestantes, que teriam contabilizado 10 mil ativistas).

Quanto à caracterização da manifestação, identifica-se certa ambiguidade na narrativa do jornal. Por um lado, o *Diário Gaúcho* acompanha a mudança de cobertura de *Zero Hora*, ao descrever o protesto como uma “comemoração”, tanto na manchete (“Festa: pãozinho volta à mesa”) quanto ao longo do texto (“O protesto virou festa no Centro”; “Liminar fez protesto virar comemoração diante da prefeitura”) e na imagem que compõe a notícia:

**Figura 21 – Manifestantes comemoram revogação do aumento da passagem em frente à Prefeitura**



Fonte: Jornal *Diário Gaúcho*, edição impressa, 05/04/2013. Fotografia: Ricardo Duarte.

Por outro lado, o jornal utiliza o termo “chiadeira” para se referir ao protesto. Segundo definição do dicionário, “chiadeira” significa “som agudo, prolongado e desagradável”, “gritaria importuna de vozes agudas”.<sup>114</sup> Já as situações de conflito ocorridas na manifestação são classificadas como “baderna”. Assim, embora um processo de mudança de enfoque de cobertura pareça estar presente na notícia, com o uso dos termos “festa” e “comemoração”, permanece a caracterização relativamente negativa do protesto.

A ênfase na descrição das reivindicações dos manifestantes expõe essa ambiguidade, no sentido de que o jornal, ao mesmo tempo em que constroi a narrativa de que a revogação do aumento da passagem traria benefícios à população (“pãozinho volta à mesa”), identifica a manifestação como “chiadeira” e “baderna”, enfatizando-se a ocorrência de atos de dano a patrimônio. Assim, a ideia que se transmite é de que a pauta é justa, mas de que alguns repertórios utilizados seriam ilegítimos.

### c) *Sul21*

No caso do *Sul21*, assim como ocorreu na notícia de 27 de março, não há uma descrição detalhada dos grupos que comporiam a manifestação. Também não é feita referência ao Bloco de Lutas pelo Transporte Público. O jornal utiliza o termo “multidão” para se referir ao conjunto de manifestantes, citando que estes totalizariam “milhares”. Ainda, o termo “jovens” é utilizado na notícia, e se extrai da leitura do texto que o protesto teria sido formado predominantemente pela juventude da cidade.

Além disso, o jornal corrobora as versões de *Zero Hora* e do *Diário Gaúcho*, ao classificar a manifestação como “festa” e “comemoração”, em virtude da revogação do aumento da passagem de ônibus. Essa característica festiva atribuída ao protesto é construída não apenas pelo conteúdo do texto, como também pelas imagens publicadas na notícia. Todas as fotografias demonstram a multidão reunida durante o protesto, sendo a imagem abaixo representativa da “festa” interpretada pelo *Sul21*:

---

<sup>114</sup> Fonte: <<http://www.dicio.com.br/chiadeira/>>. Acesso em: 20/01/2016.

**Figura 22 – Manifestantes entrelaçam-se em comemoração à revogação do aumento da passagem**



Foto: Ramiro Furquim/Sul21

Fonte: <http://www.Sul21.com.br/jornal/apos-liminar-da-justica-protesto-contr-aumento-da-passagem-vira-festa-no-meio-da-chuva-1/> . Fotografia: Ramiro Furquim.

Diferentemente dos demais jornais, entretanto, a notícia do *Sul21* relata relação de apoio da população da cidade aos manifestantes, ao salientar que “dos prédios, era visível o apoio da população, que saía às janelas sacudindo os braços”. Ainda assim, é feito o relato de uma situação em que “alguns manifestantes batiam na lataria de um dos coletivos parados”, o que teria causado revolta nos passageiros, “já que uma criança que estava dentro se assustou com o barulho”. De qualquer modo, resumidamente, o jornal segue a diretriz, já expressa na cobertura do protesto de 27 de março, de enfatizar as características positivas do protesto e a relação de solidariedade dos(as) demais habitantes de Porto Alegre com a mobilização.

### **7.2.2. Caracterização da(s) reivindicação(ões)**

#### *a) Zero Hora*

Quanto à caracterização das reivindicações dos(as) manifestantes, a notícia de *Zero Hora* relata que o protesto teria sido “contra o reajuste das tarifas de ônibus”. Essa construção é reforçada pela referência da notícia ao fato de que, durante a realização do protesto, foi concedida, na justiça, uma liminar para revogação do aumento do valor das passagens. Tal decisão é adotada por *Zero Hora* como a justificativa para a “festa” ocorrida durante a manifestação.

Embora não reste qualquer dúvida sobre ser a pauta do transporte público a causa que, segundo a notícia, teria levado os(as) manifestantes às ruas, *Zero Hora* salienta que havia “gente de diferentes bandeiras e perfis ideológicos”, bem como relata a existência de pessoas de bicicleta, pela causa do “transporte sustentável”, e a utilização de gritos mais gerais, como “o povo, unido, jamais será vencido”. Ainda, é citado que participaram do protesto alguns “simpatizantes solitários”, dentre os quais um indivíduo “cansado de ver que o povo está sempre se ‘ralando’”, fala que tematiza pauta mais abrangente do que a do transporte público.

Por fim, quanto à continuidade do processo de mobilização em torno do valor da passagem, é dito que, a despeito da liminar que revogou o aumento das passagens, o movimento não iria arrefecer, tendo em vista que a meta seria “garantir uma redução ainda maior, com base em uma série de questionamentos levantados por auditorias do Tribunal de Contas do Estado (TCE)”. Ou seja, diferentemente da cobertura do dia 27 de março, *Zero Hora* contextualiza as reivindicações do protesto em 04 de abril.

#### b) *Diário Gaúcho*

A cobertura do *Diário Gaúcho* ao protesto do dia 04 de abril tem como tema central a descrição da pauta da manifestação. É identificada como tema do protesto a reivindicação “contra o aumento da passagem do transporte coletivo da Capital”. Além desse tema, consta apenas uma citação de que manifestantes “xingaram a imprensa” em determinado momento do protesto, sem que a questão seja desenvolvida. Para explicar o processo de negociação do valor da tarifa, a notícia contém um quadro didático a respeito do tema, sob o título “Entenda”:



**Figura 23 – Quadro explicativo do *Diário Gaúcho* ao processo de negociação do valor da passagem**



Fonte: Jornal *Diário Gaúcho*, edição impressa, 05/04/2013.

A revogação do aumento da passagem é interpretada como motivo para a “festa” ocorrida durante o protesto. Porém, diferentemente de *Zero Hora* e *Sul21*, *Diário Gaúcho* direciona a notícia a um público específico, conforme o caráter “popular” segundo o qual o jornal é concebido.<sup>115</sup> Além de inserir o quadro acima disposto, o jornal constroi a analogia de que os R\$ 0,20 de aumento no valor da tarifa significariam “um cacetinho<sup>116</sup> a menos na mesa do cidadão a cada viagem”, buscando-se “traduzir” o conteúdo para o “leitor mais básico” (como narrado por Felipe Bortolanza), com a descrição das consequências práticas que a decisão comemorada teria para a rotina daqueles(as) que são considerados(as) leitores(as) do *Diário Gaúcho*.

O caráter informativo da notícia é ainda reforçado com conteúdo sobre os seguintes temas: o momento a partir do qual a decisão de revogação do aumento da passagem surtiria efeitos; quais os possíveis procedimentos adotados pela Associação dos Transportadores de Passageiros (ATP) diante da decisão; a justificativa jurídica para a concessão do pedido

<sup>115</sup> A respeito, ver subcapítulo 5.2. do presente trabalho.

<sup>116</sup> “Cacetinho” é um termo utilizado no estado do Rio Grande do Sul para denominar pães pequenos, produzidos no Brasil especificamente para serem ingeridos em refeições como o café da manhã e o lanche da tarde. Em outras regiões do país o “cacetinho” é conhecido pela expressão “pão francês”, “pão de sal” ou “pão careca”. Fonte: <<http://dicionariportugues.org/pt/cacetinho>>. Acesso em: 20/01/2016.



limiar. No contexto de mudança de foco em relação à cobertura do ato do dia 27 de março (pois nesta data a ênfase recaiu sobre os repertórios de dano a patrimônios por ativistas), a notícia demonstra, por fim, que o tema do valor da passagem já havia sido noticiado pelo *Diário Gaúcho* em data anterior:

**Figura 24 – Capa do *Diário Gaúcho*, de 22/03/2013, em alusão à cobertura do jornal ao tema da transporte público**



Fonte: Jornal *Diário Gaúcho*, edição impressa, 05/04/2013.

A imagem acima vai ao encontro da fala de Felipe Bortolanza, a respeito da cobertura do *Diário Gaúcho* ao aumento do valor da passagem. Segundo editor-geral do jornal à época das manifestações de 2013, o tema do transporte público seria uma questão relevante para o público específico do jornal, motivo pelo qual o veículo teria acompanhado o processo de negociação do valor da tarifa ao longo do ano. Nos termos de Felipe:

**Felipe:** ...eu me lembro que a tarifa do ônibus era um assunto, sempre foi, continua sendo um assunto muito importante pro *Diário Gaúcho*. Que nenhum outro jornal tem essa lógica que o Diário tem de fazer da tarifa do ônibus de Porto Alegre a manchete do jornal, porque isso impacta na maioria absoluta dos leitores do *Diário Gaúcho*. A gente tem leitores que usam BMW e tem leitores que não têm carro nenhum e que não... e nem andam de ônibus e nem saem dos seus lugares por absoluta miséria. Mas o usuário do transporte coletivo em Porto Alegre tem muito na agência formação de ser leitor do *Diário Gaúcho*. Então esse assunto foi muito batido pela gente. Como nenhum outro. Eu me lembro que a gente fez manchetes sobre a discussão das empresas que queriam... não me lembro agora efetivamente quanto por cento de aumento, depois a revolta que isso começou a gerar. A gente fez

um comparativo de que o aumento... se fosse dado o aumento previsto pelas empresas, seriam... o usuário do transporte ia ter que desembolsar o preço de um “cacetinho” ou dois “cacetinhos” a menos por dia só na diferença que tinha que pagar por causa do ônibus. Então a gente fazia... faz essa metáfora pra mostrar o quanto impacta. Não se é bom ou se é ruim. O quanto um aumento impacta no bolso do porto-alegrense, por exemplo. Isso a gente fez. Então isso é uma cobertura muito forte que a gente faz. E foi a partir daquele momento... eu me lembro ali que, enfim... as ideias de fazer e acompanhar, e o aumento que foi pedido talvez tenha sido muito fora da curva naquele momento e a gente não sabe como medir, mas a gente deixou bem escancarado nas nossas matérias, sendo manchete ou não, que era um aumento grande e que em outras capitais também estavam acontecendo.

Ainda assim, como já ressaltado, a “tradução” da pauta a um público específico é realizada de forma ambígua, pois, ao mesmo tempo em que se descreve a reivindicação dos(as) ativistas como justa e decorrente de um aumento excessivo do valor da passagem, predomina uma interpretação negativa acerca de repertórios utilizados durante os protestos.

### c) *Sul21*

A notícia do *Sul21* também identifica o evento como “protesto contra o aumento da passagem de ônibus”, não restando, no texto, dúvidas em relação ao motivo que levou as pessoas às ruas. Assim como nos demais jornais, a decisão liminar de revogação do aumento da tarifa de ônibus é interpretada como a justificativa para que a manifestação fosse enquadrada como uma “festa”.

Para ilustrar a temática central da manifestação, a notícia do *Sul21* faz referência ao grito “Pode Chover! Pode molhar! Mais um aumento eu não vou pagar!”, entoado pelos(as) ativistas. Além disso, identifica-se como “novo bordão” o grito “Sou de luta! Sou radical! Quero o passe livre nacional!”, o qual já indicava uma nacionalização dos protestos, a qual seria intensificada durante o mês de junho. Ainda, *Sul21* relata a utilização da frase “O povo unido jamais será vencido!”, como demonstração mais genérica de um vínculo de solidariedade entre os(as) manifestantes.

Por outro turno, a notícia informa que um “alvo” secundário da manifestação foi o Grupo RBS, contra o qual “os manifestantes não poupam críticas desde que os protestos começaram a ganhar corpo e aparecer com maior frequência na mídia”. São citados os dizeres do seguinte cartaz, presente no protesto: “RBS, ontem cúmplice da ditadura. Hoje, parceira da máfia do transporte”. A contraposição à mídia, portanto, caracterizada, na notícia do *Diário Gaúcho*, como destinada “à imprensa”, exsurge, no relato do *Sul21*, como uma crítica específica ao Grupo RBS.

Esse relato vai ao encontro de um tema frequente nas entrevistas realizadas para esta pesquisa: as relações entre ativistas e veículos midiáticos. A identificação da pauta da contrariedade ao Grupo RBS, na manifestação de 04 de abril, converge com as falas de jornalistas de *Zero Hora* no subcapítulo 7.2.1, quanto a uma reação negativa de manifestantes à cobertura realizada pelo jornal (e especificamente a respeito da vinculação dos protestos a atos considerados “criminosos”). Igor Natusch, editor do *Sul21* à época, afirma que a necessidade de realização de um “esforço de readequação durante a cobertura” de *Zero Hora* às manifestações foi atrelada a “uma reação negativa fortíssima do público da *Zero Hora*”, tendo em vista que “as pessoas... normalmente elas não se enxergavam nas matérias” do jornal. Já no caso do *Sul21*, segundo Igor, “a maior parte das reações às matérias, mesmo por parte das pessoas que não eram ideologicamente identificadas com a linha do veículo, era positiva”. Assim, esses dados indicam a inclusão da temática da mídia como pauta secundária à manifestação de 04 de abril, pela rejeição às interpretações realizadas por veículos do Grupo RBS à época (momento ao qual teria se seguido a “autocrítica” narrada por jornalistas de *Zero Hora*).

De qualquer modo, como já salientado, a causa do transporte público é exposta como a pauta da manifestação. Nesse sentido, diante da vitória do movimento naquele dia (qualificada, no texto, por um manifestante, como “conquista paliativa”), com a revogação do aumento, a notícia explicita que os(as) manifestantes seguiriam realizando atos de protestos, tendo como meta a “redução da passagem para R\$ 2,60”, além da não revisão das isenções para idosos e estudantes.

### **7.2.3. Interações entre manifestantes e policiais**

#### *a) Zero Hora*

Embora não conste na manchete da notícia, situações conflitivas são um dos temas presentes na cobertura de *Zero Hora* à manifestação de 04 de abril. Como repertórios vinculadas a essas situações, o jornal descreve a realização de pichações a muros, a viadutos e a “pelo menos 10 ônibus”, por “mascarados, identificados com movimentos anarquistas”. Além disso, a notícia descreve um “ataque à sede da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC)” como “o momento mais tenso” do evento, quando “o grupo de mascarados [...] quebrou vidros do prédio da EPTC com taquaras, pedras e bolas de gude”. Esses atos são classificados como “vandalismo” e representados pela seguinte imagem:

**Figura 25 – Manifestantes picham ônibus em protesto**



Fonte: *Jornal Zero Hora*, edição impressa, 05/04/2013. Fotografia: Lauro Alves.

Apesar de descrever a ocorrência de situações de pichação e de danos a patrimônios, a notícia enfatiza que a utilização dessa espécie de repertório não teria sido incorporada pela “maioria” dos manifestantes. Pelo contrário, o texto salienta a existência de conflitos entre os(as) próprios(as) ativistas, os(as) quais predominantemente repudiariam tais repertórios. Essa interpretação é validada pela fala de uma ativista:

“- Olha só, eles estão pichando, não tem como fazer alguma coisa? – preocupava-se a estudante de Letras da UFRGS, Fernanda Azambuja Silva, 22 anos, que, com a amiga Cristina Tonial Simões, tentou limpar com a unha pichações em coletivos”.<sup>117</sup>

Ainda, a notícia informa que tanto as pessoas que estavam à frente da manifestação quanto os(as) demais manifestantes teriam buscado controlar as ações dos “mascarados”:

“O controle contra excessos, propagado por meio de mensagens que partiam do carro de som, foi eficiente outra vez, ontem. A maioria manteve o caráter pacífico e a rejeição a atos de vandalismo. A cada rojão estourado, por exemplo, as vaias se espalhavam”.<sup>118</sup>

Nesse sentido, é possível serem identificadas, na notícia de *Zero Hora* sobre o evento do dia 04 de abril, 02 mudanças em relação à cobertura do protesto dia 27 de março: ao invés de utilização do termo “baderna” como caracterização pejorativa do protesto, *Zero Hora* atribui a realização de atos de dano a patrimônio a uma “minoría”, em contraposição a uma “maioría” considerada “pacífica”; para qualificar os atos de dano a patrimônio, o jornal lança mão do termo “vandalismo”, o qual pode ser definido como “ação própria de vândalo”, “destruição do que é respeitável pelas suas tradições, antiguidade ou beleza”.<sup>119</sup> A utilização desse termo, diferentemente da palavra “baderna” (que abrangeria a manifestação de modo generalizado), passa a ser individualizada e aplicado à “minoría” de “mascarados”. Quanto à ação da polícia, a notícia apenas relata que 60 policiais seguiram a manifestação.

#### b) *Diário Gaúcho*

A ocorrência de situações de conflito igualmente não é a temática central da notícia do *Diário Gaúcho* sobre a manifestação do dia 04 de abril. A única referência a esse tema é feita sob o título “boa notícia não inibiu baderna”. Nesse espaço do texto, consta que:

---

<sup>117</sup> Protesto e comemoração sob aguaceiro. *Zero Hora*, Geral, 05 abr. 2013, p. 35.

<sup>118</sup> Protesto e comemoração sob aguaceiro. *Zero Hora*, Geral, 05 abr. 2013, p. 35.

<sup>119</sup> Fonte: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=vandalismo>>. Acesso em: 20/01/2016. É interessante notar que, historicamente, os “vândalos” compuseram uma tribo germânica oriental que penetrou o Império Romano durante o século V e saqueou Roma, destruindo diversas obras de arte. A incorporação desse termo para a designação de ativistas considerados “violentos” associa aos(as) manifestantes as ideias de “destrutividade”, “perigo” e “medo”.

“...por volta das 20hs, manifestantes pararam diante da EPTC, na Avenida Ipiranga. Quebraram vidros ao atirar pedras e bolinhas de gude na sede da instituição. Antes de irem embora, xingaram a imprensa e trocaram empurrões com a Brigada Militar”.<sup>120</sup>

Assim, são citados como repertórios conflitivos a produção de danos a patrimônios, a realização de agressões verbais à imprensa e o ataque a policiais, em forma de “empurrões”. Diferentemente do que ocorre em *Zero Hora*, a notícia do *Diário Gaúcho* não identifica quem seriam os(as) ativistas responsáveis pela concretização desses atos e não diferencia tais manifestantes dos demais. Ou seja, não é delineada uma distinção entre manifestantes “vândalos” e “pacíficos”. Além disso, mantém-se a utilização do termo “baderna” para designar os repertórios de ação direta utilizados por manifestantes, assim como se mantém a polícia em uma posição passiva, de modo que manifestantes são responsabilizados(as) pelos “empurrões” que teriam sido trocados com policiais. Todavia, como já referido, situações conflitivas não ocupam espaço central no texto, e o jornal não publica nenhuma imagem alusiva a tais questões.

c) *Sul21*

A notícia do *Sul21* mantém a característica, já presente na cobertura do protesto do dia 27 de março, de citar a ocorrência de momentos pontuais de “tensão”, sem que as situações conflitivas tornem-se o tema central do texto. Tais situações são narradas da seguinte forma:

“Ao chegarem na esquina com a avenida Borges de Medeiros, um manifestante quebrou as sinaleiras de um ônibus. A reação foi imediata: vaias generalizadas e uma reprimenda de um pequeno grupo próximo a ele, que gritava ‘chinelão! chinelão! chinelão!’.

[...]

Mas também houve um foco de tensão na Loureiro da Silva. Alguns manifestantes batiam na lataria de um dos coletivos parados e os passageiros se revoltaram, já que uma criança que estava dentro se assustou com o barulho. Apesar da tentativa de alguns passageiros de sair do ônibus para brigar com os manifestantes, a marcha seguiu até a avenida João Pessoa. Lá, outro breve foco de tensão, quando houve um desentendimento com um motoqueiro que cortou caminho pelo meio da marcha e quase levou uma garrafada de um manifestante, que chegou a estender a mão para dar o golpe, mas foi detido pelos demais.

---

<sup>120</sup> Festa: pãozinho volta à mesa! *Diário Gaúcho*, Geral, 05 abr. 2013, p. 3.

[...]

Alguns ativistas jogaram tinta, pedras e bolinhas de gude na sede da EPTC. Ocorreu um princípio de correria e tumulto”.<sup>121</sup>

Os trechos da notícia contêm informações sobre a utilização de repertórios de danos a patrimônios por ativistas, notadamente na sede da EPTC. No primeiro trecho, relata-se a ocorrência de conflitos internos à manifestação, com a contrariedade da maioria dos(as) manifestantes àqueles(as) ativistas que lançavam mão de repertórios de danos patrimoniais. No segundo trecho, são identificadas situações de tensão com pessoas não participantes da marcha. O último trecho narra situação de conflito ocorrida na sede da EPTC. Todavia, a notícia não cita a realização de pichações e não incorpora, entremeadas ao texto, imagens alusivas às situações de conflito.

Quanto à ação policial, *Sul21* descreve o acompanhamento realizada pela polícia e classifica o “cortejo policial” como “imenso” (termo alusivo à ideia de desproporcionalidade entre o tamanho desse “cortejo” e o protesto), citando as palavras de ordem proferidas por alguns(mas) manifestantes em direção ao policiamento: “Recua, polícia, recua! É o poder popular que está na rua!”. Ademais, diferentemente das notícias de *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, e em conformidade com a posição adotada pelo *Sul21* na manifestação de 27 de março, a polícia não é tomada como objeto passivo da ação de ativistas (mas sim como sujeito ativo). Quando do “tumulto” em frente à EPTC, o jornal narra uma “investida” da BM, da seguinte forma:

“A Brigada Militar cerrou fileiras nas pontes para pedestres e carros que davam acesso ao outro lado da avenida Ipiranga, não permitindo que ninguém se aproximasse do prédio da RBS. E, ao mesmo tempo, o contingente policial que acompanhava a marcha pela retaguarda se aproximou – o que fez com que muitos manifestantes pensassem que se tratava de uma investida da polícia”.<sup>122</sup>

---

<sup>121</sup> Após liminar da Justiça, protesto contra aumento da passagem vira festa no meio da chuva. *Sul21*, 05 abr. 2013. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/apos-liminar-da-justica-protesto-contr-aumento-da-passagem-vira-festa-no-meio-da-chuva-1/>>.

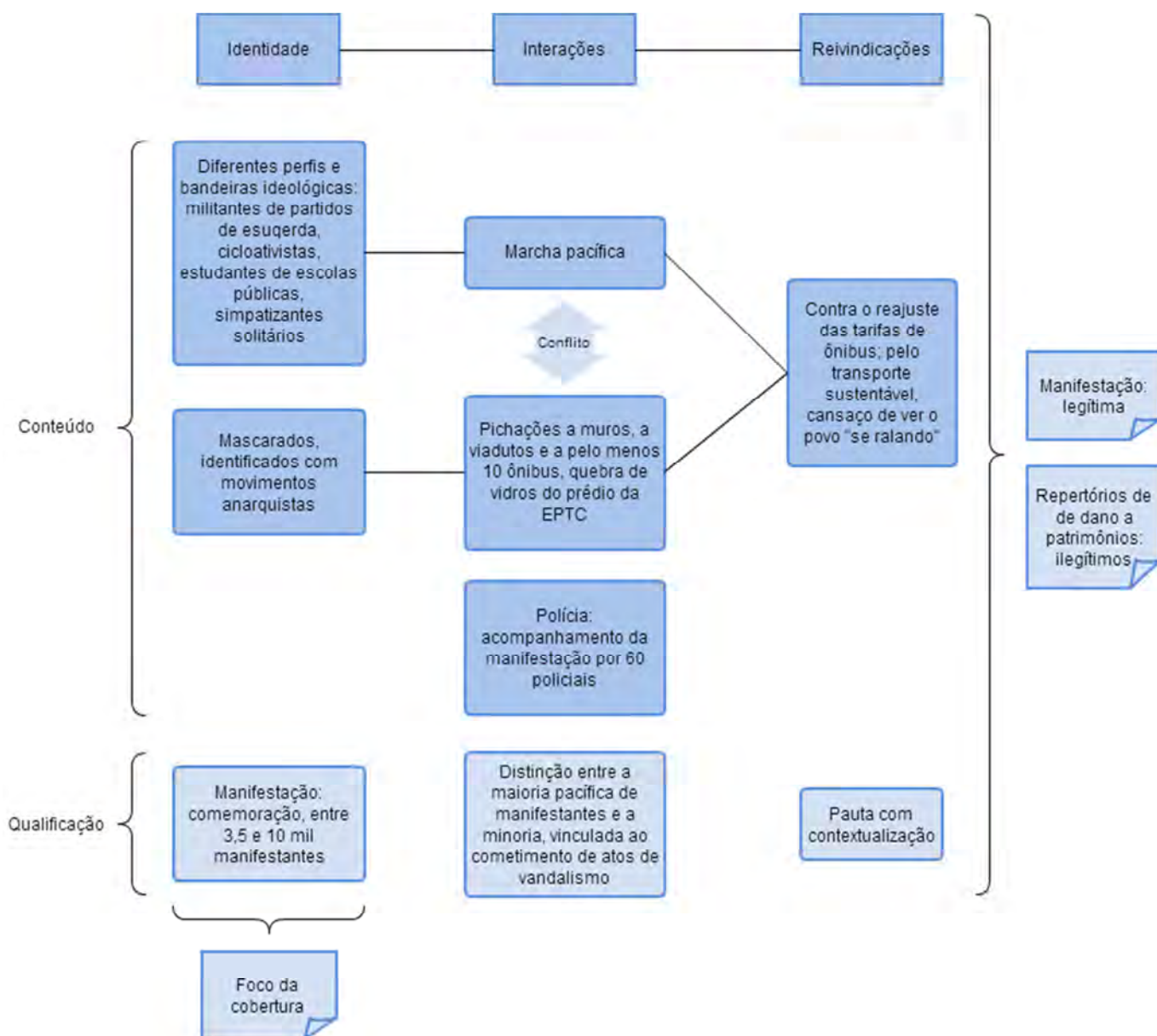
<sup>122</sup> Após liminar da Justiça, protesto contra aumento da passagem vira festa no meio da chuva. *Sul21*, 05 abr. 2013. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/apos-liminar-da-justica-protesto-contr-aumento-da-passagem-vira-festa-no-meio-da-chuva-1/>>.



## 7.2.4. Sistematização do conteúdo das notícias

### a) Zero Hora

Figura 26 - Representação gráfica da cobertura de *Zero Hora* ao protesto de 04 de abril



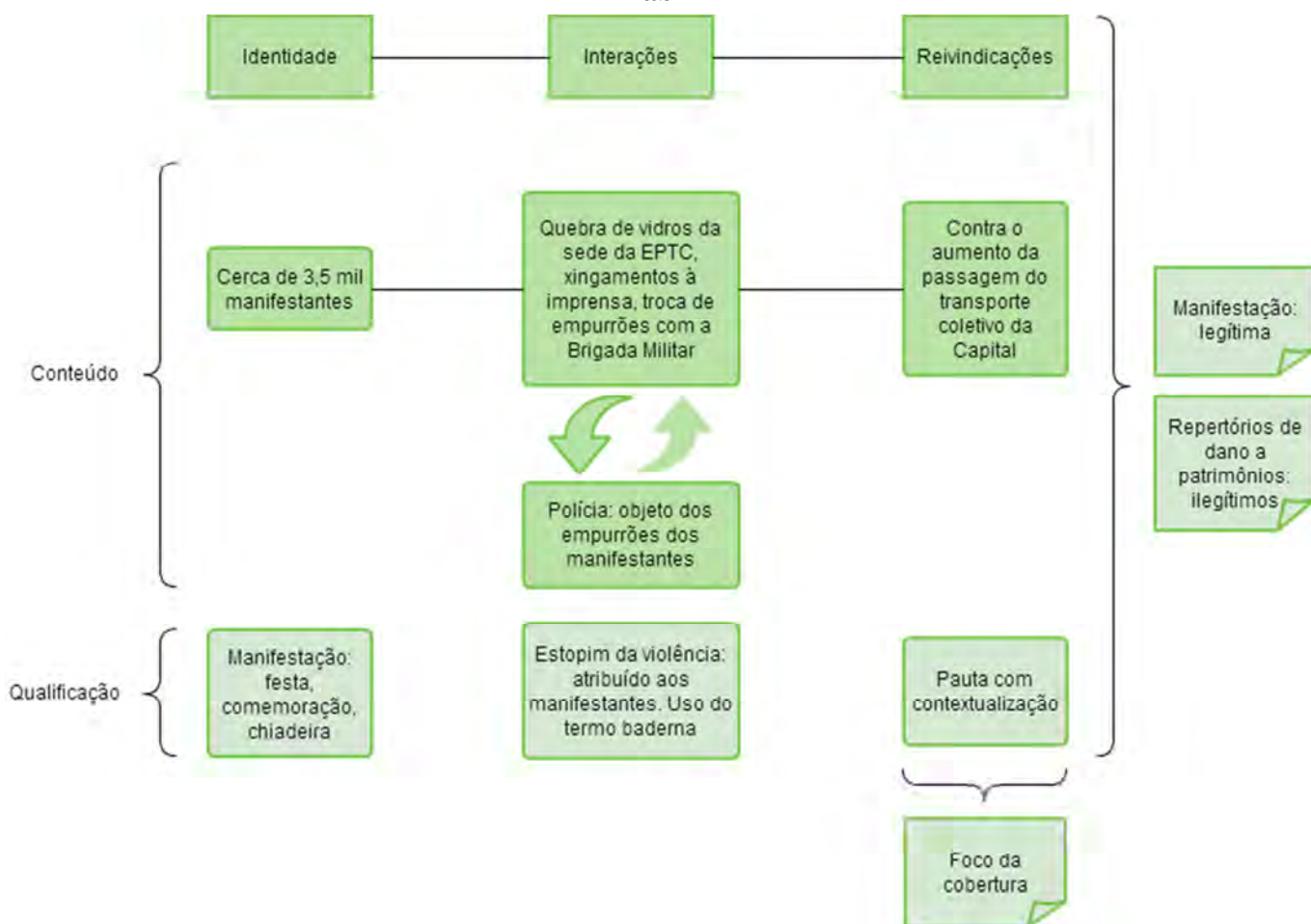
Na cobertura ao protesto de 04 de abril, identificam-se mudanças significativas na cobertura de *Zero Hora*, comparativamente à manifestação de 27 de março. Tais transformações são corroboradas pelas falas dos(as) jornalistas do veículo e por carta da diretora de redação. A notícia não atribui centralidade às situações de conflito, como tema principal do texto. A ênfase do conteúdo consiste na descrição do protesto como “festa” e dos



grupos que o compuseram. Ainda assim, há considerável espaço da notícia destinado à descrição de atos de pichação e de danos a patrimônios, classificados como “vandalismo” e atribuídos a manifestantes “mascarados”. É feita a ressalva de que “a maioria manteve o caráter pacífico”, contrapondo-se à utilização dessas espécies de repertório. A ação da polícia é novamente descrita em termos de passividade, no acompanhamento aos(às) ativistas. Diante desse quadro, opera-se, quanto à legitimidade (e comparativamente à cobertura do protesto de 27 de março), uma *autonomização do protesto em relação a repertórios específicos: a manifestação, em si, é tomada como legítima; alguns repertórios específicos (que envolvem danos a patrimônios) são considerados ilegítimos*.

b) *Diário Gaúcho*

**Figura 27 - Representação gráfica da cobertura do *Diário Gaúcho* ao protesto de 04 de abril**

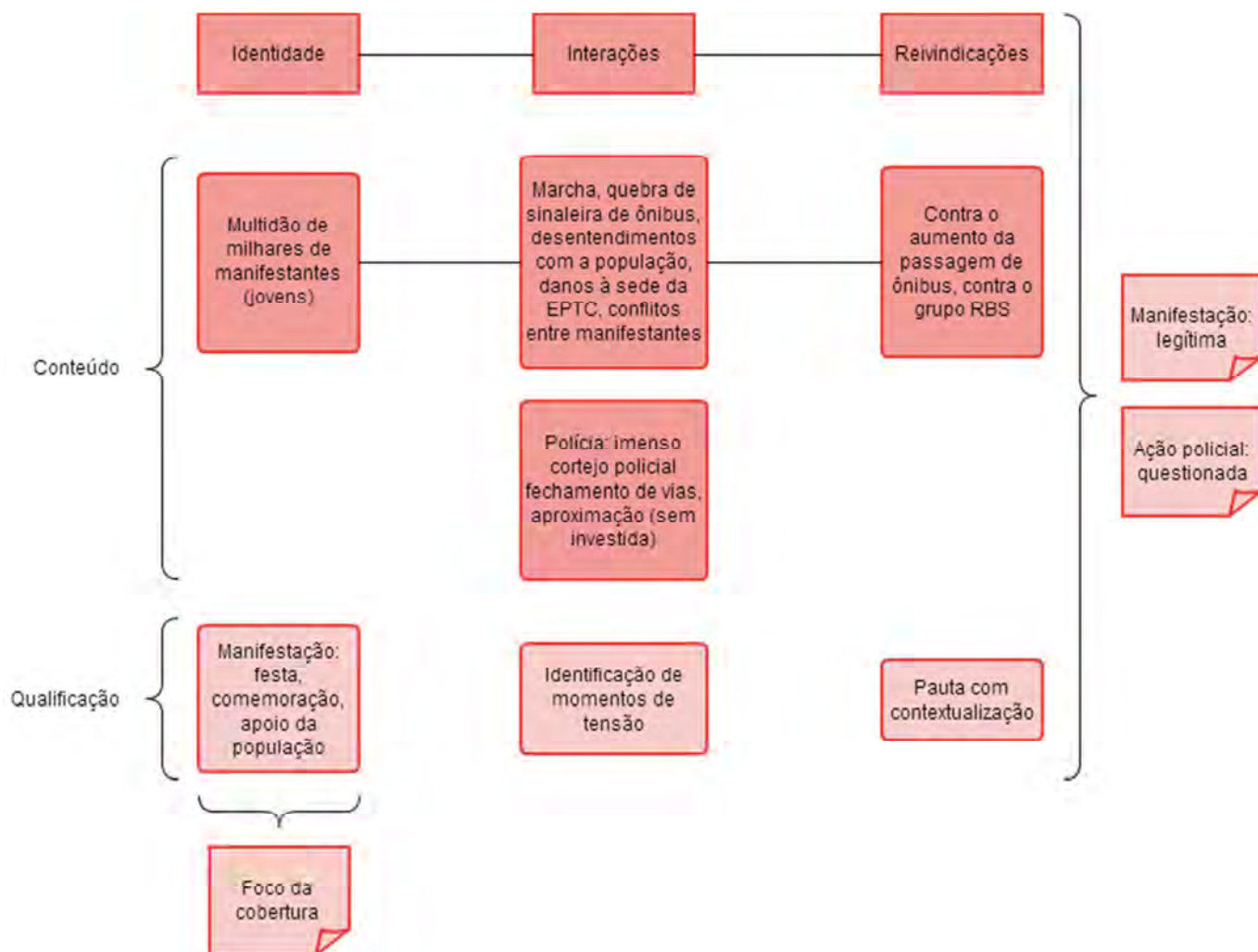


A tendência de transformação de enquadramento, já identificada na cobertura de *Zero Hora*, também se evidencia no caso do *Diário Gaúcho*. O tema central de cobertura do veículo é a caracterização da pauta do transporte público, com o detalhamento do processo de

negociação do valor da passagem. A mobilização do dia 04 de abril é qualificada como “festa”, “comemoração”. Ainda assim, é citada a ocorrência de situações de tensão, atribuídas aos(as) ativistas e classificadas como “baderna”. Em relação à cobertura do ato de 27 de março, a diferença recai sobre o fato de que o termo “baderna” é designado para repertórios específicos de dano a patrimônios, e não para a manifestação em si. Portanto, assim como em *Zero Hora*, identifica-se no *Diário Gaúcho* uma *autonomização do evento em relação a ações específicas: a pauta é tomada como justa, e o protesto, como legítimo; os repertórios de dano a patrimônios, porém, são interpretados como ilegítimos.*

c) *Sul21*

**Figura 28 - Representação gráfica da cobertura do *Sul21* ao protesto de 04 de abril**



O *Sul21* enquadra a manifestação do dia 04 de abril como uma “festa” decorrente da revogação do aumento da passagem na cidade. A pauta do transporte público é

contextualizada, além de serem citadas insatisfações dos(as) ativistas com a imprensa. Quanto às interações entre ativistas e polícia, a descrição de determinadas situações conflitivas é realizada, mas não consiste no tema central da notícia. Ao mesmo tempo, a polícia é tomada como sujeito ativo, sendo suas ações também descritas quando das eventuais tensões com manifestantes. O jornal, portanto, mantém a perspectiva, já apontada na cobertura ao protesto de 27 de março, de *enquadrar a manifestação como legítima*. Diferentemente de *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, os atos de dano a patrimônio por ativistas, embora sejam citados, não são interpretados como ilegítimos.

### **7.3. Entre “atos de vandalismo” e gás lacrimogêneo: o protesto do dia 13 de junho de 2013**

O protesto de 13 de junho é marcado pela expansão das manifestações em âmbito nacional. O número de pessoas presentes é maior, comparativamente aos primeiros protestos do ano. As notícias analisadas são: “Atos de Vandalismo” (*Zero Hora*); “Protesto e vandalismo” (*Diário Gaúcho*); “Manifestação em Porto Alegre termina em cerco, violência e prisões” (*Sul21*).

#### **7.3.1. Identidade dos manifestantes**

##### *a) Zero Hora*

Embora a caracterização dos atores presentes na manifestação não seja o tema central da notícia de *Zero Hora*, o jornal utiliza procedimento análogo àquele realizado na cobertura dos protestos anteriores, com a identificação dos grupos que compunham o ato: “Os manifestantes, na maioria jovens, formavam uma miscelânea: anarquistas e ativistas sociais e estudantis, mesclados a militantes de partidos de esquerda”. Há ênfase na multiplicidade de participantes (embora se identifique o movimento como “de esquerda” e como predominantemente jovem) e na integração promovida pela causa do transporte público, com a união de diferentes atores em torno do Bloco de Lutas pelo Transporte Público. Não consta na notícia o número de pessoas às ruas.

Além disso, sob o título “uma causa que une grupos”, o texto do jornal informa que o protesto de Porto Alegre seria parte de um processo nacional de mobilizações, resultante da

união entre “blocos de lutas integrados por grupos de conexões nacionais”. Ideologicamente, os(as) manifestantes são caracterizados(as) como “idealistas desencantados com a política sindical e partidária tradicional”, buscando, por meio dos protestos, “uma nova forma de expressão”. Neste ponto, o jornal incorpora a questão da “crise de representatividade” (LIMA, 2013) como uma das causas explicativas para as mobilizações.

Verifica-se, ainda, a diferenciação, já construída na cobertura ao protesto do dia 04 de abril, entre manifestantes considerados pacíficos (“a maioria”) e um pequeno “grupo de depredadores”, identificados como “mascarados”. Apesar dessa distinção, a notícia tem como foco as interações conflituosas que teriam ocorrido no curso da manifestação, acontecimentos definidos pelo jornal como “vandalismo”, “quebra-quebra” ou “quebradeira”. A caracterização da “violência” dos(as) manifestantes, portanto, predomina na cobertura de *Zero Hora*, em detrimento da descrição da identidade dos(as) ativistas. Essa perspectiva assumida pelo jornal é bem expressa pela declaração, publicada por *Zero Hora*, de Túlio Martins, Desembargador e presidente do Conselho de Comunicação Social do Tribunal de Justiça:

“O Tribunal de Justiça repudia toda e qualquer forma de *violência*. É perfeitamente compreensível que símbolos do poder e de instituições sejam visados por estes grupos, mas não justifica o *comportamento agressivo (grifos nossos)*”.<sup>123</sup>

#### b) *Diário Gaúcho*

Diferentemente de *Zero Hora*, e em conformidade com o modelo de cobertura já estabelecido pelo *Diário Gaúcho* nas manifestações anteriores, o jornal não delimita quais grupos políticos comporiam o protesto. Não é feita referência aos posicionamentos ideológicos dos atores envolvidos no evento, assim como não há citação ao Bloco de Lutas pelo Transporte Público. Ademais, não é informado o número de ativistas presentes no protesto.

Quanto às características da manifestação, realiza-se enquadramento semelhante àquele construído por *Zero Hora*. Delimita-se uma distinção entre 02 grupos no protesto: um primeiro (formado por “grande parte das pessoas”), que teria sido responsável pelo início

---

<sup>123</sup> Atos de vandalismo. *Zero Hora*, Geral, 14 jun. 2013, p. 5.

“pacífico”, e um segundo grupo (minoritário, de pessoas que teriam realizado atos de “vandalismo”, nos termos do jornal), caracterizado como responsável para que o evento tomasse “contornos de movimento violento”.

c) *Sul21*

Assim como ocorre na cobertura dos eventos anteriores, não há, na notícia do *Sul21*, uma descrição detalhada dos grupos que estariam presentes na manifestação. Informa-se que “milhares de pessoas” compareceram ao ato, e a citação a grupos é apenas realizada em um ponto específico do texto, para relatar uma situação de desentendimento ocorrida entre um manifestante do PSOL e um anarquista:

“Foi quando um militante do PSOL tentou chamar os ativistas para uma assembleia, mas foi reprimido por um militante anarquista.

‘Companheiros, vamos realizar uma assembleia’, disse, sem conseguir terminar a frase. ‘Cala a boca, partidário de merda! Quer virar vereador? Já te promoveu? Agora vamos seguir a marcha! Pelego!’, gritou o anarquista”.<sup>124</sup>

Tal situação coloca em evidência a emergência de disputas em torno do protesto e confirma uma composição, já descrita em outros jornais e pela literatura (SINGER, 2013), de multiplicidade de grupos nos eventos de junho de 2013, embora, no dia 13, os coletivos sejam predominantemente classificados como de “esquerda”. As disputas em torno da manifestação (assim como a dificuldade para estabelecimento de uma “unidade” integrada de mobilização) são também demonstradas pelo relato do *Sul21* de que “por pelo menos três vezes a marcha se dividiu entre aqueles que queriam ir até a sede do Grupo RBS e aqueles que desejavam seguir um outro caminho”.

Além disso, semelhantemente à cobertura de *Zero Hora*, a notícia do *Sul21* caracteriza a manifestação como “inserida em um contexto nacional e global de mobilizações”, com referência a palavras de ordem entoadas pelos(as) ativistas, em solidariedade a protestos ocorridos em outras cidades do Brasil e na Turquia.<sup>125</sup> Por fim, o protesto, assim como

---

<sup>124</sup> Manifestação em Porto Alegre termina em cerco, violência e prisões. *Sul21*, 14 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/manifestacao-em-porto-alegre-termina-em-cerco-violencia-e-prisoas/>>.

<sup>125</sup> Os protestos da Turquia dizem respeito a manifestações ocorridas na Praça Taskim, em Istambul, no ano de 2013. Para um estudo comparativo entre as mobilizações turca e brasileira, ver: ŽIŽEK, 2013.

ocorre em *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, é abordado centralmente em sua dimensão conflitiva. Para caracterizar tal dimensão do protesto, o jornal classifica como “tenso” o clima em que se desenrolou a caminhada pelas ruas da cidade e qualifica como “batalha campal” o modo como terminou a manifestação.

### 7.3.2. Caracterização da(s) reivindicação(ões)

#### a) *Zero Hora*

A pauta da manifestação é identificada por *Zero Hora* como a questão do transporte público, sendo o tema representado na notícia pelas palavras de ordem “Se a passagem aumentar, a cidade vai parar”. Porém, o jornal salienta o fato de que, na cidade, o aumento da passagem já havia sido anteriormente revogado. Essa informação consta desde a chamada do texto:

#### **Figura 29 – Chamada de *Zero Hora* na cobertura do protesto de 13 de junho**

*Impulsionados por três ruidosos – e violentos – protestos em São Paulo, manifestantes voltaram às ruas de Porto Alegre para protestar contra a tarifa de ônibus, mesmo que ela já tenha sido reduzida. A noite acabou em vandalismo e 23 prisões.*

Fonte: Jornal *Zero Hora*, edição impressa, 14/06/2013.

Logo no início do texto, essa informação é reafirmada:

*“mesmo com o valor da passagem reduzido após manifestações de rua, outra passeata contra o reajuste de tarifas foi convocado para ontem, e terminou em quebra-quebra, em Porto Alegre. [...] Os ativistas não se contentaram com a redução da passagem de R\$ 3,05 para R\$ 2,85 em abril, após passeatas semelhantes à de ontem, ocorridas em março (grifos nossos)”*.<sup>126</sup>

A notícia ressalta ainda uma vez mais esse ponto, ao afirmar que:

---

<sup>126</sup> Atos de vandalismo. *Zero Hora*, Geral, 14 jun. 2013, p. 4.

“O curioso nesse episódio é que, ao contrário de outras capitais, a *redução das passagens já aconteceu em Porto Alegre* e acaba de receber novo apoio. Além do tribunal de Justiça, que deu liminar garantindo o rebaixamento da tarifa, o Tribunal de Contas do Estado (TCE) emitiu ontem medida cautelar reforçando a decisão. Mesmo imersos na euforia da vitória, manifestantes promoveram a quebradeira (*grifo nosso*)”.<sup>127</sup>

Nesse sentido, apesar de referir que “a manifestação foi convocada sob justificativa de tentar reduzir ainda mais o valor da passagem, já que houve isenção de tributos PIS/Cofins para as empresas de ônibus”, a notícia ressalta que haveria outras motivações para a ocorrência do protesto: a “solidariedade” a ativistas de outras cidades do país, bem como a vinculação a outras manifestações, em nível global. Assim aduz o texto:

“A causa agora tinha mais uma motivação: *solidariedade aos manifestantes cariocas e paulistas que há uma semana invadem as ruas e tentam baixar a tarifa*, mimetizando o sucesso dos ativistas gaúchos. [...] Ecoa também uma *onda de protestos com motivações econômicas, como a crise financeira da Europa, que sacode a juventude de Atenas a Istambul, de Barcelona a Paris*, tudo alimentado pela internet e encorpado pelas imagens que rodam o planeta via mídias sociais (*grifos nossos*)”.<sup>128</sup>

A partir desses trechos da notícia de *Zero Hora*, é interessante notar, primeiramente, a evidente ênfase do jornal ao fato de que o aumento da passagem já havia sido revogado em Porto Alegre, no início do ano. A questão do transporte na cidade, nesse sentido, é pouco detalhada, e da leitura do texto extrai-se que a manifestação não teria uma finalidade definida, em esfera local, para além da “solidariedade” a outros protestos. Assim, o sentimento de injustiça, elemento considerado central pela literatura para o engajamento em processos de mobilização (LÓPEZ; SABUCEDO, 2007), não constitui o foco do texto de *Zero Hora*.

Em segundo lugar, salienta-se o procedimento de vinculação da manifestação de Porto Alegre aos contextos nacional e global. Essa interpretação corrobora com a expressão “Vamos repetir Porto Alegre!”, escrita em um cartaz de um protesto de São Paulo, no dia 06 de junho de 2013. A manifestação de 13 de junho é o primeiro evento em que se inicia a construção da interpretação, por *Zero Hora*, de que os eventos de Porto Alegre estariam atrelados a

---

<sup>127</sup> Atos de vandalismo. *Zero Hora*, Geral, 14 jun. 2013, p. 4.

<sup>128</sup> Atos de vandalismo. *Zero Hora*, Geral, 14 jun. 2013, p. 4.

“conexões nacionais”. Ainda assim, a ligação com outros locais do Brasil é atrelada ao caráter conflitivo atribuído ao protesto. Nos termos na notícia: “os porto-alegrenses reprisaram aqui a depredação registrada em Rio e São Paulo”. A diferença entre os protestos residiria, por outro turno, no fato de que em Porto Alegre não teriam sido registrados “feridos graves”.<sup>129</sup>

Por fim, a vinculação do evento a manifestações globais (a “protestos com motivações econômicas”) expõe uma interpretação do jornal de que o protesto de Porto Alegre extrapolaria o tema do transporte público. O texto da notícia enquadra os(as) manifestantes, de modo amplo, como “idealistas desencantados com a política sindical e partidária tradicional”.

#### b) *Diário Gaúcho*

Ao início da notícia do *Diário Gaúcho*, o tema abordado consiste na negociação do valor da passagem de ônibus na cidade. As primeiras palavras do texto assim afirmam:

“O Tribunal de Contas do Estado (TCE) determinou que a tarifa de ônibus de Porto Alegre continue em R\$ 2,85. O relator da medida cautelar destinada à EPTC, conselheiro Iradir Pietroski, argumentou que os cálculos que apontam para o reajuste para R\$ 3,05 apresentam erros e inconformidades. O diretor-presidente da EPTC, Vanderlei Cappellari, afirmou que irá analisar o relatório do TCE junto com uma equipe técnica para decidir quais medidas tomar”.<sup>130</sup>

Após essa introdução, a notícia relata os episódios conflitivos que teriam ocorrido durante o protesto. Dessa forma, identifica-se que, segundo o jornal, o tema do valor da passagem de ônibus predomina como pauta da manifestação. De qualquer modo, a notícia afirma que “mesmo com a determinação do TCE, houve novo protesto contra o aumento da tarifa”. Assim, o texto do *Diário Gaúcho* constroi enquadramento análogo ao de *Zero Hora*, no sentido de enfatizar que, na cidade, um pleito contra o aumento da tarifa já havia sido objeto de manifestações e de decisão juridicamente favorável aos(às) ativistas.

Por fim, o jornal não estabelece ligação explícita, no texto, entre o protesto de Porto Alegre e as manifestações de outros locais do país e do mundo. Entretanto, na mesma página em que a notícia “Protesto e vandalismo” (referente ao evento de Porto Alegre) está disposta,

---

<sup>129</sup> Na notícia de *Zero Hora*, há um trecho cujo título é “Polícia reage com violência em SP”. A interpretação de que a ação policial ao protesto teria sido violenta não é aplicada, por *Zero Hora*, ao evento de Porto Alegre.

<sup>130</sup> Protesto e vandalismo. *Diário Gaúcho*, Geral, 14 jun. 2013, p. 6.



consta o texto “Confusão no Rio e em São Paulo”, alusivo aos protestos pelo transporte público ocorridos naquelas cidades, em 13 de junho.

c) *Sul21*

Quanto às reivindicações que levaram os(as) manifestantes às ruas, o *Sul21* também caracteriza o protestos como “contra o aumento da passagem de ônibus”, de modo que não se verificam dúvidas ou ambiguidades em relação à motivação central do protesto. Uma diferença importante, porém, em relação às coberturas de *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, é que o texto do *Sul21* não afirma que a manifestação ocorreu a despeito da decisão de revogação do aumento do valor da passagem, em abril. Assim, não se constroi interpretação de que os(as) ativistas já teriam atingindo seus objetivos.

Importante semelhança com o enquadramento produzido por *Zero Hora* é que, a partir das palavras de ordem e das afirmações inscritas nos cartazes dos manifestantes, a notícia do *Sul21* relaciona, explicitamente, o protesto de Porto Alegre aos protestos nacionais pelo transporte público e a outras manifestações ao redor do mundo:

“A composição, os gritos, cartazes e objetos observados na marcha desta quinta-feira dão a clara dimensão de como ela está inserida em um contexto nacional e global de mobilizações. Diferentemente dos outros atos que já ocorreram na cidade, desta vez as palavras bradadas mencionavam outros locais do país onde também acontecem protestos contra o aumento da passagem de ônibus. “São Paulo! Rio de Janeiro! Porto Alegre e Natal! Pelo passe livre! A luta é nacional!” e “Ô Dilma! Eu quero ver! O passe livre nacional acontecer” foram gritos bastante ouvidos durante a marcha. Mas as palavras de ordem mais entoadas pelos manifestantes foram: “Acabou o amor! Isso aqui vai virar a Turquia”, numa clara referência às mobilizações sociais que têm tomado conta daquele país nas últimas semanas. Ainda havia um cartaz que comparava o primeiro-ministro turco Recep Tayyip Erdoğan com o prefeito José Fortunati (PDT)”.<sup>131</sup>

Outro grito citado pela notícia é aquele que diz: “um, dois, três! Quatro, cinco, mil! Ou baixa a passagem, ou paramos o Brasil”. Ademais, para demonstrar a relação com o contexto global, consta na notícia a seguinte imagem, em que manifestante compara o prefeito de Porto Alegre à época, José Fortunati, ao primeiro-ministro turco à época (assim como critica a ação policial):

---

<sup>131</sup> Manifestação em Porto Alegre termina em cerco, violência e prisões. *Sul21*, 14 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/manifestacao-em-porto-alegre-termina-em-cerco-violencia-e-prisoese/>>.

**Figura 30 – Cartaz de manifestantes no protesto de 13 de junho**



Foto: Ramiro Furquim/Sul21

Fonte: <<http://www.Sul21.com.br/jornal/manifestacao-em-porto-alegre-termina-em-cerco-violencia-e-prisoas/>>. Fotografia: Ramiro Furquim.

Quanto à comparação entre o evento de Porto Alegre e outros protestos em âmbito nacional, o texto cita entrevista com o major André Córdova, do 9º Batalhão da Polícia Militar de Porto Alegre. Este, segundo o texto do *Sul21*, afirma que “acredita que os protestos no Rio de Janeiro e em São Paulo ‘contaminaram negativamente a manifestação em Porto Alegre’”, em referência às situações conflitivas ocorridas durante o evento. Ainda assim, o relato do *Sul21* sobre as interações entre manifestantes e policiais não se coaduna com a fala do major.

### **7.3.3. Interações entre manifestantes e policiais**

#### *a) Zero Hora*

As situações conflituvas ocorridas durante o protesto do dia 13 de junho são o tema central da cobertura de *Zero Hora* à manifestação. Esse foco, especificamente ligado à ação dos(as) manifestantes, demonstra-se presente desde a manchete da notícia:

**Figura 31 – Manchete de *Zero Hora* na cobertura ao protesto de 13 de junho**

# Atos de vandalismo

Fonte: Jornal *Zero Hora*, edição impressa, 14/06/2013.

Segue-se ao título da notícia a descrição das consequências da noite de protesto, com a ressalva de que o ato teria se iniciado de forma “pacífica”:

“Em um protesto que começou de forma pacífica em frente à prefeitura e se radicalizou noite adentro, contêineres foram incendiados, bancos quebrados e veículos depredados. Vinte e três manifestantes foram detidos – 18 homens e cinco mulheres”.<sup>132</sup>

Ao longo do texto, são narradas diversas situações nas quais os(as) manifestantes teriam sido protagonistas de ações conflituvas. Dentre os repertórios utilizados, a notícia cita, além de danos a patrimônios públicos e privados, uso de sinalizadores, pichações, ameaças a jornalistas, bloqueio ao trânsito, consumo de maconha e cocaína e porte de soco-ínglês. Seguem os trechos que resumem a descrição desses atos:

“Após saírem da prefeitura, seguiram pela Avenida Júlio de Castilhos até a rodoviária. Alguns subiram no arco da Trensurb em frente ao Mercado Público, acenderam sinalizadores, picharam a estação do trem e impediram que jornalistas registrassem os atos, ameaçando tirar-lhes os equipamentos. Bancos tiveram vidros quebrados e ônibus foram depredados, em gestos repudiados pela maioria”.

[...]

“O trânsito foi bloqueado sucessivamente nas avenidas Júlio de Castilhos, Loureiro da Silva, Salgado Filho, João Pessoa e Érico Veríssimo”.

[...]

---

<sup>132</sup> Atos de vandalismo. *Zero Hora*, Geral, 14 jun. 2013, p. 4.

“Ao passarem em frente à sede do Tribunal de Justiça, onde a Tropa de Choque da BM fazia proteção, manifestantes atiraram pedras no edifício e fizeram pichações pelo caminho. Na Avenida João Pessoa, algumas pessoas atearam fogo a contêineres, bloqueando a via por cerca de uma hora”.

[...]

“Policiais identificaram manifestantes consumindo maconha e cocaína e portando objetos como soco-ínglês e pedras, que vão bem além das bandeiras de partidos políticos e de diretórios estudantis (grifos nossos)”.<sup>133</sup>

Para ilustrar essas ocorrências, todas as imagens da notícia possuem como tema manifestantes causando danos a patrimônios ou sendo presos. As fotografias ocupam cerca de metade do espaço da página:

**Figura 32 – Manifestante causam danos a patrimônios e são presos no protesto de 13 de junho**



Fonte: Jornal *Zero Hora*, edição impressa, 14/06/2013. Fotografia: Ricardo Duarte.

Ademais, consta na notícia a descrição de episódio no qual carro do Grupo RBS foi “alvo” de ataque por parte de manifestantes:

<sup>133</sup> Atos de vandalismo. *Zero Hora*, Geral, 14 jun. 2013, p. 4.



“Por volta das 21h10min, um carro do Grupo RBS que levava funcionários para o aeroporto parou na Avenida João Pessoa, ao lado do Parque Farrroupilha, devido à concentração de manifestantes no trajeto. O veículo foi sacudido, pichado, chutado e teve o vidro traseiro quebrado por um pedaço de ferro. Um grupo de cerca de seis pessoas, algumas mascaradas e carregando paus, pedras e pedaços de sinalizadores de trânsito, chegou a ensaiar mais hostilidades, mas uma jovem, também integrante do protesto, interveio. O automóvel ficou retido por cerca de cinco minutos até poder deixar o local”.<sup>134</sup>

A circunstância é assim ilustrada:

**Figura 33 – Carro do Grupo RBS com os vidros quebrados na manifestação de 13 de junho**



Fonte: Jornal *Zero Hora*, edição impressa, 14/06/2013. Fotografia: Gustavo Roth.

O conteúdo acima exposto indica duas questões relevantes para análise: uma ligada à cobertura de *Zero Hora* sobre os denominados “atos de vandalismo”; outra referente à relação de hostilidade entre manifestantes e Grupo RBS. Quanto à primeira questão, resta evidenciado que o tema central da notícia de *Zero Hora* é a exposição dos atos de confronto levados a

---

<sup>134</sup> Atos de vandalismo. *Zero Hora*, Geral, 14 jun. 2013, p. 5.

cabo por alguns(mas) manifestantes. Nesse sentido, o conteúdo da notícia assemelha-se à cobertura do protesto do dia 27 de março. Embora, no protesto do dia 04 de abril, as entrevistas com jornalistas e a carta da diretora de redação relatem um processo de “autocrítica” do jornal, a interpretação do evento do dia 13 de junho retoma um modelo jornalístico que se centra em cobrir “fatos extraordinários” (ETCHICHURY, 2010), dando preferência a situações de conflito, em detrimento da cobertura da reivindicação proposta durante o protesto. Essa perspectiva é ainda reforçada pelo uso dos termos “vandalismo”, “quebra-quebra” e “quebradeira” para caracterizar o protesto.

O processo de “autocrítica” realizado pelo jornal parece ter sido incorporado de um modo específico, no sentido de que a notícia salienta que os(as) ativistas responsáveis pelos atos de “vandalismo” não compunham a “maioria” e que o “protesto que começou de forma pacífica”. A esse respeito, são relatados episódios de conflitos entre manifestantes, devido à disputa em torno da possibilidade de serem adotados repertórios “violentos”:

“- *Mostra a cara!* – gritava a maioria a um pequeno grupo de 20 depredadores, tentando impedir que a quebradeira virasse marca. Não conseguiram, mas *vaiaram* seus colegas manifestantes”.

[...]

“A unidade da mobilização ficou comprometida no momento em que os mascarados quebraram os vidros e viraram mesas de bar na Rua da República. – *Não se esqueçam de que o protesto é contra o aumento da passagem – lembrou um manifestante*”.

[...]

“*A falta de comando entre os próprios manifestantes – muitos não queriam confusão e quebradeira – fez com que o tumulto começasse ainda internamente*”.<sup>135</sup>

Assim, mantém-se, no curso da notícia, a distinção entre ativistas “vândalos” (minoría) e ativistas “pacíficos” (maioría). De qualquer modo, a existência de uma “maioría pacífica” não é traduzida em termos de espaço destinado às ações dos(as) manifestantes na notícia de *Zero Hora*. A “minoría de vândalos”, *mesmo sendo quantitativamente inferior na interpretação do jornal, assume protagonismo na notícia*, no sentido de que esta se centra em descrever a ação dos indivíduos qualificados como “depredadores”. Em suma, o relato da existência de uma “maioría pacífica” consiste apenas em um dado secundário da notícia

---

<sup>135</sup> Atos de vandalismo. *Zero Hora*, Geral, 14 jun. 2013, p. 4.

(como incorporação de um padrão de resposta às críticas que o veículo havia anteriormente recebido), para que se retome o modelo centrado na descrição de atos “violentos”, com a seleção de um grupo específico (os “mascarados”) como responsável pelos “atos de vandalismo”.

Esse processo de rotulação (BECKER, 2008 [1963]) de determinados(as) ativistas como “vândalos” é ainda reafirmado quando o jornal aduz que, dentre as pessoas presas, “pelo menos duas já eram conhecidas da polícia”. Assim, manifestantes são associados a condutas delituosas pretéritas, embora não conste no texto em que consistiria esse “conhecimento prévio” por parte das autoridades policiais. Quanto às medidas tomadas diante dos(as) 23 presos(as), *Zero Hora* afirma que “elas [as pessoas presas] assinaram termos circunstanciados por dano ao patrimônio privado e público e serão investigados”. Esses dados demonstram que a notícia de *Zero Hora* opera segundo um modelo “criminalizante” (RAMOS; PAIVA, 2007), semelhante àquele adotado na cobertura ao evento de 27 de março. A diferença situa-se no fato de que, em 13 de junho, *Zero Hora* seleciona um grupo específico de ativistas e os rotula como “vândalos”, distinguindo-os do restante (“maioria”) dos(as) manifestantes.

Inversamente, a relação de tensão entre ativistas e alguns veículos midiáticos é identificada, a partir da situação de dano ao carro do Grupo RBS, além do fato de que a sede do grupo foi um dos “alvos” da marcha. A relação de hostilidade por parte de ativistas é um tema recorrente nas entrevistas realizadas com jornalistas de *Zero Hora*. Segundo o repórter Itamar, por exemplo, a cobertura das manifestações “foi um trabalho um pouco difícil, porque tinha, de parte dos manifestantes, uma oposição com relação aos meios de comunicação, então havia hostilidade”. Na opinião do repórter Carlos, as críticas provenientes das ruas seriam “uma questão ideológica”, “uma crítica mais histórica à RBS”. Igor, ex-editor do *Sul21*, segue no mesmo sentido:

**Igor:** Dentro dos protestos, qualquer um que tivesse trabalhando na Gaúcha, na *Zero Hora*, era hostilizado. As pessoas eram hostilizadas. Eu tenho... até hoje eu tenho amigos que trabalham na Gaúcha, que trabalham na *Zero Hora*... que eles precisavam esconder o crachá. E não era uma questão de desonestidade, ou esconder o crachá pra ninguém saber que eu sou repórter. Não, é porque se o crachá estivesse aqui, aquelas pessoas perigavam inclusive apanhar, de alguém mais exaltado chegar e jogar uma pedra. É uma coisa que podia acontecer. E isso demonstra claramente o capital negativo que esses veículos foram acumulando a partir do seu modelo de cobertura.

Essas tensões demonstram que, nos processos de mobilização, há uma relação (seja de hostilidade, seja de proximidade) entre manifestantes e veículos midiáticos, o que corrobora com a ideia de que o jornal não se constitui como um mero meio transmissor de informações (GAMSON [et al.], 1992), mas como ator que interfere nos próprios repertórios utilizados por ativistas (a faixa crítica ao Grupo RBS e o dano produzido ao carro do grupo são exemplos dessa questão). Nesse ponto, o histórico do jornal constitui elemento central para o modo como se dão as interações com ativistas. No caso específico, considerando-se *Zero Hora* como um jornal historicamente hegemônico no estado do Rio Grande do Sul, um veículo que, nos termos de Samir (ex-repórter do *Sul21*) “nunca teve uma boa relação e uma posição próxima com movimentos sociais”, afirmação validada pela literatura (BERGER, 1996, BUDÓ, 2013), manifestantes não identificaram, à época, *Zero Hora* como um aliado político (ou mesmo como ator “neutro”), mas sim como *oposição na disputa pela interpretação predominante dos acontecimentos*.

Por fim, quanto à ação policial, prevalece, em *Zero Hora*, a interpretação de que os policiais possuíam a função de acompanhar o protesto, para garantir a “proteção” dos(as) manifestantes. Assim narra o texto da notícia:

“A BM estava orientada só a acompanhar o protesto, mas *o contêiner queimado foi o ponto crucial para a mudança de postura da tropa de choque*. Policiais identificaram manifestantes consumindo maconha e cocaína e portando objetos como soco-ínglês e pedras, que vão bem além das bandeiras de partidos políticos e de diretórios estudantis. A BM *reagiu* com bombas de gás lacrimogêneo (*grifos nossos*)”.<sup>136</sup>

A ação policial, com o uso de bombas de gás lacrimogêneo (não é citado o uso de outros repertórios policiais, como balas de borracha), teria sido o *resultado da ação dos(as) manifestantes*. O jornal qualifica esse ato como *reação*, de modo que é atribuído aos(às) ativistas a responsabilidade pela ocorrência da interação conflitiva. A realização de 23 detenções, por sua vez, é um dado informado pelo jornal, sem que sejam questionados os critérios e o cabimento das prisões. As seguintes palavras de Silanus de Oliveira Mello, subcomandante geral da BM, constam da notícia e confirmam a interpretação produzida por *Zero Hora*:

---

<sup>136</sup> Atos de vandalismo. *Zero Hora*, Geral, 14 jun. 2013, p. 4.



“A orientação era a mesma de sempre: acompanhar o protesto para garantir a segurança das pessoas poderem se manifestar democraticamente. Isso desde que não tenha nenhum tipo de depredação. Foram virados lixos e arremessados objetos contra a tropa e o resultado foram 23 presos”.<sup>137</sup>

b) *Diário Gaúcho*

A respeito da interação entre manifestantes e policiais, *Diário Gaúcho* segue, de forma menos detalhada, interpretação análoga à de *Zero Hora*. Quando da descrição do confronto, é referido, inicialmente, que “a manifestação que se iniciou pacífica”, em determinado momento “tomou contornos de movimento violento devido a um grupo que quebrou vidros, pichou prédios, pôs fogo em contêineres e apedrejou o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul”. Além de fazer referência a repertórios de danos a patrimônios por ativistas, a notícia cita a ocorrência de transtornos no trânsito da cidade, ao afirmar que “as vias Júlio de Castilhos, Salgado Filho, Aureliano de Figueiredo Pinto, Lima e Silva, Loureiro da Silva e José do Patrocínio pararam”.

Em contrapartida, no mesmo sentido da notícia de *Zero Hora*, o texto do *Diário Gaúcho* salienta que parte dos(as) manifestantes teria repudiado, por meio de vaias, os “atos de vandalismo” promovidos por determinados(as) ativistas: “Durante os atos de vandalismo, grande parte das pessoas que protestavam contra o possível aumento da passagem vaiava quem fazia as depredações”. Quanto à ação policial, reproduz-se igualmente a interpretação de *Zero Hora*, tendo em vista que é citado o uso de bombas de gás lacrimogêneo pela BM, como *reação* ao “vandalismo”. No mesmo sentido, informa-se que “pelo menos 23 pessoas foram detidas”, estando ausentes detalhes sobre o modo como foram levadas a cabo as prisões.

Neste ponto do trabalho, é interessante apontar que, em todos os protestos até aqui analisados, *Diário Gaúcho* e *Zero Hora* construíram, a despeito de diferenças pontuais (notadamente relatos mais sucintos e com uma linguagem mais informal de *Diário Gaúcho*), enquadramentos semelhantes em relação aos protestos. É necessário, nesse sentido, pontuar que, conforme as entrevistas realizadas para este trabalho, os jornais adotam uma lógica de cooperação para a produção de seus respectivos conteúdos. Felipe, editor-executivo do *Diário Gaúcho*, descreve essa lógica:

---

<sup>137</sup> Atos de vandalismo. *Zero Hora*, Geral, 14 jun. 2013, p. 5.

**Felipe:** A lógica de que se tem dois fazendo uma coisa, uma coisa ou outra está deixando de ser feita. Então essa é a lógica da empresa quando tem dois jornais que muitas coisas, boas coisas se divide.

[...]

Então algumas matérias é a reportagem da *Zero Hora* que faz, e a gente usa o texto se estiver pronto. Muitas vezes o editor daqui sugere “legal, vamos fazer essa matéria. A gente tem interesse em fazer essa pergunta e aquela”. Tá, perfeito. O repórter vai lá. Se ele já não faria essas perguntas, ele faz e traz. Se conversa. Todo dia de manhã se conversa muito. E algumas matérias específicas, que tem interesse só nosso, a gente vai, faz, volta. E se na volta a *Zero* se interessar, porque a foto está bonita, porque o texto surpreendeu mais, eles pegam e usam. Não tem problema nenhum. Da mesma forma nós. Se tem alguma coisa que em tese não interessa à gente, mas que no final das contas a gente entende que vai atender uma grande parcela da população, a gente pega.

Especificamente quanto às manifestações de 2013, Felipe esclarece:

**Felipe:**...muitas vezes a gente tinha um repórter envolvido na cobertura, e a *Zero Hora*, a rádio Gaúcha, a TV tinham dois, três, quatro, né. Então muitas vezes a matéria era um... como a gente chama aqui, era um cozido de todas as coisas.

Portanto, embora, segundo Felipe, o *Diário Gaúcho* não tenha recebido “nenhuma sinalização efetivamente crítica da abordagem” dos protestos, dado que o tema da tarifa de ônibus “era um assunto que a gente [*Diário Gaúcho*] dominava muito”, extrai-se da análise que as eventuais mudanças na cobertura de *Zero Hora* são acompanhadas pelo *Diário Gaúcho* nas notícias ao longo do ano. Essa questão evidencia-se especialmente na construção de uma interpretação que diferencia manifestantes “vândalos” da “maioria pacífica”.

Por fim, quanto à ilustração da notícia do *Diário Gaúcho*, as três imagens que seguem estão dispostas, na cobertura ao protesto de 13 de junho, de forma consecutiva. É interessante notar que, embora tenham sido posicionadas na página de cobertura ao protesto de Porto Alegre, as fotografias são relativas aos protestos de São Paulo (que são também brevemente descritos na página). No entanto, não há informações que esclareçam a qual cidade se referem as imagens. O(a) leitor(a) que não identifica, pelas fotografias, o local da manifestação pode compreender que elas teriam sido tiradas em Porto Alegre. As legendas, ademais, representam, resumidamente, o exato modo como *Diário Gaúcho* interpretou o evento de Porto Alegre:

Figura 34 – Ilustração do *Diário Gaúcho* ao protesto de 13 de junho



Fonte: Jornal *Diário Gaúcho*, edição impressa, 14/06/2013. Fotografias: Ricardo Duarte.

c) *Sul21*

Na notícia do *Sul21*, as interações conflitivas igualmente constituem elemento central da cobertura ao protesto; entretanto, a interpretação produzida pelo jornal diferencia-se dos enquadramentos de *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, principalmente no que se refere à descrição da ação policial. A narrativa do *Sul21* explicita que o “clima” da manifestação teria sido “tenso” desde o início do evento, com o acompanhamento da marcha pela cavalaria da BM (“os cavalos estavam visivelmente apavorados com a multidão e com os barulhos”, em alusão

a eventual despreparo policial). Diante desse “clima de tensão”, a notícia relata a incorporação de repertórios de danos a patrimônios e de pichações por determinados(as) manifestantes:

“Em seguida, a caminhada tomou a avenida Voluntários da Pátria e subiu a rua Vigário José Inácio – momento em que *alguns manifestantes começaram a investir contra uma agência bancária do Bradesco.*”

[...]

“Na avenida Salgado Filho, *um ativista revirou um contêiner de lixo* – que, posteriormente, outras pessoas tentaram colocar no lugar.”

[...]

“Às 20h, os manifestantes chegaram à avenida Borges de Medeiros, de onde marcharam até a sede do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (TJ-RS). Durante o percurso, *pelo menos quatro contêineres de lixo foram virados e duas agências bancárias foram apedrejadas.* Esses atos provocavam indignação na maioria do grupo, que respondia com vaias.”

[...]

“A partir daí, a marcha tomou a avenida Lima e Silva. *Ao passar pelo bar Pinguim, alguns ativistas jogaram pedras no estabelecimento* – conhecido na cidade devido a diversas denúncias de agressão por homofobia que seriam praticadas por seus garçons. Uma das pedras acabou atingido uma própria militante da marcha.”

[...]

“Ao chegar na avenida João Pessoa, *alguns manifestantes quebraram faroletes de ônibus e jogaram pedras na sede do PMDB de Porto Alegre.* Antes, *um carro Rádio Gaúcha foi pichado e teve os vidros quebrados – com pessoas dentro do veículo (grifos nossos)*”.<sup>138</sup>

Tais relatos assemelham-se àqueles produzidos por *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, com as exceções de que a notícia do *Sul21* não publica imagens de manifestantes causando danos a patrimônios, bem como *não* qualifica tais ativistas em termos pejorativos, como “depredadores” ou “vândalos”. Nesse sentido, o jornal não constroi uma narrativa que separe manifestantes “pacíficos” de “vândalos”. Essa espécie de diferenciação *não é incorporada* pelo *Sul21* para construção de seus enquadramentos sobre os protestos. As imagens a seguir, publicadas pelo jornal, demonstram a *oposição à rotulação dos atos de manifestantes como “vandalismo” ou “crime”*:

---

<sup>138</sup> Manifestação em Porto Alegre termina em cerco, violência e prisões. *Sul21*, 14 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/manifestacao-em-porto-alegre-termina-em-cerco-violencia-e-prisoas/>>.

**Figura 35 – Cartaz “Vândalo é o governo” na manifestação de 13 de junho**



Foto: Ramiro Furquim/Sul21

Fonte: <<http://www.Sul21.com.br/jornal/manifestacao-em-porto-alegre-termina-em-cerco-violencia-e-prisoas/>>. Fotografia: Ramiro Furquim.

**Figura 36 – Cartaz “Protestar não é crime! São Paulo, nós estamos juntos” na manifestação de 13 de junho**

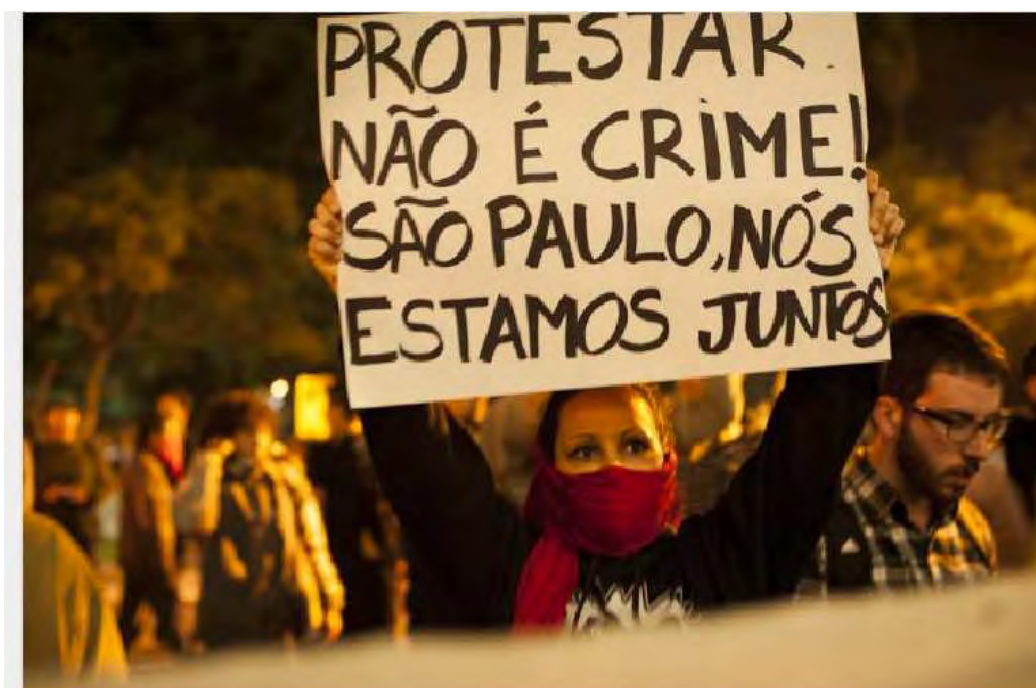


Foto: Ramiro Furquim/Sul21

Fonte: <<http://www.Sul21.com.br/jornal/manifestacao-em-porto-alegre-termina-em-cerco-violencia-e-prisoas/>>. Fotografia: Ramiro Furquim.

Detecta-se, porém, certa similaridade entre as notícias dos três jornais, pela interpretação do *Sul21* de que, ao longo do percurso da marcha, teria havido conflitos entre os(as) próprios(as) manifestantes acerca da utilização de repertórios que causassem dano a patrimônios ou a pessoas. Esses conflitos teriam sido expressos tanto por meio de “vaías” a ativistas que quebrassem objetos quanto por meio de atitudes reparadoras, como a recolocação, em sua posição de origem, de contêineres de lixo que houvessem sido revirados.

As diferenças de enquadramento voltam a evidenciar-se quando o texto do *Sul21*, sob o título “Ruas da Cidade Baixa ficam repletas de gás lacrimogêneo”, descreve as tensões entre policiais e manifestantes detalhadamente. O estopim do confronto é atribuído à ação da BM, pois policiais teriam cercado a marcha tanto “por trás” quanto “pela frente”, com a subsequente utilização de bombas de gás lacrimogêneo e de balas de borracha, seguida de “perseguição” a ativistas. Segue a descrição dessa situação na notícia:

“O confronto direto com a Brigada Militar começou a se estabelecer quando os manifestantes estavam na avenida João Pessoa, a partir do momento em que cruzaram com a esquina da avenida José Bonifácio – deixando, portanto, a área do Parque Farroupilha. A polícia cercou a marcha por trás, pela avenida José Bonifácio, e pela frente, através da avenida Venâncio Aires.

*Cerca de dez bombas – entre efeito moral e gás lacrimogêneo – foram disparadas pela Brigada Militar, além de diversos tiros com balas de borracha. Apavorados, os jovens saíram correndo em todas as direções. Muitos tentaram se refugiar na rua Olavo Bilac. A polícia também se dividiu para perseguir os ativistas (grifos nossos)”*.<sup>139</sup>

Esta ação da BM teria sido, segundo a notícia, suficiente para dispersar a manifestação. Outro trecho narra situação em que teriam ocorrido a perseguição e a ameaça a ativistas em um bar da cidade:

“Minutos após o fim do protesto, um vídeo colocado no YouTube mostra o momento em que a Brigada Militar entrou no Bar Garibaldi para perseguir manifestantes que teriam entrado no local. Um policial ordena que todos coloquem as mãos na cabeça e exige saber quem teria entrado correndo no estabelecimento. ‘Só eu falo agora’, disse. Em seguida, comentou que ‘na hora de fazer baderna e quebrar as coisas (os manifestantes) são machinhos, mas, depois, não abraçam

---

<sup>139</sup> Manifestação em Porto Alegre termina em cerco, violência e prisões. *Sul21*, 14 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/manifestacao-em-porto-alegre-termina-em-cerco-violencia-e-prisoas/>>.



nada'. O policial ainda ameaçou prender todas as pessoas que estavam no bar, caso ninguém confessasse que estava no protesto".<sup>140</sup>

Ademais, a notícia contém a fala de um morador do local onde estava sendo realizado o protesto. A entrevista corrobora a interpretação de que ação policial teria sido indevida:

“O empresário Alberto Oliveira, que mora no segundo andar de um prédio na avenida João Pessoa, em frente à avenida José Bonifácio, precisou deixar sua residência devido aos efeitos do gás lacrimogêneo. ‘Vi uma situação que me deixou impotente e ferido. Tive que sair de casa porque não conseguia respirar, por causa das bombas. E fiquei muito preocupado com minha filha, que estava chegando da faculdade e poderia ficar presa no meio do confronto’, relata.

Ele ainda desceu até a rua para ajudar uma pessoa que apresentava ferimentos devido às balas de borracha. ‘Me senti o último dos cidadãos, na última das cidades, na maior situação de covardia que já vi na minha vida. Só tinha presenciado algo parecido na década de 1970, quando era estudante de primeiro grau e vi a Brigada correndo atrás de estudantes, a cavalo, pela avenida Borges de Medeiros’, compara”.<sup>141</sup>

Diante dessas circunstâncias, ao texto contém citação a entrevista com o major André Córdova, do 9º Batalhão da Polícia Militar de Porto Alegre. De acordo com o major, teriam os “atos de vandalismo”, “comandados por uma minoria” (interpretação coerente com as coberturas de *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*), configurado um ataque que justificaria o uso de bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha. De qualquer modo, a fala do major é inserida em cumprimento ao princípio do contraditório em jornalismo, pois prevalece, pela leitura da notícia do *Sul21*, a interpretação de que a polícia é o ator que teria dado início ao confronto.

Quanto à prisão de 23 manifestantes, o jornal informa o número total de detenções e afirma que entre as pessoas detidas estaria um cicloativista, o qual teria participado do protesto para realizar um documentário (e que teria tido seus equipamentos apreendidos pela polícia). Ainda, segundo uma advogada que acompanhou os(as) ativistas presos(as), “pelo menos três pessoas” apresentariam “sinais de agressão”, estando “uma delas, bastante machucada”. Por fim, relata-se que os(as) manifestantes iriam ser investigados(as) por “crimes de dano ao patrimônio, resistência e conspiração (pichação)” e se encaminhariam ao

---

<sup>140</sup> Manifestação em Porto Alegre termina em cerco, violência e prisões. *Sul21*, 14 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/manifestacao-em-porto-alegre-termina-em-cerco-violencia-e-prisoas/>>.

<sup>141</sup> Manifestação em Porto Alegre termina em cerco, violência e prisões. *Sul21*, 14 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/manifestacao-em-porto-alegre-termina-em-cerco-violencia-e-prisoas/>>.

“Instituto Médico Legal para realizar exame de corpo de delito”. Portanto, de forma evidente, a notícia questiona tanto os critérios quanto a forma como a BM procedeu à detenção de determinados(as) ativistas.

A ênfase crítica à atuação policial, posicionamento já identificado nos eventos anteriores, constitui dado interessante da cobertura do *Sul21*. As entrevistas a jornalistas do veículo confirmam esse dado, pela afirmação (consensual entre os entrevistados do *Sul21*) de que, *entre danos a patrimônios por parte de ativistas e ações “violentas” por parte da polícia, a prioridade dos jornalistas consistiria no relato crítico à postura policial*. A fala de Samir Oliveira exemplifica esse tema:

**Samir:** Eu dava uma ênfase muito maior na violência policial. Isso era a partir de um entendimento pessoal meu e jornalístico e subjetivo de que isso era muito mais importante de ser noticiado, ou seja, de que pessoas, seres humanos sendo agredidos pelo Estado era muito mais importante de ser noticiado do que vidraças sendo quebradas, do que bancos sendo quebrados. Isso era um entendimento meu.

Quanto a esse posicionamento, Igor Natusch entende que a ênfase às ações policiais dava-se por 02 motivos centrais. Por um lado, o ex-editor do *Sul21* cita a realização de espécie de “contrainformação”, tendo em vista que a ação policial não era tratada detalhadamente ou questionada por outros jornais da cidade:

**Igor:** Eu acho que isso acontecia talvez um pouco como uma tentativa de compensação, mas também de clareza. Geralmente, a cobertura feita pelos outros veículos não dava nenhum destaque às ações da Brigada. Elas não eram minimamente expostas, minimamente questionadas. Elas não eram expostas. A gente tinha um informe de que “tantas pessoas foram presas”, mas não havia nenhum questionamento sobre as circunstâncias em que elas foram presas, o tipo de coisa que elas teriam cometido que justificasse a sua prisão, não havia nenhum tipo sequer de descrição de como funcionava a ação da Brigada durante as manifestações, não havia. Não se sabia o que a Brigada tinha feito. Se sabia, tinha ali aquela frase padrão lá... “a Brigada atuou no sentido de conter os vândalos e tivemos tantos presos”. Era o que a gente tinha. Então não tinha uma descrição. E o *Sul21* começou a tentar trazer esse relato do que tinha acontecido, do que a Brigada tinha feito, né. Porque, por exemplo, num dos primeiros protestos teve um ônibus que foi incendiado. Então se sabia que o ônibus tinha sido incendiado. Não se sabia como o ônibus tinha sido incendiado, o que que a Brigada tinha feito depois do ônibus incendiado, não havia um relato do que tinha envolvido aquele elemento. Havia apenas o elemento. O *Sul21* começou a tentar trazer esse relato, mostrar que logo depois tinha gente que estava nas proximidades que era perseguida por policiais a cavalo, tentaram invadir estabelecimentos comerciais no qual as pessoas tinham se escondido pra prender essas pessoas, mostrando várias ações da Brigada que são ações que são questionáveis do ponto de vista de procedimento. Então eu acho que muito dessa impressão que se justifica, de que a gente deu um enfoque muito maior à questão da Brigada, me parece que se deve ao fato de que os outros lugares não davam enfoque quase nenhum da ação da Brigada. Então quando você tinha um



lugar que trabalhava essa questão, essa questão acabava saltando aos olhos, porque ela era um grande diferencial.

Ademais, Igor faz referência à percepção de que a polícia, como detentora do monopólio da violência do Estado (WEBER, 1970), deveria ser cobrada pelo bom cumprimento de suas prerrogativas, questão entendida como mais relevante do que o cometimento de atos individuais, na esfera do criminal, por ativistas:

**Igor:** E tem uma outra questão que precisa ser levada em consideração, que são os atores dessa violência. Não que a violência cometida por um manifestante que, sei lá, eventualmente tivesse jogado pedras em policiais seja justificável, seja digna de aplausos. Não é, mas o manifestante... ele não tem o monopólio da violência. Ele não tem... o manifestante... ele é um cidadão comum que, quando comete violência, ele entra na área da ilegalidade, do crime, seja o que for, e deve responder por isso. Mas ele não recebeu do Estado a prerrogativa para usar a violência em momento algum. A polícia não. Então quando ela, como representante do Estado... ela é convocada em alguma situação como essa, ela tem a obrigação de agir dentro dos seus preceitos. Ela precisa agir. E se não age, ela deve ser cobrada. Então todo elemento que tu registra de um excesso por parte da Brigada é mais grave sim do que o excesso cometido por um manifestante, porque a Brigada tem uma prerrogativa que o manifestante não tem, que é de ser representante do Estado naquele acontecimento.

Iuri Müller reforça esse entendimento, pela compreensão de que, nos protestos, teria ocorrido, em um contexto distinto (em grandes centros urbanos), um fenômeno recorrente nas periferias do Brasil: a ação policial baseada no enfrentamento “violento” (KUCINSKI, [et al.], 2015). Assim aduz Iuri:

**Iuri:** Sobre a polícia, a imprensa percebeu, assim como boa parte da classe média, o quão violenta é a polícia na cidade em que se vive. Foram vários jornalistas agredidos direta ou indiretamente, de maneira bastante violenta, assim como se viu manifestantes serem agredidos de maneira muito violenta. E é claro que aquilo não acontecia só em junho, não acontecia só nos protestos, mas uma conduta repetida que chegou ao centro da cidade, que chegou a pessoas que não tinham contato com isso. E acho que houve essa problematização, pelo de alguns veículos, de algumas pessoas de dizer: “essa violência não é de agora, ela não é pontual; ela é uma violência constante que estamos observando agora de uma maneira mais intensa, na própria pele”. Uma violência que acontece na periferia, que acontece nas grandes cidades, um pouco pelo despreparo mesmo das forças policiais, que não sabiam o que fazer diante de uma manifestação. Trataram como se fosse um enfrentamento, uma guerra, uma invasão bárbara. Não sabiam nem o que fazer. Era o desconhecido praquela polícia que, frente a qualquer anormalidade reage com violência.

O conjunto dessas falas expõe, de forma evidente, o posicionamento político dos profissionais que trabalhavam no jornal à época e traz à tona outra questão relevante neste

estudo: enquanto, conforme já discutido, os veículos do Grupo RBS possuíam uma relação de hostilidade com ativistas presentes nas manifestações, eram distintas as condições de cobertura do *Sul21*. Os jornalistas do veículo narram que a postura adotada durante os eventos consistia no acompanhamento dos protestos internamente aos atos. É o que relata Samir:

**Samir:** ...a gente acompanhava os protestos de dentro também dos protestos. Muitos repórteres de outros veículos acompanhavam de fora, não todos da redação, mas de... de fora mesmo, não marchavam ali no meio. Estavam ou muito na frente, ou muito atrás com a polícia, muitos deles com a polícia inclusive, o tempo inteiro ali acompanhando da ótica da polícia, do lugar inclusive físico da polícia o protesto, não junto com a maioria das pessoas. E isso dá toda a diferente na forma como a narrativa vai ser construída.

O próprio posicionamento dos repórteres, portanto, conferia aos profissionais do *Sul21* a possibilidade de se adotar a perspectiva dos(as) ativistas. Nesse contexto, são relatadas situações em que, em meio aos protestos, os jornalistas do veículo foram atingidos pela ação policial:

**Samir:** E então, a violência policial, embora eu não tenha apanhado diretamente, não tenha levado bala de borracha diretamente, eu presenciei ela como todo mundo ali. Não fui uma vítima nem maior nem menor. Foi um efeito que atingiu todo mundo ali. Um colega meu repórter, fotógrafo levou um estilhaço de bala de borracha na perna, um roxo. Ele tava fotografando o confronto aí levou esse tiro. E eu acho que foi um elemento presente nas manifestações, a violência.

**Iuri:** teve um momento muito tenso na esquina democrática. O protesto se aproximava do Largo e não chegou até lá. A polícia jogou muita bomba, o protesto se dispersou ali e foi uma das saídas de ato mais violentas de todas. Foi um pouco assustadora. E naquele ato o Ramiro, o fotógrafo, tomou muito gás, eu tava no meio daquele momento também, passei muito mal, até tive que ser ajudado e depois... horas depois voltei pra redação de madrugada e aí começo a escrever o texto. E evidente que sai um texto pesado. Porque, mais do que nada, se sentiu, né, precisava-se que eu fosse muito míope ou mal intencionado pra negar aquilo que... em que eu me vi no meio.

A vivência de situações de confronto em meio aos protestos, somada a concepções críticas à atuação policial, parece indicar, no termo de Igor Natusch, uma “identificação [...] com as bandeiras que estavam sendo defendidas durante os protestos”, por parte dos jornalistas do *Sul21*. Essa identificação, coerente com a característica “de esquerda” do jornal, aponta para a assunção, pelo *Sul21*, de um ponto de vista próximo daquele defendido, de modo geral, pelos(as) manifestantes, contrariamente à ideia de “imparcialidade”. A esse respeito, a fala de Samir é direta:

**Samir:**... bom, se aquela matéria vai ser minha, vai ter o meu nome ali, ela vai refletir a minha subjetividade também. Eu não vou assinar uma matéria com a qual eu não me identifico. Então eu tinha esse entendimento assim, eu não tinha nenhum pudor assim de me acusarem de não ser imparcial, de ser tendencioso, porque também esse debate sobre imparcialidade no jornalismo é uma porcaria assim, é um mito que criaram e tal que tem que ser imparcial e ninguém é parcial, mesmo quando tenta ser.

Essa característica, classificada por jornalistas de *Zero Hora* como jornalismo “engajado”<sup>142</sup> ou “de militância”<sup>143</sup>, marca uma distinção entre as concepções dos profissionais do *Sul21* e dos jornalistas ligados ao Grupo RBS (pois estes posicionam-se de forma a defender a ideia de “imparcialidade”). Essa questão encontraria respostas das ruas: Igor Natusch relata que, contrariamente ao que ocorrera com os veículos do Grupo RBS, a recepção às notícias do jornal pelos(as) ativistas foi “positiva” à época. Assim, enquanto jornalistas de *Zero Hora* e *Diário Gaúcho* expressam a hostilidade com que eram recebidos por manifestantes, os jornalistas do Sul, por seu turno, narram a relação com ativistas em termos de “simpatia”.<sup>144</sup>

---

<sup>142</sup> Termo utilizado por Carlos Rollsing.

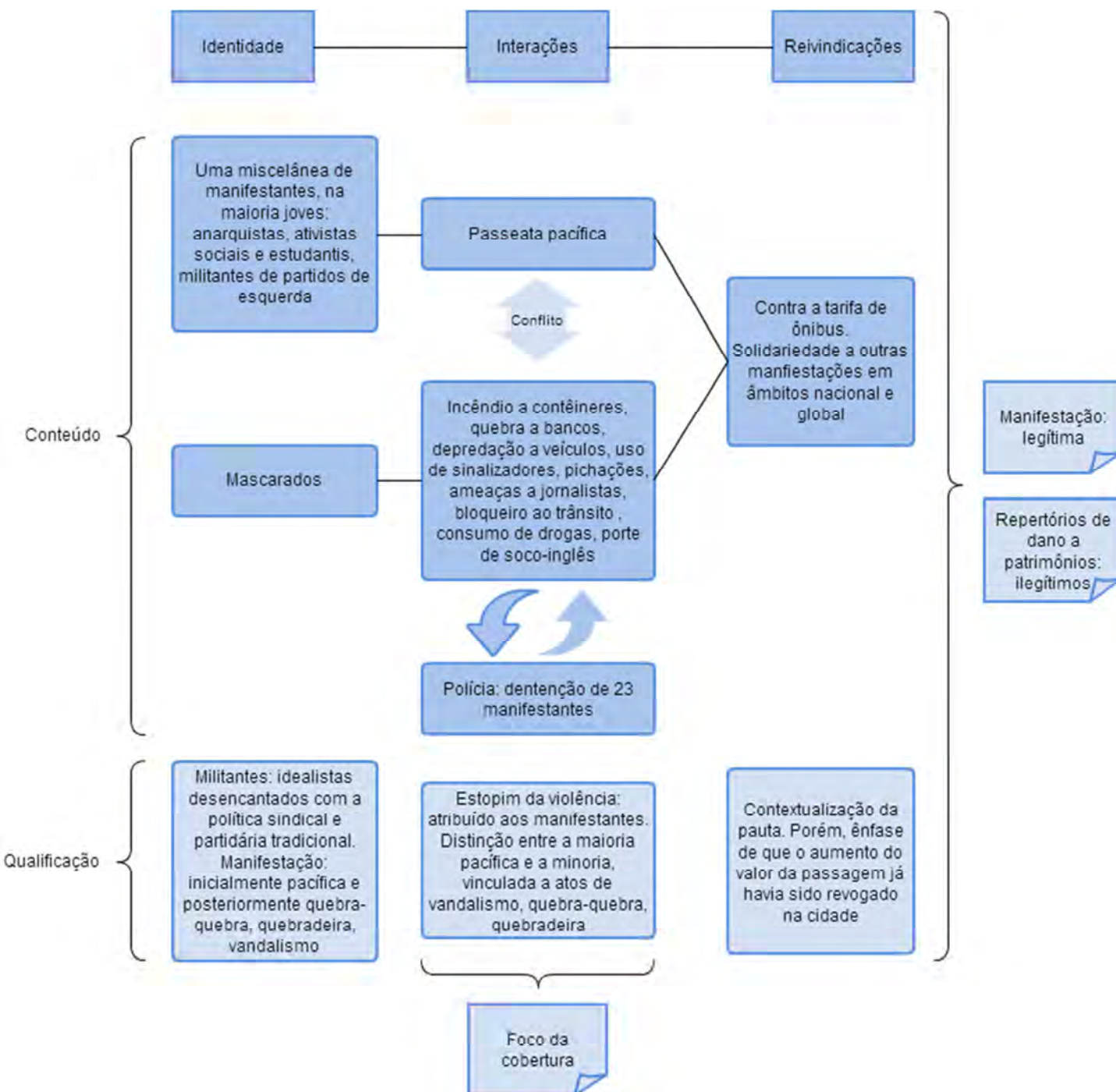
<sup>143</sup> Expressão utilizada por Itamar Melo.

<sup>144</sup> Termo utilizado por Igor Natusch.

### 7.3.4. Sistematização do conteúdo das notícias

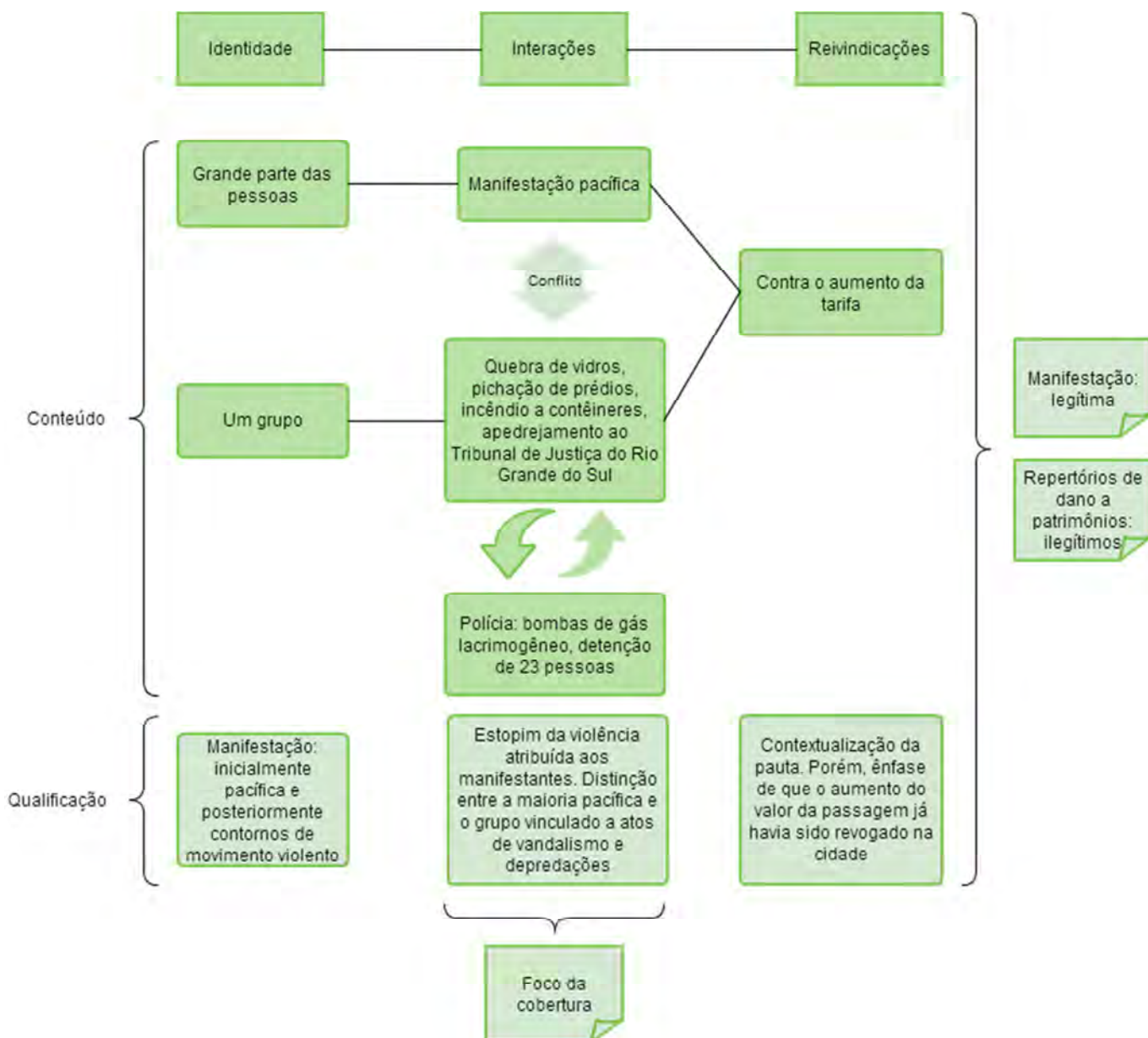
#### a) Zero Hora

Figura 37 - Representação gráfica da cobertura de *Zero Hora* ao protesto de 13 de junho



*Zero Hora* identifica os(as) manifestantes como uma “miscelânea”, com uma cisão entre a “maioria” pacífica e os ativistas “mascarados”. A pauta é ligada ao transporte público, mas o jornal relaciona os protestos com os contextos nacional e local, de modo a demonstrar a

expansão das reivindicações. A respeito das interações entre manifestantes e policiais, identifica-se que o jornal atribui a determinados indivíduos (denominados como “depredadores” e entendidos como “minorias” nos protestos) a posição de sujeitos ativos na produção de atos entendidos como “violentos”. À polícia é, novamente, atribuído por *Zero Hora* um papel de “fala oficial” e de passividade, sendo o uso de gás lacrimogêneo descrito como *reação* à ação dos(as) manifestantes, somando-se à ausência de questionamentos sobre os critérios de detenção a alguns(mas) ativistas. O foco da notícia são as interações “violentas” (as reivindicações são um tema secundário), mas o modelo de cobertura “criminalizante” é operado por meio da rotulação de manifestantes específicos, os “mascarados” (não sendo a “criminalização” aplicada à manifestação em si). Dessa forma, mantém-se o padrão, já identificado no protesto do dia 04 de abril, de *distinção entre a manifestação “pacífica”, entendida como legítima, e os repertórios de dano a patrimônios, tomados como ilegítimos.*

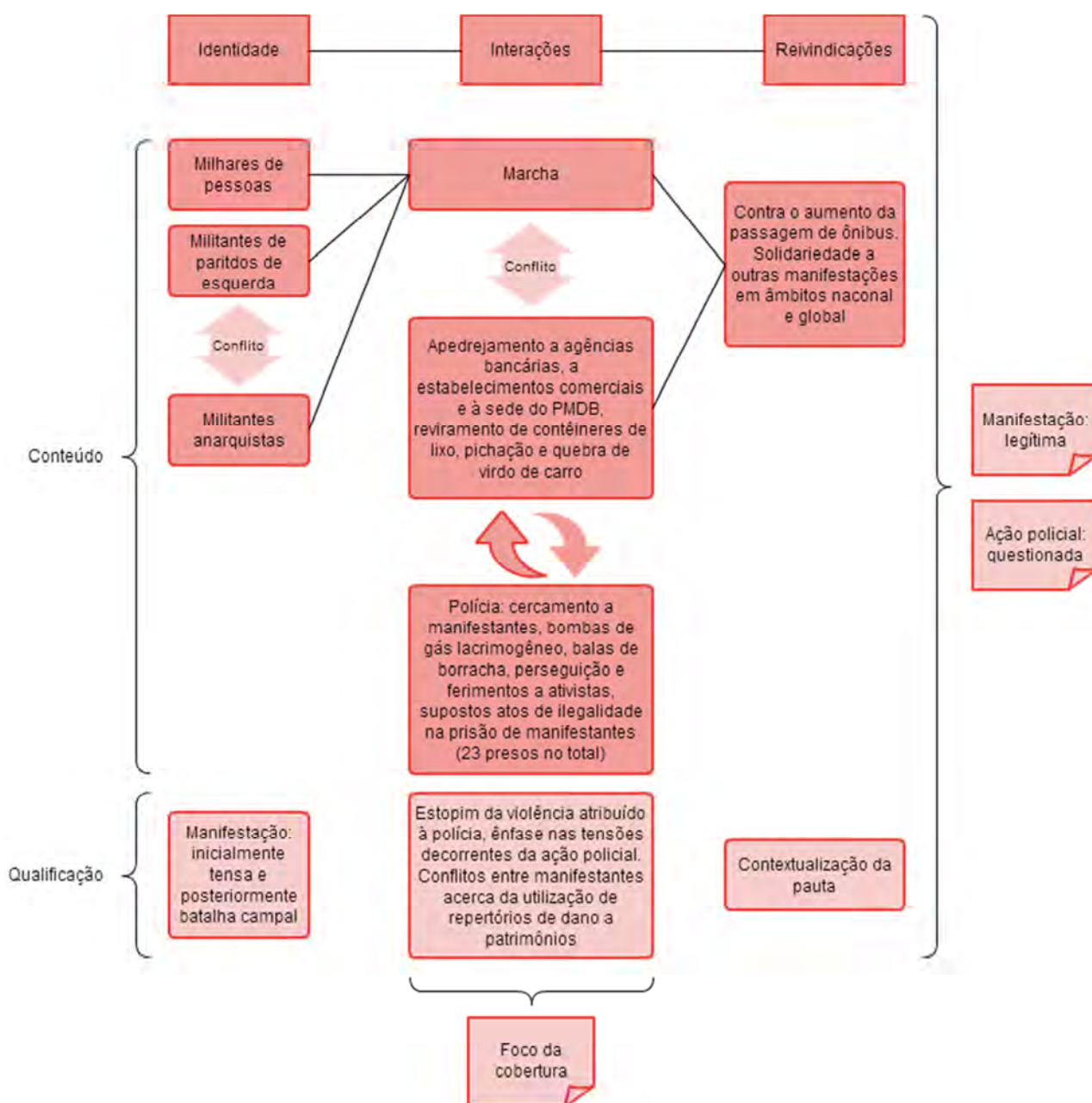
b) *Diário Gaúcho***Figura 38 - Representação gráfica da cobertura do *Diário Gaúcho* ao protesto de 13 de junho**

*Diário Gaúcho* segue enquadramento análogo àquele produzido por *Zero Hora*, embora de forma menos detalhada. A identidade dos(as) ativistas é delimitada superficialmente, com a distinção entre “grande parte das pessoas”, responsáveis pela “manifestação pacífica”, e “um grupo” ao qual são atribuídas situações de conflito. A pauta é relacionada ao aumento da tarifa de ônibus (não são feitas relações com os contextos nacional e global). É descrito que o protesto teria tido característica pacífica, até a realização, por uma

“minoria”, de “atos de vandalismo”. A polícia teria agido com o uso de gás lacrimogêneo e com a realização de detenções, de forma estritamente *reativa*. Assim como *Zero Hora*, portanto, a cobertura do *Diário Gaúcho* segue um modelo de *distinção entre a manifestação “pacífica”, entendida como legítima, e os repertórios de dano a patrimônios, tomados como ilegítimos*.

c) *Sul21*

**Figura 39 - Representação gráfica da cobertura do *Sul21* ao protesto de 13 de junho**



A cobertura do *Sul21* enfatiza a presença de “milhares de pessoas” ao protesto, sem detalhar quais seriam os grupos que comporiam a manifestação (com exceção pontual da descrição de uma situação de conflito entre militantes de partido e anarquistas). As reivindicações são contextualizadas e vinculadas a outros protestos, no Brasil e no mundo. Quanto às interações entre ativistas e autoridades policiais, o *Sul21*, embora, analogamente aos textos de *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, relate a ocorrência de ações de danos a patrimônios e pichações por manifestantes (e retrate a existência de conflitos internamente ao protesto a respeito da utilização desses repertórios), diferencia-se dos demais jornais analisados. Primeiramente, não há a utilização de termos como “vândalos”, “depredadores”, “quebra-quebra” ou “quebradeira” para qualificar os(as) ativistas ou o protesto. A principal diferença, porém, reside no fato de que o *Sul21* constroi um enquadramento segundo o qual a polícia é sujeito ativo do conflito, de modo que as ações levadas a cabo pelos(as) policiais, com o uso de bombas de gás lacrimogêneo e de balas de borracha, são entendidas como o estopim do confronto com manifestantes. Além disso, os critérios e o cabimento das ações policiais são objeto de questionamento. Em suma, o *Sul21 mantém o enquadramento de que a manifestação, como um todo, é legítima.*

#### **7.4. Múltiplas reivindicações, múltiplos repertórios, múltiplas divergências: o protesto do dia 20 de junho de 2013**

No protesto de 20 de junho, o processo de nacionalização das manifestações, o qual já estava sendo verificado em 13 de junho, intensifica-se, com a consolidação do ciclo de protestos. A data marca o momento do ano em que o maior número de pessoas saiu às ruas, em comparação aos demais dias de mobilizações. Atores que não haviam participado dos eventos anteriores fizeram-se presentes. As notícias analisadas são: “Em Porto Alegre milhares sob chuva e frio” (*Zero Hora*); “Confronto, depredação, saque: a violência se repete” (*Zero Hora*); “Mais uma noite de berros” (*Diário Gaúcho*); “Debaixo de chuva, ato tem 20 mil nas ruas e novo confronto violento com Brigada Militar” (*Sul21*).



### 7.4.1. Identidade dos manifestantes

#### a) *Zero Hora*

A cobertura da *Zero Hora* ao protesto do dia 20 de junho é dividida em 02 momentos. Em cada um deles, há uma descrição específica acerca da identidade dos(as) manifestantes. No primeiro desses momentos, o jornal enfatiza o “ânimo” daqueles que compareceram ao evento e salienta o número de pessoas presentes à manifestação, qualificando o conjunto de ativistas como uma “multidão”, formada por “milhares de pessoas” (“pelo menos 20 mil, segundo estimativa da Brigada militar” é a informação divulgada por *Zero Hora*).

A “multidão” é descrita pelo jornal como sendo formada majoritariamente por indivíduos “pacíficos”, nos seguintes termos: “para quase todos que estavam ali, tratava-se de construir um país melhor de forma pacífica”. Para demonstrar essa afirmação, a notícia aponta algumas situações nas quais os(as) manifestantes teriam optado por repudiar a “violência”:

“Às 17h30min, debaixo de uma chuva forte e insistente, uma multidão espremia-se diante da prefeitura, pelo Largo Glênio Peres, na Avenida Borges de Medeiros e em ruas vizinhas. Do meio da multidão, alguns objetos foram arremessados sobre os guardas municipais que, detrás de um cordão de isolamento, protegiam a sede da administração de Porto Alegre.

A massa rugiu imediatamente:

- *Sem violência! Sem violência! Sem vandalismo! Sem vandalismo!*

Dois ou três manifestantes atravessaram o cordão, subiram a escadaria da prefeitura e, abaixados sob os pés dos guardas, *recolheram os objetos atirados. Receberam uma ovação como recompensa. (grifos nossos).*

[...]

Na passagem pela Santa Casa, brotou uma *demonstração de respeito. Antes ruidosa, a manifestação transcorreu em quase absoluto silêncio*, em respeito aos doentes internados na instituição. Um ou outro gaiato se arriscou a gritar para quem estava nas janelas dos prédios, pedindo que saíssem às ruas. *A repreensão veio em uníssono:*

- *Sssshhh!!!! (grifos nossos)*.<sup>145</sup>

---

<sup>145</sup> Em Porto Alegre milhares sob chuva e frio. *Zero Hora*, Geral, 21 jun. 2013, p. 7.

Em uma situação na qual alguns(mas) manifestantes estariam “confusos” sobre qual caminho seguir durante o protesto, a notícia igualmente relata a “preferência pelo caminho pacífico”:

“Os participantes do protesto ficaram confusos, sem saber o que fazer.

- Para lá ou para cá? – perguntou um rapaz.

- *Depende. Qual é mais pacífico?* – respondeu a garota que o acompanhava.

- *Sem violência! Sem violência!* – gritavam (*grifos nossos*).<sup>146</sup>

A divergência sobre a questão do uso de repertórios qualificados pelo jornal como “violentos” não consiste no único aspecto conflitivo que a notícia relata. Outro ponto relevante, ligado à composição dos grupos durante o protesto, é a rejeição de parte das pessoas presentes no ato a partidos políticos, conforme se extrai de alguns trechos da notícia:

“- *Baixa a bandeira! O povo, unido, não precisa de partido!* – gritava a multidão encharcada, sempre que via tremular o estandarte de alguma agremiação política.

[...]

Vendo que havia a bandeira de um partido puxando a caminhada para um dos lados, muitos optaram pelo sentido oposto.

- *Volta! Volta! Atrás de partido não!* – reclamaram (*grifos nossos*).<sup>147</sup>

Esses trechos demonstram a complexidade da composição do protesto do dia 20 de junho. Enquanto, nos eventos anteriores, as notícias de *Zero Hora* invariavelmente relataram, de modo geral, a presença de partidos políticos de “esquerda”, de agremiações estudantis e de coletivos anarquistas (estando todos esses grupos aglutinados em torno do Bloco de Lutas pelo Transporte Público), na notícia do dia 20 de junho é a oposição a partidos o principal aspecto ressaltado. A presença de ativistas classificados como “apartidários” é também confirmada pelas imagens publicadas na notícia. Em uma delas, estão presentes 02 ativistas, um com a bandeira do Brasil e outro com a bandeira do Rio Grande do Sul:

---

<sup>146</sup> Em Porto Alegre milhares sob chuva e frio. *Zero Hora*, Geral, 21 jun. 2013, p. 7.

<sup>147</sup> Em Porto Alegre milhares sob chuva e frio. *Zero Hora*, Geral, 21 jun. 2013, p. 6.

**Figura 40 – Manifestantes utilizam bandeiras do Brasil e do Rio Grande do Sul no protesto de 20 de junho**



Fonte: *Jornal Zero Hora*, edição impressa, 21/06/2013. Fotografia: Adriana Franciosi.

Em outra imagem, são expostos(as) ativistas utilizando narizes de palhaço e não portando quaisquer artefatos de partidos políticos ou outras organizações:

**Figura 41 – Manifestantes usam “nariz de palhaço” no protesto de 20 de junho**



Fonte: Jornal *Zero Hora*, edição impressa, 21/06/2013. Fotografia: Ricardo Duarte.

A realização dessa espécie de *performance*,<sup>148</sup> principalmente no caso das bandeiras brasileira e rio-grandense, relaciona-se à difusão de um sentimento de unidade (nacionalidade ou regionalidade), alheio à identificação com qualquer partido político. A utilização de narizes de palhaço, no Brasil, é recorrente em mobilizações de cunho generalista, com viés moral, como em protestos “contra a corrupção”. A notícia identifica, portanto, a entrada, no dia 20 de junho, de atores e de *performances* ausentes nas manifestações iniciais de 2013. Essa complexidade na composição do protesto é representada igualmente pelas divergências a respeito do trajeto da marcha. A notícia de *Zero Hora* relata tais divergências em alguns trechos específicos:

---

<sup>148</sup> *Performance*, neste ponto, é uma analogia ao mundo do teatro. Essa analogia é recorrente nos estudos de movimentos sociais, para denotar os recursos performáticos utilizados por ativistas, de forma estratégica, em meio a mobilizações. A realização de *performances* por manifestantes, com as consequência de visibilidade daí decorrentes, pode ser entendida como análoga à movimentação de atores em palco, em interação com a plateia. A respeito das *performances* das manifestações de 2013, ver: DOWBOR; SZWAKO, 2013.

“Às 18hs, a massa virou as costas para a prefeitura, pronta para iniciar sua marcha pela cidade. Mas ninguém saiu do lugar durante meia hora. *Diferentes grupos tentavam assumir a liderança do protesto e ditar o roteiro.* Uma ala queria fazer a multidão subir a Borges de Medeiros. Outra, tentava seguir pela Avenida Júlio de Castilhos.

*No final, a multidão dividiu-se em duas, cada uma seguindo para um lado da Borges.*

[...]

O grupo mais numeroso, com milhares de pessoas, seguiu pela Júlio de Castilhos. *Notava-se o esforço que uma turma organizada fazia para tomar a frente da marcha e direcioná-la.* Parando a caminhada várias vezes, dando instruções a quem vinha atrás e trocando informações por telefone, esse grupo dirigiu a multidão até o túnel da Conceição. Na chegada às Osvaldo Aranha, direcionou a massa para a Avenida João Pessoa.

- Quando o pessoal chegar à João Pessoa, virem à direita e entrem na Salgado Filho – orientava, por celular, um ativista que tentava controlar o protesto, levando-o de volta ao Centro.

[...]

Quando os manifestantes chegaram à João Pessoa encontraram, vindo em sentido contrário, outro grupo de participantes do protesto. Em lugar de ir para o Centro, eles vinham do Centro, puxados para a Avenida Ipiranga. *Ali viu-se, durante cerca de 15 minutos, um embate entre grupos que tentavam liderar o protesto.*

- Pela Salgado! Pela Salgado! É Palácio Piratini! Piratini! – gritavam alguns.

[...]

Os partidários de protestar na sede do governo chegaram a fazer uma parede humana e a pedir a quem descia na João Pessoa que voltasse.

- *Por aí não! Eles acham que a gente é burro. Não vamos atrás de direita! É Piratini.*

- *É sabotagem! – diziam outros.*

Os participantes do protesto ficaram confusos, sem saber o que fazer (*grifos nossos*)”.<sup>149</sup>

Os relatos acima expõem os conflitos em torno da “liderança do protesto”, divergências que parecem ser resultantes do crescimento e da multiplicidade da manifestação, em relação aos eventos anteriores. A fala do(a) manifestante, ao afirmar “não vamos atrás da direita!”, indica que, no dia 20 de junho, outros grupos, para além de movimentos

---

<sup>149</sup> Em Porto Alegre milhares sob chuva e frio. *Zero Hora*, Geral, 21 jun. 2013, p. 6.

caracterizados como “à esquerda” no espectro político, estariam fazendo parte do protesto. A fala do repórter Itamar Melo, a respeito das mudanças na composição de grupos nos protestos, é convergente com o conteúdo da notícia:

**Itamar:** Começou como um movimento do Bloco de Lutas, que tinha a ver com a questão da passagem de ônibus. Mas enquanto tinha essa pauta era um movimento pequeno. Quando ele se tornou um movimento grande, ele já não tinha mais a ver com essa pauta. Ele era já uma coisa nacional e ele tinha se transformado num movimento mais de classe média, de direita, com pauta anticorrupção. E aí foi quando aquela... tinha muita... questão da PEC 37. Então foi um público completamente diferente que tava na rua e que era bastante apolítico. Aí a manifestação se transformou numa coisa contra os partidos. Então aqueles grupos originais, que eram muito ligados ao PSTU e PSOL... eles ficaram marginalizados dentro da massa que foi pra rua e começaram a se... a ser hostilizados também. E aí, na medida em que, a cada manifestação iam se criando... eram grupos que estavam lá e que tentavam tomar a frente do movimento e se degladiavam dentro do movimento, né. Então tu tinha esse grupo originário aí mais esquerdista, tu tinha depois um grupo que aparentemente foi mandado pelo PT, com sindicatos, que também tentava cooptar aquilo, e tinha essa massa, que tinha essa pauta mais burguesa. E aí a gente via claramente nas manifestações essa disputa de grupos organizados, que tentavam puxar as marchas pra determinado lugar, por exemplo.

Em um segundo momento, *Zero Hora* interpreta que o “protesto pacífico” transformou-se em decorrência da ação de uma “parcela minoritária”, qualificada pelo jornal como formada por “vândalos infiltrados entre os ativistas”. De acordo as palavras do comandante da BM, Coronel Fábio Duarte, publicadas por *Zero Hora*, “eram 20 mil manifestantes e 250 depredadores”. A partir de então, a notícia narra os “ataques” que teriam sido realizados por essa “parcela minoritária”.

#### b) *Diário Gaúcho*

A notícia do *Diário Gaúcho*, comparativamente aos textos de *Zero Hora* e *Sul21*, é pouco detalhada em relação à identidade dos(as) ativistas. É referido que a marcha teria sido composta por “milhares de manifestantes”, sendo o número total de pessoas informado como “cerca de 12 mil” pelo jornal (número inferior àqueles apontados por *Zero Hora* e *Sul21*).

O *Diário Gaúcho* interpreta que os manifestantes teriam sido “ordeiros” durante o ato, sendo identificados momentos específicos de “tensão”, atribuídos ao “vandalismo da minoria”. Os(as) demais manifestantes teriam “repudiado” tais atos, em enquadramento semelhante àquele realizado por *Zero Hora*. Como exemplo dessa questão, a notícia cita que ativistas teriam “lavado” a prefeitura, “em repúdio ao vandalismo”.



Quanto à composição dos grupos no protesto, o jornal não fornece detalhes acerca do tema. É, porém, identificado o Bloco de Lutas pelo Transporte Público como grupo inserido na manifestação. Além disso, a divisão da marcha em “três roteiros” é citada; porém, está ausente do texto o motivo pelo qual teria ocorrido tal divisão (diferentemente de *Zero Hora* e *Sul21*, não se atribui essa situação a conflitos internos entre manifestantes pela “liderança” do ato). Para descrever o percurso adotado pelos(as) ativistas, o jornal publica o seguinte quadro:

**Figura 42 – Quadro explicativo do *Diário Gaúcho* com a cronologia do protesto de 20 de junho**



**Cronologia**

- **18H** – São, pelo menos, 2 mil pessoas reunidas diante da prefeitura da Capital.
- **18H30MIN** – Líderes definem últimos detalhes, e a marcha se divide em três roteiros.
- **19H** – O primeiro grupo chega à Rodoviária, indo para o túnel. O segundo encontra-se no Camelódromo, enquanto o terceiro segue no Centro. Alguns lavam a prefeitura, em repúdio ao vandalismo.
- **19H20MIN** – Um grupo passa pela João Pessoa em direção à Avenida Ipiranga. Grupo da prefeitura rumo para a Avenida Salgado Filho.
- **20H** – Encontro deste grupo com o que está na João Pessoa. Pelotão que estava na João Pessoa rumo pela Ipiranga em direção à Avenida Erico Veríssimo.

Fonte: Jornal *Diário Gaúcho*, edição impressa, 21/06/2013.

c) *Sul21*

A notícia do *Sul21* relata que o protesto do dia 20 de junho teria reunido “pelo menos 20 mil pessoas”. Quanto à composição dos(as) manifestantes, o texto informa que teria ocorrido “uma manifestação heterogênea, onde ficou clara a diferença de visão entre

diferentes grupos”. Ressaltando essa característica de “heterogeneidade”, a notícia relata, semelhantemente à cobertura de *Zero Hora*, a oposição de determinados(as) ativistas à presença de militantes de partidos políticos, atitude qualificada pelo *Sul21* como “constrangimento”:

*“Cartazes com críticas a todos os partidos políticos eram comuns, assim como o constrangimento a militantes partidários. Logo no início da marcha, ainda em frente à prefeitura, ouvia-se o grito para que se abaixassem as bandeiras de partidos. O apelo foi respondido com berros de: ‘sem fascismo!’ (grifos nossos)”*.<sup>150</sup>

Somando-se a esse caráter “apartidário” de determinados(as) manifestantes, a notícia relata a presença de ativistas vinculados(as) a *performances* de caráter nacionalista ou regionalista, tendo em vista que, nos termos do *Sul21*, o “apego a bandeiras do Brasil e do Rio Grande do Sul – bem como de seus hinos – também ficou bastante evidenciado”. As divergências internas à manifestação são também demonstradas, assim como no caso de *Zero Hora*, a partir das disputas em torno do trajeto da marcha. Segundo *Sul21*, o Bloco de Lutas pelo Transporte Público teria, desde o início do evento, diante de uma massa “desorientada”, buscado rivalizar com outros atores (não identificados na notícia) os rumos do protesto:

*“No início, por volta das 18 horas, a marcha estava bastante desorientada. Enquanto um grupo liderado por organizadores do Bloco de Luta Pelo Transporte Público seguiu pela Avenida Júlio de Castilhos e passou por dentro do túnel da Conceição, outro contingente ficou algum tempo parado em frente à Prefeitura, dando pequenos passos em direções opostas.*

*Os gritos mostravam a disputa do rumo inicial: o Palácio Piratini ou a subida pela Avenida Borges de Medeiros – que acabou sendo vitoriosa. A caminhada seguiu até o viaduto com a rua Duque de Caxias, na avenida Salgado Filho. Neste momento, ninguém entendia porque todos pararam. Relatos davam conta de que, na linha de frente, alguns militantes discutiam entre si sobre seguir pela Avenida João Pessoa ou rumar até o Palácio Piratini.*

*A decisão acabou sendo por marchar pela avenida João Pessoa até a Ipiranga. Na altura do viaduto entre a Duque de Caxias e a João Pessoa, os dois grupos voltaram a se reunir (grifos nossos)”*.<sup>151</sup>

---

<sup>150</sup> Debaixo de chuva, ato tem 20 mil nas ruas e novo confronto violento com Brigada Militar. *Sul21*, 21 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/debaixo-de-chuva-ato-tem-20-mil-nas-ruas-e-novo-confronto-violento-com-brigada-militar/>>.

<sup>151</sup> Debaixo de chuva, ato tem 20 mil nas ruas e novo confronto violento com Brigada Militar. *Sul21*, 21 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/debaixo-de-chuva-ato-tem-20-mil-nas-ruas-e-novo-confronto-violento-com-brigada-militar/>>.



A despeito dessas divergências, a notícia descreve uma relação de solidariedade entre a população e os(as) manifestantes, relatando que estes teriam recebido “bastante apoio de moradores nas janelas dos edifícios”. No mesmo sentido, o texto narra o seguinte: “Surgiu um grito entre os presentes, direcionado aos prédios ao redor. ‘Quem apoia pisca a luz!’, cantavam, de forma ritmada. Vários moradores corresponderam ao apelo”. Ainda assim, o tema central da notícia consiste no relato das situações de interação entre polícia e manifestantes, sendo tais momentos caracterizados por *Sul21* como “batalha campal”.

#### 7.4.2. Caracterização da(s) reivindicação(ões)

##### a) *Zero Hora*

Em relação às reivindicações dos(as) ativistas, o dia 20 de junho é marcado, na cobertura de todos os jornais, como um momento em que as pautas diversificam-se, abrangendo temas que não se restringem à luta pelo transporte público. Segundo *Zero Hora*, teriam estado presentes nos protestos demandas sobre os seguintes temas, todos ligados, pelos termos do jornal, ao objetivo de “construir um país melhor”: transporte público, habitação, contra a corrupção, contra os gastos de obras para a Copa do Mundo de 2014, contra projetos em tramitação no Congresso, como a “cura gay”:<sup>152</sup>

“Para quase todos que estavam ali, tratava-se de *construir um país melhor* de forma pacífica – com *transporte público barato e de qualidade, sem corrupção e sem desperdício do dinheiro público*. Sob o aguaceiro, ecoaram na praça palavras de ordem *contra os gastos com obras da Copa e contra projetos em tramitação no Congresso, como o da ‘cura gay’*’.

Até o Papa renunciou. Feliciano, a tua hora já chegou – ouviu-se.

[...]

---

<sup>152</sup> A contrariedade à “cura gay” faz referência a um Projeto de Decreto Legislativo, protocolado em 2011, pelo deputado federal João Campos (PSDB-GO), com a proposta de suspender resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP), que proíbe aos profissionais de psicologia a participação em terapias para alteração da orientação sexual. Fonte: <<http://www.ebc.com.br/cidadania/2013/06/entenda-o-projeto-de-cura-gay>>. Acesso em: 22/01/2016.

Uma turma escolheu a *habitação* como tema e pediu à prefeitura que “devolvesse nossas casas (*grifos nossos*)”.<sup>153</sup>

Nesse sentido, os gritos identificados pelo jornal no curso da manifestação são diversos. Por um lado, mantém-se a pauta do transporte público, sob as palavras de ordem “Quem não pula quer aumento!”. Por outro turno, somam-se gritos de críticas generalizadas a partidos políticos: “O povo, unido, não precisa de partido!”.

#### b) *Diário Gaúcho*

A interpretação produzida pelo *Diário Gaúcho* também narra a existência de pautas não necessariamente ligadas à questão do transporte público no protesto de 20 de junho. Primeiramente, o jornal informa que a manifestação teria como demandas tanto questões ligadas “à política” quanto críticas à imprensa:

“...12 mil pessoas marcharam munidas de cartazes, *berrando contra inúmeras situações, especialmente às relativas à política.*

[...]

Para inibir os mais exaltados, foram jogadas bombas de efeito moral por parte dos PMs, muito deles a cavalo. Os manifestantes, *muitos gritando contra a imprensa, recuaram de imediato (grifos nossos)*”.<sup>154</sup>

Conforme se verifica pela linguagem do texto do *Diário Gaúcho*, não há um detalhamento das pautas dos(as) manifestantes. A menção à “política” (sem que se especifique exatamente quais seriam tais demandas) confirma a simplicidade da construção narrativa do *Diário Gaúcho*, em detrimento de abordagens mais analíticas.

Além dessas questões, a notícia relata a leitura de uma carta pública pelo Bloco de Lutas pelo Transporte Público. Assim, a reivindicação do valor da passagem igualmente se mostra presente na cobertura do veículo. Segundo o jornal, o objetivo do coletivo naquele momento seria a implementação da “tarifa zero”. Outros pontos citados pelo texto são:

---

<sup>153</sup> Em Porto Alegre milhares sob chuva e frio. *Zero Hora*, Geral, 21 jun. 2013, p. 6.

<sup>154</sup> Mais uma noite de berros. *Diário Gaúcho*, Geral, 21 jun. 2013, p. 3.

“...abertura das contas das empresas de transportes, passe livre para estudantes, aposentados e desempregados, além da retirada imediata de inquéritos movidos contra manifestantes e também contra os altos investimentos na Copa do Mundo(grifos nossos)”.<sup>155</sup>

c) *Sul21*

Conforme já relatado, a notícia do *Sul21* qualifica a composição do protesto como “heterogênea”, com “diferença de visão entre diferentes grupos”. Essa característica parece refletir-se, pela leitura do texto do jornal, nas reivindicações presentes às ruas. Embora não haja um relato específico das causas que teriam levado as pessoas a marchar, a notícia informa que a “difusa” manifestação teria sido representada pelas divergências nas palavras de ordem entoadas: ao mesmo tempo em que se manteria a pauta do transporte público, críticas generalizadas ao “governo” teriam sido realizadas. Nos termos do jornal:

“Em termos de gritos de protesto, a manifestação desta quinta-feira ficou ainda mais difusa do que a anterior. Os coros de ‘vem para a rua, vem contra o aumento’ se confundiam com os de ‘vem para a rua, vem contra o governo’. E o apego a bandeiras do Brasil e do Rio Grande do Sul – bem como de seus hinos – também ficou bastante evidenciado (grifo nosso)”.<sup>156</sup>

Ao final da notícia, é relatada uma entrevista concedida por integrantes do Bloco de Lutas pelo Transporte Público. Nesse episódio, os(as) manifestantes teriam, segundo o *Sul21*, reivindicado contra a “perseguição” que o movimento viria “sofrendo por parte das forças policiais do Rio Grande do Sul”<sup>157</sup>, bem como contra a cobertura de *Zero Hora* aos atos do movimento.

A multiplicidade das reivindicações do dia 20 de junho, questão apresentada por todos os jornais estudados, é confirmada pela ferramenta “Causa Brasil”.<sup>158</sup> O site, dedicado a

---

<sup>155</sup> Mais uma noite de berros. *Diário Gaúcho*, Geral, 21 jun. 2013, p. 3.

<sup>156</sup> Debaixo de chuva, ato tem 20 mil nas ruas e novo confronto violento com Brigada Militar. *Sul21*, 21 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/debaixo-de-chuva-ato-tem-20-mil-nas-ruas-e-novo-confronto-violento-com-brigada-militar/>>.

<sup>157</sup> Especificamente, a notícia trata a “invasão” que teria ocorrido na sede da Federação Anarquista Gaúcha (FAG), pela Polícia Federal.

<sup>158</sup> A respeito da metodologia da ferramenta, ver: <[https://docs.google.com/document/d/1LNAycH0NUgC\\_smPfG7CkiuePUgsCAPisrQml7OSCZP4/edit](https://docs.google.com/document/d/1LNAycH0NUgC_smPfG7CkiuePUgsCAPisrQml7OSCZP4/edit)>. Acesso em: 25/01/2016.

mapear, nacionalmente, manifestações por *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *Youtube* e *Google+*, identificou, na data, além de reivindicações pela qualidade do transporte público e pelo preço das passagens, outros temas, com destaque para segurança, saúde, educação, moradia, combate à corrupção e governo Dilma Rousseff.

Figura 43 – Ferramenta “Causa Brasil” em 20 de junho de 2013



Fonte: <<http://www.causabrasil.com.br/m/index.html>>

### 7.4.3. Interações entre manifestantes e policiais

#### a) Zero Hora

*Zero Hora* dedica uma notícia específica (“Confronto, depredação, saque: A violência se repete”) para narrar as interações entre manifestantes e policiais no protesto de 20 de junho. Conforme já referido, o jornal informa que as situações conflituosas do evento teriam sido levadas a cabo por “uma parcela minoritária” dos(as) manifestantes, considerados “vândalos infiltrados entre os ativistas”.

Pelo procedimento de publicar 02 notícias (uma sobre o protesto “pacífico” e outra sobre a “minoria de vândalos”), *Zero Hora* reforça o processo, já identificado desde o protesto de 04 de abril, de distinção entre os(as) ativistas que teriam como meta protestar legitimamente e aqueles(as) que produziriam danos a patrimônios. Essa diferenciação é levada ao extremo no momento em que se informa que “vândalos” estariam “infiltrados entre

os ativistas”, pois os sujeitos rotulados como “vândalos”, pela construção do jornal, são identificados apenas pelo aspecto conflitivo de seus repertórios e não são sequer reconhecidos na condição de “manifestantes”.

Segundo a notícia, o estopim do confronto entre polícia e manifestantes teria ocorrido quando “manifestantes atiraram coquetel molotov e pedras contra o PM”, momento em que os policiais teriam reprimido o protesto. Assim, o texto atribui a esses(as) ativistas específicos(as) a realização de ações que culminariam no conflito com a BM. Posteriormente, o jornal qualifica como “campo de batalha” o local em que se situava o protesto e relata os seguintes repertórios utilizados por manifestantes (a estes a notícia atribui o sentimento de “fúria”): danos a patrimônios (denominados “depredações”), pichações e ataques a estabelecimentos (sob o termo “saques”). Segue texto extraído da notícia:

“Manifestantes arrancaram um portão metálico de cinco metros de comprimento, vigas de concreto e tapumes para fazer uma barricada.

Vândalos infiltrados entre os ativistas não pouparam locais que já haviam depredado na segunda-feira. Uma revenda de motos voltou a ser atacada, na esquina da Ipiranga com a Azenha. Vidraças foram estilhaçadas. Os tapumes sobre os quais os proprietários manifestaram ‘Sim ao protesto pacífico’ sofreram pichação.

[...]

Algumas centenas correram pela Avenida Azenha, em direção à Bento Gonçalves. Ali, longe do alcance e dos olhos dos policiais, registraram-se depredações e saques contra vários estabelecimentos comerciais.

[...]

Na Avenida João Pessoa, vândalos atacaram de novo prédios que já haviam sido depredados na segunda-feira, como uma revenda Volkswagen e a sede do Departamento de Investigação. A destruição chegou a agências do Itaú, na Azenha, do Banrisul, na João Pessoa, do Banco do Brasil, na Venâncio Aires. Danificado em menor escala na segunda-feira, o shopping João Pessoa não foi poupado da fúria”.<sup>159</sup>

Essas situações são ilustradas pela seguinte imagem:

---

<sup>159</sup> Confronto, depredação, saque: a violência se repete. *Zero Hora*, Geral, 21 jun. 2013, p. 8.

**Figura 44 – Manifestantes causam dano ao patrimônio de banco, no protesto de 20 de junho**



Fonte: *Jornal Zero Hora*, edição impressa, 21/06/2013. Fotografia: Cristiano Goulart.

A notícia atribui especial ênfase à questão dos “saques”, considerados pelo jornal “um fenômeno novo e perigoso”:

“Adolescentes e jovens arremeteram com os pés ou com pedras e outros objetos contra as portas metálicas e de vidros das lojas. A primeira porta a ceder foi de uma loja de baterias. Um jovem entrou, apanhou uma bateria e correu pela rua abraçado a ela. Um punhado de manifestantes pôs-se a persegui-lo:

- Ladrão! Ladrão! Pega ladrão!

No segundo saque, vários jovens invadiram uma loja de material escolar e fizeram uma limpa. Saíram com mochilas, jogos e outros objetos, que mostravam orgulhosos uns aos outros. A Azenha esvaziou-se quando ouviram-se estampidos”.<sup>160</sup>

É interessante, neste ponto, notar a descrição do jornal sobre quem seriam as pessoas responsáveis pelos “saques” (“jovens” e “adolescentes”), bem como a narrada reação de manifestantes a esses atos (denominação dos jovens/adolescentes como “ladrões”). A respeito dos “saques”, é ilustrativa a fala do repórter Itamar Melo:

**Itamar:** Mesmo que tu tivesse um maioria que queria... que estava pacífica e tal, tu tinha um grupo que enxergava o protesto como culminando num confronto com a Brigada. E aí eles já iam com tudo... os equipamentos necessários e tal. E junto com isso começou a aparecer os bandidos, né. Porque o que que acontece? Quando a

<sup>160</sup> Confronto, depredação, saque: a violência se repete. *Zero Hora*, Geral, 21 jun. 2013, p. 8.

Brigada estava em confronto com manifestantes, tu tinha todo um entorno que não tinha polícia. Era uma terra de ninguém. E aí tu vinha, tu tinha criminosos que estavam ali... que começavam a saquear. Não eram manifestantes. Eram bandidos comuns. Isso a gente viu no centro ,viu aqui na Azenha. Aqui na Azenha eu vi tiro, teve de tudo. Gente... e eram bandidos comuns, eram pessoas que estavam se aproveitando daquele caos pra roubar.

Itamar, em convergência com o conteúdo da notícia, classifica esses sujeitos como “criminosos”, “bandidos comuns”. Nesse ponto, a cobertura de *Zero Hora* assume um modelo especificamente ligado à temática da esfera criminal. “Bandidos comuns”, nesse sentido, exsurge como rótulo de identificação de um tipo específico de ator, ao qual não se atribui o *status* de manifestante, mas sim se impõe a “sujeição criminal” (MISSE, 2010). Tais ações são abordadas em âmbito individual, e não como incorporadas à ação coletiva.

Por outro turno, em relação à atuação policial, *Zero Hora* segue a diretriz já apontada nos demais protestos. Quanto ao acompanhamento policial à manifestação, é dito que, no início do protesto, a Guarda Municipal cumpriu a função de fazer um “cordão de isolamento” em frente à Prefeitura. Além disso, o jornal informa que “policiais militares circulavam entre as pessoas, pedindo paz e entregando folhetos dirigidos aos ‘prezados manifestantes’”. Essas construções enquadram a polícia positivamente, como ator solidário aos(às) ativistas.

Quando da deflagração do confronto, o jornal não detalha a ação policial, diferentemente do que ocorre na cobertura do *Sul21*. *Zero Hora* narra que, após serem atacados por manifestantes (com “coquetel molotov e pedras”), teriam os policiais reprimido os(as) ativistas “com bombas de gás lacrimogêneo e outras armas de efeito moral” (não é especificado quais seriam as “outras armas”; a versão do *Sul21* aponta para a utilização de “balas de borracha”). Como resultado da ação policial, é informado que “pelo menos 18 pessoas foram presas”; entretanto, novamente não são fornecidos detalhes acerca das prisões. Embora a narrativa do jornal atribua o estopim do confronto à ação de “vândalos”, ao final da notícia consta relato de uma manifestante, com uma versão diversa para os fatos. Segundo a ativista, “não havia sinal de violência. Foi então que a Tropa de Choque começou a jogar bombas de efeito moral”. Essa versão, porém, como já referido, não é incorporada pelo jornal na narrativa dos fatos, sendo utilizada como observância ao princípio do contraditório.

Além disso, consta da notícia de *Zero Hora* um trecho em que representante da BM e Tarso Genro, governador do estado do Rio Grande do Sul à época, explicam por que motivo o prédio do Grupo RBS teria recebido especial proteção policial durante a manifestação. A esse respeito, o representante da BM relata que “cerca de 200 pessoas estavam trabalhando no prédio na hora das manifestações”. O fato de, segundo a notícia, a RBS ser “um dos locais



visados para depredações” teria justificado a ação policial no local. A defesa da BM ao prédio do Grupo RBS reforça a questão (já evidenciada no protesto de 13 de junho) de que haveria uma relação de hostilidade entre manifestantes e os veículos do grupo. Como “saldo negativo da noite”, *Zero Hora* publica o seguinte quadro:

**Figura 45 – Número sobre o “saldo negativo da noite”, na cobertura de *Zero Hora* ao protesto de 20 de junho**



Fonte: Jornal *Zero Hora*, edição impressa, 21/06/2013.

b) *Diário Gaúcho*

No caso do *Diário Gaúcho*, a construção interpretativa das interações entre manifestantes e policiais é realizada de forma análoga à de *Zero Hora*, embora com uma quantidade menor de detalhes. A ênfase da notícia, neste ponto, centra-se na distinção entre manifestantes “ordeiros” e o “vandalismo da minoria”. A essa “minorias” de ativistas é atribuída a realização de atos de danos a patrimônios (especificamente, “dois contêineres incendiados”). Além disso, tais ativistas também teriam sido responsáveis pelo estopim do confronto ocorrido com a polícia. O jornal intitula como “ação e reação” a seguinte passagem do texto:

“O momento de maior tensão foi na Avenida Ipiranga, quando parte dos manifestantes tentaram se aproximar do prédio da Polícia Federal. No local, batalhão de choque da Brigada Militar já estava postado. Para inibir os mais exaltados, foram jogadas bombas de efeito moral por parte dos PMs, muito deles a cavalo. Os manifestantes, muitos gritando contra a imprensa, recuaram de imediato”.<sup>161</sup>

---

<sup>161</sup> Mais uma noite de berros. *Diário Gaúcho*, Geral, 21 jun. 2013, p. 3.

Ou seja, segundo o relato do *Diário Gaúcho*, a “ação” de aproximação dos(as) manifestantes ao prédio da Polícia Federal teria sido respondida (como “reação”) pela PM com o uso de “bombas de efeito moral”. A respeito dos sujeitos caracterizados pelo jornal como “vândalos”, o editor Felipe Bortolanza afirma, no mesmo sentido da interpretação construída por *Zero Hora*, que esses indivíduos não poderiam ser considerados manifestantes, mas sim pessoas cujo objetivo, em meio aos protestos, seria o cometimento de crimes.

**Felipe:** dois dias depois dos protestos grandes, pode ser certeza que tinha lá matérias assinadas por repórteres nossos, onde a gente ia atacar olhando assim... quem tinha sofrido as consequências do vandalismo que estava infiltrado nos manifestantes, que era uma consequência que não... que a gente deixava bem claro que não eram os manifestantes que faziam aquilo, que quem fazia isso eram vândalos que se aproveitavam do volume de pessoas na rua pra cometer crimes...

[...]

...os vândalos a gente evidentemente que chamava de vândalos, como todo mundo chamava, porque eram isso.

Além dessa situação, a construção interpretativa sobre a atuação da polícia no protesto é reforçada pela seguinte imagem, na qual integrantes da Guarda Municipal estariam auxiliando um ativista, transmitindo-se a ideia de solidariedade:

**Figura 46 – Guardas Municipais carregam manifestante no protesto de 20 de junho**



Fonte: Jornal *Diário Gaúcho*, edição impressa, 21/06/2013. Fotografia: Adriana Franciosi.

c) *Sul21*

Quanto à interação entre manifestantes e policiais, assim como nos protestos anteriores, a notícia do *Sul21* diferencia-se dos textos de *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*. Segundo o jornal, o estopim do confronto entre policiais e manifestantes teria ocorrido na Avenida Ipiranga (nas proximidades do prédio da RBS), onde, nos termos do *Sul21*, “a manifestação foi novamente<sup>162</sup> reprimida pela Polícia Militar com bombas de gás lacrimogêneo, de efeito moral e balas de borracha”.<sup>163</sup> Até este ponto da notícia, nenhum

<sup>162</sup> Segundo a notícia do *Sul21*, “o mesmo havia ocorrido na segunda-feira [17 de junho de 2013], quando as tropas policiais também cerraram fileiras nas vias para impedir que a marcha seguisse até a sede do Grupo RBS”.

<sup>163</sup> É recorrente na cobertura do *Sul21* aos protestos a referência ao uso de balas de borracha. Essa narrativa vai de encontro à entrevista, para esta pesquisa, do coronel Fábio, o qual relata que o uso desse instrumento de repressão teria sido, à época, evitado no controle aos protestos.

episódio de dano a patrimônios (ou ações análogas) por ativistas é informado por *Sul21*, de modo que a narrativa atribui à polícia a responsabilidade pelo estopim do confronto.

A partir da descrição dessa situação, o texto narra a continuidade das ações policiais, no enfrentamento à manifestação, bem como as dificuldades de “resistência” dos(as) ativistas:

“A chegada dos manifestantes à Avenida Ipiranga foi o desfecho de uma marcha com episódios anunciados. Como na última segunda-feira (17), a caminhada não pôde ultrapassar as cercanias do Grupo RBS, *ponto em que a Brigada Militar, que até então não havia sido protagonista em nenhum momento da marcha, entrou em confronto com manifestantes. As primeiras bombas estouraram depois que milhares de ativistas entraram na Ipiranga e dobraram à direita – a partir daí, não foi possível avançar.*

Muitos, no entanto, permaneceram nas quadras próximas ao confronto mantido por policiais militares e alguns manifestantes. Alguns buscavam reunir o maior número possível de militantes para garantir a resistência dos que estavam na parte dianteira; outros acreditavam que o bloqueio seria furado e que, quem sabe agora, seria possível marchar até a sede do Grupo RBS. O entrave permaneceu por mais de uma hora, tempo no qual mais uma vez houve forte conflito entre forças policiais e manifestantes. Inevitavelmente, também fez com que a multidão se dispersasse em busca de outros destinos. ‘*Hoje não houve nada. A polícia começou a atirar, não tem nem como justificar*’, gritava um manifestante que molhava com vinagre um pano que levava ao rosto (*grifos nossos*)”.<sup>164</sup>

A fala da manifestante, no sentido de não haver “justificativa” para a ação policial, confirma a interpretação produzida pelo *Sul21*. Quanto aos repertórios adotados pelas autoridades policiais, o jornal cita o uso de “bombas de gás lacrimogêneo”, assim como “persistentes disparos de balas de borracha”. Diante da utilização desses materiais, a notícia refere que manifestantes teriam tentando resistir de forma defensiva, inclusive com a confecção de uma “barricada com tapumes”. Em seguida, é relatado que, em decorrência do confronto ocorrida na Avenida Ipiranga, manifestantes teriam rumado novamente para o Centro da cidade (local onde havia se dado a “concentração” para o ato) e se reagrupado, “como se o protesto tivesse se reiniciado”, embora o uso de bombas pela polícia seguisse:

“Por volta das 22 horas, já era grande o número de pessoas que voltava a se aglomerar em pontos centrais, como a Avenida Borges de Medeiros e a Praça Montevideu, onde fica localizado o prédio da Prefeitura de Porto Alegre.

---

<sup>164</sup> Debaixo de chuva, ato tem 20 mil nas ruas e novo confronto violento com Brigada Militar. *Sul21*, 21 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/debaixo-de-chuva-ato-tem-20-mil-nas-ruas-e-novo-confronto-violento-com-brigada-militar/>>.

*Quando um grupo aguardava por definição no alto do Viaduto Otávio Rocha, mais bombas. O objetivo era evitar acesso ao Palácio Piratini e à Assembleia.*

[...]

Com a nova concentração na Prefeitura, era como se o protesto tivesse se reiniciado, mais de quatro horas depois do início da chegada dos manifestantes. Milhares se juntavam outra vez, maltratados pela chuva, pela longa caminhada e pelos efeitos do gás lacrimogêneo. A Brigada Militar, que já ocupava o local mesmo antes do fim do confronto na Avenida Ipiranga, se posicionava em pontos estratégicos e mantinha certa proximidade dos manifestantes (*grifos nossos*)<sup>165</sup>.

Apenas neste ponto do relato, a notícia faz referência a “ataques” de manifestantes a lojas e bancas nas ruas do Centro de Porto Alegre (diferentemente de *Zero Hora*, não se utiliza o termo “saque”), enfatizando-se, porém, que tais situações teriam ocasionado “fortes investidas por parte da polícia” (de modo que mesmo nessas situações a repressão das autoridades policiais é salientada pelo jornal). Ainda, é informado que “ativistas quebraram vidraças de bancos na Avenida Borges de Medeiros com pontapés, e tentaram evitar a aproximação da Brigada Militar com o uso de rojões”. A despeito desses relatos pontuais de ações produzidas por manifestantes, a narrativa volta a focar a ação policial, ao narrar o que teria sido, segundo o *Sul21*, uma “batalha campal” no centro da cidade, com a “expulsão” de manifestantes do Largo Glênio Peres pela Brigada Militar, com bloqueios de ruas, disparos de balas de borracha e perseguição a ativistas:

“...a força policial passou a espalhar o seu contingente por todos os acessos Mercado Público. Em poucos minutos, o Largo estava inteiramente cercado. Pessoas que antes esperavam pela volta do serviço do transporte público nos terminais do Centro tentavam escapar da região, mas policiais bloquearam diversas das ruas – com armas nas mãos, impediam qualquer um de passar o bloqueio.

O confronto aberto já parecia questão de tempo quando a cavalaria da Brigada Militar desceu a galope a Borges de Medeiros, via pela qual passava também a tropa de choque. Durante vários minutos, dezenas de balas de borracha foram disparadas para dispersar a manifestação que ainda permanecia no Largo. A saída da maioria, que corria em desespero para escapar da violência, se deu pela Rua Voluntários da Pátria. Policiais perseguiram ativistas por outras passagens do Centro, mas por volta da meia-noite o confronto arrefeceu...”<sup>166</sup>.

---

<sup>165</sup> Debaixo de chuva, ato tem 20 mil nas ruas e novo confronto violento com Brigada Militar. *Sul21*, 21 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/debaixo-de-chuva-ato-tem-20-mil-nas-ruas-e-novo-confronto-violento-com-brigada-militar/>>.

<sup>166</sup> Debaixo de chuva, ato tem 20 mil nas ruas e novo confronto violento com Brigada Militar. *Sul21*, 21 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/debaixo-de-chuva-ato-tem-20-mil-nas-ruas-e-novo-confronto-violento-com-brigada-militar/>>.

O enquadramento realizado por *Sul21* atribui às interações ocorridas no protesto características similares às de um contexto de guerra. Iuri Müller, ex-repórter do jornal, confirma essa ideia, ao dizer que, em determinada manifestação de junho (não especificada), a cobertura assumira esse aspecto:

**Iuri:**... era como se fosse uma reportagem de guerra quase. As fotos todas com pessoas no chão, gás lacrimogêneo, bombas estourando, sangue, porque os estilhaços daquela bomba de efeito moral batiam nas pessoas, fotos em que a polícia aparecia reprimindo... um avanço do Estado islâmico, e não uma manifestação

As imagens que acompanham o texto da notícia igualmente confirmam a metáfora bélica realizada pelo jornalista:

**Figura 47 – Manifestantes ajoelham-se em frente a soldados da Polícia Militar, no protesto de 20 de junho**



Foto: Bernardo Jardim Ribeiro/Sul21

Fonte: <<http://www.Sul21.com.br/jornal/debaixo-de-chuva-ato-tem-20-mil-nas-ruas-e-novo-confronto-violento-com-brigada-militar/>>. Fotografia: Bernardo Jardim Ribeiro.



**Figura 48 – Manifestantes correm diante do uso de bombas de gás lacrimogêneo**



Foto: Bernardo Jardim Ribeiro/Sul21

Fonte: <<http://www.Sul21.com.br/jornal/debaixo-de-chuva-ato-tem-20-mil-nas-ruas-e-novo-confronto-violento-com-brigada-militar/>>. Fotografia: Bernardo Jardim Ribeiro.

**Figura 49 – Manifestante ajoelha-se em frente a soldados da Polícia Militar**



Foto: Ramiro Furquim/Sul21

Fonte: <<http://www.Sul21.com.br/jornal/debaixo-de-chuva-ato-tem-20-mil-nas-ruas-e-novo-confronto-violento-com-brigada-militar/>>. Fotografia: Ramiro Furquim.

**Figura 50 – Cavalaria da Polícia Militar agrupada durante protesto de 20 de junho.**



Foto: Michel Cortez/Especial Sul21

Fonte: <<http://www.Sul21.com.br/jornal/debaixo-de-chuva-ato-tem-20-mil-nas-ruas-e-novo-confronto-violento-com-brigada-militar/>>. Fotografia: Michel Cortez.

Como resultado da manifestação, a notícia enfatiza a realização de ao menos 18 detenções e faz referência a relatos de que as ações da BM teriam utilizado “violência desmedida”. Danos a patrimônios de bancos, a lojas e à sede do PT são também citados; porém, diferentemente do que ocorre em *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, não há ligação desses atos a ativistas, assim como não há a utilização de termos como “vândalos” ou “depredadores”:

“Durante o enfrentamento, ao menos dezoito manifestantes foram detidos pela polícia gaúcha. Novamente, houve quem relatasse ações de violência desmedida por parte da Brigada Militar, principalmente nos episódios que tiveram lugar na Avenida Ipiranga e as proximidades do Largo Glênio Peres. Diversas agências bancárias foram quebradas, bem como pequenas e grandes lojas. A sede do Partido dos Trabalhadores, situada na Avenida João Pessoa, também sofreu ataque”.<sup>167</sup>

---

<sup>167</sup> Debaixo de chuva, ato tem 20 mil nas ruas e novo confronto violento com Brigada Militar. *Sul21*, 21 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.sul21.com.br/jornal/debaixo-de-chuva-ato-tem-20-mil-nas-ruas-e-novo-confronto-violento-com-brigada-militar/>>.

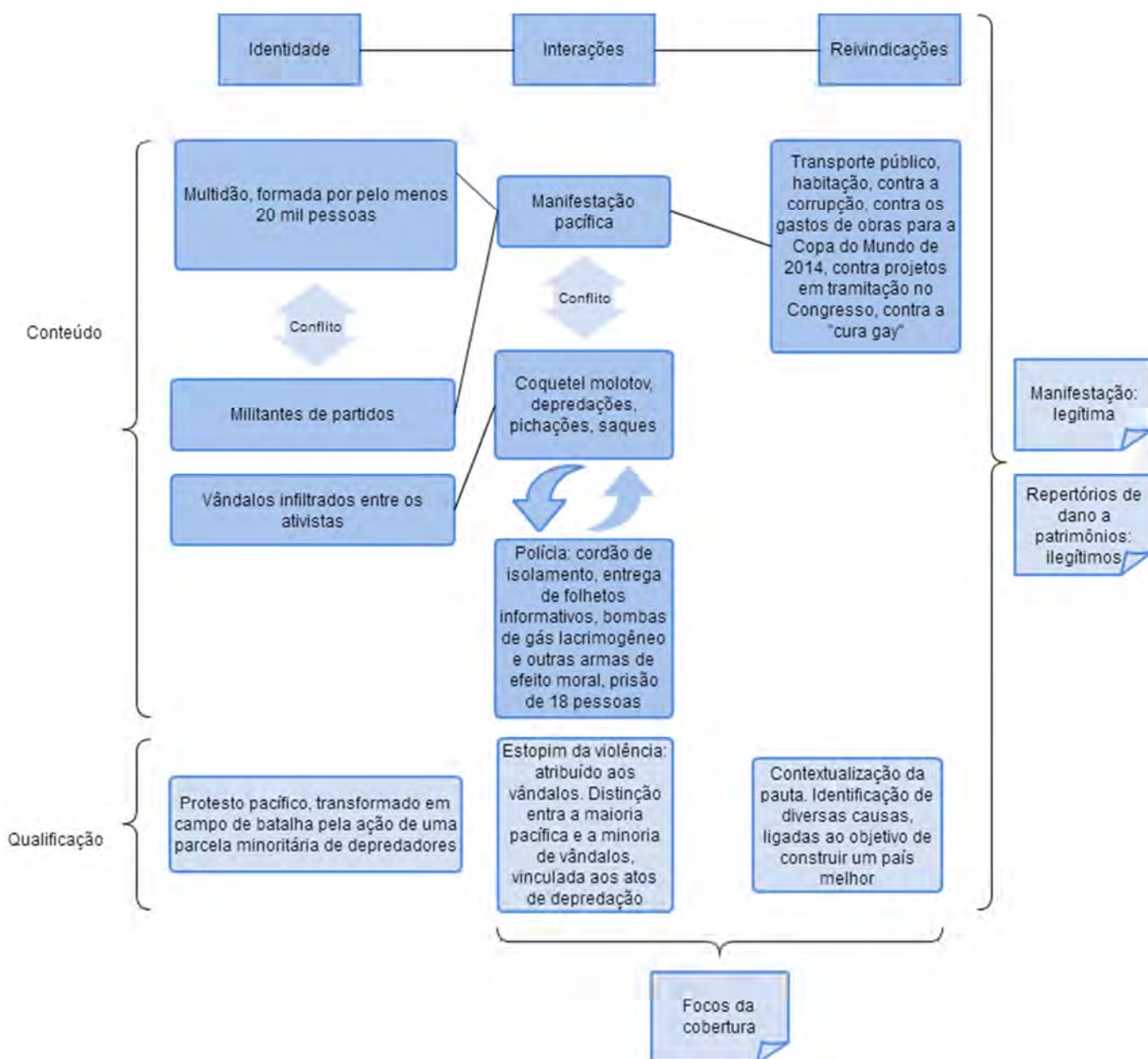


Por fim, a notícia cita entrevista realizada por integrantes do Bloco de Lutas pelo Transporte Público e informa que, dentre os tópicos tratados na ocasião, estaria a “perseguição” ao movimento pelas “forças policiais do Rio Grande do Sul e do governo federal”.

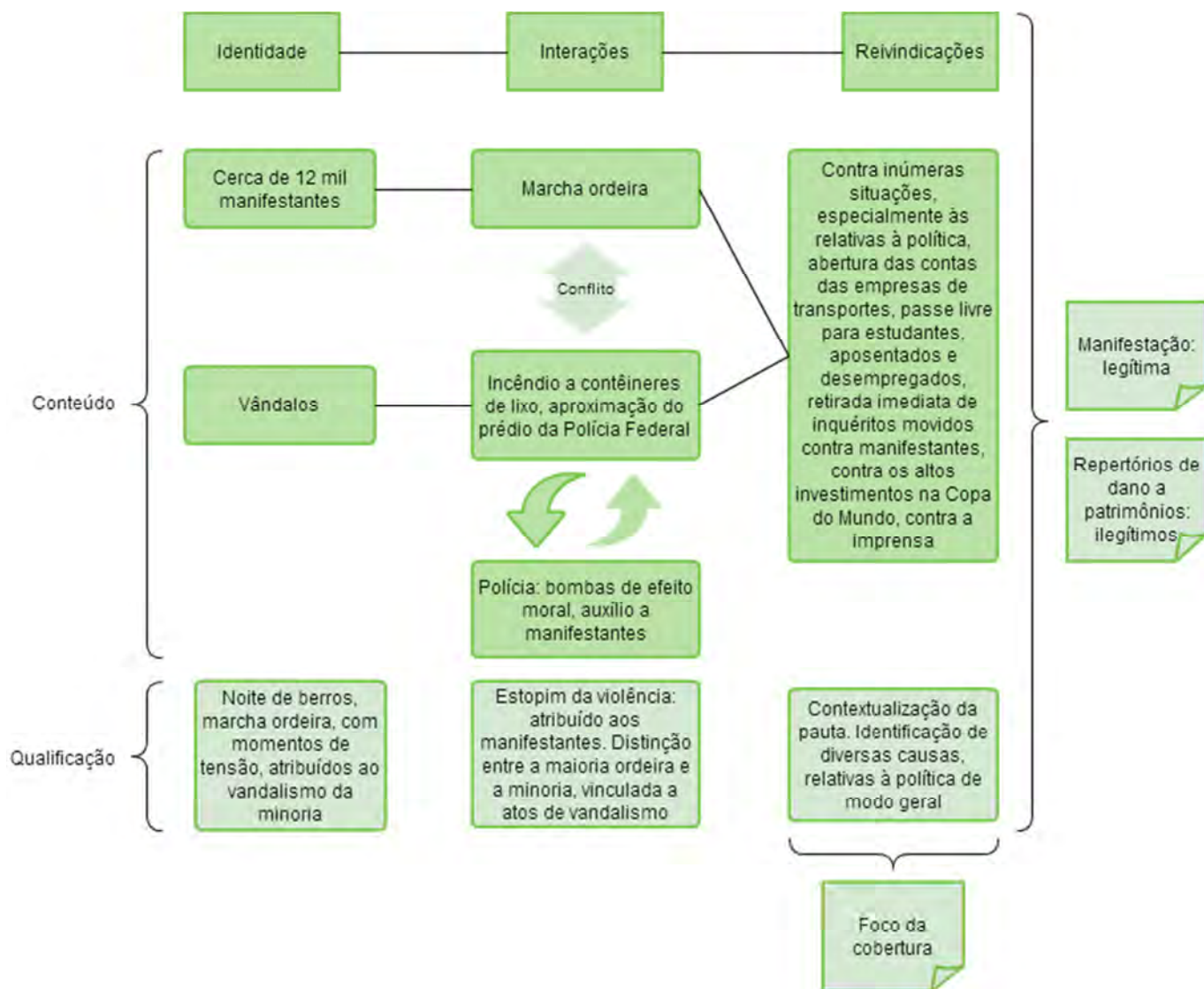
#### 7.4.4. Sistematização do conteúdo das notícias

##### a) Zero Hora

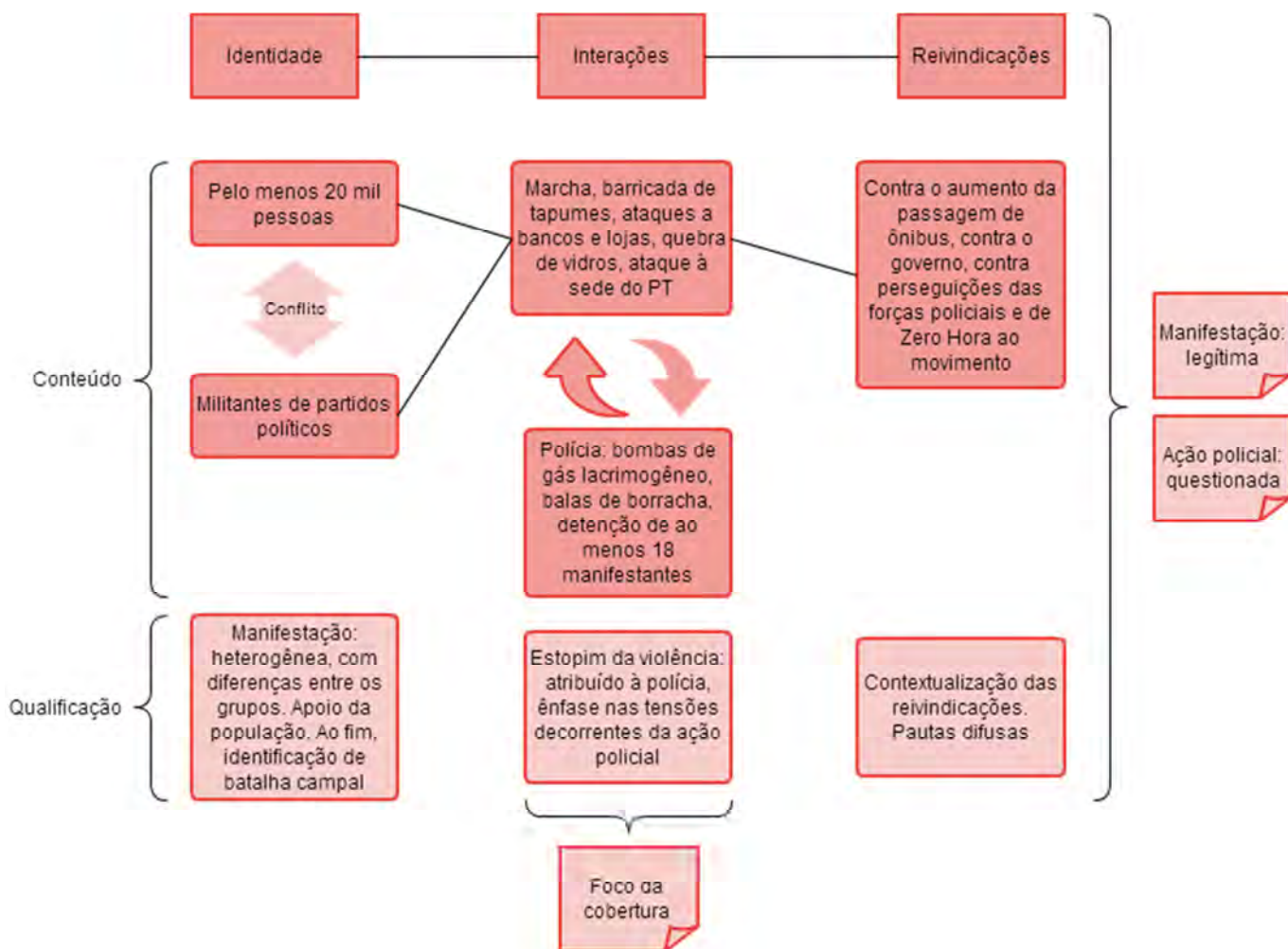
Figura 51 - Representação gráfica da cobertura de *Zero Hora* ao protesto de 20 de junho



*Zero Hora* identifica os(as) ativistas como uma “multidão”, de “pelo menos 20 mil pessoas”. O jornal informa que essa composição teria sido múltipla, com a existência inclusive de divergências entre os(as) manifestantes, notadamente em relação à presença de militantes partidários. As pautas são enquadradas como diversas e ligadas ao objetivo de “construir um país melhor”. Nesse sentido, evidencia-se que o jornal interpreta como legítimas as demandas dos(as) manifestantes, de modo mais enfático do que nos protestos anteriores (quando as reivindicações eram vinculadas de forma mais restrita à causa do transporte público). Quanto às interações entre ativistas e polícia, a cobertura de *Zero Hora* ao evento de 20 de junho reforça e consolida a distinção entre “manifestantes pacíficos” e “vândalos” (os quais inclusive não mais são qualificados como “manifestantes”). Aos “pacíficos” é atrelada a ideia de manifestação legítima. Aos “vândalos” é atribuído o estopim do confronto com a polícia, sendo essas ações tratadas sob uma perspectiva criminal, enquanto os atos dos policiais são enquadrados sob uma interpretação predominantemente positiva e solidária. Os “vândalos” são posicionados, portanto, como sujeitos ativos, produtores de atos de ataques a policiais, “depredações”, “pichações” e “saques”, repertórios tomados como ilegítimos.

b) *Diário Gaúcho***Figura 52 - Representação gráfica da cobertura do *Diário Gaúcho* ao protesto de 20 de junho**

A cobertura do *Diário Gaúcho* diferencia o total de ativistas (“cerca de 12 mil manifestantes”) dos sujeitos qualificados como “vândalos”. No mesmo sentido dos outros jornais, são informadas múltiplas reivindicações. No que diz respeito à interação entre manifestantes e policiais, o *Diário Gaúcho*, assim como *Zero Hora*, reforça a interpretação de que o confronto deflagrado na manifestação teria sido consequência da ação do “vandalismo da minoria”. A maior parte dos(as) ativistas teria protestado de forma “ordeira” e legítima. Por outro lado, a “minoria” teria agido ilegitimamente, de modo a justificar uma “reação” por parte das autoridades policiais, sendo a atuação policial construída como solidária aos ativistas.

c) *Sul21*Figura 53 - Representação gráfica da cobertura do *Sul21* ao protesto de 20 de junho

A cobertura do *Sul21* enfatiza a grandiosidade da manifestação (“pelo menos 20 mil pessoas”) e informa que teria havido oposição a militantes partidários (atitude qualificada como “constrangimento”). As pautas do protesto são classificadas como “difusas” (não estando mais vinculadas unicamente à questão do valor da passagem) e não constituem o tema central da notícia. Já o enquadramento a respeito das interações entre manifestantes e policiais enfatiza, de forma evidente, as ações levadas a cabo pelas forças policiais. Da leitura do texto extrai-se, em oposição às interpretações produzidas por *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, que a polícia teria reprimido intensamente os(as) ativistas, por meio de ações como o uso de bombas de gás lacrimogêneo, disparos de bala de borracha e perseguição a ativistas. Ações de dano a patrimônios por manifestantes são citadas, mas não constituem o foco da cobertura e não são interpretadas como “justificativa” para legitimação da ação policial (ação caracterizada,

segundo relatos da notícia, pela “violência desmedida”). Assim, em conformidade com o padrão consolidado pelo *Sul21*, a manifestação é identificada como legítima, e os repertórios das autoridades policiais são questionados quanto à sua legitimidade.

## 7.5. As interpretações “vencedoras” da disputa: retrospectivas

As retrospectivas construídas pelos jornais são textos nos quais é produzido um resumo dos acontecimentos do ciclo de protestos de 2013. O conteúdo, apesar de se focar nos eventos de Porto Alegre, traz referências também a protestos ocorridos em outras cidades do país. Temporalmente, as retrospectivas abrangem tanto as manifestações iniciais quanto os eventos de junho. Notícias analisadas: “O que aprendemos com 2013: Reivindicar” (*Zero Hora*); “Povo toma as ruas, berra e consegue benefícios” (*Diário Gaúcho*); “Retrospectiva dos protestos em Porto Alegre: 2013, o ano que não terminou” (*Sul21*).

### 7.5.1. Identidade dos manifestantes

#### a) *Zero Hora*

Na retrospectiva de *Zero Hora*, é referido que, inicialmente, o reajuste da tarifa de ônibus na cidade teria sofrido a “resistência dos movimentos de cunho social”, destacando-se o Bloco de Luta pelo Transporte Público como ator protagonista dessa questão. No entanto, a notícia informa que, posteriormente, com a “onda de manifestações”<sup>168</sup> de junho, o coletivo “conquistou a adesão de quem jamais tinha ouvido falar do grupo”.

Assim, segundo o jornal, embora em um primeiro momento o Bloco de Lutas fosse o protagonista das manifestações, em junho, com o crescimento dos eventos, teriam se inserido nos protestos outros atores: “estudantes, profissionais liberais, trabalhadores do comércio, professores, gente de todas as classes. Uma massa heterogênea...”. *Zero Hora* igualmente enfatiza quais foram as formas de organização utilizadas durante o período de crescimento dos protestos, com destaque para a utilização de redes sociais:

---

<sup>168</sup> “Onda de manifestações” é a expressão utilizada pelo jornal para se referir ao ciclo de protestos de 2013.

“Era o povo acima do poder, literalmente. Chegou lá por meio de *novas formas de organização*, da quebra de paradigmas. Manifestantes se organizavam pelas redes sociais, combinavam o desenrolar dos atos em tempo real. Amparavam-se em celulares e, com eles, narravam ao vivo os protestos. Houve quem, solidariamente, liberou o sinal da internet sem fio de casa para servir às marchas nas ruas”.<sup>169</sup>

Por fim, assim como se analisou na cobertura de *Zero Hora* aos eventos de junho, a retrospectiva cita tensões entre manifestantes, quanto à presença de militantes de partidos políticos. Nos termos do jornal, “durante as passeatas, militantes de partidos foram escorraçados”. De qualquer modo, o foco da retrospectiva, quanto à composição das manifestações, reside na referida distinção entre um primeiro momento, no início do ano, protagonizado pelo Bloco de Lutas, e um segundo momento, em junho, quando teriam os protestos se tornado mais heterogêneos.

#### *b) Diário Gaúcho*

A retrospectiva do *Diário Gaúcho* não fornece detalhes sobre quem teriam sido os(as) manifestantes que compareceram às ruas. A notícia apenas informa que os protestos teriam aglutinado “centenas de milhares de jovens”, tendo estes se reunido “a partir das redes sociais”. Assim, o jornal produz, a respeito dessa dimensão, um enquadramento mais generalizado, sem a distinção, realizada por *Zero Hora*, entre as configurações dos primeiros meses do ano e as de junho.

#### *c) Sul21*

Em sua retrospectiva, o *Sul21* retoma, desde o primeiro ato contra o aumento da passagem no ano, em 21 de janeiro, os eventos que foram se sucedendo ao longo de 2013. Nesse sentido, ficam evidenciadas pelo jornal transformações que ocorreram nas manifestações. Assim como no caso de *Zero Hora*, é identificado o Bloco de Lutas como coletivo organizador dos protestos iniciais do ano. Segundo a retrospectiva, o Bloco de Lutas, nos primeiros meses de 2013, poderia ser definido como um “coletivo que reúne militantes de diversas organizações de esquerda, como partidos políticos (PSOL, PSTU e PT – na época), grupos anarquistas e outros movimentos”.

---

<sup>169</sup> O que aprendemos com 2013: Reivindicar. *Zero Hora*, Geral, 31 dez. 2013/01 jan. 2014, p. 8.

É dito ainda que a quantidade de pessoas presentes nos protestos teria se alterado com o passar do tempo: “não mais que 200 pessoas” em 21 de janeiro; um protesto “com as mesmas proporções” em 18 de fevereiro; “quase mil pessoas” em 27 de março; “cerca de cinco mil pessoas” em 01 de abril. Posteriormente, em junho, é identificado pelo jornal, semelhantemente à retrospectiva de *Zero Hora*, o momento em que o Bloco de Lutas teria deixado de possuir “hegemonia” sobre os rumos dos protestos, com a “ausência de uma organização minimamente tradicional”:

“Os grandes protestos em junho [...] deixaram claro que o *Bloco de Luta* já não possuía hegemonia sobre a multidão, tanto em termos de direcionamento físico do trajeto das marchas, quanto em termos de delimitação política das reivindicações. Aliás, ninguém possuía esses domínios. Foi neste período que a pulverização de causas e a ausência de uma organização minimamente tradicional se radicalizaram ao extremo (*grifos nossos*)”.<sup>170</sup>

Diante dessa heterogeneidade, o jornal relata a “aversão” a partidos políticos nas manifestações e, diferentemente de *Zero Hora*, classifica como “agressiva” a demonstração de tal repúdio em determinados momentos. Essas situações, nos termos do *Sul21*, evidenciaram “uma clara disputa pelos rumos políticos das manifestações nos diversos setores que as compunham”.

Outro ponto salientado por *Sul21* e representativo dessas “disputas” refere-se à utilização, por determinados(as) manifestantes, de “bandeiras com símbolos nacionais”, com o canto do hino rio-grandense como *performance*. A esses(as) ativistas contrapor-se-ia um grupo que “condenava a exaltação patriótica”, assim como “pedia ‘amor ao povo, não à bandeira’”.

Ademais, *Sul21* relata, em sua retrospectiva, que esses embates também teriam como tema as interações entre manifestantes e polícia. Assim narra o jornal:

“Um dos principais embates ocorria em torno da ação dos manifestantes em relação à polícia. Muitos adotavam uma conduta completamente pacifista, entregando flores aos agentes públicos e expressando um bordão bastante utilizado nos protestos: ‘sem violência!’.

---

<sup>170</sup> Retrospectiva dos protestos em Porto Alegre: 2013, o ano que não terminou. *Sul21*, 25 dez. 2013. Disponível em: < <http://www.sul21.com.br/jornal/retrospectiva-2013-o-ano-que-nao-terminou/>>.

Por outro lado, *havia grupos que entendiam ser inútil qualquer esforço para tentar comover a polícia ou abrigá-la dentro do guarda-chuva de causas defendidas pelas ruas (grifos nossos)*.<sup>171</sup>

Na parte final da retrospectiva, destaca-se a ocupação da Câmara dos Vereadores de Porto Alegre, durante oito dias do mês de julho, momento em que o Bloco de Lutas teria voltado a protagonizar a mobilização. A esse respeito, o jornal relata que, segundo a fala de ativistas, “a ocupação representou um marco histórico de organização horizontal de um movimento político e social”.

Resumidamente, *Sul21*, assim como *Zero Hora*, destaca a existência de momentos distintos na composição das manifestações: um primeiro, nos meses iniciais do ano, quando o Bloco de Lutas seria o ator protagonista; um segundo momento, em junho, com o crescimento das manifestações, paralelo ao aumento da heterogeneidade e das divergências entre ativistas. Porém, diferentemente dos demais jornais em estudo, o jornal atribui ênfase a um momento posterior a junho, com a ocupação da Câmara dos Vereadores de Porto Alegre pelo Bloco de Lutas.

### 7.5.2. Caracterização da(s) reivindicação(ões)

#### a) *Zero Hora*

A retrospectiva de *Zero Hora* constroi um enquadramento positivo em relação às pautas e às repercussões das manifestações. A retrospectiva tem como tema “o que aprendemos em 2013” e traz como resposta o verbo “reivindicar”. A dimensão das reivindicações trata-se, portanto, do ponto central tratado na retrospectiva. Como descrição generalizada das causas dos protestos, o jornal interpreta que as manifestações de 2013 representariam “um sentimento de ‘basta’ diante de mazelas há muito conhecidas e igualmente ignoradas. Como bem gritaram os manifestantes de junho, o gigante acordou, de surpresa”.<sup>172</sup>

---

<sup>171</sup> Retrospectiva dos protestos em Porto Alegre: 2013, o ano que não terminou. *Sul21*, 25 dez. 2013. Disponível em: < <http://www.sul21.com.br/jornal/retrospectiva-2013-o-ano-que-nao-terminou/>>.

<sup>172</sup> A expressão “O gigante acordou” foi incorporada nos protestos de junho, notadamente no momento em que se identifica a existência de outras pautas para além da questão do transporte público. A expressão é associada à fala de atores considerados conservadores, por não explicitar o histórico de lutas sociais desenvolvido no Brasil



Ainda assim, como pauta inicial dos protestos o jornal identifica a questão da “insatisfação com a tarifa do transporte público”, motivo que teria levado “movimentos de cunho social” às ruas. Porém, com a revogação do aumento das passagens em Porto Alegre e em outras capitais do Brasil (são citadas as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro), segundo o jornal, “mexer na tarifa já se revelava insuficiente para acalmar as ruas”. Nesse sentido, a retrospectiva relata a emergência de novas reivindicações, a seguir citadas:

“Se dá para conquistar uma mudança, por que não outras? A avalanche inicial de reivindicações acabou organizada em alguns pontos principais, como o *veto à Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 37*, que limitaria o poder de investigação do Ministério Público, e a *destinação dos lucros do petróleo da camada pré-sal à educação*. Também se *exigiu a saída imediata do Senador Renan Calheiros da Presidência do Congresso* – o que não aconteceu –, além da *transformação da corrupção em crime hediondo (grifos nossos)*”.<sup>173</sup>

A retrospectiva contém as seguintes imagens, alusivas a algumas das reivindicações pleiteadas nas manifestações:

---

pelos movimentos populares e por ser uma frase genérica, cuja amplitude permite a associação a múltiplas interpretações.

<sup>173</sup> O que aprendemos com 2013: Reivindicar. *Zero Hora*, Geral, 31 dez. 2013/01 jan. 2014, p. 8.

**Figura 54 – Cartazes com reivindicações de manifestantes**



Fonte: Jornal *Zero Hora*, edição impressa, 31/12/2013. Fotografias: Diogo Zanatta; Ricardo Duarte.

Diante da revogação do aumento do valor das passagens e de outras consequências da pressão nas ruas (como a derrubada da PEC 37),<sup>174</sup> interpreta *Zero Hora*, como repercussão dos protestos, que a população “fez-se ouvir e rendeu frutos até então inimagináveis, como um Congresso atilado no manejo de temas polêmicos, afinado com o clamor popular”. A ênfase nos resultados das manifestações é ainda reforçada pelas interpretações de que “veio a lição de que o poder público cede ao ser pressionado pela massa” e de que “o saldo representou nova oportunidade de aprendizado aos brasileiros: o valor da democracia e o amadurecimento das instituições” (com a referência aos episódios de ocupação da Câmara de Vereadores pelo Bloco de Lutas e à Greve Geral de 11 de julho). Por fim, citando-se o então treinador da seleção brasileira de futebol, Luís Felipe Scolari, a retrospectiva afirma que se aplica à manifestações de 2013 a frase (elaborada por Scolari na vitória da seleção de futebol

<sup>174</sup> A Proposta de Emenda Constitucional 37/2011 (PEC 37) era uma proposta legislativa que atribuiria exclusivamente às polícias federal e civis o poder de investigação criminal, retirando essa atribuição de alguns órgãos, dentre os quais o Ministério Público.

na Copa das Confederações daquele ano): “Tínhamos que ganhar para nos sentirmos grandes”.

Em suma, quanto à pauta dos protestos, *Zero Hora* também distingue dois momentos: no primeiro, estaria centrada a reivindicação apenas na contrariedade ao aumento do valor da tarifa do transporte público; posteriormente, diversas outras causas (sobre variados temas) teriam sido incorporadas às manifestações. Finalmente, a retrospectiva pontua a repercussão dos protestos, salientado o saldo considerado, pelo jornal, positivo das manifestações.

#### b) *Diário Gaúcho*

A interpretação do *Diário Gaúcho* igualmente trata as reivindicações dos protestos como ponto central da retrospectiva e constroi enquadramento semelhante ao de *Zero Hora*. A expressão “O gigante acordou” é utilizada pelo jornal para sintetizar “o movimento que tomou as ruas das principais cidades brasileiras”. Embora o “ápice” dos protestos seja identificado pelo *Diário Gaúcho* no mês de junho, a notícia salienta que o movimento contra o reajuste das tarifas de ônibus, em Porto Alegre, teria realizado protestos desde o mês de fevereiro de 2013. Entre as manifestações nos meses iniciais do ano e os eventos de junho, porém, o jornal identifica mudanças, com a multiplicação de pautas:

*“Inicialmente, contra o aumento das tarifas dos transportes coletivos (na maior parte dos casos, um reajuste de R\$ 0,20). Depois, o movimento foi crescendo, e outros alvos foram surgindo: corrupção, falta de investimentos em áreas como a saúde e a educação, gastos excessivos com obras para a Copa do Mundo...”*<sup>175</sup>

O *Diário Gaúcho* segue a diretriz apontada por *Zero Hora*, no sentido de citar aquelas que foram, nos termos do jornal, as “conquistas” das manifestações: a reversão do aumento das passagens de ônibus, em diversas cidades do país; a aprovação do projeto que passa a tratar a corrupção como crime hediondo; o arquivamento da PEC 37; a proibição de votações secretas nos casos de cassação de mandatos.

Em síntese, o *Diário Gaúcho* constroi enquadramento análogo ao de *Zero Hora*: a identificação da contrariedade ao aumento do valor da passagem como causa inicial dos

---

<sup>175</sup> Povo toma as ruas, berra e consegue benefícios. *Diário Gaúcho*, Geral, 31 dez. 2013/01 jan. 2014, p. 5.

protestos; a incorporação de uma diversidade de pautas em junho, sendo os resultados das manifestações considerados positivos.

c) *Sul21*

Quanto à retrospectiva do *Sul21*, o jornal interpreta, no mesmo sentido dos demais veículos, que os primeiros protestos do ano, de janeiro a abril, teriam sido organizados em torno da causa do transporte público, “com uma única pauta expressa nos gritos, nas faixas e nos cartazes: a tentativa de barrar o aumento da passagem de ônibus, que subiria de R\$ 2,85 para R\$ 3,05”. Com o desenrolar dos atos, *Sul21* narra a aquisição de “respaldo social” do movimento, processo que teria culminado no aumento do número de pessoas nesses primeiros atos (de centenas para milhares de pessoas por evento, entre janeiro e abril) e na derrubada do aumento na justiça, por ação movida pela bancada do PSOL na Câmara dos Vereadores. A partir dessa vitória, comemorada no protesto de 4 de abril, o jornal salienta que, desde então, “a bandeira de redução da passagem para R\$ 2,60 passou a ser empunhada com mais força pelos ativistas”. No mês seguinte, em maio, a notícia faz referência à realização de protestos pela “luta contra o corte de árvores” em áreas históricas da cidade.<sup>176</sup>

Em relação ao mês de junho, a interpretação do *Sul21* coaduna-se aos textos de *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, no que se refere à identificação de que as pautas pleiteadas pelos(as) manifestantes nas ruas teriam se multiplicado para além da causa do transporte público, com a perda da “hegemonia” do Bloco de Lutas, “em termos de delimitação política das reivindicações” (salientando ainda que “ninguém” possuía, à época, essa hegemonia), e com a “pulverização de causas”. Embora não haja a citação a um rol de reivindicações, o jornal relata a ocorrência de um protesto, já no início de julho, com os temas da habitação e da crítica às obras da Copa do Mundo de 2014, bem como ressalta que em 2013 “todas as instituições” teriam sido alvo de reivindicações, enfocando-se a crítica à “mídia tradicional”<sup>177</sup> durante os protestos:

---

<sup>176</sup> A respeito, ver: <<http://www.sul21.com.br/jornal/em-nova-marcha-manifestantes-gritam-nas-ruas-contr-o-corte-de-arvores/>>. Acesso em: 22/01/2016.

<sup>177</sup> “Mídia tradicional”, nos termos utilizados por *Sul21*, faz referência a grandes corporações midiáticas do Brasil, detentoras de hegemonia na circulação da informação nacional ou regionalmente. Esse é o caso do Grupo RBS, hostilizado pelos(as) ativistas durante os protestos, segundo o banco de dados deste trabalho.

“No dia 4 de julho, um ato menor, com não mais de 2 mil pessoas, teve uma proposta diferente: trocar as ruas do Centro de Porto Alegre pela periferia, em uma marcha no interior da Vila Cruzeiro contra a remoção de famílias pobres em função das obras da Copa do Mundo de 2014.

[...]

Em junho, todas as instituições foram criticadas e muitas delas foram atacadas simbólica ou fisicamente. Um grande alvo de revolta dos manifestantes foi a mídia tradicional. Isso ficou expresso nacionalmente no repúdio a repórteres que cobriam as manifestações e, em Porto Alegre, durante pelo menos três grandes marchas que se dirigiram até a sede do Grupo RBS – sendo impedidas de se aproximar por um forte aparato da Brigada Militar”.<sup>178</sup>

No mês de julho, o jornal salienta a reinserção da pauta do transporte público como tema central das mobilizações, com a ocupação da Câmara dos Vereadores pelo Bloco de Lutas. As seguintes pautas estariam presentes quando da ocupação:

“...a elaboração de dois projetos de lei: garantindo passe livre para estudantes, desempregados, indígenas e quilombolas; e determinando a abertura das contas das empresas que operam o transporte público”.<sup>179</sup>

Em síntese, identifica-se a convergência entre as retrospectivas dos três jornais quanto às causas levantadas nos protestos, com um primeiro momento centrado na questão do transporte público e um segundo momento (em junho) de “pulverização das causas”. A diferença entre o *Sul21* e os demais jornais reside na identificação específica de algumas dessas reivindicações de junho. O jornal, nesse sentido, cita as questões da moradia, da desconformidade em relação às obras para a Copa do Mundo de 2014 e da crítica à “mídia tradicional” (pautas mais vinculadas “à esquerda”). Ademais, *Sul21* atribui ênfase a um momento posterior, em julho, com o episódio de ocupação da Câmara e o retorno da pauta do transporte público como tema central.

### 7.5.3. Interações entre manifestantes e policiais

#### a) Zero Hora

---

<sup>178</sup> Retrospectiva dos protestos em Porto Alegre: 2013, o ano que não terminou. *Sul21*, 25 dez. 2013. Disponível em: < <http://www.sul21.com.br/jornal/retrospectiva-2013-o-ano-que-nao-terminou/>>.

<sup>179</sup> Retrospectiva dos protestos em Porto Alegre: 2013, o ano que não terminou. *Sul21*, 25 dez. 2013. Disponível em: < <http://www.sul21.com.br/jornal/retrospectiva-2013-o-ano-que-nao-terminou/>>.

Quanto às interações entre manifestantes e policiais, *Zero Hora* insere, em seu texto, um tópico denominado “a violência da minoria”. Ainda assim, essa dimensão não é conteúdo central tratado na retrospectiva (sequer há na retrospectiva imagens ilustrativas das interações entre manifestantes e policiais). O jornal interpreta que “houve frequentes” confrontos entre manifestantes e policiais nas manifestações, em diversas capitais do país, em função da atuação de uma “minoria”. Essa minoria é identificada pelo jornal como “os chamados Black bloc, grupos que reúnem mascarados e vestidos de preto, com orientação anarquista, responsáveis por alguns do quebra-quebras nas ruas”.

Verifica-se que, comparativamente à cobertura dos protestos analisados neste trabalho, a retrospectiva de *Zero Hora* apresentada como novidade a identificação dos “*Black bloc*” como responsáveis pelos confrontos com a polícia. Nos eventos dos dias 13 e 20 de junho, o jornal resume-se a informar que haveria uma “minoria de vândalos” ou “mascarados” em meio aos protestos. A vinculação dessas situações conflitivas aos “*Black bloc*”, portanto, é realizada posteriormente a 20 de junho e, ao final do ano, predomina como interpretação hegemônica do jornal. Ao atribuir a responsabilidade por situações de confronto a esse grupo, *Zero Hora* salienta que “o grosso da população repudiou atos violentos”, informando que situações de tensão teriam aumentado “a ira dos manifestantes pacíficos”. Estes se expressariam sob os gritos de “sem violência! Sem violência!”.

No que se refere à ação policial, o jornal narra que “a polícia respondeu [aos atos da “minoria”] e, por vezes, passou da conta”. Para justificar essa afirmação, a retrospectiva de *Zero Hora* informa dados do jornal *El País*, com ênfase a “ataques” a jornalistas:

“Para o jornal espanhol *El País*, a tropa policial “perdeu o controle em São Paulo”. Levantamento da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) indicou 53 ataques a 52 jornalistas, durante a cobertura, e seis foram presos”.<sup>180</sup>

#### b) *Diário Gaúcho*

A dimensão das interações entre manifestantes e policiais, na retrospectiva do *Diário Gaúcho*, é apresentada sob o título “baderneiros aproveitam para fazer vandalismos”, em formato resumido. Assim como *Zero Hora*, o jornal atribui a manifestantes específicos

<sup>180</sup> O que aprendemos com 2013: Reivindicar. *Zero Hora*, Geral, 31 dez. 2013/01 jan. 2014, p. 9.

(entendidos como “baderneiros”) a realização de atos classificados sob o termo “vandalismo”.

Tais “radicais” seriam os *Black Blocs*:

“À medida que o movimento crescia pelo país, surgiam ações e reações polêmicas. Radicais infiltravam-se nas manifestações, pregando e praticando atos de vandalismo. Disso, surgiu o grupo identificado como Black Blocs”.<sup>181</sup>

Por outro turno, no que diz respeito à ação policial, o jornal informa que “em muitas cidades, a polícia reprimia as ações com vigor considerado exagerado”. Em suma, o *Diário Gaúcho* constroi interpretação análoga à de *Zero Hora* sobre o tema das interações entre manifestantes e policiais. A ocorrência de confrontos é atrelada à ação de um grupo específico (os “*Black Blocs*”), enquanto a “reação” policial, segundo o texto do jornal, é “considerada exagerada” (embora não se detalhe essa questão). Assim, o *Diário Gaúcho* incorpora, em sua retrospectiva, as mudanças também introduzidas por *Zero Hora* neste ponto: a identificação do grupo de “*Black Blocs*” com os “atos de vandalismo” e o enquadramento crítico à ação policial.

### c) *Sul21*

Quanto à dimensão das interações entre manifestantes e policiais, *Sul21* inicialmente identifica situações de tensão ocorridas em protestos anteriores a junho. Nesse sentido, são citadas as ocorrências de 27 de março, quando, segundo o jornal, “uma parte dos manifestantes tentou entrar na sede da prefeitura e jogou tinta no secretário de Governança César Busatto (PMDB)” e “uma militante do PSOL foi detida dentro da prefeitura e encaminhada ao Palácio da Polícia – o que ocasionou uma marcha até o local para exigir sua libertação”. É informado ainda que na manifestação de 01 de abril não houve confrontos e que em 11 de abril, apesar da ausência de confrontos entre manifestantes e policiais, “vidros da fachada” da Associação dos Transportadores de Passageiros (ATP) teriam sido quebrados. Pela interpretação do *Sul21*, “só em junho o confronto se tornaria rotina”. Em relação a este mês, a retrospectiva enfatiza a ação policial, sob o título “junho: 20 mil nas ruas e forte repressão policial”:

---

<sup>181</sup> O que aprendemos com 2013: Reivindicar. *Zero Hora*, Geral, 31 dez. 2013/01 jan. 2014, p. 9.

“O primeiro grande protesto do mês de junho em Porto Alegre ocorreu no dia 13. Neste dia, a cavalaria da Brigada Militar acompanhou a marcha pelas laterais e o clima se mostrou tenso desde o início. O confronto aberto ocorreu quando a marcha chegou na Cidade Baixa e as ruas do bairro ficaram repletas de gás lacrimogêneo. Foi o primeiro grande choque entre a Brigada Militar e os manifestantes. A partir daí, os protestos voltaram a ocorrer nos dias 17, 20, 24 e 27 de junho. Todos registraram fortes confrontos com a polícia e, a não ser no último, a presença de até 20 mil pessoas nas ruas”.<sup>182</sup>

Embora, mantendo a diretriz interpretativa adotada nas notícias previamente analisadas, *Sul21* ressalte a polícia como ator “repressor” à ação dos manifestantes, o jornal, assim como *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, introduz na retrospectiva o tema da tática “*Black Bloc*”, com a exposição das diversas interpretações e controvérsias a respeito dessa espécie de ação em protestos:

“A disputa política pela hegemonia dentro das marchas encontrou um novo caráter a partir do momento em que os protestos foram ficando menos numerosos e, em contrapartida, mais radicalizados. Foi também nesta época que as pessoas que adotam a tática *Black Bloc* intensificaram suas ações de ataque aos símbolos do capitalismo e do Estado.

As interpretações em torno da adoção desta tática sempre foram diversas e, por vezes, conflitantes – inclusive dentro do próprio Bloco de Luta. Alguns setores entendem que a ação dos *Black Blocs* convoca a repressão para cima de todos manifestantes, inclusive dos que não compactuam com a tática. Outros entendem que a crítica aos *Black Blocs* favorece a criminalização dos movimentos sociais e se emparelha ao discurso da imprensa e dos setores políticos conservadores”.<sup>183</sup>

Soma-se ainda ao conteúdo da retrospectiva do *Sul21* o tema dos “saques” que teriam ocorrido nas ruas de Porto Alegre. Assim como no caso da tática *Black Bloc*, o jornal explicita quais seriam as interpretações possíveis a esses atos:

“Outro fenômeno evidente nos protestos de junho em Porto Alegre foram os saques ao comércio no Centro e na Cidade Baixa. Também sobre ele pairaram diversas interpretações. Os setores políticos conservadores e, por vezes, mesmo parte da esquerda, qualificaram os atos como simples delinquência. Enquanto que outros

---

<sup>182</sup> Retrospectiva dos protestos em Porto Alegre: 2013, o ano que não terminou. *Sul21*, 25 dez. 2013. Disponível em: < <http://www.sul21.com.br/jornal/retrospectiva-2013-o-ano-que-nao-terminou/>>.

<sup>183</sup> Retrospectiva dos protestos em Porto Alegre: 2013, o ano que não terminou. *Sul21*, 25 dez. 2013. Disponível em: < <http://www.sul21.com.br/jornal/retrospectiva-2013-o-ano-que-nao-terminou/>>.



grupos sugeriam que essas atitudes representam uma reação da periferia à ausência de acesso aos bens de consumo que somos estimulados pelo capitalismo a obter. Havia, ainda, quem apontasse infiltração de policiais disfarçados para tumultuar de diversas formas os atos”.<sup>184</sup>

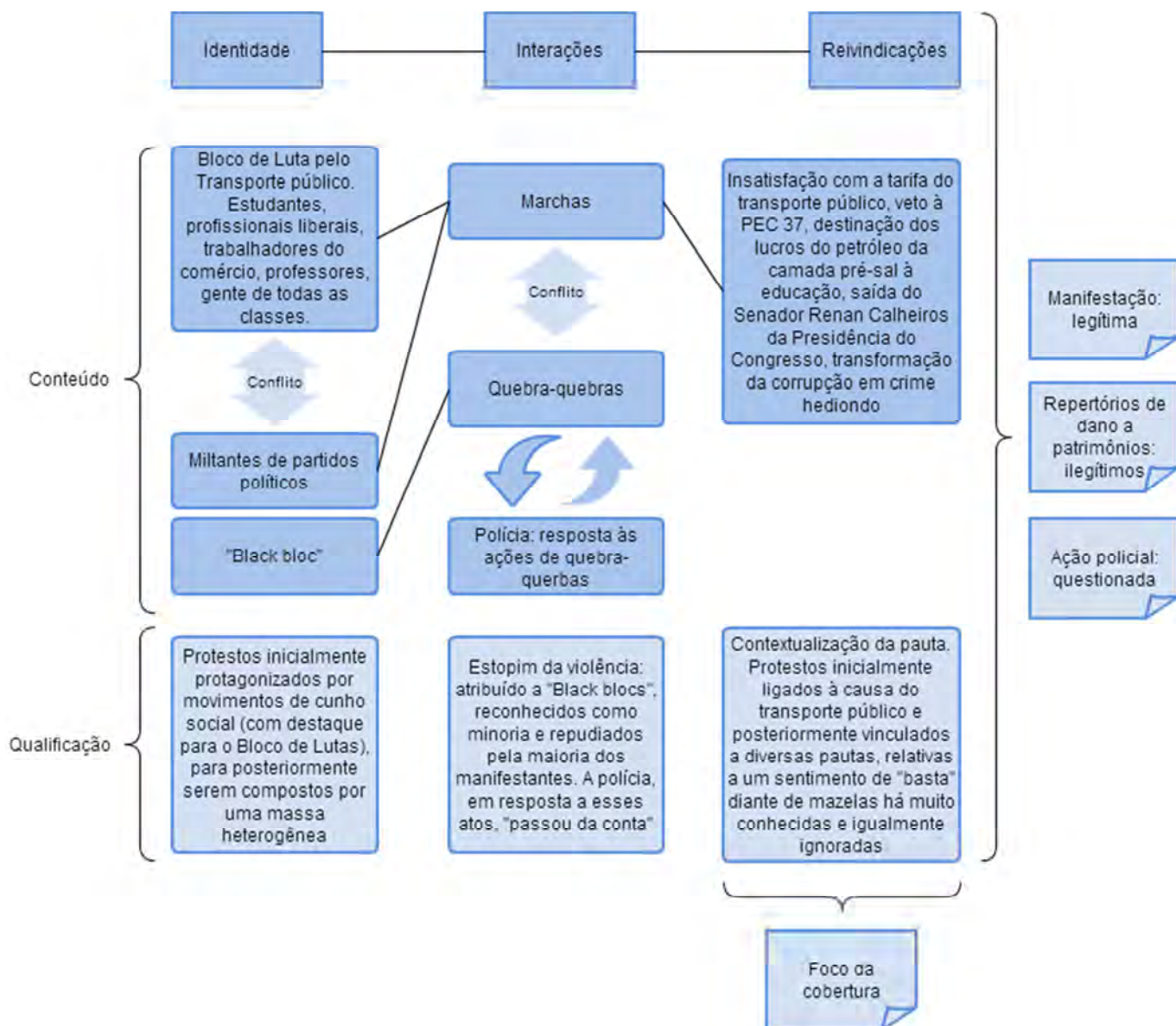
---

<sup>184</sup> Retrospectiva dos protestos em Porto Alegre: 2013, o ano que não terminou. *Sul21*, 25 dez. 2013. Disponível em: < <http://www.sul21.com.br/jornal/retrospectiva-2013-o-ano-que-nao-terminou/>>.

### 7.5.4. Sistematização do conteúdo das notícias

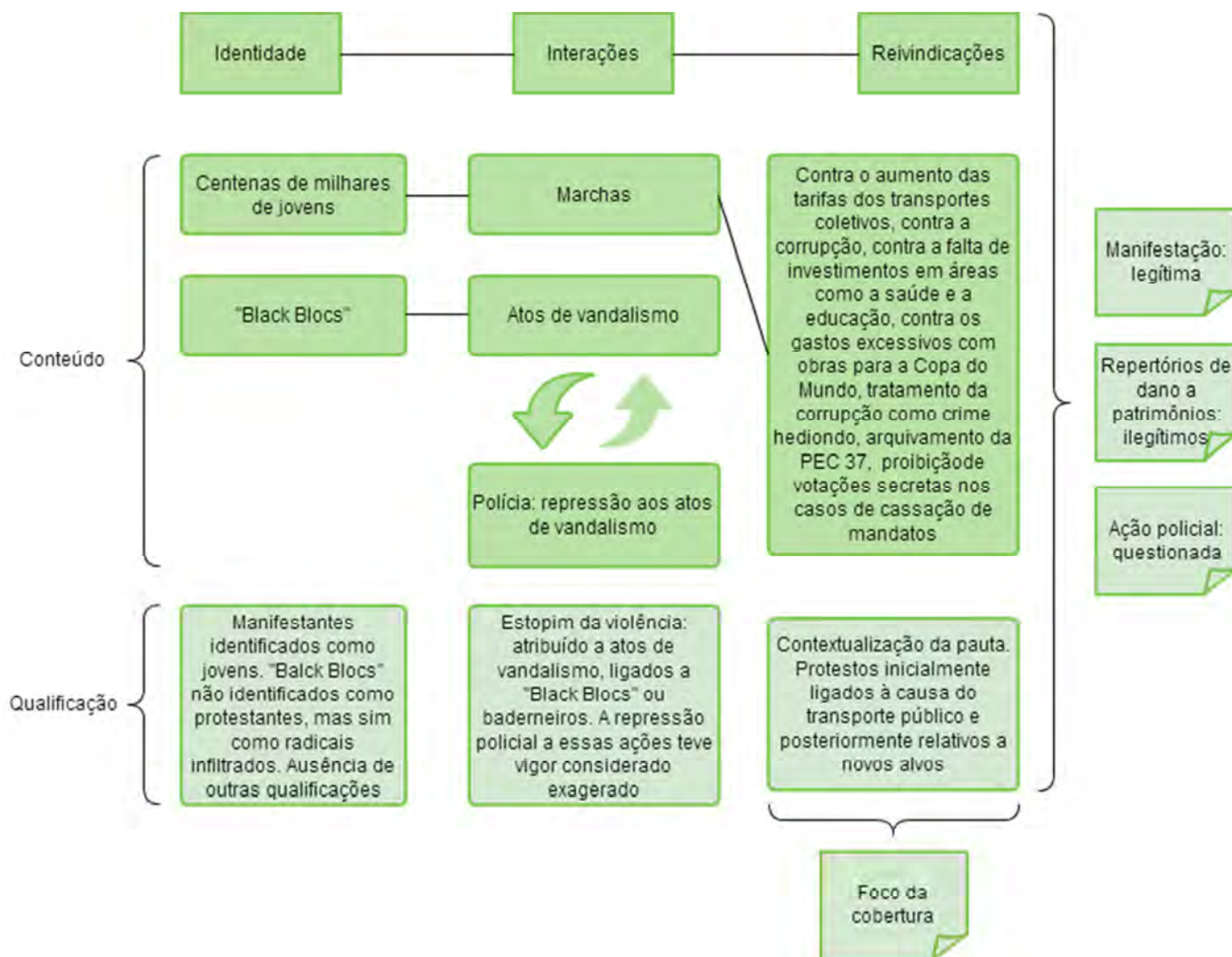
#### a) Zero Hora

**Figura 55 - Representação gráfica da retrospectiva de Zero Hora ao ciclo de protestos de 2013**

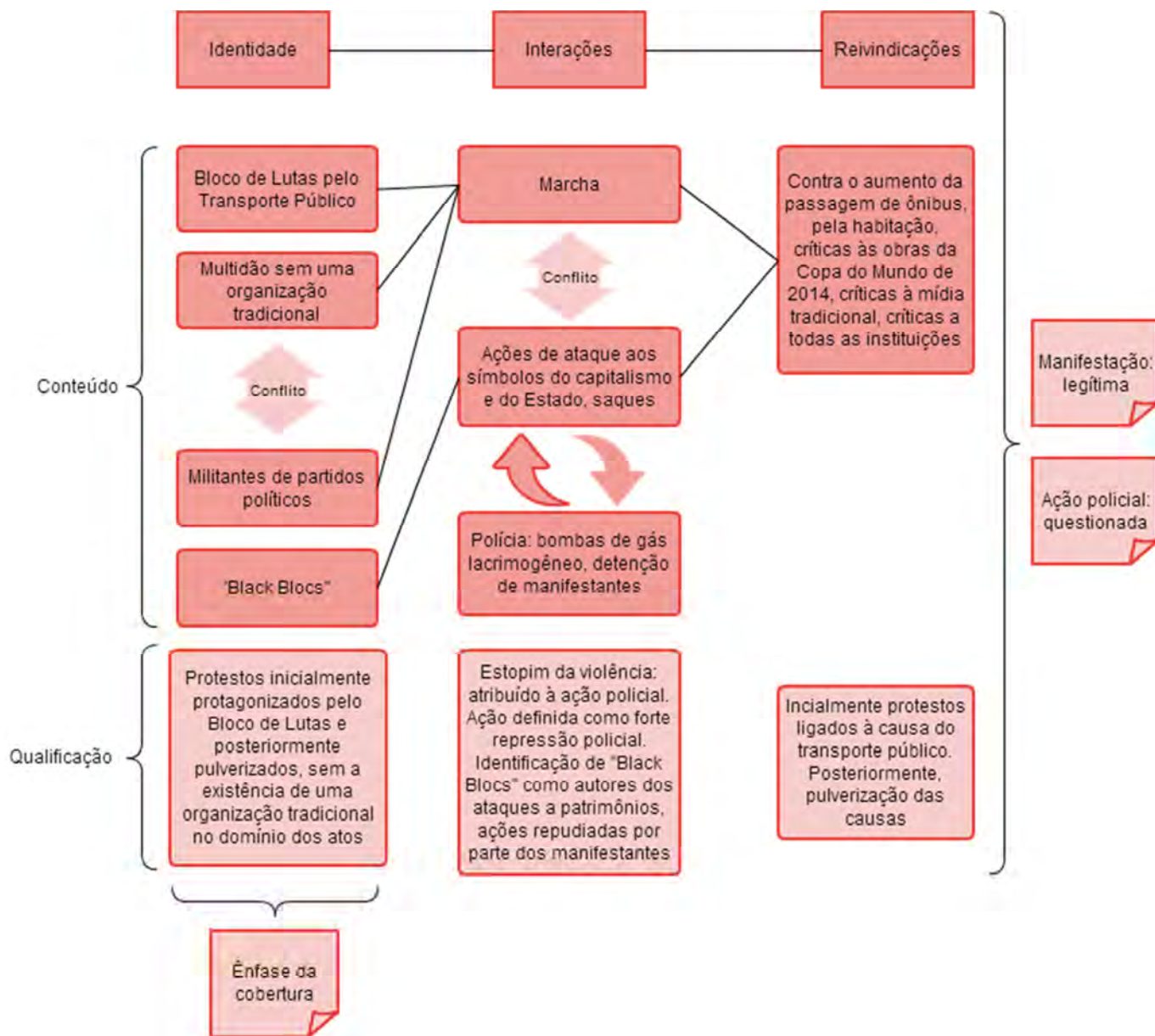


*Zero Hora*, quanto à identidade dos(as) manifestantes, distingue um primeiro momento, no início do ano, protagonizado pelo Bloco de Lutas, e um segundo momento, em junho, quando teriam os protestos se tornado mais heterogêneos, com a ocorrência de disputas em torno dos repertórios utilizados e da presença de militantes partidários. As reivindicações constituem o tema central da retrospectiva. O jornal identifica que, primeiramente, os atos seriam vinculados à causa do transporte público; em junho, as reivindicações teriam se

multiplicado. *O enquadramento do jornal a este segundo momento é marcadamente favorável à manifestação, sendo os protestos considerados legítimos.* Quanto às interações entre ativistas e policiais, *Zero Hora* novamente aduz que a responsabilidade pela ocorrência de confrontos nas manifestações seria atribuída a uma “minoría”, em oposição a uma maioria “pacífica”. A polícia, por seu turno, teria “respondido”, assumindo, pela construção interpretativa do jornal, a função de “reagir” a uma ação prévia daquela “minoría”. No entanto, a retrospectiva do jornal apresenta mudanças em relação às notícias analisadas nos pontos precedentes desta pesquisa. Primeiramente, o termo “minoría” passa a ser vinculada a um grupo específico, denominado “*Black bloc*”; ademais, constrói-se uma interpretação crítica à ação policial, pelo entendimento de que a polícia teria “passado da conta” durante os confrontos (ainda assim, os dados informados são oriundos de outro veículo midiático e referem-se a agressões a jornalistas – e não a manifestantes – ocorridas em São Paulo – e não em Porto Alegre).

b) *Diário Gaúcho***Figura 56 - Representação gráfica da retrospectiva do *Diário Gaúcho* ao ciclo de protestos de 2013**

A retrospectiva do *Diário Gaúcho* informa que os protestos teriam aglutinado “centenas de milhares de jovens”, tendo estes se reunido “a partir das redes sociais” (não são publicadas mais informações sobre a identidade dos(as) ativistas). Quanto às reivindicações, o jornal identifica a contrariedade ao aumento do valor da passagem como causa inicial dos protestos; a incorporação de uma diversidade de pautas em junho, sendo os resultados das manifestações considerados positivos, e os protestos, legítimos. No que se refere às interações entre manifestantes e policiais, o *Diário Gaúcho* incorpora, em sua retrospectiva, as mudanças também introduzidas por *Zero Hora* neste ponto: a identificação do grupo de “*Black Blocs*” com responsável por “atos de vandalismo” e o enquadramento crítico à ação policial.

c) *Sul21***Figura 57 - Representação gráfica da retrospectiva do *Sul21* ao ciclo de protestos de 2013**

O *Sul21*, em sua retrospectiva, destaca a existência de momentos distintos na composição das manifestações: um primeiro, nos meses iniciais do ano, quando o Bloco de Lutas seria o ator protagonista; um segundo momento, em junho, com o crescimento das manifestações, paralelo ao aumento da heterogeneidade e das divergências entre ativistas. Quanto às reivindicações, identifica-se também uma primeira etapa de mobilização, com a questão do transporte público como tema central, e uma segunda etapa, em junho, de “pulverização das causas”. No âmbito das interações entre manifestantes e policiais, *Sul21*

mantém a diretriz de posicionar a polícia como sujeito ativo dos confrontos, pela “forte repressão” aos protestos de junho. Porém, o texto do jornal introduz, de forma analítica, questões não abordadas nas notícias previamente estudadas nesta pesquisa: a vinculação da tática “*Black Bloc*” a atos de “ataque aos símbolos do capitalismo e do Estado”, bem como a ocorrência de “saques” durante os protestos. *As manifestações, ainda assim, são tomadas como legítimas.*

## CONCLUSÃO

Conclusivamente, podem ser realizados apontamentos que indicam *respostas ao problema da presente pesquisa*, apresentam *contribuições teóricas e metodológicas do estudo*, bem como instauram *novas questões a serem investigadas*. Retomando-se a problemática exposta no capítulo introdutório, a pergunta que guiou o estudo foi a seguinte: *Quais foram os enquadramentos interpretativos construídos pelos jornais Zero Hora, Diário Gaúcho e Sul21, a respeito das interações entre manifestações e policiais, no ciclo de manifestantes de 2013, na cidade de Porto Alegre/RS?*

Os resultados da pesquisa indicam que a construção de enquadramentos interpretativos a respeito das manifestações de 2013, em Porto Alegre, operou-se, nos jornais *Zero Hora*, *Diário Gaúcho* e *Sul21*, de forma *múltipla*. Essa *multiplicidade* diz respeito tanto a diferenças (a) *entre os conteúdos de cada um dos jornais* quanto a (b) *transformações de enquadramento, operadas pelos veículos temporalmente*. De modo geral, quanto ao ponto (a), pode-se inferir que *Zero Hora* e *Diário Gaúcho* produziram enquadramentos similares entre si e distintos daqueles publicados pelo *Sul21*; quanto ao ponto (b), verifica-se uma evidente transformação dos enquadramentos de *Zero Hora* e *Diário Gaúcho* no curso da ocorrência dos eventos, enquanto o *Sul21* mantém uma tendência na construção de seus enquadramentos, embora com alterações pontuais ao longo do ano. As entrevistas realizadas com jornalistas dos veículos confirmam essas conclusões e oferecem elementos explicativos para os processos de enquadramento adotados durante o ciclo de protestos.

Especificamente, conforme se depreende da sistematização das notícias, no dia 27 de março, *Zero Hora* e *Diário Gaúcho* constroem interpretações focadas na descrição de situações de tensão, conforme o modelo “*criminalizante*” (RAMOS; PAIVA, 2007), consolidado no jornalismo brasileiro, de atribuição de relevância a “*fatos extraordinários*” (ETCHICHURY, 2010), sendo estes caracterizados por destoarem daquilo que se entende como “*normalidade*” nas rotinas sociais (e constituindo a “*violência*” um desses fatos). Além disso, ambos os jornais identificam os(as) ativistas como responsáveis pelos conflitos ocorridos durante o evento, sem que a ação policial seja objeto de questionamento. Por esse procedimento, individualiza-se a “*violência*”, sendo esta vinculada a atos específicos de manifestantes – destituindo-se a ação de um sentido coletivo. Não são analisados os fundamentos da “*ação direta*” conceituada por Sparrow (2009); os atos de dano a patrimônio são identificados como aleatórios e “*contrários à ordem*”, em aproximação ao conceito durkheimiano de anomia (DURKHEIM, 1977 [1893]) – um procedimento próprio das



coberturas de fenômenos criminais (identificação do ato criminoso, do sujeito responsável pelo ato e das consequências – punitivas – advindas dessa ação). A denominação do protesto pelo termo “baderna”, em conjunto com ausência de contextualização da pauta do evento, evidencia a preponderância dessa espécie de enquadramento e tem como consequência *a delimitação da manifestação como ilegítima* (KOOPMANS; OLZAK, 2004). O *Sul21*, por outro turno, já no evento do dia 27 aponta para a tendência (que se consolidaria nas coberturas posteriores) de produzir um enquadramento *crítico à ação policial*, com a descrição detalhada dos procedimentos adotados pelas autoridades repressoras (uso de bombas de efeito moral, detenção de manifestante, etc.), sob a interpretação de que tais ações gerariam sensações de “pânico” aos(às) ativistas. Em relação a *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, portanto, há uma *inversão interpretativa* da interação, no sentido de se posicionar a ação policial como o estopim para as situações de tensão do protesto. São citados os repertórios de dano a patrimônios por ativistas; porém, esse conteúdo não constitui o tema central da cobertura do *Sul21*. Tendo em vista tais questões, somadas à contextualização da causa do protesto, este jornal *interpreta a manifestação como legítima*, em espécie de “*contrainformação*”<sup>185</sup> aos demais jornais .

Os enquadramentos produzidos no dia 27 de março articulam-se com algumas das características apontadas no capítulo 5 deste trabalho, principalmente no que se refere à identificação do *Sul21* como veículo de esquerda. A interpretação da manifestação como legítima, em conjunto com a crítica à ação policial, coaduna-se à perspectiva política assumida pelo veículo, seja em seu *site*, seja na fala dos jornalistas entrevistados. Essa perspectiva do *Sul21* é definida por jornalistas da *Zero Hora* como jornalismo “*engajado*” ou “*de militância*”, pela aproximação entre os enquadramentos do jornal e as demandas dos(as) ativistas. No entanto, o conceito de “jornalismo engajado” parece ser identificado, pela fala do jornalista, como uma contraposição a um “jornalismo imparcial”, noção esta que, conforme já explicitado no capítulo 3 deste trabalho, a literatura tem desconstruído (PORTO, 2002; LOPES, 2007). A problematização da possibilidade de assunção de uma postura “neutra” é confirmada pela verificação de que, embora *Zero Hora* e *Diário Gaúcho* sigam, segundo o *Guia de Ética e Autorregulamentação Jornalística* do Grupo RBS, diretrizes de “precisão” e “isenção” em suas práticas jornalísticas (GRUPO RBS, 2011), a cobertura ao protesto do dia 27 de março *demonstra um posicionamento, mesmo que não assumido, no sentido (oposto ao*

---

<sup>185</sup> Termo utilizado por jornalista do *Sul21*.



*Sul21*) de não reconhecimento da legitimidade da manifestação. A esse respeito, Gamson e outros (1992) aduzem que mensagens de mídia ensinam valores, ideologias e crenças, mesmo quando os produtores da mensagem não são conscientes disso. No caso de *Zero Hora*, a relação com um público-leitor específico (direcionamento às classes A e B) e o distanciamento histórico do jornal em relação a causas sociais (BERGER, 1996) (distanciamento confirmado pela hostilidade de manifestantes em relação ao veículo durante os protestos) são coerentes com a adoção de um posicionamento editorial desfavorável a mobilizações “de esquerda”. No caso do *Diário Gaúcho*, o caráter “popular” do jornal não se traduz em uma interpretação positiva sobre processos de mobilização, embora a pauta do transporte público seja tema recorrente do veículo, detectando-se uma espécie de desvinculação entre a ilegitimidade do repertório de protesto (posição adotada pelo jornal) e o apoio do veículo à reivindicação (contrariedade ao aumento da passagem).

Segundo os dados obtidos nesta pesquisa, as coberturas ao ato de 27 de março geraram tensões quanto à recepção do público-leitor aos enquadramentos de determinados veículos midiáticos. Nesse contexto, na cobertura do dia 04 de abril verifica-se *importante transformação nos enquadramentos de Zero Hora e Diário Gaúcho*. Em ambos os jornais, o termo “baderna”, que havia sintetizado o protesto de 27 de março, é substituído semanticamente pelos termos “festa” e “comemoração”. Ou seja, no espaço temporal de uma semana, identifica-se uma mudança de enquadramento, definida por jornalistas de *Zero Hora* como processo de “autocrítica” e por Igor Natusch, editor do *Sul21* à época, como “*esforço de readequação durante a cobertura*”. Tanto em *Zero Hora* quanto no *Diário Gaúcho*, a centralidade da cobertura deixa de recair sobre os atos de “violência” deflagrados pelos(as) ativistas, para que se enfatize a cobertura das reivindicações presentes na mobilização. No caso de *Zero Hora* especificamente, opera-se uma dissociação (que seria reforçada nos atos seguintes) na identidade dos(as) manifestantes: aos(às) ativistas opõem-se os “mascarados, identificados com movimentos anarquistas”. É a estes últimos que o jornal atribui a responsabilidade pela realização de repertórios de dano a patrimônios. Embora essa dissociação não seja, em 04 de abril, verificada na cobertura do *Diário Gaúcho*, os jornais, ao tematizarem o aspecto “festivo” do protesto, passam a atribuir legitimidade à manifestação. Assim, identifica-se em ambos os veículos um processo de *autonomização dos repertórios de dano a patrimônios em relação à manifestação*. Em outros termos, enquanto esta passa a ser qualificada como legítima, o repertório de “deprecação”, especificamente, mantém-se como ilegítimo. Por outro turno, o *Sul21*, no dia 04 de abril, mantém enquadramento semelhante àquele produzido em 27 de março. Alguns momentos de tensão são identificados, mas não são

selecionados como o tema central da notícia; prepondera, de modo similar a *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, a interpretação de que o protesto teria sido uma “festa” ou “comemoração” legítima.

As entrevistas realizadas na pesquisa oferecem uma explicação sobre como teria se dado esse processo de alteração nos enquadramentos de *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*. Como demonstrado no subcapítulo 7.2, a cobertura de *Zero Hora* ao protesto de 27 de março foi alvo de críticas por parte do público-leitor, pelo fato de que o jornal teria centrado sua interpretação sobre as situações de tensão, sendo estas atribuídas à ação dos(as) manifestantes. A carta da diretora de redação,<sup>186</sup> Marta Gleish, no dia 07 de abril, é esclarecedora. Em resposta à recepção negativa por parte do público-leitor, o veículo readequou a forma como estava abordando as manifestações, focalizando as reivindicações, em detrimento das eventuais tensões ocorridas durante os atos. Esse conjunto de críticas, o qual, segundo os(as) jornalistas entrevistados(as), operou-se preponderantemente por meio de redes sociais, coaduna-se aos apontamentos teóricos realizados em outros estudos (SCHILLER, 1989; ETCHICHURY, 2010), no sentido de que o jornalismo comercial, por demandar respostas positivas por parte dos(as) leitores(as), necessita adequar-se aos *feedbacks* de seus(suas) consumidores(as). Em outros termos, o público-leitor não é receptor passivo do conteúdo dos jornais, mas possui agência (no caso em estudo, potencializada pelo uso de novas tecnologias da comunicação – GARRETT, 2006) para impor transformações no conteúdo produzido pelo veículo midiático (GAMSON [et al.], 1992). Esses resultados, portanto, apontam para a potência das redes sociais sobre as notícias de grandes corporações midiáticas. Ainda assim, salienta-se novamente: a resposta de *Zero Hora* é resultado do diálogo com um público específico (o leitor jornal, ou seja, as classes A e B de Porto Alegre e região metropolitana), de modo que a mudança de enquadramento não se opera apenas em função da busca por uma interpretação mais “coerente”, mas também em função da necessidade comercial de venda do produto e de satisfação do público-leitor.

No protesto seguinte, em 13 de junho, com a nacionalização das mobilizações, algumas tendências já apontadas na cobertura aos primeiros protestos do ano são reforçadas. Em *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, constroi-se a interpretação de que a manifestação iniciou-se de uma forma “pacífica” e posteriormente transformou-se em “vandalismo”, “quebra-quebra” ou “quebradeira”. Neste ponto, é interessante notar que se mantém a dissociação entre uma

---

<sup>186</sup> “Anexo 17” deste trabalho.

maioria pacífica de ativistas e os “mascarados”, responsabilizados pelos atos de danos a patrimônios e pelas tensões com as forças policiais. Ademais, desenvolve-se a interpretação de que haveria conflitos entre esses diferentes atores, com o repúdio da “maioria pacífica” aos atos da “minoridade de vândalos”. Ainda assim, a temática central das coberturas de *Zero Hora* e *Diário Gaúcho* são os “atos extraordinários”, vinculados aos repertórios de danos a patrimônios. As reivindicações da “maioria pacífica”, por outro turno, constituem aspecto secundário das coberturas. Analisando-se tal enquadramento comparativamente às coberturas de 27 de março e de 04 de abril, verifica-se, em 13 de junho, a *consolidação das mudanças interpretativas já traçados nos protestos anteriores*. Da cobertura do ato de 27 de março é herdada a ênfase nos “fatos extraordinários”, e da cobertura do ato de 04 de abril mantém-se a distinção entre manifestantes “pacíficos” e “vândalos”, com a identificação da *manifestação como legítima* e dos *repertórios de “vandalismo” como ilegítimos*. Já a cobertura do *Sul21* igualmente explicita a existência de divergências entre ativistas, em torno da realização de atos de dano a patrimônios, mas mantém e reforça, como centralidade do enquadramento, a *crítica à ação policial*, na repressão aos(às) manifestantes (mantendo também a interpretação de que a manifestação é legítima). Um novo elemento, que exsurge das interpretações de *Zero Hora* e *Sul21*, é a diversificação das pautas do protesto, com a nacionalização da mobilização e com a vinculação dos protestos a fenômenos de âmbito global.

Essa *multiplicação de pautas* é acentuada nas coberturas do protesto de 20 de junho. Todos os jornais analisados enfatizam essa questão. *Zero Hora* e *Diário Gaúcho* identificam diferentes pautas, que extrapolam a causa do transporte público. Resumidamente, *Zero Hora* interpreta que as reivindicações estariam ligadas ao “objetivo de construir um país melhor”, enquanto *Diário Gaúcho* informa que as causas seriam “relativas à política de modo geral”. Ambos os jornais tematizam as reivindicações como elemento central de suas coberturas. É interessante notar que *essa ênfase ocorre exatamente no momento em que não apenas atores “de esquerda” são reconhecidos como manifestantes*. Todas as notícias identificam o repúdio a militantes partidários e a ocorrência de *performances* ligadas a sentimentos de união nacional e regional, motivo pelo qual pode se entender que, naquele momento, os protestos teriam dado uma “guinada à direita”. Os dados da pesquisa indicam que os posicionamentos ideológicos (embora não explícitos) de *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, distanciados da “esquerda” do espectro político, parecem constituir elementos relevantes para que as reivindicações sejam identificadas, nesse momento, como tema central das coberturas. De modo contrário, a cobertura do *Sul21* interpreta que as pautas seriam “difusas” e tematiza, centralmente, as interações entre manifestantes e policiais em sua notícia. Assim, a

característica “de esquerda” do jornal parece, em oposição a *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, contribuir para que as reivindicações dos(as) manifestantes (como já referido, mais próximas a posicionamentos de “direita” do que nos eventos anteriores) deixem de ocupar espaço central do enquadramento do veículo.

Quanto às interações entre manifestantes e policiais no dia 20 de junho, todos os jornais acentuam as tendências já anteriormente identificadas. *Zero Hora* e *Diário Gaúcho* diferenciam manifestantes “pacíficos” de uma “minoría de vândalos”. No limite, *Zero Hora* destitui essa “minoría” da qualidade de “manifestantes”, tendo em vista que identifica esses sujeitos como “vândalos infiltrados entre os ativistas”. A construção interpretativa, neste ponto, traduz-se na máxima distinção entre a mobilização coletiva, entendida como legítima, e os repertórios de dano a patrimônios, entendidos como ilegítimos (não é por acaso que *Zero Hora* apresenta 02 notícias para a cobertura do protesto – uma vinculada à manifestação e outra vinculada aos “atos de vandalismo”). O fenômeno dos “saques”, especificamente, é abordado sob o modelo de cobertura de atos criminais. *O Sul21*, por sua vez, acentua a cobertura da ação policial, sendo esta responsabilizada pela “batalha campal” que, nos termos do jornal, teria ocorrido. Os atos dos manifestantes, na produção de danos a patrimônios, são informados, mas de forma pontual, secundariamente à repressão policial.

Finalmente, as retrospectivas dos jornais contêm elementos importantes para a discussão. Temporalmente, elas foram produzidas ao final do ano, meses após as notícias de cobertura dos protestos. Essa característica, somada ao formato específico de uma retrospectiva (ou seja, a interpretação *a posteriori* de determinado evento, de forma resumida), faz com que esse formato de texto possua singularidades. Além disso, no caso do ciclo de manifestações de 2013, os jornais não se atêm ao contexto local de Porto Alegre, adicionando informações relativas ao contexto nacional.

Quanto à identidade dos(as) manifestantes, os enquadramentos de todos os jornais são semelhantes. *Zero Hora* e *Sul21* identificam que, nos meses iniciais (até meados de junho) os protestos foram protagonizados pelo Bloco de Lutas pelo Transporte Público, sendo posteriormente formados por uma “massa heterogênea” (segundo *Zero Hora*), com a ausência de uma “organização tradicional no domínio dos atos” (segundo o *Sul21*). O *Diário Gaúcho*, por seu turno, informa apenas que “centenas de milhares de jovens” teriam ocupado as ruas do Brasil durante o ano. As similaridades de enquadramento também são verificadas quanto às reivindicações: todos os jornais informam que, inicialmente, os protestos tiveram como pauta o transporte público, sendo posteriormente, a partir do mês de junho, reivindicada uma diversidade de causas.

Quanto às interações entre manifestantes e policiais, outras similaridades são identificadas: a “minoridade de vândalos”, qualificada por *Zero Hora* e *Diário Gaúcho* nos eventos de junho, passa a ser vinculada a um grupo específico, os “*Black Bloc*”. A esses sujeitos é atrelada a realização de atos de dano a patrimônios e de “saques”. É interessante ressaltar que o *Sul21*, embora na cobertura aos eventos anteriores não houvesse identificado um grupo específico vinculado a esses repertórios, igualmente tematiza a tática “*Black Bloc*” em sua retrospectiva. Ou seja, a despeito de diferenças específicas na abordagem das interações entre manifestantes e polícia, *todos os jornais nomeiam os “Black Blocs” e os diferenciam dos demais manifestantes*. Além disso, salienta-se que, *enquanto o Sul21 mantém como temática da retrospectiva a ação policial (qualificada como “forte repressão”), Zero Hora e Diário Gaúcho incorporam a crítica à ação policial em seus textos* (questão que não havia sido tematizada por nenhum destes jornais nos eventos analisados). *Zero Hora* informa que em alguns momentos a polícia “passou da conta”, e *Diário Gaúcho* interpreta que a repressão policial teve “vigor considerado exagerado”.

É, portanto, analiticamente interessante pontuar que, em relação à cobertura dos eventos de protestos, *as retrospectivas minimizam as diferenças interpretativas de cada um dos jornais, de modo que os enquadramentos dos três veículos tornam-se relativamente homogêneos*. Ao final, como resultado das disputas interpretativas verificadas ao longo do ano, *prepondera uma interpretação hegemônica*, que encobre as divergências ocorridas e as transformações de cobertura adotadas no curso do ano, em prol da padronização dos enquadramentos dos jornais.

A partir desse esforço analítico, foi possível o desenvolvimento de uma *tipologia dos enquadramentos utilizados pelos jornais ao longo do ano*. Tal tipologia consiste na apresentação de esquemas interpretativos que simplificam a experiência (ANCELOVICI, 2002) e evidenciam padrões de cobertura aos eventos analisados. Diante dos dados da pesquisa, foram identificados 04 enquadramentos principais, construídos pelos jornais ao longo do ano e assim denominados neste trabalho:

- “*Manifestação como afronta à ordem*”;
- “*Polícia como instituição violenta*”;
- “*Maioria de manifestantes pacíficos em oposição à minoria de manifestantes violentos*”;
- “*Maioria de manifestantes pacíficos em oposição à minoria de manifestantes violentos e a uma polícia violenta*”.

Esses esquemas interpretativos são a seguir apresentados:

**Tabela 3 – Enquadramento “Manifestação como afronta à ordem”**

<b>Identidade</b>	<b>Interações</b>	<b>Reivindicações</b>	<b>Legitimidade</b>
Manifestantes baderneiros	Ênfase sobre os repertórios de danos a patrimônios por manifestantes; estopim de confrontos atribuído a ativistas.	Não qualificadas	Manifestação: ilegítima

Fonte: autoria própria

**Tabela 4 – Enquadramento “Polícia como instituição violenta”**

<b>Identidade</b>	<b>Interações</b>	<b>Reivindicações</b>	<b>Legitimidade</b>
Multidão de manifestantes; ênfase sobre a grandiosidade da manifestação.	Ênfase sobre a repressão policial; estopim de confrontos atribuído à polícia.	Contextualizadas	Manifestação: legítima Ação policial: questionada

Fonte: autoria própria

**Tabela 5 – Enquadramento “Maioria de manifestantes pacíficos em oposição à minoria de manifestantes violentos”**

<b>Identidade</b>	<b>Interações</b>	<b>Reivindicações</b>	<b>Legitimidade</b>
Distinção entre uma maioria de manifestantes pacíficos e uma minoria de manifestantes violentos	Distinção entre passeata pacífica e atos de dano a patrimônios; estopim de confrontos atribuído a ativistas.	Contextualizadas	Manifestação: legítima Repertórios de dano a patrimônios: ilegítimos

Fonte: autoria própria

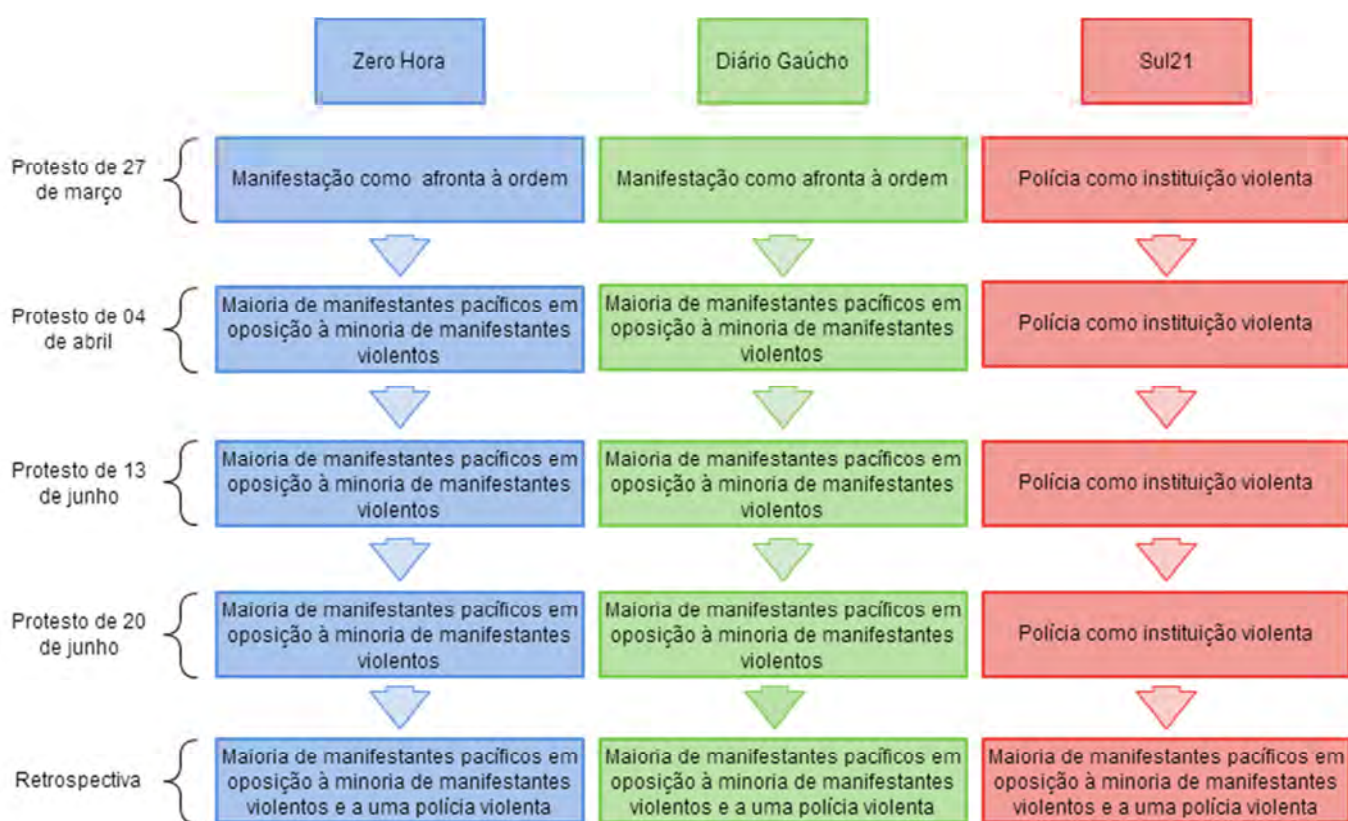
**Tabela 6 – Enquadramento “Maioria de manifestantes pacíficos em oposição à minoria de manifestantes violentos e a uma polícia violenta”**

<b>Identidade</b>	<b>Interações</b>	<b>Reivindicações</b>	<b>Legitimidade</b>
Distinção entre uma maioria de manifestantes pacíficos e uma minoria de manifestantes violentos	Distinção entre passeata pacífica e atos de dano a patrimônios; identificação dos atos de repressão policial.	Contextualizadas	Manifestação: legítima Repertórios de dano a patrimônios: ilegítimos ou não qualificados Ação policial: questionada

Fonte: autoria própria

Conforme se verificou no estudo, ao longo do ano e 2013, a disputa interpretativa foi caracterizada pela alternância, em cada um dos jornais, de diferentes esquemas. A figura a seguir demonstra, a partir da classificação acima, quais os enquadramentos construídos por *Zero Hora*, *Diário Gaúcho* e *Sul21* para cada evento analisado:

**Figura 58 – Enquadramentos de *Zero Hora*, *Diário Gaúcho* e *Sul21* aos eventos analisados**



Essa sistematização indica a existência de uma disputa acerca dos sentidos da violência, na relação entre manifestantes e policiais. No primeiro evento analisado, em 27 de março, *Zero Hora* e *Diário Gaúcho* operam segundo a lógica de associação do protesto a práticas criminosas. O foco da cobertura centra-se na narrativa de atos de dano a patrimônios por manifestantes, com a caracterização desses atos como uma afronta à ordem estabelecida. A ação dos(as) ativistas, nesse sentido, é interpretada como “anômica”, “como uma ruptura, pela força desordenada e explosiva, da ordem jurídico-social, e que dá lugar à delinquência, à marginalidade ou aos muitos ilegalismos coibíveis pelo poder do Estado” (SODRÉ, 1992, p.

11). *O fenômeno da violência não é entendido de forma complexa, mas sim individualmente, como se os(as) manifestantes portassem, em sua identidade, a característica da agressividade.* Esse tratamento simplista da violência autoriza respostas estatais igualmente simplistas, com a *legitimação da repressão policial como forma de “restaurar a ordem pacífica”*. Tal procedimento discursivo desconsidera a conflitividade das disputas urbanas e as injustiças expostas pelo evento de protesto, deslegitimando-o enquanto repertório de contestação em uma sociedade democrática. A ideia de “paz” é atrelada à “manutenção da ordem”, e se opera um silenciamento a respeito da violência das próprias práticas policiais. Por outro turno, a cobertura do *Sul21*, como “contrainformação” ao discurso prevalente em *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*, centra-se na *crítica à ação policial, pela demonstração de que a PM operaria segundo uma lógica do “inimigo interno”, não reconhecendo os(as) ativistas como cidadãos(ãs), mas como ameaças a serem combatidas.* A fala do coronel Fábio, a respeito da inexistência de uma doutrina prévia a 2013, na atuação diante de manifestações sociais, confirma essa interpretação, pois revela um *modus operandi* repressivo (tradicionalmente operante nas favelas brasileiras – MENDONÇA; DAEMON, 2014), o qual não reconhece o protesto como ação legítima.

O enquadramento “Maioria de manifestantes pacíficos em oposição à minoria de manifestantes violentos”, adotado por *Zero Hora* e *Diário Gaúcho* a partir do protesto de 04 de abril, caracteriza-se pela *cisão entre “manifestantes pacíficos” e “vândalos”*. Esse procedimento interpretativo classifica e *separa os “bons” dos “maus” manifestantes*. Assim, reconhece-se a legitimidade dos protestos, com a condicionante de estes serem “pacíficos”, no entendimento dos jornais. Essa distinção pode ser entendida como “perversa” (MENDONÇA; DAEMON, 2014), pois mantém a individualização da violência (delimitada a um grupo específico), sendo os “vândalos” destituídos da condição de manifestantes e enquadrados como criminosos. *Sobre estes indivíduos, identificados como “outros” e não como “verdadeiros” ativistas, justificar-se-ia, por essa lógica, a repressão policial* (MENDONÇA; DAEMON, 2014). Do evento do dia 04 de abril ao protesto de 20 de junho, *Zero Hora* e *Diário Gaúcho* mantêm tal enquadramento, enquanto a cobertura do *Sul21* reafirma a interpretação da “Polícia como instituição violenta”. É interessante notar que as transformações de *Zero Hora* e *Diário Gaúcho* são consolidadas em junho, quando outros grupos (distintos dos coletivos “de esquerda” que iniciaram os protestos) passam a incorporar os atos. A necessidade de responder às demandas desses grupos parece constituir fator central para a mudança de cobertura.



O momento derradeiro da análise, nas retrospectivas, demonstra a incorporação de um enquadramento que agrega os elementos já delineados na cobertura dos atos de protesto. A interpretação “Maioria de manifestantes pacíficos em oposição à minoria de manifestantes violentos e a uma polícia violenta”, a um só tempo, *reforça a ideia de que existiriam “bons” e “maus” ativistas e questiona a atuação policial*. Comparativamente ao dia 27 de março, é interessante evidenciar que, por um lado, todos os jornais passam a enquadrar a manifestação (desde que qualificada como “pacífica”) como ato legítimo. Esse resultado é coerente com o estudo de Ramos e Paiva (2007), quanto a transformações no jornalismo brasileiro, em prol de coberturas mais complexas e menos centradas na identificação de atos criminosos. A interpretação crítica aos atos da PM está também inserida nesse contexto. Ainda assim, a legitimação do evento de protesto apenas é operada pela identificação de um grupo específico (os “vândalos” e posteriormente os “*Black Blocs*”), responsabilizado pela violência. *Essa polarização entre “bons” e “maus” manifestantes opera segundo a lógica da rotulação de determinado grupo (sobre o qual recairia a repressão policial) e reduz a complexidade e as contradições do ciclo de manifestações*.

Uma vez sistematizada a resposta ao problema de pesquisa, podem ser sintetizadas as *contribuições teóricas* decorrentes do estudo. O resultado mais evidente da pesquisa consiste na reconstrução analítica das disputas interpretativas travadas sobre o ciclo de manifestações de 2013, tomando-se como referência o caso de Porto Alegre e dos jornais *Zero Hora*, *Diário Gaúcho* e *Sul21*. Essa reconstrução indica processos de enquadramento da ação coletiva, com a já demonstrada multiplicidade interpretativa, seja na manutenção, seja na transformação (não linear) de enquadramentos ao longo do ano. A complexidade dessas dinâmicas contrapõe-se a uma visão simplista dos meios de comunicação, como se as mensagens por eles transmitidas fossem pré-concebidas de acordo com os “interesses” dos jornais. Pelo contrário: no percurso de 2013 são identificadas tensões na interação dos veículos com os respectivos públicos-leitores e com os(as) manifestantes, de modo que as mídias inserem-se *em meio* às disputas da ação coletiva, e não como meros espectadores ou como “manipuladores” de informações. Reforça-se a ideia de que os jornais constituem-se também como *atores* das realidades conflitivas, de modo *que as batalhas travadas às ruas transmutam-se em batalhas interpretativas pelo enquadramento hegemônico dos protestos*.

Além disso, considerando-se Porto Alegre um caso paradigmático, entende-se, como contribuição teórica, que *os 04 enquadramentos interpretativos identificadas no estudo podem ser aplicados a outras coberturas midiáticas de ações coletivas*, seja relativamente aos processos de mobilização ocorridos em outras cidades do Brasil, em 2013, seja no que se

refere a mobilizações desenvolvidas em outros contextos. Por óbvio, é necessário serem respeitadas diferenças espaciais e temporais; entretanto, infere-se que *veículos midiáticos seguem determinados padrões de cobertura na relação com movimentos sociais*. Como se detectou ao longo do trabalho, *esses padrões (os enquadramentos midiáticos da ação coletiva) entram em interação, por vezes opondo-se, por vezes coexistindo*.

Para que eventuais aproximações entre a presente pesquisa e outros estudos sejam operacionalizadas, importante *contribuição metodológica* refere-se à aplicação do modelo analítico adotado. A estrutura proposta por Johnston e Alimi (2012) para o estudo de confrontos políticos foi incorporada a este trabalho. *À estrutura semântica “sujeito – verbo – objeto”, proposta pelos autores, corresponderam as seguintes dimensões, analisadas neste estudo: “identidade dos(as) manifestantes (sujeito); interações entre manifestantes e policiais (verbo); caracterização da(s) reivindicação(ões) (objeto)”*. No entanto, o estudo de Johnston e Alimi (2012), por não ter como objeto especificamente os enquadramentos midiáticos, atém-se ao conteúdo expresso por essa estrutura. Por esse motivo, entendeu-se relevante *adicionar a esse modelo os procedimentos midiáticos formais, adotados para a construção do conteúdo (seleção, ênfase, exclusão, etc.)*, conforme a noção de enquadramento de Gitlin (1980).

Essa contribuição metodológica é relevante pelo fato de que não há um modelo consolidado de análise de enquadramentos midiáticos. Como foi demonstrado no curso do trabalho, o próprio conceito de enquadramento interpretativo da ação coletiva pode ser entendido sob diversas perspectivas. A demonstração do percurso empírico, com a construção do modelo analítico, no capítulo 4 deste trabalho, busca *apresentar uma alternativa metodológica à dificuldade de operacionalização dessa espécie de estudo*.

Ademais, por meio da composição entre o material documental e o conteúdo das entrevistas, foi possível, como contribuição teórica, verificar que diversos fatores, na produção jornalística, convergem para que determinados enquadramentos sejam construídos. *Os resultados deste estudo apontam, em especial, para alguns fatores: a concepção de jornalismo e o posicionamento político adotados pela linha editorial de cada jornal; o quadro de profissionais que compõe cada veículo; a relação dos jornais com as demandas de seu público-leitor; a relação do jornal com o objeto do enquadramento (no caso, mobilizações sociais)*. Entretanto, como limitação da pesquisa e como *nova questão a ser investigada*, verifica-se que, apesar de o estudo conter indícios sobre os aspectos que convergem para a produção jornalística (e sobre as dinâmicas internas à redação), os dados levantados são insuficientes para que se sistematize o processo de produção da notícia. Ou seja, constitui-se

como desafio teórico-metodológico *a compreensão e a sistematização analítica das formas como se desenvolveram as dinâmicas de produção dos enquadramentos midiáticos ao ciclo de protestos de 2013.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, A. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. **Lua Nova**, São Paulo, 76, p.49-86, 2009.

ANGRIMANI, D. **Espreme Que Sai Sangue**: Um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Sumus, 1994.

ANCELOVICI, M. *Organizing against Globalization: The Case of ATTAC in France. **Politics & Society***, v. 13, n. 3, p. 427-463, 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4a. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

BATESON, G. *Steps to an ecology of mind. **Collected essays in Anthropology, Psychiatry, evolution, and epistemology***. Chicago: The University of Chicago Press, 1972.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 7a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BECKER, H. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008 [1963].

BENFORD, R. *An Insider's Critique of the Social Movement Framing Perspective. **Sociological Inquiry***, v. 67, p. 409-430, 1997.

BENETTI, M. O jornalismo como gênero discursivo. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 15, p. 13-28, jun. 2008.

BENNETT, W. L.; SEGERBERG, A. *The Logic of Connective Action. **Information, Communication & Society***, 15:5, p.739-768, 2012.

BERGER, C. L. **Campos de confronto**: jornalismo e movimentos sociais – as relações entre o Movimento Sem Terra e a *Zero Hora*. 1996. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. *The Social Construction of Reality: A Treatise in the Sociology of Knowledge*. Harmondsworth: Penguin Books, 1966.

BERTHIER, C. A.; SILVA, P. Jornalismo popular: não necessariamente sensacionalista. **Revista Científica do ITPAC**, Araguaíra, v. 5, n. 2, abril 2012.

BITTNER, E. **Aspectos do Trabalho Policial**. São Paulo: Edusp, 2003.

BIZ, O. RBS, A hegemonia no Sul. In: GUARESCHI, P.; BIZ, O. [org.]. *Diário Gaúcho*: que discurso, que responsabilidade social? Porto Alegre: Evangraf, 2003.

BOURDIEU P. **Sobre a Televisão Seguido de a Influência do Jornalismo e os Jogos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BUCY, E. P.; HOLBERT, R. L. *The sourcebook for political communication research*. London: Routledge, 2011.

BUDÓ, Marília de Nardin. **Mídia e controle social**: da construção da criminalidade dos movimentos sociais à reprodução da violência estrutural. Rio de Janeiro: Revan, 2013.

CASTELLS, M.. **O poder da identidade** (A era da informação: economia, sociedade e cultura – vol.2). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. Sociedade em rede: do conhecimento à política. In: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo. **A sociedade em rede**: do conhecimento à ação política. Belém: Imprensa Nacional, 2005.

CATTANI, A. D. (org.). **#protestos**: análises das ciências sociais. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014.

CHEVALIER, L. *Laboring Classes and Dangerous Classes: in Paris During the First Half of the Nineteenth Century*. New York: Howard Ferting, 2000.

COOLEY, C. H. *Human Nature and Social Order*. New York: Schocken Books, 1964.

COSTA, J. A tática do black bloc. **Revista Mortal**, 2013. Disponível em: <[http://issuu.com/revistamortal/docs/revista\\_mortal\\_a](http://issuu.com/revistamortal/docs/revista_mortal_a)>.

DARTNELL, M. Y. *Insurgency Online: web activism and global conflict*. Toronto: University of Toronto Press, 2006.

DELLA PORTA, D. *Research on Social Movements and Political Violence*. *Qualitative Sociology*, v. 31, p. 221-230, 2008.

DELLA PORTA, D.; FILLIEULE, O. *Policing Social Protest*. In: SNOW, D. A.; SOULE, S. A.; KRIESI, H. [ed.]. *The Blackwell Companion to Social Movements*. Malden: Blackwell Publishing, 2004.

DELLA PORTA, D.; HAUPT, H. G. *Patterns of Radicalization in Political Activism*. *Social Science History*, v. 36, n. 3, 2012, p. 311-320.

DELLA PORTA, D.; KRIESI, H. Social movements in a globalizing world: an introduction. In: Della PORTA, D.; KRIESI, H.; RUCHT, D. (eds.). *Social Movements in a Globalizing World*. London: Macmillan Press, 1999.

DEMETRIOU, C. *Political Violence and Legitimation: The Episode of Colonial Cyprus*. *Qualitative Sociology*, v. 30, 1997, p. 171-193.

DI GIOAVANNI, J. R. **Cadernos do Outro Mundo**: o Fórum Social Mundial em Porto Alegre. 2013. 158 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo 2013.

DORNELLES, B. O fim da objetividade e da neutralidade no jornalismo cívico e ambiental. *Brazilian Journalism Research*, v. 1, n. 1, 2008.

DOWBOR, M.; SZWAKO, J. Respeitável Público: *Performance* e organização dos movimentos antes dos protestos de 2013. **Revista Novos Estudos**, ed. 97, nov. 2013.

DUPUIS-DÉRI, F. **Black Blocs**. São Paulo: Veneta, 2014.

DURKHEIM, E. **A divisão do trabalho social**. Lisboa: Presença, 1977 [1893].

\_\_\_\_\_. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1912].

ENGELS, Friedrich. *Teoría de la violencia*. In: ENGELS, Friedrich; MARX, Karl; LENIN, Vladimir I. *Marxismo y terrorismo*. Barcelona: Grijalbo, 1975.

ENTMAN, R. *Framing: Toward clarification of a fractured paradigm*. In: LEVY, M.; GUREVITCH, M. *Defining Media Studies*. New York: Oxford University Press, 1994.

ENTMAN, R.; ROJECKI, A. *Freezing out the public: elite and media framing of the U.S. anti-nuclear movement*. *Political Communication*, v. 10, n. 2, p. 155-173, 1993.

ETCHICHURY, C. **A violência na mídia**: um estudo de caso sobre a cobertura da criminalidade pela imprensa no RS. 2010. 129 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2010.

GAMSON, W. [et al.]. *Media Images and the Social Construction of Reality*. *Annual Review of Sociology*, v. 18, p. 373-393, 1992.

GAMSON, W.; MODIGLIANI, A. *Media Discourse and Public Opinion on Nuclear Power: a constructionist approach*. *American Journal of Sociology*, v.95, n.1, p. 1-37, 1989.

GAMSON, W.; WOSFSFELD, G. *Movements and media as interacting systems*. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, v. 528. Newbury Park: Sage, p. 114-125, 1993.

GALVANI, W. **Um século no poder**. Os bastidores da Caldas Júnior. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.

GARRETT, R. K.. *Protest in an Information Society: A Review of Literature on Social Movements and New ICTs*. *Information, Communication and Society*, v. 9, n. 2, 202-224, 2006.

GITLIN, T. *The Whole World is Watching*. Berkeley: University of California Press, 1980.

GOFFMAN, E. **Os quadros da experiência social**: Uma perspectiva de análise. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012 [1986].

GRIZA, A.; TIRELLI, C.; SCHABBACH, L. M. A contribuição dos sociólogos clássicos para a análise a violência e do crime. **Revista Brasileira de Ciências Criminais – RBCCrim**, São Paulo, ano 20, v. 94, p. 277-303, jan./fev. 2012.

GRUPO RBS. **Guia de ética e autorregulamentação jornalística**. Porto Alegre: RBS Publicações, 2011.

GUARESCHI, P.; RAMOS, R. **A máquina capitalista**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

HACKETT, R. Declínio de um paradigma? A parcialidade e a objetividade nos estudos dos media noticiosos. In: TRAQUINA, N. [org.]. **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”**. Lisboa: Veja, 1993.

HARVEY, D. [et. al]. **Occupy**. Movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2012.

HILL, S.; ROTCHILD, D. *The impact of Regime on the Diffusion of Political Conflict*. In: MIDLARSKY, M. (org.). **The Internationalization of Communal Strife**. Londres: Routledge, 1992.

INTERVOZES – COLETIVO BRASIL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. **Vozes Silenciadas: mídia e protestos: a cobertura das manifestações de junho de 2013 nos jornais o Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo**. São Paulo: Intervezes, 2014.

JAMES, W. **Principles of Psychology**, v. 2. New York: Dover Publications, 1950.

JOHNSTON, H.; ALIMI, E. Y. *Primary Frameworks, Keying and the Dynamics of Contentious Politics: The Islamization of the Chechen and Palestinian National Movements*. **Political Studies**, v. 60, p. 603-620, 2012.

KOENIG, T. **Compounding mixed-methods problems in frame analysis through comparative research**. 2006. Disponível em: <<http://qrj.sagepub.com/content/6/1/61>>. Acesso em: 30/07/2014.

\_\_\_\_\_. **Reframing frame analysis: systematizing the empirical identification of frames using qualitative data analysis software**. In: ASA Annual Meeting, San Francisco, CA, 2004.

KUCINSKI, B. [et al.]. **Bala perdida: a violência policial no Brasil e os desafios para sua superação**. São Paulo: Boitempo, 2015.



LIMA, V. A. de. Mídia, rebeldia urbana e crise de representação. In: MARICATO, Ermínia [et al.]. **Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

LOPES, F. L. Entre a Objetividade e a Vigilância: Contradições do Trabalho e da Identidade Jornalísticos. **Ciberlegenda**, n 18, jul. 2007.

LÓPEZ, W.; SABUCEDO, J. M. *Culture of Peace and Mass Media*. **European Psychologist**, v. 12, n. 2, p. 147-155, 2007.

MAGALHÃES, B.; SOBRINHO, H. F. S. O efeito ideológico de deslocamento no discurso da imprensa sobre o MST: de pobres da terra a baderneiros. **Veredas Online – Análise do Discurso**, Juiz de Fora, PPG Linguística da UFJF, p. 37-50, 2/2010.

MAIA, F. D. A dimensão simbólico-mítica do jornalismo para além da dicotomia objetividade/subjetividade. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 30, p. 56-71, jul. 2014.

MALINI, F.; ANTOUN, H. **A internet e a rua: cyberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MARICATO, E. [et al.]. **Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MARTINS, C. B. C. O legado do Departamento de Sociologia de Chicago (1920-1930) na constituição do interacionismo simbólico. **Revista Sociedade e Estado**, v. 28, n. 2, maio/ago. 2013.

MARX, K. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. 3a. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MCADAM, D.; MCCARTHY; ZALD, M. [ed.]. **Comparative Perspectives on Social Movements**. New York: Cambridge University Press, 1996.

MELUCCI, A. *The Process of Collective Identity*. In: JOHNSTON, Hank; KLANDERMANS, Bert (ed.). *Social Movements and Culture: social movements, protest, and contention (vol.4)*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1995.

MENDONÇA, K.; DAEMON, F. Os “outros” da rua: o acontecimento discursivo das manifestações de 2013. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 11, n. 30, p. 37-55, jan./abr. 2014.

MICHAUD, Y. **A violência**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

MISSE, M. Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria "bandido", **Lua Nova**, n.79, 2010, pp. 15-38.

MUHALE, M. J. J. **Lutar, criar poder popular: uma perspectiva etnográfica do Bloco de Lutas pelo Transporte Público em Porto Alegre/RS**. 2014. 150 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

OLIVEIRA, N. B. de. Imprensa, protestos e violência: uma análise de discursos. In: MISSE, Michel (org.). **Acusadores e acusados: estudos sobre ofensas, acusações e incriminações**. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

PEREIRA, M. M. **Enquadramento interpretativo, lógicas de ação e dinâmicas interativas: dilemas em interações entre o movimento dos direitos animais e a grande mídia**. 2014. 325 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

PINHEIRO P. S.; IZUMINO, E. A.; FERNANDES, M. C. J. Violência fatal: conflitos policiais em São Paulo (1981-1989), **Revista USP**, n. 9, maio 1991, p. 95-112.

PORTO, M. P. Enquadramentos da Mídia e Política. In: **Anais do XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS**, Caxambu/MB, 2002.

RAMOS, R. Comunicação: o sensacionalismo do *Diário Gaúcho*. In: GUARESCHI, P.; BIZ, O. [org.]. **Diário Gaúcho: que discurso, que responsabilidade social?** Porto Alegre: Evangraf, 2003.

RAMOS, S.; PAIVA, A. **Mídia e violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

RICHARDS, L. *Using NVivo in Qualitative Research*. Melbourne: Qualitative Solutions and Research Pty Ltd, 1999.

ROLNIK, R. As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. In: MARICATO, Ermínia [et al.]. **Cidades rebeldes**: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

RONCHETTI, G. Mídia, violência e sistema penal: O caso do jornal *Diário Gaúcho*. In: GUARESCHI, P.; BIZ, O. [org.]. **Diário Gaúcho**: que discurso, que responsabilidade social? Porto Alegre: Evangraf, 2003.

ROSA, J. P. **A midiática das manifestações populares de junho de 2013**: Análise comparativa das fotografias dos jornais *Zero Hora* e *Sul21*. 2013. 85 f. Monografia de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo) – Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

RUGGIERO, Vincenzo. *Brigate Rosse: Political violence, criminology and social movement theory*. **Crime, Law and Social Change**, v. 43, p. 289-307, 2005.

RYAN, C. **Prime Time Activism**. Boston: South End Press, 1991.

SANTOS, B. de S. S. A Esquerda no Século XXI: As lições do Fórum Social Mundial. In: **Oficina n. 298 do Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra**, fev. 2008.

\_\_\_\_\_. A crítica da governação neoliberal: o Fórum Social Mundial como política e legalidade cosmopolita subalterna. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 72, p. 7-44, 2005.

SCHEUFELE, D. *Framing as a theory of media effects*. **Journal of Communication**, v. 49, n. 1, p. 103-122, 1999.

SCHILLER, H. **Culture, Inc**. New York: Oxford Univ. Press, 1989.

SCHUDSON, M. **Discovering the news: a social history of American newspapers**. New York: Basic Books, 1978.

SECCO, L. As jornadas de junho. In: MARICATO, Ermínia [et al.]. **Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

SILVA, G. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 2, n. 1, 2005.

SILVA, M. K.. #vempraru: o ciclo de protestos de 2013 como expressão de um novo padrão de mobilização contestatória? In: CATTANI, Antonio David (org.). **#protestos: análises das ciências sociais**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014.

SILVA, M. K.; COTANDA, F. C.; PEREIRA, M. M.. Erving Goffman e a Ação Coletiva: contribuições do conceito de “molduras interpretativas” para o estudo dos movimentos sociais. In: **Anais do XVI Congresso Brasileiro de Sociologia**, Salvador, 2013.

SINGER, A. Brasil, junho de 2013: classes e ideologias cruzadas. **Revista Novos Estudos**, ed. 97, nov. 2013.

SNOW, D. A.; BENFORD, R. D. *Master Frames and Cycles of Protest*. In: MORRIS, Aldon; MUELLER, Carol McClurg (orgs.). **Frontiers in Social Movement Theory**. New Haven: Yale University Press, 1992. p. 133-155.

\_\_\_\_\_. *Ideology, Frame Resonance and Participant Mobilization*. **International Social Movements Research**, n.1, p.197-218, 1988.

SNOW, D. A.; MOSS, D. M. *Protest on The Fly: Toward a Theory of Spontaneity in the Dynamics of Protest and Social Movements*. **American Sociological Review**, v. 79, n. 6, p. 1122-1143, 2014.

SODRÉ, M. **O social irradiado: violência urbana, negrotesco e mídia**. São Paulo: Cortez, 1992.

SPARROW, R. **Política Anarquista e Ação Direta**. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2009.

STEIBEL, F.; MARINKOVA, M. Positivo, negativo ou neutro? Um olhar de métodos mistos sobre a variável “valência” em análises de conteúdo jornalístico. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – E-compós**, Brasília, v. 16, n. 2, maio/ago. 2013.

TARROW, S. **Poder em movimento**: movimentos sociais e confronto político. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. *The New Transnational Activism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TAVARES DOS SANTOS, J. V. **Violências e conflitualidades**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009.

TAVARES DOS SANTOS, J. V.; TEIXEIRA, A. N. Atores sociais jovens nos protestos de 2013. In: CATTANI, Antonio David (org.). **#protestos**: análises das ciências sociais. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014.

TEIXEIRA, A. N.. **A produção televisiva do crime violento na modernidade tardia**. 2009. 240 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

TEIXEIRA, A. N.; BECKER, F. Novas possibilidades da pesquisa qualitativa via sistemas CAQDAS. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 3, n. 5, p.94-114, jan-jul. 2001.

TILLY, C. *From Mobilization to Revolution*. Reading, Mass.: Addison-Wesley, 1978.

TUCHMAN, G. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, N. [org.]. **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Veja, 1993.

\_\_\_\_\_. *Making news*. New York: The Free Press, 1978.

VIGEL, M. Z. **Comportamento de consumo de jornais por jovens**: uma análise do meio impresso e *online*. 2013. 142 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Departamento de Ciências Administrativas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

WACQUANT, L. Toward a Dictatorship of the Poor? Notes on the Penalization of Poverty in Brazil. *Punishment & Society*, v. 5, n. 2, 2003, p. 197-205.

WEBER, M. **Ciência e política**: duas vocações. São Paulo: Cultrix, 1970.

\_\_\_\_\_. **Sociologia da Imprensa**: um programa de pesquisa. *Revista Española de Investigaciones Sociales*, n. 55/56, 1992, p. 251-259.

WEISS, R. As manifestações sob a ótica da sociologia da moral. In: CATTANI, Antonio David (org.). **#protestos**: análises das ciências sociais. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014.

\_\_\_\_\_. Efervescência e Solidariedade no mundo contemporâneo: uma atualização da teoria durkheimiana. In: *Acta Científica XXIX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología 2013. Grupo de Trabajo 31 (teoría social contemporánea)*, 2013.

WIEVIORKA, M. Violência hoje. **Ciência & Saúde Coletiva**, n. 11. (Sup): p. 1147-1153, 2007.

WOLF, M. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003

WOLFSFELD, G. *Media and Political Conflict*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

ŽIŽEK, S. Problemas no Paraíso. In: MARICATO, E. [et al.]. **Cidades rebeldes**: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

## APÊNDICES

### Apêndice 1 – Conteúdo das entrevistas com jornalistas

<b>Bloco</b>	<b>Objetivo</b>
Trajatória profissional e inserção na instituição	Percurso profissional; atuais funções desempenhadas no veículo.
Organização do veículo	Formato, público-alvo e diretrizes editoriais do veículo; estrutura física e de profissionais.
Rotina de produção jornalística	Processo de escolha de pautas; relação de repórteres com editoria; processo de seleção fotográfica.
Identificação do processo de produção de enquadramento(s) pelo veículo midiático sobre as manifestações	Quais os enquadramentos formulados; quais os processos desenvolvidos na redação para a produção da cobertura das manifestações; eventuais alterações na cobertura dos protestos ao longo do ano; eventuais diferenças de cobertura para outros jornais.
Identificação do processo de produção de enquadramento(s) pelo veículo midiático sobre confrontos entre manifestantes e aparato policial	Quais os enquadramentos formulados; quais os processos desenvolvidos na interpretação da ação dos manifestantes considerados violentos, na interpretação da ação policial e na interpretação das dinâmicas de confronto entre manifestantes e aparato policial.

Fonte: autoria própria

### Apêndice 2 – Roteiro de entrevistas

Qual a sua trajetória profissional?
Como é a organização estrutural do jornal em que você trabalha/trabalhava?
Como é o processo de construção da notícia no jornal em que você

trabalha/trabalhava?
Qual a função que você exerce/exercia no jornal?
Como foi, pessoalmente, para você cobrir as manifestações de 2013?
Qual foi a abordagem que o jornal adotou na cobertura das manifestações de 2013?
Você identifica diferenças na cobertura do jornal em que você trabalhava/trabalhava para a cobertura dos outros jornais da cidade nas manifestações de 2013? Se sim, a que você atribui essas diferenças?
Você identifica transformações na cobertura do jornal durante o curso das manifestações de 2013? Se sim, a que você atribui essas transformações?
Qual sua percepção sobre as situações de tensão ocorridas na interação entre manifestantes e policiais, nos eventos de 2013?
Qual foi a abordagem que o jornal adotou na cobertura específica dos momentos de tensão entre manifestantes e policiais?

Fonte: autoria própria

### Apêndice 3 – Materiais selecionados para realização de análise qualitativa

<b>Data do Protesto</b>	<b>Data da publicação</b>	<b>Jornal</b>	<b>Manchete</b>
27 de março	28.03.2013	<i>Diário Gaúcho</i>	Baderna contra nova tarifa
27 de março	28.03.2013	<i>Sul21</i>	Revolta contra aumento da passagem gera grande protesto em Porto Alegre
27 de março	28.03.2013	<i>Zero Hora</i>	Ataque à prefeitura: pedras e baderna na capital
04 de abril	05.04.2013	<i>Diário Gaúcho</i>	Reajuste suspenso: Festa: pãozinho volta à mesa!
04 de abril	05.04.2013	<i>Sul21</i>	Após liminar da Justiça, protesto contra aumento da passagem vira festa no meio da chuva
04 de abril	05.04.2013	<i>Zero</i>	Protesto e comemoração sob aguaceiro



		<i>Hora</i>	
13 de junho	14.06.2013	<i>Diário Gaúcho</i>	Protesto e vandalismo
13 de junho	14.06.2013	<i>Sul21</i>	Manifestação em Porto Alegre termina em cerco, violência e prisões
13 de junho	14.06.2013	<i>Zero Hora</i>	Atos de vandalismo
20 de junho	21.06.2013	<i>Diário Gaúcho</i>	Mais uma noite de berros
20 de junho	21.06.2013	<i>Sul21</i>	Debaixo de chuva, ato tem 20 mil nas ruas e novo confronto violento com Brigada Militar
20 de junho	21.06.2013	<i>Zero Hora</i>	Em Porto Alegre: milhares sob chuva e frio
20 de junho	21.06.2013	<i>Zero Hora</i>	Confronto, depredação, saque: a violência se repete
Retrospectiva	31.12.2013	<i>Diário Gaúcho</i>	Povo toma as ruas, berra e consegue benefícios
Retrospectiva	25.12.2013	<i>Sul21</i>	Retrospectiva dos protestos em Porto Alegre: 2013, o ano que não terminou
Retrospectiva	31.12.2013	<i>Zero Hora</i>	O que aprendemos com 2013: Reivindicar

Fonte: autoria própria

Apêndice 4 – Lista de nós de classificação utilizados no NVivo para análise das notícias

<b>Categoria principal</b>	<b>Descrição</b>	<b>Nós</b>	<b>Sub-nós</b>
<b>Caracterização da manifestação</b>	Elementos utilizados pelos jornais para	Adjetivação	
		Duração	
		Local e trajeto	
		Modo de	

	caracterizar o protesto	convocação	
		Pauta	Contra a ação policial
			Contra a corrupção
			Contra a cura gay
			Contra a imprensa
			Contra os investimentos na Copa do Mundo
			Educação
			Habitação
			Política (de forma geral)
			Saúde
			Solidariedade a outros protestos
			Transporte público
		Tamanho	Centenas de pessoas
			Grande
			Milhares de pessoas
			Multidão
<b>Caracterização dos atores da manifestação</b>	Elementos utilizados para qualificação dos atores dos protestos	Manifestantes	Apartidários
			Associação de moradores
			Autoridades políticas
			Entidades de classe
			Estudantes não universitários
			Jovens
			Ligação a partidos políticos
			Mascarados
			Pacíficos
			Atuantes politicamente, sem referência a partido
			Simpatizantes solitários
			Trabalhadores
			Universitários
		Violentos	
			Policiais
		Violentos	
<b>Curso da</b>	Descrição	Estopim do	Atribuído à polícia

<b>manifestação</b>	das interações	confronto	Atribuído aos manifestantes
			Não identificado
	ocorridas ao longo do protesto	Relação com a população	Apoio à manifestação
			Conflito com os manifestantes
			Medo da polícia
			Medo dos manifestantes
	Repertórios dos policiais	Repertórios dos policiais	Acompanhamento da manifestação
			Ameaça
			Apreensão de bens
			Balas de borracha
			Bombas de gás lacrimogêneo
			Cerco aos manifestantes
			Cordão de isolamento
			Entrega de folhetos informativos
			Investigação
			Manifestantes feridos
			Perseguição a manifestantes
			Prisão de manifestantes
			Solidariedade a manifestantes
			Repertórios e performances dos manifestantes
	Ameaça a jornalistas		
	Ataque a policiais		
	Bandeiras de partidos		
	Bandeiras regionais e nacionais		
	Barricada		
	Cartazes		
	Conflitos entre manifestantes		
Dano a patrimônios			
Diálogo			
Faixas			
Jogar tinta			
Manter pessoas confinadas			
Ocupação de espaço público			

			Palavras de ordem
			Paralisação do trânsito
			Passeata
			Passeata em silêncio
			Pessoas (não manifestantes) feridas
			Pichação
			Porte de drogas e de armas
			Proteção com vinagre
			Retirada
			Rojões
			Saques
			Subtração de bens
			Uso de instrumentos musicais
		Repertórios das autoridades políticas	Diálogo
			Medidas legais

Fonte: autoria própria

Apêndice 5 – Lista de nós de classificação utilizados no NVivo para análise das entrevistas

<b>Categoria principal</b>	<b>Descrição</b>	<b>Sub-nós</b>
Características do jornal	Elementos que compõem a organização interna do jornal	Trajectoria profissional do jornalista
		Estrutura organizacional
		Concepção de jornalismo
		Rotina
		Linha editorial
		Relação com o público-leitor
Cobertura das manifestações de 2013	Procedimentos adotados para a interpretação do ciclo de protestos	Contextualização dos protestos
		Relação do jornal com os

		protestos
		Enquadramento da identidade dos atores
		Enquadramento das reivindicações
		Enquadramento das interações entre manifestantes e policiais
		Mudanças de enquadramento

Fonte: autoria própria

## ANEXOS

Anexo 01 – Notícia “Ataque à prefeitura: Pedras e baderna na Capital”, de *Zero Hora*, relativa à cobertura do protesto de 27 de março de 2013.

54 Geral

ZERO HORA QUINTA-FEIRA, 28 DE MARÇO DE 2013

# ATAQUE À PREFEITURA

## Pedras e baderna na Capital

Grupo de esquerda comandou manifestação contra aumento da passagem do ônibus, ontem à noite, no centro de Porto Alegre

CARLOS ROLLING e LETÍCIA COSTA

A prefeitura de Porto Alegre foi atacada com pedras, bolas de gude, tinta e frutas em manifestação ontem à noite, em protesto contra o aumento do preço das passagens de ônibus.

O secretário de Governança da prefeitura, César Busatto, que tentou negociar com centenas de pessoas, foi atingido por tinta na camisa, rosto e cabelo, e definiu o ato como de “animais querendo guerra”.

Partiu de indivíduos e movimentos com ascendente atuação política na Capital a explosão de fúria contra o aumento da passagem de ônibus para R\$ 3,05. O ato chegou a manter cerrados dentro do Paço Municipal o vice-prefeito Sebastião Melo, secretários, vereadores e servidores públicos.

O protesto, que culminou na depredação do prédio da prefeitura e de viaturas da Guarda Municipal, foi convocado via Facebook por estudantes e jovens ligados a PSOL, PT, PSTU e radicais anarquistas. Agregados, eles formaram o Bloco de Luta pelo Transporte Público.

O grupo não se limita à união de universitários. Desde janeiro, está encorpado pelo apoio de alas de funcionários das concessionárias do transporte público. Eles fazem oposição à direção do Sindicato dos Rodoviários de Porto Alegre. Com a adesão dos trabalhadores, o bloco ganhou mais força para apresentar a sua principal bandeira: redução imediata do valor da passagem de ônibus para R\$ 2,60.

### DCEs se posicionaram à frente do movimento

Bandeiras do PSTU foram vistas, mas não é hábito a explícita identificação partidária. Nos protestos, costumam se mostrar como integrantes dos chamados coletivos, como o Juntos, ligado ao PSOL, que esteve na organização da manifestação. Também se posicionaram à frente do movimento os Diretórios Centrais dos Estudantes (DCEs) de PUC e UFRGS, ambos comandados em conjunto por militantes e simpatizantes do PSOL, PT e PSTU, além de anarquistas que não permitem a “partidarização” dos protestos.

No Facebook, um dos mentores do levante foi Lucas Maróstica, integrante do coletivo Juntos e funcionário do gabinete da vereadora Fernanda Melchionna (PSOL). A parlamentar, que participou de outro protesto, este na Câmara de Vereadores, foi vista em frente à prefeitura. Ela confirma a presença, mas alega que foi ao local apenas para “mediar” e serenar os ânimos.

carlos.rollsing@zerohora.com.br  
leticia.costa@zerohora.com.br



Durante a confusão, foram arremessadas taquaras, pedras, bolitas e frutas, que quebraram sete janelas de vidro do prédio histórico

## Novos protestos previstos na Capital

Entre os organizadores, é repudiada a ideia do vínculo das manifestações com partidos políticos. Eles também rejeitam o carimbo de violentos.

— São pessoas que se associam livremente ao bloco. Eu não sou do PSOL. No DCE da PUC, temos apenas uma menina do PSOL entre sete pessoas. Não houve exagero. Vários indivíduos não pertencem ao coletivo e, na hora, tomam essas atitudes (depredação)— argumentou Natane Hammarstron, presidente do DCE da PUC, enquanto aguardava, ontem à noite, em frente ao Palácio da Polícia, pela liberação de uma amiga que havia sido detida no protesto.

Porto Alegre tem outras manifestações previstas até o dia 1º de abril, todas relacionadas à Jornada de Lutas da Juventude Brasileira.

### Grupo manifestou-se pela democratização da mídia

Ontem pela manhã, um grupo protestou em frente à sede do Grupo RBS, na Avenida Ipiranga, pela “democratização dos meios de comunicação”, reforma política e redução da jornada de trabalho, entre outras reivindicações. O protesto seguiu até o centro da cidade, onde um manifesto seria entregue na Assembleia Legislativa do Estado.



Secretário de Governança César Busatto foi atingido com tinta



Centenas de pessoas participaram do protesto no centro da cidade





Anexo 02 – Notícia “Baderna contra nova tarifa”, do *Diário Gaúcho*, relativa à cobertura do protesto de 27 de março de 2013.

PORTO ALEGRE, QUINTA-FEIRA, 28/3/2013

## Baderna contra nova tarifa

Feridos, um detido, pichações, brigas, depredação e vidros da prefeitura quebrados por arremessos de paus, pedras, bolas de gude, taquaras e até frutas. Este foi o saldo de mais uma manifestação contra o aumento da tarifa de ônibus em Porto Alegre – na segunda-feira, passou de R\$ 2,85 para R\$ 3,05. A baderna durou cerca de uma hora, no início da noite de ontem.

Em seguida, o secretário de Governança, César Busatto, concedeu entrevista vestindo camisa manchada de tinta rosa. Ele foi atingido ao tentar negociar com os revoltados, que lhe xingaram e arrancaram seus óculos.



Teve gente ferida...

FOTOS RICARDO DUARTE

– As coisas foram para um limite insuportável. Foi uma fúria dos jovens, pareciam animais criando guerra. Com protestos agressivos, a população não conseguirá baixar o preço – afirmou Busatto, acusando partidos opositores.

Nos arredores da prefeitura, foi pichada a inscrição “R\$ 3,05 é roubo”. Três servidores ficaram

feridos, além de um repórter de rádio. De acordo com agentes da EPTC, duas motos da Guarda Municipal foram derrubadas.

– Tivemos de usar bombas de efeito moral – disse o major Luís Ulisses Rodrigues, do 9º BPM.

Às 21h30min, centenas de pessoas trancaram a esquina das avenidas Ipiranga e João Pessoa.



... parede pichada e...



... secretário atingido



Anexo 03 – Notícia “Revolta contra aumento da passagem gera grande protesto em Porto Alegre”, do *Sul21*, relativa à cobertura do protesto de 27 de março de 2013.

28/mar/2013, 0h03min

## Revolta contra aumento da passagem gera grande protesto em Porto Alegre



Protesto desta quarta-feira (27) foi o maior já realizado contra o aumento da passagem em Porto Alegre | Foto: Ramiro Furquim/Sul21

### Samir Oliveira

Centenas de manifestantes realizaram, na noite desta quarta-feira (27), um novo ato contra o aumento da passagem de ônibus em Porto Alegre. Iniciado por volta das 18h30, em frente à prefeitura, o protesto só foi terminar às 22h, em frente ao Palácio da Polícia, na avenida Ipiranga.

Antes de a passagem aumentar, cinco protestos foram realizados no centro da Capital. Após o aumento – que ocorreu na última quinta-feira (21) e elevou a tarifa de R\$ 2,85 para R\$ 3,05 -, os manifestantes têm realizado praticamente um ato por dia. Até então, o maior deles havia sido na noite de segunda-feira (25), quando estudantes bloquearam durante quatro horas a avenida Ipiranga, em frente à PUCRS.

### Leia mais:

**- José Fortunati diz que protesto contra o aumento da passagem foi “baderna”**

O protesto desta quarta-feira teve dimensões ainda maiores. Assim que começaram a entoar palavras de ordem, os manifestantes se dirigiram para a entrada da prefeitura, que estava bloqueada apenas por um cordão de isolamento e poucos agentes da Guarda Municipal (GM). Os agentes da GM não conseguiram impedir que a multidão subisse as escadarias da prefeitura – aos gritos de “a prefeitura é nossa!” e “abre a casa do povo!”.





Manifestantes fizeram Guarda Municipal recuar e ocuparam escadarias na entrada da prefeitura | Foto: Ramiro Furquim/Su21

Neste momento, o secretário municipal de Governança, Cêzar Busatto (PMDB), tentava dialogar com os manifestantes na entrada da prefeitura. Cerca de uma hora após o ato, ele concedeu uma coletiva à imprensa. Com a roupa manchada da tinta vermelha jogada pelos ativistas, o secretário disse que os manifestantes "pareciam animais criando guerra". "As coisas foram para um limite insuportável, não houve espaço para diálogo. Foi uma fúria de jovens que começaram a avançar para cima de nós", criticou.

Busatto informou que a prefeitura irá registrar uma ocorrência na Polícia Civil. O secretário afirmou, ainda, que a conversação com o PSOL e do PSTU "fica prejudicada", já que ele identificou bandeiras destes partidos no ato.

#### **Brigada Militar jogou pelo menos cinco bombas de efeito moral**

Enquanto os manifestantes ocupavam as escadarias em frente à entrada principal da prefeitura, o batalhão de choque da Brigada Militar (BM) se posicionava a poucos metros, na avenida Borges de Medeiros, entre o Largo Glênio Peres e a Praça Montevideu.



Brigada Militar chegou ao local e jogou bombas para dispersar os ativistas | Foto: Ramiro Furquim/Su21

Neste momento, as luzes da praça em frente à prefeitura se apagaram e os jovens se voltaram para a BM e começaram a gritar: "Recua, polícia, recua! É o poder popular que está na rua!".

Para dispersar os manifestantes e poder retomar a entrada da prefeitura, a Brigada jogou duas bombas de efeito moral, causando pânico nos jovens e na população que caminhava pelo centro naquele momento. Depois das duas primeiras bombas, alguns manifestantes voltaram a avançar sobre a Praça Montevideu, jogando pedaços

de paus e frutas – como limões – e bolas de gude nos policiais, que se protegiam com escudos.

A partir daí, a Brigada lançou mais três bombas, fazendo com que o grupo recuasse. Tudo isso ocorreu em menos de meia hora. Às 19h, os manifestantes já deixavam as redondezas da prefeitura e se dirigiam à esquina da avenida Borges de Medeiros com a avenida Salgado Filho. Nesse meio tempo, um jovem estava estirado na calçada ao lado da prefeitura, com um corte na cabeça. Ainda não se sabe ao certo o que aconteceu. Relatos informam que ele teria sido "atropelado" pela Brigada Militar enquanto os policiais se dirigiam para a entrada da prefeitura.



Pelo menos cinco bombas de efeito moral foram jogadas na multidão | Foto: Ramiro Furquim/Sul21

Após o final do conflito, a reportagem do **Sul21** contabilizou 21 vidros quebrados nas janelas frontais da prefeitura. Um dos pilares da entrada do prédio também estava pichado com a frase "R\$ 3,05 é um roubo". Pelo menos uma viatura da Guarda Municipal teve o para-brisa quebrado.

#### **Estudante foi detida e algemada dentro da prefeitura**

Enquanto a Brigada Militar jogava bombas para dispersar os jovens, corria, de boca em boca, a informação de que haviam quatro pessoas detidas dentro da prefeitura. Posteriormente, confirmou-se que pelo menos uma estudante estava, de fato, presa na sede do Executivo municipal.

Luane Barros Xavier foi algemada pela Guarda Municipal e mantida no interior do prédio, impossibilitada de contatar quem estava do lado de fora. A vereadora Fernanda Melchionna (PSOL) chegou ao local no momento em que a BM dispersava os manifestantes com bombas e, com auxílio de um advogado, conseguiu entrar na prefeitura.

"Encontrei a Luane jogada no chão, algemada, sem ter apresentado nenhuma resistência", disse a vereadora em conversa com o **Sul21** algumas horas depois.

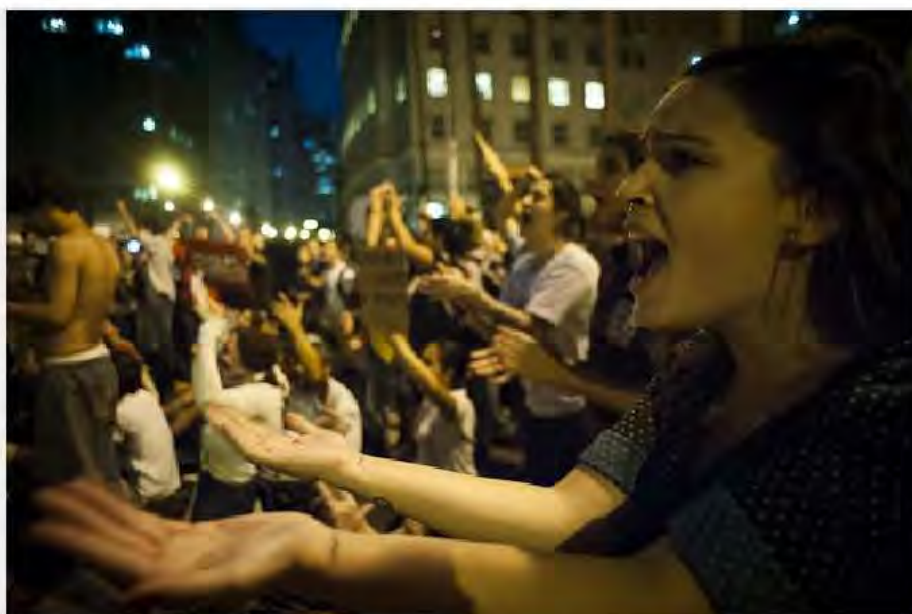
A estudante detida foi levada até o Palácio da Polícia, onde prestou depoimento a delegada de plantão. Com essa informação em mãos, os manifestantes – que, nesse momento, já haviam ido até a avenida Loureiro da Silva, na esquina com a rua José do Patrocínio –, decidiram marchar até a sede da Polícia Civil gaúcha para exigir a libertação da ativista.

#### **Estudante detida na prefeitura foi liberada no Palácio da Polícia**

Os ativistas levaram mais de uma hora para chegar ao Palácio da Polícia. Seguindo pela João Pessoa, a partir do viaduto com a Loureiro da Silva, o grupo conquistou o apoio de muitos moradores da região, que abanavam e comemoravam das janelas dos edifícios, e de muitos trabalhadores rodoviários, que transportavam passageiros no corredor de ônibus. "Ô motorista! Ô cobrador! Me diz aí se teu salário aumentou!" foi um dos bordões mais ouvidos durante a caminhada.

Os estudantes também aproveitaram o momento para pichar diversos ônibus com os dizeres: "R\$ 3,05 é um roubo", "R\$ 2,60 já" e "Passe Livre Já". Durante o caminho, um jovem quebrou uma janela de um ônibus – que quase não tinha passageiros – e, também, há relatos de que sinaleiras e faróis de diversos coletivos foram destruídas.





Jovens deixaram a frente da prefeitura após as 19h | Foto: Ramiro Furquim/Sul21

Ao chegar em frente ao Palácio da Polícia, o grupo sentou-se na avenida Ipiranga e exigiu a libertação de Luane Barros Xavier. "Libertad! Libertad a los presos por luchar!", gritavam alguns manifestantes.

Em uma espécie de jogral – quando uma pessoa fala uma frase e o grupo a repete em voz alta –, os jovens afirmaram que a detenção de Luane apenas aumentava a indignação do movimento. "Ela apanhou dentro da prefeitura. Obviamente, isso é para nos intimidar. Mas pegaram um dos nossos e nossa indignação dobrou", bradaram.

A estudante foi liberada pouco antes das 22h, quando a chuva já caía forte sobre Porto Alegre. Emocionada, ela abraçou os manifestantes e chorou. Os ativistas avisaram que irão organizar novos atos para pressionar pela revogação do reajuste da passagem de ônibus.

Anexo 04 – Notícia “Protesto e comemoração sob aguaceiro”, de *Zero Hora*, relativa à cobertura do protesto de 04 de abril de 2013.

ZERO HORA SEXTA-FEIRA, 5 DE ABRIL DE 2013

Geral 35

## Protesto e comemoração sob aguaceiro

ANDRÉ MAGS e LETÍCIA DUARTE

A chuva que começou a cair bem na hora do protesto de ontem contra o reajuste das tarifas de ônibus chegou a ser interpretada como mau prenúncio pelos primeiros manifestantes que se concentraram em frente à prefeitura.

— São Pedro é *reaja* — brincou um deles, 10 minutos antes das 18h.

Assim como o aguaceiro, o movimento não tardou a engrossar. Meia hora depois, estava contaminado por um clima de euforia, quando os milhares de participantes receberam a notícia de que a Justiça havia concedido uma liminar para reduzir o preço das passagens para R\$ 2,85.

— Caiu a decisão! — gritavam, em coro, celebrando uma conquista atribuída à força da pressão popular, que ressuscitou entre jovens da geração da internet antigos bordões como “o povo, unido, jamais será vencido”.

Era gente de diferentes perfis e bandeiras ideológicas. Desde os que hasteavam as bandeiras de partidos de esquerda, como PSOL e PSTU, até os ativistas que chegavam de bicicleta, para se somar à causa do transporte sustentável. Desde os estudantes de escolas públicas da Capital até simpatizantes solitários, como o motorista Osmar Castilhos, 55 anos, que trabalha no Mercado Público e se juntou ao protesto por estar cansado de ver que o povo está sempre “se ralando”. E também os mascarados, identificados com movimentos anarquistas, que espalharam um rastro de pichações em muros, viadutos e em pelo menos 10 ônibus.

— Eu não sou contra partir para a quebradeira, mas aí a gente tem que estar preparado para apanhar da Brigada — confidenciou um dos integrantes da ala radical para amigos com rostos cobertos por lenços.

Ao verem a depreciação, duas estudantes se aproximaram dos 60 policiais que seguíam atrás do grupo.

— Olha só, eles estão pichando, não tem como fazer alguma coisa? — preocupava-se a estudante de Letras da UFRGS Fernanda Azambuja Silva, 22 anos, que, com a amiga Cristina Tonial Simões, tentou limpar com a unha pichações em coletivos.

Apesar de tantas diferenças entre eles, os participantes da marcha — estimada em 3,5 mil pessoas pelo comandante do 9º Batalhão de Polícia Militar, tenente-coronel Jorge Maya, e projetada em 10 mil pessoas pelos megafones dos manifestantes — concordavam em um ponto: que o movimento não deve arrefecer com a liminar. A meta é garantir uma redução ainda maior, com base em uma série de questionamentos levantados por auditorias do Tribunal de Contas do Estado (TCE).

O controle contra excessos, propagado por meio de mensagens que partiam do carro de som, foi eficiente outra vez, ontem. A maioria manteve o caráter pacífico e a rejeição a atos de vandalismo. A cada rojão estourado, por exemplo, as vaíás se espalhavam.

O momento mais tenso foi o ataque à sede da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC). Assim que a chegada ao local foi anunciada pelo carro de som, um grupo começou a jogar tinta contra o logotipo da empresa, voltado para a Avenida Ipiranga. Depois, seguiram gritando palavras de ordem em frente ao prédio de ZH. A organização encerrou o protesto e sinalizou com o retorno pela Erico Veríssimo em direção ao Largo Zumbi dos Palmares. Mas o grupo de mascarados enveredou pela Rua João Neves da Fontoura e quebrou vidros do prédio da EPTC com taquaras, pedras e bolas de gude. A organização mandou que retornassem. Da Erico até o largo, o clima foi de festa. Ali, a chuva parou quando a multidão já se dispersava.

andre.mags@zerohora.com.br  
leticia.duarte@zerohora.com.br



Manifestantes comemoram o anúncio da redução da tarifa, determinada pela Justiça (foto acima). Ao lado, participante picha ônibus durante a caminhada.



FOTO: LILIANO ALVES



Anexo 05 – Notícia “Festa: pãozinho volta à mesa!”, do *Diário Gaúcho*, relativa à cobertura do protesto de 04 de abril de 2013.

PORTO ALEGRE, SEXTA-FEIRA, 5/4/2013

DIÁRIO GAÚCHO

REAJUSTE SUSPENSO

Liminar fez protesto virar comemoração diante da prefeitura



RICARDO DUARTE

# Festa: pãozinho volta à mesa!

## RESUMO DA NOTÍCIA

Justiça mandou tarifa do ônibus da Capital voltar a valer R\$ 2,85, a partir de hoje. Prefeitura diz que não irá recorrer da liminar, obtida por dois vereadores.

LETÍCIA COSTA

leticia.costa@zerohora.com.br

O protesto virou festa no Centro. Em dia que seria marcado por mais chiadeira contra o aumento da passagem do transporte coletivo da Capital, cerca de 3,5 mil manifestantes que ocupavam a frente da prefeitura no começo da noite de ontem tiveram motivo para comemorar. Uma ação cautelar pedindo a suspensão do reajuste de 7% foi aceita pela Justiça e, com isso, o valor retoma hoje para R\$ 2,85 nos ônibus e para R\$ 4,25 nas lotações (estava em R\$ 4,50).

A decisão vem 15 dias depois de o reajuste ser aprovado pela prefeitura,

passando a R\$ 3,05. O aumento de R\$ 0,20 significava um cacetinho a menos na mesa do cidadão a cada viagem. Agora, o pãozinho de 50gr está de volta. Para quem paga com dinheiro, a (nova) velha tarifa está valendo hoje. Pelo Tri, deve valer a partir de sábado.

### Boa notícia não inibiu baderna

Mesmo assim, por volta das 20h, manifestantes pararam diante da EPTC, na Avenida Ipiranga. Quebraram vidros ao atirar pedras e bolinhas de gude na sede da instituição. Antes de irem embora, xingaram a imprensa e trocaram

O assunto já foi notícia no Diário



empurões com a Brigada Militar.

### Vice: em dinheiro já está valendo

Ao assinar o recebimento da liminar, entregue pelos vereadores Pedro Ruas e Fernanda Melchionna, do Psol, que ajuzaram a ação cautelar, o vice-prefeito, Sebastião Melo, disse que a prefeitura irá acatar a decisão e não recorrerá na Justiça. O vice justificou ainda que o sistema dos ônibus precisa de um prazo de até 24 horas para ajustar o preço:

— Precisa-se de um tempo por causa dos cartões Tri, dos

estudantes, da integração do metrô. Quem usar dinheiro já poderá pagar R\$ 2,85.

### ATP pode complicar o caso

O presidente da Associação dos Transportadores de Passageiros (ATP) ressalta, Erio Roberto dos Reis, disse que espera a notificação para fazer um estudo. Ontem, não havia definição se a ATP vai recorrer na Justiça.

A assessoria de imprensa do Tribunal de Justiça (TJ) explica que, como a prefeitura, a EPTC e o Conselho Municipal de Transporte Urbano (Comtu) não devem recorrer, o processo em que é pedida anulação do reajuste da passagem deverá correr rapidamente até ser julgado o mérito.

Se entidades não envolvidas, como a ATP, forem contra a suspensão do aumento, um novo processo deve ser aberto, não se afastando a hipótese de retorno ao preço de R\$ 3,05.

## ENTENDA

- O ano de 2013 entrou com tarifa de R\$ 2,85. Após dissídio de 7,5% da categoria, as empresas pediram aumento para R\$ 3,30.
- Após um mês de análise, a prefeitura definiu o valor de R\$ 3,05 – preço que já teria debitado a desoneração da folha de pessoal e a análise apenas da frota operante.
- Um dia depois de o Tribunal de Contas da União abrir auditoria sobre os cálculos da nova tarifa, liminar conseguiu suspender o reajuste, devolvendo a tarifa a R\$ 2,85.

## Falta de licitação foi decisiva

A volta do ônibus a R\$ 2,85 é resultado de uma decisão da Justiça. O juiz Hilbert Maximiliano Akhito Obara, da 5ª Vara da Fazenda Pública do Foro Central, determinou urgência na suspensão do reajuste. A ação cautelar foi ajuzada na quarta-feira pelos vereadores Pedro Ruas e Fernanda Melchionna. O principal argumento é a inexistência de licitação para a prestação do serviço na cidade.

— É uma vitória da cidadania – comemorou a vereadora Fernanda.

No despacho, o juiz descreve que há fortes indícios de abusividade no aumento. Ele descreve que a ausência de licitação faz com que “terceiros possam estar indevidamente se beneficiando, com prejuízo irreparável”.

Além disso, o despacho aponta erros, como a não inserção do lucro das publicidades nos veículos para reduzir o cálculo da tarifa.

Anexo 06 – Notícia “Após liminar da Justiça, protesto contra aumento da passagem vira festa no meio da chuva”, do *Sul21*, relativa à cobertura do protesto de 04 de abril de 2013.

5/abr/2013, 0h32min

## Após liminar da Justiça, protesto contra aumento da passagem vira festa no meio da chuva



Foto: Ramiro Furquim/Sul21

Samir Oliveira

Quando, às 18h, na tarde desta quinta-feira (4), uma chuvinha fina começou a cair sobre o centro de Porto Alegre, muita gente pensou que o protesto contra o aumento da passagem de ônibus escorreria pelos bueiros como a água. Mas, aos poucos, as pessoas foram se reunindo na praça Montevideú, em frente à prefeitura.

No início, alguns buscavam abrigo nas marquises dos prédios ao redor. Os guarda-chuvas atrapalhavam a visão de quem passava, além de dificultar a vida de quem tentava se deslocar pela calçada. Os cartazes desfraldados também teimavam em exibir suas mensagens, apesar da chuva que ia borrando os de cartolina.

Leia mais:

- **CHARGE: Latuff de R\$ 3,05 para R\$ 2,85**
- **Juiz acata pedido de liminar do PSOL e suspende último aumento da passagem**
- **Protestos em Porto Alegre são resposta à restrição do espaço público, afirmam sociólogos**



Dali, o grupo ensopou ainda mais os pés em uma avenida Voluntários da Pátria alagada, sob os olhares curiosos e espantados dos vendedores das lojas da região. Surpreendidos, alguns não hesitaram em apoiar a marcha.

O grupo seguiu pela rua Marechal Floriano Peixoto até a avenida Salgado Filho, onde alguns já ensaiavam um novo bordão: "Sou de luta! Sou radical! Quero o passe livre nacional!".

Ao chegarem na esquina com a avenida Borges de Medeiros, um manifestante quebrou as sinaleiras de um ônibus. A reação foi imediata: vaias generalizadas e uma reprimenda de um pequeno grupo próximo a ele, que gritava "chinelão! chinelão! chinelão!".

No caminho até a avenida Loureiro da Silva, a marcha cresceu. Muitos jovens recém chegados comentavam que estavam vindo da aula. E, dos prédios, era visível o apoio de boa parte da população, que saía às janelas sacudindo os braços – uma mulher chegou a colocar metade do corpo para fora da janela de um ônibus que estava parado no congestionamento.



Foto: Ramiro Furquim/Sul21

Mas também houve um foco de tensão na Loureiro da Silva. Alguns manifestantes batiam na lataria de um dos coletivos parados e os passageiros se revoltaram, já que uma criança que estava dentro se assustou com o barulho. Apesar da tentativa de alguns passageiros de sair do ônibus para brigar com os manifestantes, a marcha seguiu até a avenida João Pessoa. Lá, outro breve foco de tensão, quando houve um desentendimento com um motoqueiro que cortou caminho pelo meio da marcha e quase levou uma garrafada de um manifestante, que chegou a estender a mão para dar o golpe, mas foi detido pelos demais.

Durante o trecho entre a Loureiro da Silva e a João Pessoa, foi possível perceber com mais clareza o imenso cortejo policial que seguia os manifestantes. Do caminhão de som, um ativista puxou o grito: "Recua, polícia, recua! É o poder popular que está na rua!".

Ao chegar na avenida Ipiranga, o grupo se dirigiu para o trecho onde, de um lado, estava a sede da EPTC e, de outro, o prédio do Grupo RBS – contra quem os manifestantes não poupam críticas desde que os protestos começaram a ganhar corpo e aparecer com maior frequência na mídia.

Não eram 18h30min quando alguém recebeu e repassou instantaneamente a informação à multidão: o reajuste havia sido revogado temporariamente por uma liminar da Justiça. A comemoração foi geral.

Poucos minutos depois, a informação foi repetida em alto e bom som pelo caminhão que transportava os amplificadores – o veículo, cedido pelo MST, substituiu a Kombi branca que levava as caixas de som nos outros atos. Do microfone, um manifestante alertava que a decisão da Justiça era uma “conquista paliativa” e que a cobrança pela redução da passagem para R\$ 2,60 deveria prosseguir.



Foto: Ramiro Furquim/Sul21

Não eram 19h quando os milhares de manifestantes saíram da frente da prefeitura para marchar. A caminhada iniciou junto com o temporal, que em nada lembrava a chuvinha fina do meio da tarde e fez a alegria do ambulante que corria em volta dos jovens para vender capas de plástico por R\$ 5,00.

Quando atingiram a avenida Júlio de Castilhos, os manifestantes abandonaram os guarda-chuvas e desistiram de tentar salvar os cartazes. Apenas as faixas de pano resistiam. Muitos e muitas tiraram as camisetas. E todos se renderam à chuva. Um dos gritos mais ouvidos da noite era: “Pode chover! Pode molhar! Mais um aumento eu não vou pagar!”.

Quando chegaram ao terminal Parobé, os manifestantes correram para baixo do Camelódromo, onde permaneceram por alguns minutos. O teto baixo reverberava de forma intensa o brado: “O povo unido jamais será vencido!”.



Foto: Ramiro Furquim/Sul21





Foto: Ramiro Furquim/Sul21

Uma das faixas da marcha atacava a empresa: "RBS, ontem cúmplice da ditadura. Hoje, parceira da máfia do transporte". E um dos gritos de protesto ironizava o comentarista do Jornal do Almoço, Lasier Martins: "Lasier, xarope! Vai tomar um choque!", em referência ao acidente ocorrido com o jornalista anos atrás, enquanto ele cobria a Festa da Uva de Caxias do Sul.

Esse foi um dos momentos mais tensos do protesto. Alguns ativistas jogaram tinta, pedras e bolinhas de gude na sede da EPTC. Ocorreu um princípio de correria e tumulto. A Brigada Militar cerrou fileiras nas pontes para pedestres e carros que davam acesso ao outro lado da avenida Ipiranga, não permitindo que ninguém se aproximasse do prédio da RBS. E, ao mesmo tempo, o contingente policial que acompanhava a marcha pela retaguarda se aproximou – o que fez com que muitos manifestantes pensassem que se tratava de uma investida da polícia.

Alguns ativistas, com medo de que se estabelecesse um conflito, chegaram a se retirar do ato neste momento, que seguiu em caminhada pela avenida Érico Veríssimo até o Largo Zumbi dos Palmares. No encerramento, ficou estipulado que haverá um novo protesto na segunda-feira (8).

A revogação do aumento conquistado pela decisão Judicial favorável à ação impetrada pelos vereadores do PSOL de Porto Alegre reduz a passagem de R\$ 3,05 para os R\$ 2,85 que vigoravam até o momento. Mas os manifestantes reivindicam que a prefeitura revogue o ato do aumento e reduza a passagem para R\$ 2,60, além de assumir o compromisso de não revisar isenções para idosos e estudantes.

Anexo 07 - Notícia “Atos de vandalismo”, de *Zero Hora*, relativa à cobertura do protesto de 13 de junho de 2013.

4

ZERO HORA SEXTA-FEIRA, 14 DE JUNHO DE 2013

## Reportagem Especial



Fachadas depredadas, agências bancárias atingidas e contêineres destruídos marcam protesto que acabou em prisões

# Atos de vandalismo

*Impulsionados por três ruidosos – e violentos – protestos em São Paulo, manifestantes voltaram às ruas de Porto Alegre para protestar contra a tarifa de ônibus, mesmo que ela já tenha sido reduzida. A noite acabou em vandalismo e 23 prisões.*

**M**esmo com o valor das passagens de ônibus reduzido após manifestações de rua, outra passeata contra o reajuste de tarifas foi convocada para ontem, e terminou em quebra-quebra, em Porto Alegre. Em um protesto que começou de forma pacífica em frente à prefeitura e se radicalizou noite adentro, contêineres foram incendiados, bancos quebrados e veículos depredados. Vinte e três manifestantes foram detidos – 18 homens e cinco mulheres.

Os ativistas não se contentaram com a redução da passagem de R\$ 3,05 para R\$ 2,85 em abril, após passeatas semelhantes à de ontem, ocorridas em março. A causa agora tinha mais uma motivação: solidariedade aos manifestantes cariocas e paulistas que há uma semana invadem as ruas e tentam baixar a tarifa, mimetizando o sucesso dos ativistas gaúchos. Só que os porto-alegrenses reprisaram aqui a depredação registrada em Rio e

São Paulo. Ecoa também uma onda de protestos com motivações econômicas, como a crise financeira da Europa, que sacode a juventude de Atenas a Istambul, de Barcelona a Paris, tudo alimentado pela internet e encorpado pelas imagens que rodam o planeta via mídias sociais.

O protesto em Porto Alegre começou às 18h, durou cerca de quatro horas e bloqueou o trânsito nas principais vias. A manifestação foi convocada sob justificativa de tentar reduzir ainda mais o valor da passagem, já que houve isenção de tributos PIS/Cofins para as empresas de ônibus. Os manifestantes, na maioria jovens, formavam uma miscelânea: anarquistas e ativistas sociais e estudantes, mesclados a militantes de partidos de esquerda. O refrão entoado aos gritos era: “Se a passagem aumentar, a cidade vai parar”.

Após saírem da prefeitura, seguiram pela Avenida Júlio de Castilhos até a rodoviária. Alguns subiram no arco da Trensurb em frente ao Mercado Público, acenderam sinalizadores, picharam a estação do trem e impediram que jornalistas registrassem os atos, ameaçando tirar-lhes os equipamentos. Bancos tiveram vidros quebrados e ônibus foram depredados, em gestos repudiados pela maioria.

– Mostra a cara! – gritava a maioria a um pequeno grupo de 20 depredadores, tentando impedir que a quebradeira virasse marca.

Não conseguiram, mas vaiaram seus colegas manifestantes. O trânsito foi bloqueado sucessivamente nas avenidas Júlio de Castilhos, Loureiro da Silva, Salgado Filho, João Pessoa e Erico Veríssimo. A Brigada Militar e a Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) acompanharam o trajeto, que chegou à Avenida Borges de Medeiros, trançando a circulação nos dois sentidos.

### Drogas e soco-ínglês

A unidade da mobilização ficou comprometida no momento em que os mascarados quebraram vidros e viraram mesas de um bar na Rua da República.

– Não se esqueçam que o protesto é contra o aumento da passagem – lembrou um manifestante.

Ao passarem em frente à sede do Tribunal de Justiça, onde a tropa de choque da BM fazia proteção, manifestantes atiraram pedras no edifício e fizeram pichações pelo caminho. Na Avenida João Pessoa, algumas pessoas atearam fogo a contêineres, bloqueando a via por cerca de uma hora.

A falta de comando entre os próprios manifestantes – muitos não queriam confusão e quebradeira – fez com que o tumulto começasse ainda internamente.

A BM estava orientada só a acompanhar

o protesto, mas o contêiner queimado foi o ponto crucial para a mudança de postura da tropa de choque. Policiais identificaram manifestantes consumindo maconha e cocaína e portando objetos como soco-ínglês e pedras, que vão bem além das bandeiras de partidos políticos e de diretórios estudantis. A BM reagiu com bombas de gás lacrimogêneo. Ao final do protesto, os detidos foram encaminhados a uma companhia do 9º Batalhão de Polícia Militar, na Rua José Montauray (Centro).

Dos 23 presos, pelo menos duas pessoas já eram conhecidas da polícia. Eles assinaram termos circunstanciados por dano ao patrimônio privado e público e serão investigados. A grande diferença em relação a São Paulo e Rio é que em Porto Alegre não foram registrados feridos graves. Só na capital paulista, dezenas de pessoas foram machucadas por balas de borracha, incluindo sete repórteres.

O curioso nesse episódio é que, ao contrário de outras capitais, a redução das passagens já aconteceu em Porto Alegre e acaba de receber novo apoio. Além do Tribunal de Justiça, que deu liminar garantindo o rebaixamento da tarifa, o Tribunal de Contas do Estado (TCE) emitiu ontem medida cautelar reforçando a decisão. Mesmo imersos na euforia da vitória, manifestantes promoveram a quebradeira.



## REPERCUSSÕES



**TÚLIO MARTINS,**  
desembargador e presidente do Conselho de  
Comunicação Social do Tribunal de Justiça

*O Tribunal de Justiça repudia toda e qualquer forma de violência. É perfeitamente compreensível que símbolos do poder e de instituições sejam visados por estes grupos, mas não justifica o comportamento agressivo.*



**SILANUS DE OLIVEIRA MELLO,**  
subcomandante geral da Brigada Militar

*A orientação era a mesma de sempre: acompanhar o protesto para garantir a segurança das pessoas poderem se manifestar democraticamente. Isso desde que não tenha nenhum tipo de predação. Foram virados lixos e arremessados objetos contra a tropa e o resultado foram 23 presos.*



*Gente fui até a frente da prefeitura antes das 19h e o que vi não me fez bem! Fui pra lza (casa) viver minha vida! Ai vou dar uma banda c/minhas amigas na paz e no amor e o que encontro é um cenário de guerra! ...Basta de diferenças em todas as vidas...e tenho Dito!*

*Lá na Turquia, não tem uma vidraça que fique inteira ou um porco que não leve pedrada. Abraços e até o próximo ato. E sim, acabou o amor e o Brasil vai virar Turquia!*

## Carro do Grupo RBS é atacado

Por volta das 21h10min, um carro do Grupo RBS que levava funcionários para o aeroporto parou na Avenida João Pessoa, ao lado do Parque Farroupilha, devido à concentração de manifestantes no trajeto. O veículo foi sacudido, pichado, chutado e teve o vidro traseiro quebrado por um pedaço de ferro. Um grupo de cerca de seis pessoas, algumas mascaradas e carregando paus, pedras e pedaços de sinalizadores de trânsito, chegou a ensaiar mais hostilidades, mas uma jovem, também integrante do protesto, interveio. O automóvel ficou retido por cerca de cinco minutos até poder deixar o local.



## Polícia reage com violência em SP

Além de Porto Alegre, São Paulo, Rio, Manaus e Maceió registraram distúrbios relacionados a protestos contra a tarifa de ônibus. O caso mais grave foi o da capital paulista, onde a Polícia Militar endureceu a repressão contra manifestantes, agrediu jornalistas, deixou pedestres e motoristas encurralados por bombas de gás e tiros de borracha, na quarta manifestação em uma semana.

A série de bombas de efeito moral lançadas pela tropa apavorou pedestres e motoristas – que chegaram a abandonar carros. Pelo menos 55 pessoas, vítimas de confrontos entre PM e manifestantes, receberam atendimento médico. Outras 192 foram presas.

No Rio, o ato terminou com policiais militares e ativistas se enfrentando na Candelária, no Centro. Manifestantes atearam fogo a latas de lixo e quebraram vidraças. Policiais reagiram com balas de borracha e bombas de gás lacrimogêneo.

## Uma causa que une grupos

**CARLOS ROLLING**

Porto Alegre inspirou protestos em São Paulo, Rio e outras capitais. Puxado por jovens militantes do PSOL, PSTU, movimentos sociais e anarquistas, o Bloco de Luta pelo Transporte Público alcançou vitória com a redução das tarifas. Em São Paulo, os protestos surgiram para repetir Porto Alegre. Mas os paulistas pegaram pesado na irracionalidade. O quadro se inverteu, e São Paulo inspirou Porto Alegre.

Blocos de lutas integrados por grupos de conexões nacionais marcaram protestos simultâneos para ontem à noite em capitais. E os porto-alegrenses, encorajados pelos companheiros

paulistas, adotaram atos de violência de intensidade não vista antes, liderados por anarquistas com traços sociopatas.

Os protestos não vão parar. A causa do transporte público é a que mais unifica os grupos ideológicos. Eles pleiteiam nova redução para R\$ 2,60. Mas há outras causas, como as árvores da Avenida Beira-Rio. Os movimentos representam um novo extrato da sociedade. Idealistas desencantados com a política sindical e partidária tradicional querem interferir no sistema por meio dos movimentos sociais. Isso leva aqueles que pertencem a partidos a se integrarem aos atos pelos coletivos. Uma adaptação. Uma nova forma de expressão – por vezes radical e agressiva – de emoções e utopias.

## TCE decide manter passagem em R\$ 2,85

A passagem de ônibus em Porto Alegre deve permanecer em R\$ 2,85. A decisão é do Tribunal de Contas do Estado (TCE), que emitiu medida determinando à Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) que mantenha a tarifa que está em vigor.

O conselheiro Iradir Pietroski, que estuda o assunto no TCE, diz que uma auditoria detectou erros no reajuste que a passagem para R\$ 3,05 – e que vigorou de 22 de março a 5 de abril.

A tarifa voltou a ser de R\$ 2,85 por força de uma liminar para uma ação popular que tramita na Justiça Estadual e que não tem relação direta com a auditoria promovida pelo TCE. A EPTC tem 15 dias para explicar o cálculo da tarifa e contestá-lo, se assim desejar.



Em São Paulo, confrontos resultaram em feridos (ao lado, uma jornalista foi atingida no olho com um tiro de bala de borracha)



Anexo 08 – Notícia “Protesto e vandalismo”, do *Diário Gaúcho*, relativa à cobertura do protesto de 13 de junho de 2013.

6

ÔNIBUS NA CAPITAL

# Protesto e vandalismo

## RESUMO DA NOTÍCIA

TCE determinou a manutenção da tarifa em R\$ 2,85. Em novo protesto, grupo provocou depredações e foi vaiado pelos demais participantes do ato.

O Tribunal de Contas do Estado (TCE) determinou que a tarifa de ônibus de Porto Alegre continue em R\$ 2,85. O relator da medida cautelar destinada à EPTC, conselheiro Iradir Pietroski, argumentou que os cálculos que apontam para o reajuste para R\$ 3,05 apresentam erros e inconformidades.

O diretor-presidente da EPTC, Vanderlei Cappellari, afirmou

que irá analisar o relatório do TCE junto com uma equipe técnica para decidir quais medidas tomar.

### ● Pelo menos 23 foram detidos

Mesmo com a determinação do TCE, houve novo protesto contra o aumento da tarifa, ontem.

A manifestação que se iniciou pacífica no fim da tarde, tomou contornos de

movimento violento devido a um grupo que quebrou vidros, pichou prédios, pôs fogo em contêineres e apedrejou o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul.

Durante os atos de vandalismo, grande parte das pessoas que protestavam contra o possível aumento da passagem viajava quem fazia as depredações.

As vias Júlio de Castilhos, Salgado Filho, Aureliano de Figueiredo Pinto, Lima e Silva, Loureiro da Silva e José do Patrocínio pararam.

Na Cidade Baixa, a Brigada Militar reagiu com bombas de gás lacrimogêneo ao vandalismo. Pelo menos 23 pessoas foram detidas.

DIÁRIO GAÚCHO

PORTO ALEGRE, SEXTA-FEIRA, 14/6/2013



Manifestação começou pacífica...

FOTOGRAFIA DE CARDO DUARTE



... mas alguns partiram para a depredação...



... e houve detenções



Spray com chama

## Confusão no Rio e em São Paulo

Em São Paulo, 149 pessoas foram detidas pela Polícia Militar em novo protesto contra o aumento do transporte público.

Houve confrontos e muitas pessoas ficaram feridas – entre as quais, sete jornalistas, dois deles atingidos no rosto por tiros de borracha.

Foi o quarto ato desde o dia

6 contra o aumento da tarifa, que passou de R\$ 3 para R\$ 3,20.

No Rio de Janeiro, onde a passagem recentemente subiu de

R\$ 2,75 para R\$ 2,95, uma manifestação convocada pelas

redes sociais reuniu estudantes e trabalhadores. Também houve confrontos, que deixaram feridos.



Anexo 09 – Notícia “Manifestação em Porto Alegre termina em cerco, violência e prisões”, do *Sul21*, relativa à cobertura do protesto de 13 de junho de 2013.

14/jun/2013, 1h41min

## Manifestação em Porto Alegre termina em cerco, violência e prisões



Foto: Ramiro Furquim/Sul21

**Samir Oliveira, Iuri Müller, Igor Natusch e Ramiro Furquim**

A manifestação contra o aumento da passagem de ônibus que ocorreu na noite desta quinta-feira (13) em Porto Alegre terminou em uma batalha campal no bairro Cidade Baixa. Milhares de pessoas começaram a se reunir em frente à prefeitura, no Centro, às 18h, e, após as 21h, quando a marcha chegou à avenida João Pessoa, teve início o confronto direto entre a Brigada Militar e parte dos ativistas.

Até este momento, a caminhada vinha se desenvolvendo em um clima bastante tenso. Já no início, por volta das 19h20min, quando os manifestantes começaram a marchar pela avenida Júlio de Castilhos, a Brigada Militar acompanhou o cortejo com o regimento montado. A cavalaria seguia junto com os ativistas pelas laterais do cortejo.

Leia mais:

– **Manifestantes questionam critérios de detenção após protesto**

Os cavalos estavam visivelmente apavorados com a multidão e com os barulhos – como gritos de protesto e sons de instrumentos musicais. Bem no começo da caminhada, um dos cavalos ficou incontrolável e acabou caindo,

mesmo com o policial em cima.



Foto: Ramiro Furquim/Sul21

Às 19h30min, o grupo ocupou o terminal de ônibus do Camêlôdromo, sob os gritos de: "Um, dois, três! Quatro, cinco, mil! Ou baixa a passagem, ou paramos o Brasil!". Em seguida, a caminhada tomou a avenida Voluntários da Pátria e subiu a rua Vigário José Inácio – momento em que alguns manifestantes começaram a investir contra uma agência bancária do Bradesco.

Na avenida Salgado Filho, um ativista revirou um contêiner de lixo – que, posteriormente, outras pessoas tentaram colocar no lugar. Assustadas, as pessoas que estavam em uma parada de ônibus próxima se retiraram.

A composição, os gritos, cartazes e objetos observados na marcha desta quinta-feira dão a clara dimensão de como ela está inserida em um contexto nacional e global de mobilizações. Diferentemente dos outros atos que já ocorreram na cidade, desta vez as palavras bradadas mencionavam outros locais do país onde também acontecem protestos contra o aumento da passagem de ônibus.

"São Paulo! Rio de Janeiro! Porto Alegre e Natal! Pelo passe livre! A luta é nacional!" e "Ó Dilma! Eu quero ver! O passe livre nacional acontecer" foram gritos bastante ouvidos durante a marcha. Mas as palavras de ordem mais entoadas pelos manifestantes foram: "Acabou o amor! Isso aqui vai virar a Turquia", numa clara referência às mobilizações sociais que têm tomado conta daquele país nas últimas semanas. Ainda havia um cartaz que comparava o primeiro-ministro turco Recep Tayyip Erdoğan com o prefeito José Fortunati (PDT).

Às 20h, os manifestantes chegaram à avenida Borges de Medeiros, de onde marcharam até a sede do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (TJ-RS). Durante o percurso, pelo menos quatro contêineres de lixo foram virados e duas agências bancárias foram apedrejadas. Esses atos provocavam indignação na maioria do grupo, que respondia com vaias.

#### **Marcha tentava chegar até a sede do Grupo RBS**

Por pelo menos três vezes a marcha se dividiu entre aqueles que queriam ir até a sede do Grupo RBS e aqueles que desejavam seguir um outro caminho. Quando chegaram ao TJ-RS, os ativistas contornaram a avenida Borges de Medeiros e ensaiaram um retorno ao Centro de Porto Alegre. Antes, o grupo que desejava ir até a sede da RBS convocou às pessoas a tomarem a avenida Praia de Belas.

Em seguida, por volta das 20h30, a marcha chegou à rua João Alfredo, no bairro Cidade Baixa. Novamente, um grupo conclamou as pessoas a irem até a sede da RBS, mas os ativistas seguiram pelo Largo Zumbi dos Palmares até a esquina da rua José do Patrocínio com a avenida Loureiro da Silva.





Foto: Ramiro Furquim/Sul21

Neste momento, todos permaneceram parados no cruzamento. Alguns sentaram e houve quem tentasse seguir pela rua José do Patrocínio em direção ao Centro – percurso que foi impedido pela Brigada Militar.

Aos poucos, mais e mais pessoas foram aderindo à convocação de marchar pela avenida João Pessoa. Mesmo assim, um contingente considerável ainda permanecia parado no cruzamento. Foi quando um militante do PSOL tentou chamar os ativistas para uma assembleia, mas foi reprimido por um militante anarquista.

“Companheiros, vamos realizar uma assembleia”, disse, sem conseguir terminar a frase. “Cala a boca, partidário de merda! Quer virar vereador? Já te promoveu? Agora vamos seguir a marcha! Pelego!”, gritou o anarquista.

A partir daí, a marcha tomou a avenida Lima e Silva. Ao passar pelo bar Pinguim, alguns ativistas jogaram pedras no estabelecimento – conhecido na cidade devido a diversas denúncias de agressão por homofobia que seriam praticadas por seus garçons. Uma das pedras acabou atingido uma própria militante da marcha.

Ao chegar na avenida João Pessoa, alguns manifestantes quebraram faroletes de ônibus e jogaram pedras na sede do PMDB de Porto Alegre. Antes, um carro Rádio Gaúcha foi pichado e teve os vidros quebrados – com pessoas dentro do veículo.

### **Ruas da Cidade Baixa ficaram repletas de gás lacrimogêneo**

O confronto direto com a Brigada Militar começou a se estabelecer quando os manifestantes estavam na avenida João Pessoa, a partir do momento em que cruzaram com a esquina da avenida José Bonifácio – deixando, portanto, a área do Parque Farroupilha. A polícia cercou a marcha por trás, pela avenida José Bonifácio, e pela frente, através da avenida Venâncio Aires.

Cerca de dez bombas – entre efeito moral e gás lacrimogêneo – foram disparadas pela Brigada Militar, além de diversos tiros com balas de borracha. Apavorados, os jovens saíram correndo em todas as direções. Muitos tentaram se refugiar na rua Olavo Bilac. A polícia também se dividiu para perseguir os ativistas.



Foto: Ramiro Furquim/Sul21

Com isso, a manifestação já estava completamente dispersada e as ruas da região estavam infestadas de gás lacrimogêneo – afetando também os moradores e quem circulava pelas redondezas.

O empresário Alberto Oliveira, que mora no segundo andar de um prédio na avenida João Pessoa, em frente à avenida José Bonifácio, precisou deixar sua residência devido aos efeitos do gás lacrimogêneo. "Vi uma situação que me deixou impotente e ferido. Tive que sair de casa porque não conseguia respirar, por causa das bombas. E fiquei muito preocupado com minha filha, que estava chegando da faculdade e poderia ficar presa no meio do confronto", relata.

Ele ainda desceu até a rua para ajudar uma pessoa que apresentava ferimentos devido às balas de borracha. "Me senti o último dos cidadãos, na última das cidades, na maior situação de covardia que já vi na minha vida. Só tinha presenciado algo parecido na década de 1970, quando era estudante de primeiro grau e vi a Brigada correndo atrás de estudantes, a cavalo, pela avenida Borges de Medeiros", compara.

Minutos após o fim do protesto, **um vídeo colocado no YouTube** mostra o momento em que a Brigada Militar entrou no Bar Garibaldi para perseguir manifestantes que teriam entrado no local. Um policial ordena que todos coloquem as mãos na cabeça e exige saber quem teria entrado correndo no estabelecimento. "Só eu falo agora", disse. Em seguida, comentou que "na hora de fazer baderna e quebrar as coisas (os manifestantes) são machinhos, mas, depois, não abraçam nada". O policial ainda ameaçou prender todas as pessoas que estavam no bar, caso ninguém confessasse que estava no protesto.

#### **Para Brigada Militar, manifestantes teriam atacado primeiro**

Ao todo, 23 pessoas foram presas na noite desta quinta-feira (13) – 18 homens e cinco mulheres. Todos foram encaminhados ao 9º Batalhão de Polícia Militar de Porto Alegre, onde o comandante, major André Córdova, concedeu uma entrevista coletiva à imprensa.

Ele disse que ocorreram "atos de vandalismo" desde o início da manifestação e que essas ações eram "comandadas por uma minoria". "Inclusive, percebemos que boa parte dos manifestantes vaiavam estas pessoas", comentou.





Foto: Ramiro Furquim/Sul21

Para o major, a Brigada Militar somente começou a jogar bombas e disparar balas de borracha porque foi atacada por ativistas. Ele acredita que os protestos no Rio de Janeiro e em São Paulo "contaminaram negativamente a manifestação em Porto Alegre". De acordo com ele, pelo menos um policial teria sido agredido com uma pedrada.

Entre os detidos pela Brigada Militar, está o cicloativista Felipe Banninger, que veio a Porto Alegre para realizar um documentário. O major André Córdova confirmou que a polícia apreendeu os equipamentos de Felipe para utilizar as imagens na identificação de pessoas que possam ter praticado atos de violência.

De acordo com uma advogada que teve acesso aos manifestantes presos, pelo menos três pessoas aparentaram sinais de agressão – uma delas, bastante machucada. Os detidos estão sendo acusados dos crimes de dano ao patrimônio, resistência e conspiração (pichação). Às 00h15, o grupo foi levado ao Instituto Médico Legal para realizar exame de corpo de delito.

Anexo 10 – Notícia “Em Porto Alegre, milhares sob chuva e frio”, de *Zero Hora*, relativa à cobertura do protesto de 20 de junho de 2013.

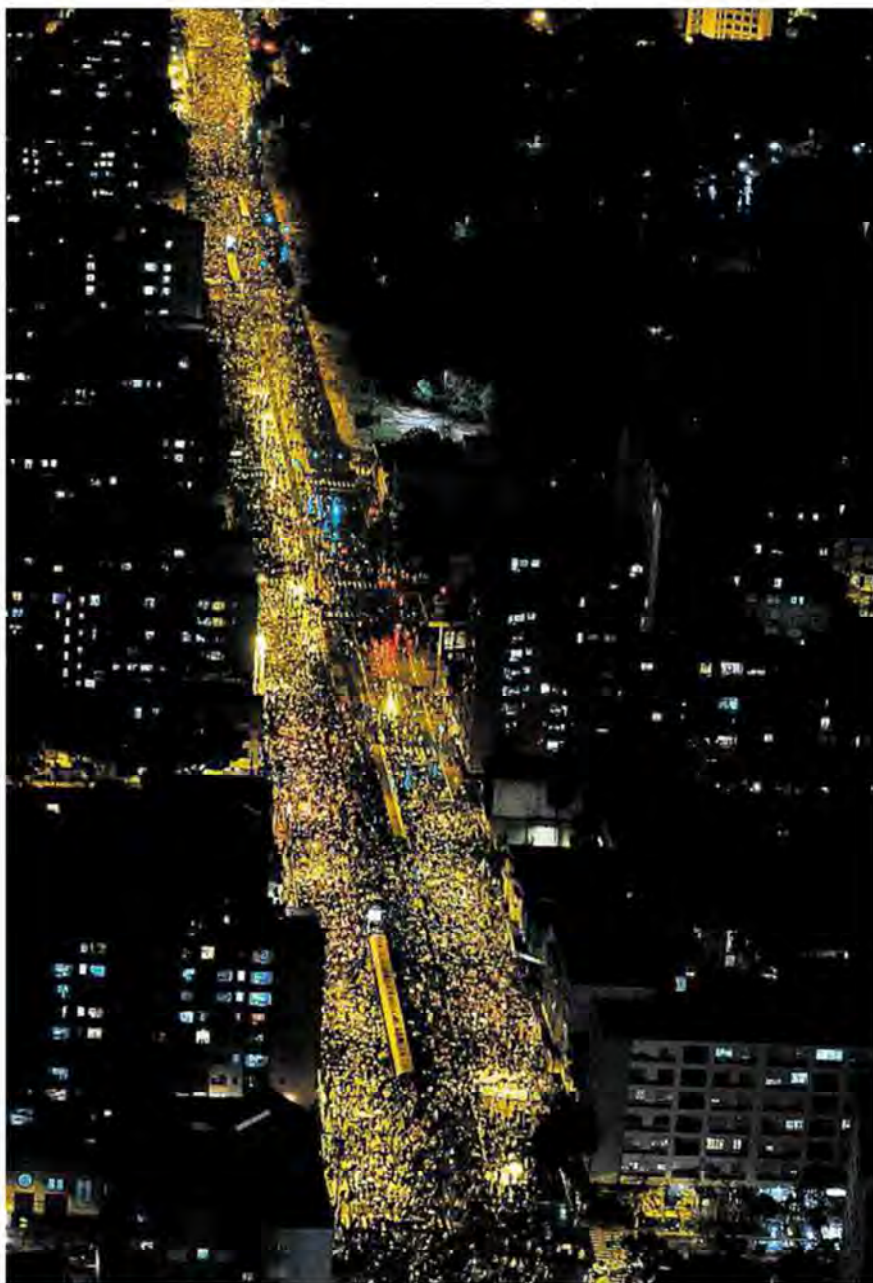
6

ZERO HORA SEXTA-FEIRA, 21 DE JUNHO DE 2013

## Reportagem Especial

# EM PORTO ALEGRE

## Milhares sob



**AVENIDA TOMADA** Uma corrente humana estimada pela BM em 20 mil pessoas ocupou a João Pessoa na noite de ontem

*A garoa que teimou em cair debaixo de uma temperatura de 14°C não foi suficiente para tirar o ânimo de milhares de pessoas que foram às ruas de Porto Alegre ontem à noite.*

ITAMAR MELO

Às 17h30min, debaixo de uma chuva forte e insistente, uma multidão espremia-se diante da prefeitura, pelo Largo Glênio Peres, na Avenida Borges de Medeiros e em ruas vizinhas. Do meio da multidão, alguns objetos foram arremessados sobre os guardas municipais que, detrás de um cordão de isolamento, protegiam a sede da administração de Porto Alegre.

A massa rugiu imediatamente: – Sem violência! Sem violência! Sem vandalismo! Sem vandalismo!

Dois ou três manifestantes atravessaram o cordão, subiram a escadaria da prefeitura e, abaixados sob os pés dos guardas, recolheram os objetos atirados. Receberam uma ovação como recompensa.

Para quase todos que estavam ali, tratava-se de construir um país melhor de forma pacífica – com transporte público barato e de qualidade, sem corrupção e sem desperdício do dinheiro público. Sob o aguaceiro, ecoaram na praça palavras de ordem contra os gastos com obras da Copa e contra projetos em tramitação no Congresso, como o da “cura gay”.

– Até o Papa renunciou. Feliciano, a tua hora já chegou – ouviu-se.

Policiais militares circulavam entre as pessoas, pedindo paz e entregando folhetos dirigidos aos “prezados manifestantes”. De tempos em tempos, a massa combatia o frio de 14°C pulando em sincronia e cantando:

– Quem não pula quer aumento!

Uma turma escolheu a habitação como tema e pediu à prefeitura que “devolvesse nossas casas”. Houve quem tenha respondido a uma pesquisa do Ibope, já que 12 profissionais identificados saíram às ruas para colher a opinião de 200 manifestantes. Em mais de 50 perguntas, o instituto queria saber a opinião sobre o protesto.

– Baixa a bandeira! O povo, unido, não precisa de partido! – gritava a multidão encharcada, sempre que via tremular o estandarte de alguma agremiação política.

As 18h, a massa virou as costas para a prefeitura, pronta para iniciar sua marcha pela cidade. Mas ninguém saiu do lugar durante meia hora. Diferentes grupos tentavam assumir a liderança do protesto e ditar o roteiro. Uma ala queria fazer a multidão subir a Borges de Medeiros. Outra, tentava seguir pela Avenida Júlio de Castilhos.

No final, a multidão dividiu-se em duas, cada uma seguindo para um lado da Borges. Vendo que havia a bandeira de um partido puxando a caminhada para um dos lados, muitos optaram pelo sentido oposto.

– Volta! Volta! Atrás de partido não! – reclamaram.



# chuva e frio

O grupo mais numeroso, com milhares de pessoas, seguiu pela Júlio de Castilhos. Notava-se o esforço que uma turma organizada fazia para tomar a frente da marcha e direcioná-la. Parando a caminhada várias vezes, dando instruções a quem vinha atrás e trocando informações por telefone, esse grupo dirigiu a multidão até o túnel da Conceição. Na chegada à Osvaldo Aranha, direcionou a massa para a Avenida João Pessoa.

— Quando o pessoal chegar à João Pessoa, virem à direita e entrem na Salgado Filho — orientava, por celular, um ativista que tentava controlar o protesto, levando-o de volta ao Centro.

Na passagem pela Santa Casa, brotou uma demonstração de respeito. Antes ruidosa, a manifestação transcorreu em quase absoluto silêncio, em respeito aos doentes internados na instituição. Um ou outro gaito se arriscou a gritar para quem estava nas janelas dos prédios, pedindo que saíssem à rua. A repreensão veio em uníssono:

— Sssshhhhh!!!!

Quando os manifestantes chegaram à João Pessoa encontraram, vindo em sentido contrário, outro grupo de participantes do protesto. Em lugar de ir para o Centro, eles vinham do Centro, puxados para a Avenida Ipiranga. Ali viu-se, durante cerca de 15 minutos, um embate entre os grupos que tentavam liderar o protesto.

— Pela Salgado! Pela Salgado! É Palácio Piratini! É Palácio Piratini! — gritavam alguns.

## Preferência pelo caminho pacífico

Os partidários de protestar na sede do governo chegaram a fazer uma parede humana e a pedir a quem descia a João Pessoa que voltasse.

— Por aí não! Eles acham que a gente é burro. Não vamos atrás da direita! É Piratini.

— É sabotagem! — diziam outros.

Os participantes do protesto ficaram confusos, sem saber o que fazer.

— Para lá ou para cá? — perguntou um rapaz.

— Depende. Qual é mais pacífico? — respondeu a garota que o acompanhava.

— Sem violência! Sem violência! — gritavam.

No final, com milhares de pessoas já na altura do Parque Farroupilha, a multidão pendeu para o rumo da Ipiranga.

— Vamos para lá, então. Já fomos e voltamos três vezes — decidiu um rapaz.

Do alto do viaduto, dava para ver que havia muita gente. Pelo menos 20 mil, segundo estimativa da Brigada Militar.

— Imagina se não fosse a chuva e a logística que montaram para esvaziar o Centro. Dez por cento da cidade estaria aqui — avaliou um rapaz.

Até então, estava tudo tranquilo. Os problemas só começaram às 20h, na esquina das avenidas João Pessoa e Ipiranga, quando cerca de cem manifestantes entraram em confronto com a tropa de choque da Brigada Militar.



**FAIXAS E BANDEIRAS** Os manifestantes tomaram as ruas de Porto Alegre

## Tarso busca diálogo com movimentos

CARLOS ROLLSING

Preocupado com a onda de protestos que varre o Brasil, o governador Tarso Genro buscou radicalizar o diálogo ao receber líderes de movimentos sociais, partidos e jornalistas no Gabinete Digital, no Palácio Piratini, para debater reivindicações, o rumo das manifestações e o futuro do sistema político e de sociedade.

Fazendo uso da tecnologia, a mesma que impulsiona os jovens nas ruas, Tarso tentou erguer a bandeira da paz e tornou o debate nacional ao incluir na discussão, via web, ativistas de cidades como São Paulo, Rio e Fortaleza.

Transmitido pelo site do governo, da Carta Capital e pela TV COM, a conversa chegou a derrubar a página do Gabinete Digital devido ao elevado número de acessos. Tarso recebeu elogios pela iniciativa, ouviu atento, respondeu questionamentos sobre excessos da Brigada Militar, abordou o "esgotamento dos partidos tradicionais e a necessidade de uma reforma política" e apelou pela paz nas ações. Ele explicou que os policiais estão orientados a reagir em casos extremos de proteção pessoal ou risco à integridade de outros. Sobre as causas que levam milhares às ruas, apontou três crises: a de representação política, a dos partidos e a do modo de vida da sociedade "consumista e predatória".

— O Parlamento está descon siderado, vazio. É um jogo de interesses regionais e partidários. Só podemos vencer isso com uma reforma política.

## Criação de um canal virtual para críticas

Um momento de destaque veio com o depoimento de Bruno Galli, que relatou ter sido preso por filmar agressões a manifestantes. Emocionado, ele contou ter sido chutado, derrubado e algemado por sete horas em um posto policial.

Tarso assegurou que excessos estão sendo apurados — e disse que, em caso de confirmações, as punições serão severas. Ele também foi questionado sobre o que um ativista chamou de "proteção" da Brigada Militar ao prédio de Zero Hora. Na manifestação de segunda-feira, o protesto tomava o rumo do local até que foi dispersado pela BM. O mesmo ocorreu ontem:

— Não estamos protegendo nenhuma instituição. Nosso dever é proteger as pessoas, seja em que lugar for. Houve ataque à sede da Polícia Federal, que pediu segurança. Se tiver ameaça a prédio público ou privado, somos obrigados por lei e pela Constituição a dar proteção às pessoas.

Temas como a democratização da mídia, desmilitarização das polícias, gastos excessivos com a Copa e a precariedade do transporte público, saúde e educação foram pautados com força.

— Nossas urgências não cabem só nos programas sociais. Isso traz insubordinação de 500 mil pessoas — afirmou Rodrigo Barcellos, do Bloco de Luta pelo Transporte Público.

Tarso sugeriu a criação de um canal virtual para canalizar críticas ou denúncias ao trabalho da BM. E transmitiu um recado:

— É necessário que as lideranças dirijam o movimento. Um movimento sem direção pode se tornar anárquico. E um movimento anárquico pode ser cooptado pelo fascismo. A história mostra isso com o Mussolini e o Hitler.

Itamar Melo@zerohora.com.br

SEGUE >



Anexo 11 – Notícia “Confronto, depredação, saque: a violência se repete”, de *Zero Hora*, relativa à cobertura do protesto de 20 de junho de 2013.

8

ZERO HORA SEXTA-FEIRA, 21 DE JUNHO DE 2013

## Reportagem Especial

## CONFRONTO, DEPREDAÇÃO, SAQUE

## A violência se repete



**MEDINDO FORÇAS** Outra vez policiais e manifestantes se enfrentaram nas ruas da Capital, com bombas de gás lacrimogêneo e ataques a lojas e estabelecimentos

*Uma parcela minoritária na onda de protestos registrados no país introduziu um componente novo e perigoso na Capital: saques ao comércio*

**A**s depredações e os confrontos violentos entre manifestantes e Brigada Militar se repetiram na noite de ontem em Porto Alegre. O protesto pacífico mudou de rumo na chegada à Avenida Ipiranga, a algumas dezenas de metros do prédio de Zero Hora. Manifestantes atiraram coquetel molotov e pedras contra os PMs. Os policiais reprimiram a multidão com bombas de gás lacrimogêneo e outras armas de efeito moral. A situação foi definida pelo comandante da BM, coronel Fábio Duarte Fernandes, da seguinte forma:

— Eram 20 mil manifestantes e 250 depredadores.

A Avenida Lima e Silva virou campo de batalha. Manifestantes arrancaram um portão metálico de cinco metros de comprimento, vigas de concreto e tapumes para fazer uma barricada.

Vândalos infiltrados entre os ativistas não pouparam locais que já haviam depredado na segunda-feira. Uma revenda de motos voltou a ser atacada, na esquina da Ipiranga com a Azenha. Vidraças foram estilhaçadas. Os tapumes sobre os quais os proprietários manifestaram “Sim ao protesto pacífico” sofreram pichação.

Os ataques começaram quando a BM empurrou os manifestantes para longe da Avenida Ipiranga, por volta das 20h30min. Algumas centenas correram pela Avenida Azenha, em direção à

## OS NÚMEROS

## O saldo negativo da noite

- Pelo menos **18 pessoas** foram presas
- **Sete agências** bancárias foram depredadas
- De **10 a 15 locais** de comércio saqueados

Bento Gonçalves. Ali, longe do alcance e dos olhos dos policiais, registraram-se depredações e saques contra vários estabelecimentos comerciais.

Os protestos de ontem registraram um fenômeno novo e perigoso: os saques ao comércio. Adolescentes e jovens arremeteram com os pés ou com pedras e outros objetos contra as portas metálicas e de vidros das lojas. A primeira porta a ceder foi de uma loja de baterias. Um jovem entrou, apanhou uma bateria e correu pela rua abraçada a ela. Um punhado de manifestantes pôs-se a persegui-lo.

— Ladrão! Ladrão! Pega ladrão.

No segundo saque, vários jovens invadiram uma loja de material escolar e fizeram uma limpeza. Saíram com mochilas, jogos e outros objetos, que mostravam orgulhosos uns aos outros. A Azenha esvaziou-se quando ouviram-se estampidos. Na Avenida João Pessoa, vândalos atacaram de novo prédios que já haviam sido depredados na segunda-feira, como uma revenda Volkswagen e a sede do Departamento de Identificação. A destruição chegou a agências do Itatí, na Azenha, do Banrisul, na João Pessoa, do Banco do Brasil, na Venâncio Aires. Danificado em menor escala na segunda-feira, o Shopping João Pessoa não foi poupado da fúria.

## BM explica proteção a alvos de vandalismo

Motivo de questionamentos ontem em redes sociais, a proteção dada pela Brigada Militar ao prédio do Grupo RBS na Avenida Ipiranga se enquadra dentro de um contexto: a empresa de comunicação, assim como alguns prédios públicos, era um alvo anunciado para sofrer vandalismo durante ou depois do protesto. No local, funcionam Zero Hora, Rádio Gaúcha e Diário Gaúcho.

— Sabemos que cerca de 200 pessoas estavam trabalhando no prédio na hora das manifestações, assim como em outros meios de comunicação. É nossa prioridade proteger essas pessoas. É nossa prioridade preservar as vidas — explicou o porta-voz e chefe do setor de Comunicação Social da BM, tenente-coronel Evilom Pereira Diaz.

O oficial ressaltou que a BM já havia detectado que a RBS é um dos locais visados para depredações. O possível ataque a empresas de comunicação foi inclusive debatido durante encontro realizado pelo Bloco de Lutas em Defesa do Transporte Público. Na noite de terça-feira, conforme relatos colhidos por Zero Hora, alguns militantes do Bloco de Lutas discutiram na sede do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Processamento de Dados, no centro da Capital, ações violentas — como depredações — que seriam praticadas por uma minoria extremista.

Vários militantes discursaram ao microfone, defendendo a destruição do prédio de empresas de comunicação. Outros propuseram ataques ao Palácio Piratini (sede do governo estadual) e ao Palácio da Justiça, que chegou a ser vandalizado na segunda-feira por manifestantes.

— Não vamos tolerar depredação, principalmente se já soubermos onde e quando ele está programado para acontecer — disse o tenente-coronel Evilom.

Evilom lembrou que outros possíveis alvos também estavam situados na Avenida Ipiranga e por isso a BM agiu. Entre eles, a sede da Polícia Federal (que teve vidros quebrados por vândalos na última segunda-feira) e a sede da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC, que foi depredada em outra ocasião, este ano).

O próprio governador Tarso Genro disse, em entrevista terça-feira, que possíveis alvos de depredação serão protegidos:

— A Brigada vai proteger, sem discriminação, sempre que houver ameaça. Vai proteger o Correio do Povo, a Zero Hora, a sede do PSOL, do PMDB ou de qualquer partido que venha a ser ameaçado.

## Manifestantes se reúnem em frente ao prédio da RBS

Por volta das 21h30min, um grupo de cerca de 20 manifestantes pacíficos reuniu em frente à sede do grupo RBS, na Avenida Erico Veríssimo, reclamou da limitação imposta pela Brigada Militar sobre o avanço do protesto pela Avenida Ipiranga. A interrupção deixou manifestantes, como a corretora de imóveis Eliza Medeiros, revoltados. Segundo ela, a mobilização estava pacífica, sem nenhuma confusão, quando os policiais começaram a intervir:

— Não havia sinal de violência. Foi então que a Tropa de Choque começou a jogar bombas de efeito moral.



**ATAQUE AO BANCO** Unidos de paus, vândalos invadiram agência do Banrisul da João Pessoa

SEGUE >



Anexo 12 – Notícia “Mais uma noite de berros”, do *Diário Gaúcho*, relativa à cobertura do protesto de 20 de junho de 2013.

PORTO ALEGRE, SEXTA-FEIRA, 21/6/2013

DIÁRIO GAÚCHO

3



# Mais uma noite de berros

## RESUMO DA NOTÍCIA

Noite chuvosa não impediu que milhares de manifestantes tomassem as ruas de Porto Alegre. Houve tensão com a BM na Avenida Ipiranga.

**A** noite de quinta-feira reuniu mais gente do que na segunda-feira na região central de Porto Alegre, envolvendo os bairros Azenha e Cidade Baixa. Mesmo com a forte chuva, cerca de 12 mil pessoas marcharam munidas de cartazes, berrando contra inúmeras situações, especialmente as relativas à política. O vandalismo da minoria, que manchou o evento de quatro dias atrás,

também parece ter sido esfriado pela chuva e pela baixa temperatura. Até as 20h20min, apenas dois contêineres haviam sido incendiados: um na Praça Argentina e outro na Praça Porto Alegre, ambos no Centro.

### Na Ipiranga, ação e reação

O momento de maior tensão foi na Avenida Ipiranga, quando parte dos manifestantes tentaram se aproximar do prédio

da Polícia Federal. No local, batalhão de choque da Brigada Militar já estava postado. Para inibir os mais exaltados, foram jogadas bombas de efeito moral por parte dos PMs, muito deles a cavalo. Os manifestantes, muitos gritando contra a imprensa, recuaram de imediato.

### Mais ordem do outro lado

Do outro lado da Ipiranga, onde fica a EPTC, os protestantes pareciam mais ordeiros e não avançaram sobre os policiais. Até o fechamento desta edição, não havia registro de presos e de feridos.

## Cronologia

- **18H** – São, pelo menos, 2 mil pessoas reunidas diante da prefeitura da Capital.
- **18H30MIN** – Líderes definem últimos detalhes, e a marcha se divide em três roteiros.
- **19H** – O primeiro grupo chega à Rodoviária, indo para o túnel. O segundo encontra-se no Camêlódromo, enquanto o terceiro segue no Centro. Alguns lavam a prefeitura, em repúdio ao vandalismo.
- **19H20MIN** – Um grupo passa pela João Pessoa em direção à Avenida Ipiranga. Grupo da prefeitura rumo para a Avenida Salgado Filho.
- **20H** – Encontro deste grupo com o que está na João Pessoa. Pelotão que estava na João Pessoa rumo pela Ipiranga em direção à Avenida Erico Veríssimo.



Manifestante passou mal e foi salvo por guardas



Cartolinas resistem à chuva na Capital

FOTOS ADRIANA FRANCIOSI

## Pedido, agora, é de tarifa zero

Uma carta pública foi lida no DCE da UFRGS enumerando a pauta do Bloco de Lutas pelo Transporte 100% Público, ou seja, tarifa zero. O movimento concedeu uma entrevista coletiva ontem após encontro com o governador Tarso Genro.

Outros pontos que definem a luta: abertura das contas das empresas de transportes, passe livre para estudantes, aposentados e desempregados, além da retirada imediata de inquéritos movidos contra manifestantes e também contra os altos investimentos na Copa do Mundo.



Anexo 13 – Notícia “Debaixo de chuva, ato tem 20 mil nas ruas e novo confronto violento com Brigada Militar”, do *Sul21*, relativa à cobertura do protesto de 20 de junho de 2013.

21/jun/2013, 3h50min

## Debaixo de chuva, ato tem 20 mil nas ruas e novo confronto violento com Brigada Militar

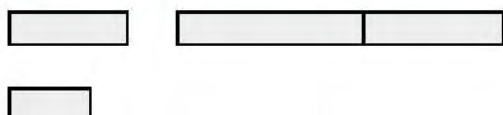


Foto: Bernardo Jardim Ribeiro/Sul21

**Samir Oliveira, Iuri Müller, Igor Natusch, Débora Fogliatto, Rachel Duarte, Bernardo Jardim Ribeiro e Ramiro Furquim**

A manifestação desta quinta-feira (20) em Porto Alegre reuniu pelo menos 20 mil pessoas numa noite de forte chuva e terminou em novo confronto no Centro. Em uma manifestação heterogênea, onde ficou clara a diferença de visão entre diferentes grupos, ocorreram confrontos também na Ipiranga – onde a Brigada Militar atuou para impedir que manifestantes se aproximassem do prédio do jornal Zero Hora – e na Lima e Silva, entre outros pontos.

No início, por volta das 18 horas, a marcha estava bastante desorientada. Enquanto um grupo liderado por organizadores do Bloco de Luta Pelo Transporte Público seguiu pela Avenida Júlio de Castilhos e passou por dentro do túnel da Conceição, outro contingente ficou algum tempo parado em frente à Prefeitura, dando pequenos passos em direções opostas.

Os gritos mostravam a disputa do rumo inicial: o Palácio Piratini ou a subida pela Avenida Borges de Medeiros – que acabou sendo vitoriosa. A caminhada seguiu até o viaduto com a rua Duque de Caxias, na avenida Salgado Filho. Neste momento, ninguém entendia porque todos pararam. Relatos davam conta de que, na linha de frente, alguns militantes discutiam entre si sobre seguir pela Avenida João Pessoa ou rumar até o Palácio Piratini.



Foto: Bernardo Jardim Ribeiro/Sul21

A decisão acabou sendo por marchar pela avenida João Pessoa até a Ipiranga. Na altura do viaduto entre a Duque de Caxias e a João Pessoa, os dois grupos voltaram a se reunir. Assim como no último ato, os manifestantes seguiram em relativa harmonia por esse caminho, recebendo bastante apoio de moradores nas janelas dos edifícios. Em termos de gritos de protesto, a manifestação desta quinta-feira ficou ainda mais difusa do que a anterior. Os coros de "vem para a rua, vem contra o aumento" se confundiam com os de "vem para a rua, vem contra o governo". E o apego a bandeiras do Brasil e do Rio Grande do Sul – bem como de seus hinos – também ficou bastante evidenciado.

Cartazes com críticas a todos os partidos políticos eram comuns, assim como o constrangimento a militantes partidários. Logo no início da marcha, ainda em frente à prefeitura, ouvia-se o grito para que se abajassem as bandeiras de partidos. O apelo foi respondido com berros de: "sem fascismo!".





Foto: Ramiro Furquim/Sul21



Foto: Ramiro Furquim/Sul21

#### Outra vez, manifestação não avança na Avenida Ipiranga

Ao chegar na Avenida Ipiranga, a manifestação foi novamente reprimida pela Brigada Militar com bombas de gás lacrimogêneo, de efeito moral e balas de borracha. O mesmo havia ocorrido na segunda-feira, quando as tropas policiais também cerraram fileiras nas vias para impedir que a marcha seguisse até a sede do Grupo RBS.

Em seu perfil no Twitter, a empresa afirma que era "alvo declarado de ataques" e que no prédio de *Zero Hora* e da *Rádio Gaúcha* dezenas de pessoas trabalham à noite. Em um diálogo com movimentos sociais e manifestantes na tarde desta quinta-feira (20), o governador Tarso Genro (PT) foi questionado sobre a proteção que a Brigada estaria dando à RBS e respondeu: "A Brigada vai proteger, sem discriminação, sempre que houver ameaça. Vai proteger o *Correio do Povo*, a *Zero Hora*, a sede do PSOL, do PMDB ou de qualquer partido que venha a ser ameaçado".





Foto: Bernardo Jardim Ribeiro/Sul21

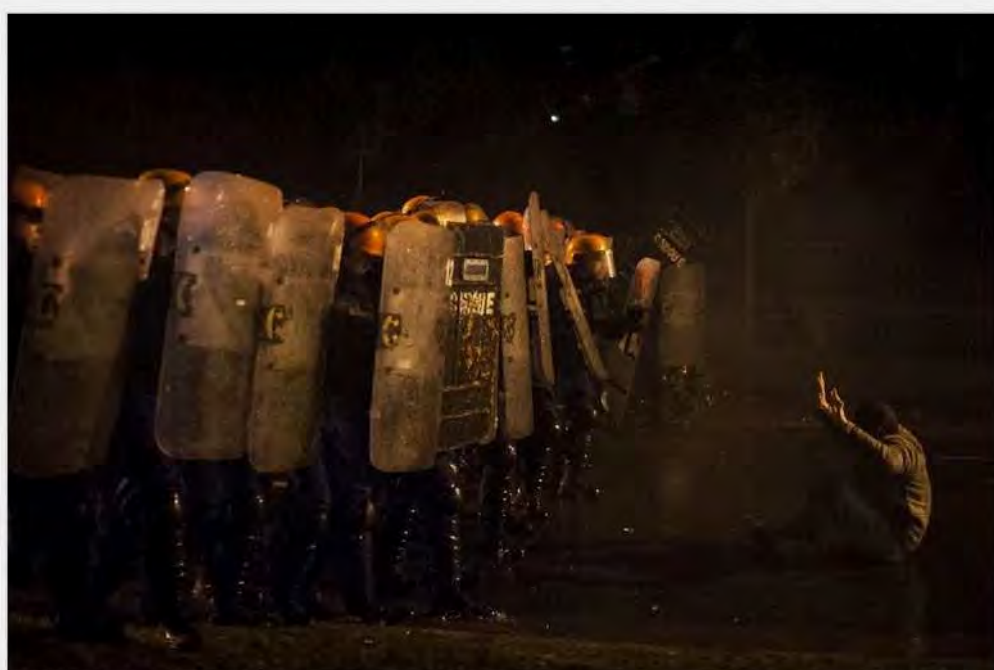


Foto: Ramiro Furquim/Sul21

#### **Da Avenida Ipiranga para o Centro; de um confronto para outro**

A chegada dos manifestantes à Avenida Ipiranga foi o desfecho de uma marcha com episódios anunciados. Como na última segunda-feira (17), a caminhada não pôde ultrapassar as cercanias do Grupo RBS, ponto em que a Brigada Militar, que até então não havia sido protagonista em nenhum momento da marcha, entrou em confronto com manifestantes. As primeiras bombas estouraram depois que milhares de ativistas entraram na Ipiranga e dobraram à direita – a partir daí, não foi possível avançar.

Muitos, no entanto, permaneceram nas quadras próximas ao confronto mantido por policiais militares e alguns manifestantes. Alguns buscavam reunir o maior número possível de militantes para garantir a resistência dos que

estavam na parte dianteira; outros acreditavam que o bloqueio seria furado e que, quem sabe agora, seria possível marchar até a sede do Grupo RBS. O entrave permaneceu por mais de uma hora, tempo no qual mais uma vez houve forte conflito entre forças policiais e manifestantes. Inevitavelmente, também fez com que a multidão se dispersasse em busca de outros destinos. "Hoje não houve nada. A polícia começou a atirar, não tem nem como justificar", gritava um manifestante que molhava com vinagre um pano que levava ao rosto.



Foto: Ramiro Furquim/Sul21

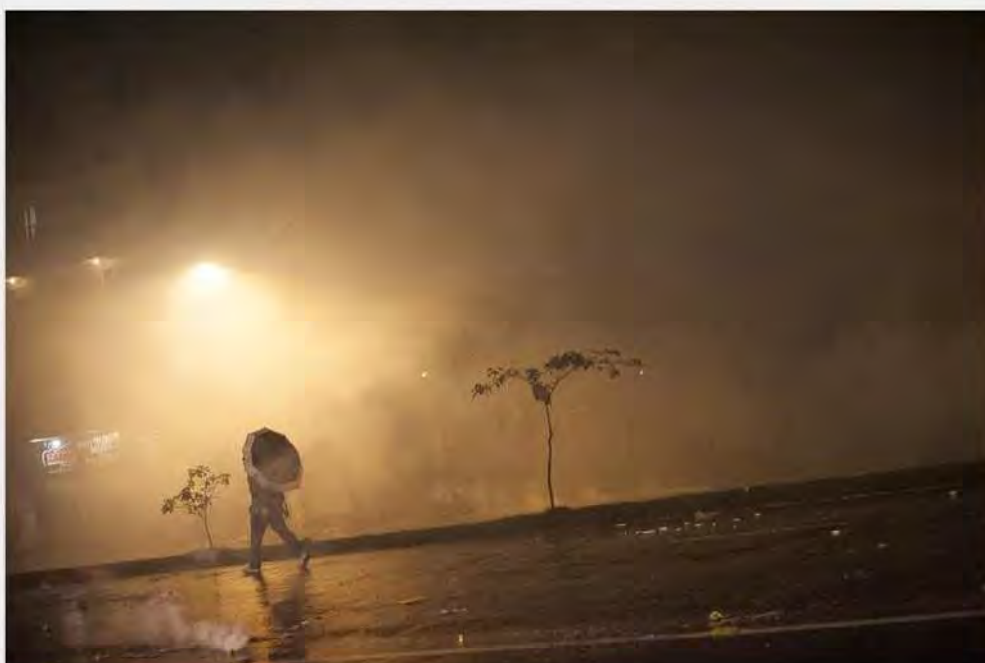


Foto: Ramiro Furquim/Sul21

Os focos de tensão na Avenida Ipiranga incluíram, como numa repetição do que foi visto há menos de uma semana no mesmo lugar, a utilização de bombas de gás lacrimogêneo e de efeito moral, além de persistentes disparos de balas de borracha. Manifestantes que resistiam chegaram a erguer uma barricada com tapumes na esquina com a Rua Lima e Silva, mas lentamente todos foram tomando as ruas que levavam ao Centro de Porto Alegre. Por volta das 22 horas, já era grande o número de pessoas que voltava a se aglomerar em pontos centrais, como a Avenida Borges de Medeiros e



a Praça Montevideu, onde fica localizado o prédio da Prefeitura de Porto Alegre.

Quando um grupo aguardava por definição no alto do Viaduto Otávio Rocha, mais bombas. O objetivo era evitar acesso ao Palácio Piratini e à Assembleia. Surgiu um grito entre os presentes, direcionado aos prédios ao redor. "Quem apoia pisca a luz!", cantavam, de forma ritmada. Vários moradores corresponderam ao apelo.

Com a nova concentração na Prefeitura, era como se o protesto tivesse se reiniciado, mais de quatro horas depois do início da chegada dos manifestantes. Milhares se juntavam outra vez, maltratados pela chuva, pela longa caminhada e pelos efeitos do gás lacrimogêneo. A Brigada Militar, que já ocupava o local mesmo antes do fim do confronto na Avenida Ipiranga, se posicionava em pontos estratégicos e mantinha certa proximidade dos manifestantes. Em alguns momentos, houve quem atacasse lojas e bancas na Avenida Borges de Medeiros, o que causou fortes investidas por parte da polícia. Mais tarde, entretanto, o conflito seria ainda maior, e o Largo Glênio Peres mais uma vez cenário de uma batalha campal.



Foto: Bernardo Jardim Ribeiro/Sul21

### **Brigada Militar expulsa manifestantes do Largo Glênio Peres e protesto se perde pelas ruas**

Perto das 23h, a situação entre policiais e manifestantes mudou de tom. Ativistas quebraram vidraças de bancos na Avenida Borges de Medeiros com pontapés, e tentaram evitar a aproximação da Brigada Militar com o uso de rojões. No entanto, a força policial passou a espalhar o seu contingente por todos os acessos Mercado Público. Em poucos minutos, o Largo estava inteiramente cercado. Pessoas que antes esperavam pela volta do serviço do transporte público nos terminais do Centro tentavam escapar da região, mas policiais bloquearam diversas das ruas – com armas nas mãos, impediam qualquer um de passar o bloqueio.

O confronto aberto já parecia questão de tempo quando a cavalaria da Brigada Militar desceu a galope a Borges de Medeiros, via pela qual passava também a tropa de choque. Durante vários minutos, dezenas de balas de borracha foram disparadas para dispersar a manifestação que ainda permanecia no Largo. A saída da maioria, que corria em desespero para escapar da violência, se deu pela Rua Voluntários da Pátria. Policiais perseguiram ativistas por outras passagens do Centro, mas por volta da meia-noite o confronto arrefeceu – no entanto, o tamanho da batalha pôde ser imaginado por quem passou pela Borges de Medeiros no início da madrugada. Havia munição, estilhaços, lixo queimado e trapos que antes foram bandeiras pelo chão.



Foto: Michel Cortez/Especial Sul21



Foto: Michel Cortez/Especial Sul21

Durante o enfrentamento, ao menos dezoito manifestantes foram detidos pela polícia gaúcha. Novamente, houve quem relatasse ações de violência desmedida por parte da Brigada Militar, principalmente nos episódios que tiveram lugar na Avenida Ipiranga e as proximidades do Largo Glênio Peres. Diversas agências bancárias foram quebradas, bem como pequenas e grandes lojas. A sede do Partido dos Trabalhadores, situada na Avenida João Pessoa, também sofreu ataque.

#### **Militantes denunciam ataque das forças policiais sobre o movimento**

Minutos antes do início do protesto desta quinta-feira, o Bloco de Lutas Pelo Transporte 100% Público concedeu uma entrevista coletiva para denunciar a perseguição que o movimento vem sofrendo por parte das forças policiais do Rio Grande do Sul e do governo federal. A sede da Federação Anarquista Gaúcha (FAG) – uma das forças que compõe o Bloco – foi invadido pela Polícia Federal na tarde desta quinta-feira, quando não havia nenhum militante no local.





Foto: Ramiro Furquim/Sul21

Além disso, Lorena Castillo, militante da FAG, relata que foi perseguida por agentes à paisana nos arredores do seu apartamento. "Espaços de organizações sociais e populares estão sendo visitados pela Polícia Civil e pela Polícia Federal. Denunciamos ao país inteiro o risco que nossa militância está sofrendo por parte de uma investida e sabemos que a responsabilidade política por essa criminalização é do governo dos trabalhadores de Tarso Genro", disse.

Na entrevista, os ativistas também manifestaram indignação diante de uma reportagem do jornal *Zero Hora* que afirmava que "anarquistas internacionais" forneciam treinamento de guerrilha para integrantes do movimento em Porto Alegre. "A criminalização e perseguição de diversos ativistas está se acentuando. E uma grande confusão em relação à pauta que

defendemos está sendo criada pela mídia e pelo governo", resume Matheus Gomes, militante do PSTU.

Também na entrevista, o grupo fez questão de ler a **nota que havia sido divulgada nesta quarta-feira pelo Bloco.**

## Anexo 14 – Notícia “Reivindicar”, de Zero Hora, relativa à retrospectiva das manifestações 2013.

8

TERÇA-FEIRA, 31 DE DEZEMBRO DE 2013

O QUE APRENDEMOS  
COM 2013  
ZERO HORA

# REIVINDICAR

Iniciada em Porto Alegre, a onda de manifestações no país mostrou o poder da mobilização popular diante do sistema político

CARLOS GUILHERME FERREIRA

O poder emana do povo, escreveu há mais de 250 anos o filósofo Jean-Jacques Rousseau. Pois esse foi o grande aprendizado em 2013. O ensinamento se forjou nas vozes das ruas e nas redes sociais, catalisado por um sentimento de “basta” diante de mazelas há muito conhecidas e igualmente ignoradas. Como bem gritaram os manifestantes de junho, o gigante acordou, de surpresa. Fez-se ouvir e rendeu frutos até então inimagináveis, como um Congresso atilado no manejo de temas polêmicos, afimado com o clamor popular.

O 2013 com ar diferente começou a tomar forma a partir da insatisfação com a tarifa do transporte público. Reajustada pelas prefeituras, a passagem mais cara encontrou a já tradicional resistência dos movimentos de cunho social. Desta vez, eles obtiveram ressonância quando foram às ruas reclamar. Em Porto Alegre, o chamado Bloco de Luta pelo Transporte Público conquistou a adesão de quem jamais tinha ouvido falar do grupo. Os manifestantes marcharam pela cidade, em diferentes oportunidades, cada vez com mais gente.

Com as passeatas, veio a lição de que o poder público cede ao ser pressionado pela massa. Elevada a R\$ 3,05 em 21 de março, a tarifa dos ônibus da Capital caiu novamente para R\$ 2,85 no dia 4 de abril. Sofreria nova queda em 3 de julho, quando o prefeito José Fortunati assinou decreto no valor de R\$ 2,80 – obtido, segundo a prefeitura, por meio de renúncia fiscal.

Em outras capitais, aconteceu movimentação semelhante. Em São Paulo, o Movimento Passe Livre e os manifestantes forçaram o prefeito Fernando Haddad a engolir as próprias palavras – ele garantiu ser impossível reduzir a passagem. Haddad e o governador Aklemin capitularam por R\$ 0,20 a menos em 19 de junho, de forma inédita, em conjunto com o governo do Rio de Janeiro.

Aquela altura, mexer na tarifa já se revelava insuficiente para acalmar as ruas. Um bordão, agora famoso, resume o momento: “Não é só por 20 centavos”. E quem gritava? Estudantes, profissionais liberais, trabalhadores do comércio, professores, gente de todas as classes. Uma massa heterogênea capaz de surpresas como a marcha pela Esplanada dos Ministérios, em 17 de junho, e a ocupação do teto do Congresso

Nacional. Era o povo acima do poder, literalmente. Chegou lá por meio de novas formas de organização, da quebra de paradigmas. Manifestantes se organizavam pelas redes sociais, combinavam o desenrolar dos atos em tempo real. Amparavam-se em celulares e, com eles, narravam ao vivo os protestos. Houve quem, solidariamente, liberou o sinal da internet sem fio de casa para servir à marcha nas ruas.

Dai surgiu o fortalecimento de mídias alternativas e, ao mesmo tempo, uma necessidade de revisionismo da imprensa. Enquanto iniciativas como a Mídia Ninja mostravam ser possível transmitir uma manifestação em tempo real e em formato alternativo, jornais, rádios, TVs e sites se reinventavam.

### Das ruas, veio a pressão

Se dá para conquistar uma mudança, por que não outras? A avalanche inicial de reivindicações acabou organizada em alguns pontos principais, como o veto à Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 37, que limitaria o poder de investigação do Ministério Público, e a destinação dos lucros do petróleo da camada pré-sal à educação. Também se exigiu a saída imediata do senador Renan Calheiros da presidência do Congresso – o que não aconteceu –, além da transformação da corrupção em crime hediondo.

Ou seja, a coisa ficou séria. Levantamento da Confederação Nacional de Municípios (CNM) apontou, só em 20 de junho, manifestações em 438 cidades, de todos os portes. Na noite seguinte, lá estava a presidente Dilma Rousseff em cadeia de rádio e TV.

– As manifestações desta semana trouxeram importantes lições: as tarifas baixaram, e as pautas dos manifestantes ganharam prioridade nacional. Temos que aproveitar o vigor destas

manifestações para produzir mais mudanças, que beneficiem o conjunto da população brasileira.

No discurso, ela anunciou medidas alinhadas com a pauta das ruas e a decisão de trazer profissionais de saúde do Exterior, o que viria a se tornar o programa Mais Médicos. Reunida com os ministros, propôs um plebiscito para decidir sobre a formação de uma Constituinte (órgão colegiado que tem como função redigir ou reformar a Constituição) para executar uma reforma política. Desistiu no dia seguinte, em um episódio exemplar para entender a pressão por respostas rápidas dos governantes.

Aconteceu parecido com o Congresso Nacional. Escaldados pelo povo sentado no teto do Legislativo, deputados e senadores encerraram junho em ritmo frenético. No dia 25, os deputados votaram a rejeição da PEC 37 e a destinação dos royalties



Manifestações contra aumento da tarifa de ônibus começaram em Porto Alegre e ins

A força das ruas começou a tomar forma a partir da insatisfação com a tarifa do transporte público e logo inclui outras causas

### OS FATOS

#### 25 DE MARÇO

O primeiro dia com valor da tarifa elevada para R\$ 3,05 é marcado por protestos nas ruas de Porto Alegre.

#### 27 DE MARÇO

A prefeitura de Porto Alegre é atacada com pedras, bolas de gude, tinta e frutas em manifestação.

#### 1º DE ABRIL

Porto Alegre vive um histórico dia de efervescência com protesto que reúne milhares de pessoas nas ruas do Centro.

#### 4 DE ABRIL

Em mais um dia de protestos, milhares de manifestantes comemoram. Uma linha reduz a tarifa para R\$ 2,85.

#### 6 DE JUNHO

Porto Alegre inspira protestos em São Paulo, onde manifestação acaba em confronto com a polícia e cenas de vandalismo.

#### 13 DE JUNHO

Impulsionado em São Paulo voltam as ruas ganham força





piraram protestos no resto do Brasil



Ocupação das rampas e da área das cúpulas no Congresso Nacional foi uma das imagens do ano

do petróleo, e os senadores aprovaram a corrupção como crime hediondo no dia 26, na hora do jogo do Brasil com o Uruguai. Em menos de 24 horas, parlamentares apreciaram temas engatados há anos nos escaninhos de Brasília. Deixaram de lado as próprias convicções para atender ao clamor popular, e o exemplo aparece na PEC 37, apoiada pela maioria absoluta dos deputados antes dos protestos. Terminou derrubada por 430 votos, com nove favoráveis e duas abstenções.

### A violência da minoria

O Congresso temia por uma bomba-relógio que, afinal, acabou detonada sem danos ao Parlamento. Porque, nas ruas, houve sangue. Uma minoria transformou em frequentes os confrontos com as forças policiais, seja em Porto Alegre ou no Rio, em São Paulo e em outras capitais, a despeito da maioria pacífica. A polícia respondeu e, por vezes, passou da conta, o que aumentou a ira dos manifestantes pacíficos:

– Sem violência! Sem violência!

Para o jornal espanhol El País, a tropa policial "perdeu o controle em São Paulo". Levantamento da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) indicou 53 ataques a 52 jornalistas, durante a cobertura, e seis foram presos.

Nesse cenário de caos, máscaras e vinagre surgiram como alternativas para suportar as bombas de gás lacrimogêneo. Pessoas detidas pelo porte da substância renderam paródias como *V de Vinagre*, em referência ao filme *V de Vingança*. Um personagem virtual, o Anônimo, dominou a internet e o asfalto com sua máscara disseminada de forma ampla. Não raro, apareceu em meio a distúrbios como a invasão da Assembleia Legislativa do Rio, em 17 de junho, quando houve princípio de incêndio e violento confronto com a tropa de choque. Eram os chamados Black bloc, grupos que reúnem mascarados e vestidos de preto, com orientação anarquista, responsáveis por alguns dos quebra-quebras nas ruas.

Houve mais elementos políticos nos protestos além da presença de grupos como os anarquistas. Durante as passeatas, militantes de partidos foram escorraçados. Abriu-se uma brecha para debates sobre fascismo, golpe de Estado, direita ou esquerda, radicalismos. Enfim, discutiu-se o modelo político do país.

O saldo representou nova oportunidade de aprendizado aos brasileiros: o valor da democracia e o amadurecimento das instituições. Houve episódios como a ocupação da Câmara

de Vereadores pelo Bloco de Luta, na Capital, e a Greve Geral de 11 de julho. O grosso da população repudiou atos violentos. No discurso em rádio e TV, Dilma mostrou ter compreendido essa lógica:

– Eu quero dizer a vocês que foram pacificamente às ruas; eu estou ouvindo vocês.

Dilma também escutou vaia. Na abertura da Copa das Confederações, em 15 de junho, ela e o presidente da Fifa, Joseph Blatter, sofreram com a rejeição de mais de 60 mil pessoas nas arquibancadas do Estádio Mané Garrincha, reformado para a Copa de 2014 por um custo superior a R\$ 1 bilhão – bancado quase na totalidade pelos cofres públicos. Blatter tentou contemporizar, ao microfone no Mané Garrincha:

– Respeito ao fair play, por favor.

Os protestos caminharam lado a lado com a Copa das Confederações, ocuparam os arredores dos estádios. Assustaram seleções estrangeiras e a Fifa, preocuparam ícones como Pelé. Em 19 de junho, ele declarou:

– Vamos esquecer toda essa confusão que está acontecendo no Brasil, todas essas manifestações, e vamos pensar que a Seleção é o nosso país.

Dois dias depois, no protesto em Três Corações, interior mineiro, a estátua de Pelé recebeu uma mordida. Os tricardianos não perdoaram o contêrraneo mais ilustre. Bolaram um cartaz no qual se lia "Pelé não me representa". No mesmo 19 de junho da fala desastrada de Pelé, a Seleção enfrentou o México, em Fortaleza. O protocolo da Fifa prevê a execução parcial dos hinos nacionais, e assim aconteceu com o do Brasil. Mas a torcida, primeiro de forma tímida, seguiu cantando sem a melodia. Partiu do verso "Ó pátria amada, idolatrada, salve, salve" e protagonizou um espetáculo de arrepiar. Quebrou-se mais uma vez o protocolo – e os protestos foram, afinal, uma imensa quebra de protocolo.

Claro que o exemplo se repetiu nas partidas seguintes, até a final, quando mais de 70 mil entoaram o Hino Nacional do início ao fim, a capela, no Maracanã. Uma catarse coroada com o título sobre a campeã do mundo, Espanha. E que, meio sem querer, encontrou sentido em uma frase pós-título do técnico Luiz Felipe Scolari. Felipão falava da Seleção, de Fred, Neymar e companhia, mas poderia se referir ao 2013 de aprendizado dos brasileiros, especialmente daqueles que tomaram ruas e avenidas:

– Tínhamos que ganhar para nos sentirmos grandes.

cartas.fernira@zerozero.com.br

## 66 DAS RUAS

*Não é só por 20 centavos.*

*Não tenho partido, mas tomo partido nessa causa.*

*Desculpe o transtorno, estamos reformando o Brasil.*

*Protesto não é crime.*

*A aula hoje é aqui. O tema? Cidadania.*

*Sai do Facebook e vem junto.*

*Ser gay não é doença. Eu te aceito Feliciano.*



#### 10

pelos protestos manifestantes de Porto Alegre, e protestos no Rio.

#### 15 DE JUNHO

O país ganha manifestações contra os gastos da Copa. No Estádio Mané Garrincha, Dilma Rousseff é vaiada.

#### 17 DE JUNHO

Em Brasília, manifestantes invadem a rampa do Congresso Nacional, ocupando uma das cúpulas do prédio.

#### 19 DE JUNHO

Em meio a protestos e distúrbios sucessivos de violência nas ruas, Rio e São Paulo reduzem tarifa.

#### 21 DE JUNHO

Em pronunciamento, Dilma fala em preocupação com a imagem do Brasil no Exterior e medidas para combater a corrupção.

#### 24 DE JUNHO

O confronto entre grupos de vândalos e policiais militares espalha pânico no região central de Porto Alegre.



Anexo 15 – Notícia “Povo toma as ruas, berra e consegue benefícios”, do *Diário Gaúcho*, relativa à retrospectiva das manifestações 2013.

## POVO TOMA AS RUAS, BERRA E CONSEGUE BENEFÍCIOS



“O Gigante acordou.” A frase sintetiza bem o movimento que tomou as ruas das principais cidades brasileiras. Reunidos a partir das redes sociais, centenas de milhares de jovens demonstraram sua indignação. Inicialmente, contra o aumento das tarifas dos transportes coletivos (na maior parte dos casos, um reajuste

de R\$ 0,20). Depois, o movimento foi crescendo, e outros alvos foram surgindo: corrupção, falta de investimentos em áreas como a saúde e a educação, gastos excessivos com obras para a Copa do Mundo...

O ápice do movimento foi em junho, mês da Copa das Confederações. Porém, quatro meses antes, em Porto Alegre, já

era plantada a semente: em fevereiro, jovens saíram às ruas para protestar contra um iminente reajuste nas tarifas.

### ● Reduções de tarifas em cascata

As manifestações foram ganhando corpo, e as conquistas, aparecendo.

Principalmente depois que foi anunciado o aumento no valor da passagem, de R\$ 2,85 para R\$ 3,05. As vozes das ruas e das redes sociais, apoiadas por uma liminar judicial, conseguiram provocar a primeira reversão do aumento. Em efeito cascata, diversas capitais e cidades do Interior reduziram os valores.



## Baderneiros aproveitam para fazer vandalismos

À medida que o movimento crescia pelo país, surgiam ações e reações polêmicas. Radicais infiltravam-se nas manifestações, pregando e praticando atos de vandalismo. Disso, surgiu o grupo indetectado como Black Blocs. De outra parte, em muitas cidades, a polícia reprimia as ações com vigor considerado exagerado.

A repercussão do atos,

TADEU VILANI



no país e no Exterior, levou as autoridades a adotarem medidas para atender às reivindicações. No Congresso, foi aprovado o projeto que trata a corrupção como crime hediondo.

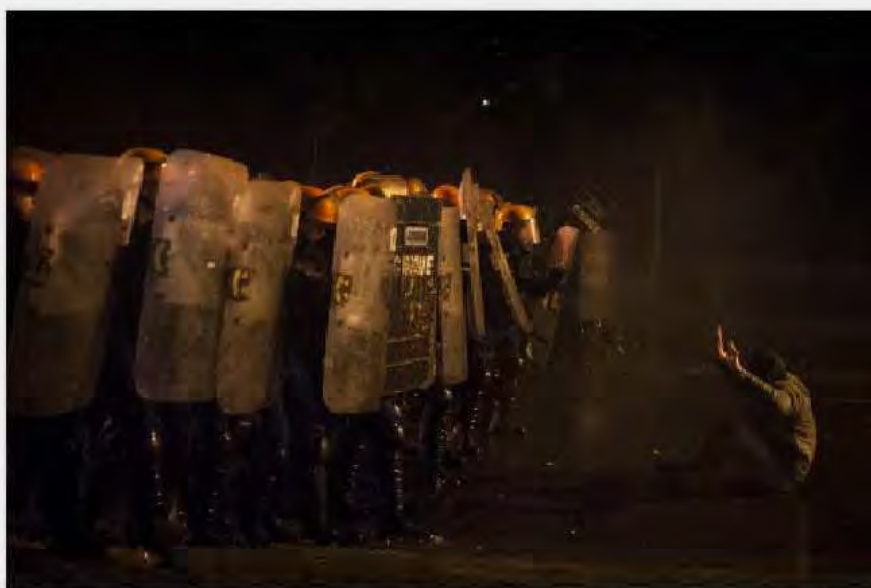
Também foi arquivada a Pec 37, que limitava o poder investigatório do Ministério Público, e proibidas as votações secretas nos casos de cassação de mandatos. Governos estaduais e prefeituras voltaram a praticar os preços antigos das passagens.



Anexo 16 – Notícia “Retrospectiva dos protestos em Porto Alegre: 2013, o ano que não terminou”, do *Sul21*, relativa à retrospectiva das manifestações 2013.

25/dez/2013, 12h15min

## Retrospectiva dos protestos em Porto Alegre: 2013, o ano que não terminou



Junho registrou fortes confrontos entre Brigada Militar e manifestantes nas ruas de Porto Alegre | Foto: Ramiro Furquim/Sul21

### Samir Oliveira

A expressão “1968: o ano que não terminou” ficou eternizada no título do livro homônimo publicado pelo jornalista Zuenir Ventura em 1989, que analisa, 21 anos depois, um dos períodos mais turbulentos da segunda metade do século XX. Agora, a mesma expressão vem sendo utilizada por amplos setores políticos e sociais para caracterizar 2013. Para muita gente, o ano em que dezenas de milhões de brasileiros saíram às ruas não terminará no dia 31 de dezembro.



Primeiro protesto ocorreu no dia 21 de janeiro e

O movimento (in)tenso das ruas se tornou evidente no mês de junho, quando as manifestações ocorreram de forma desorganizadamente coordenada em todo o país. Mas em Porto Alegre, os ingredientes para a ebulição já estavam sendo preparados desde janeiro. Neste mês, foi organizado o Bloco de Luta pelo Transporte Público, coletivo que reúne militantes de diversas organizações de esquerda, como partidos políticos (PSOL, PSTU e PT – na época), grupos anarquistas e outros movimentos.

No dia **21 de janeiro**, não mais que 200 pessoas percorreram em marcha o Centro da capital gaúcha com

reuniu pouco mais de 200 pessoas | Foto: Ramiro Furquim/Sul21

uma única pauta expressa nos gritos, nas faixas e nos cartazes: a tentativa de barrar o aumento da passagem de ônibus, que subiria de R\$ 2,85 para R\$ 3,05. No dia **18 de fevereiro**, um novo ato foi realizado, com as mesmas proporções e características.

Entretanto, à medida em que os acontecimentos se desenrolavam nas instâncias responsáveis pela efetivação do reajuste, a causa ia adquirindo respaldo social. No dia **21 de março**, o **Conselho Municipal de Transporte Urbano (COMTU) aprovou o aumento de 6,51% na tarifa**. E o protesto seguinte, realizado no dia **28**, foi o **maior até aquele momento**, com quase mil pessoas nas ruas.

Também foi neste ato que uma parte dos manifestantes tentou entrar na sede da prefeitura e jogou tinta no secretário de Governança César Busatto (PMDB). Na mesma noite, uma militante do PSOL foi detida dentro da prefeitura e encaminhada ao Palácio da Polícia – o que ocasionou uma marcha até o local para exigir sua libertação.

#### Cinco mil nas ruas em abril

Junho chegou mais cedo em Porto Alegre. No dia **1 de abril**, **cerca de cinco mil pessoas ocuparam as ruas da cidade** para exigir a diminuição da tarifa de ônibus. O ato foi o maior na cidade até aquele momento e não registrou nenhum confronto entre policiais e manifestantes – característica que só passaria a se cristalizar de forma contínua na cidade a partir da metade de junho.



Dia 1 de abril registrou mais de cinco mil pessoas em marcha contra o aumento da passagem de ônibus | Foto: Carlos Eduardo de Quadros

O próximo ato ocorreu no **dia 4 de abril e se transformou em uma festa na chuva**, pois os manifestantes comemoravam a derrubada do aumento para R\$ 3,05 na Justiça. Uma ação movida pela bancada do PSOL na cidade foi acatada pelo Judiciário e fez a passagem retornar a R\$ 2,85.

Com isso, a bandeira de redução da passagem para R\$ 2,60 passou a ser empunhada com mais força pelos ativistas. **O protesto do dia 11 de abril levou pelo menos mil pessoas até a sede da Associação dos Transportadores de Passageiros (ATP)** – que reúne os empresários que operam o transporte público em Porto Alegre – para denunciar a ausência de licitação no setor. Na ocasião, os vidros da fachada da entidade foram quebrados, mas não houve confronto com a polícia.

#### Em maio, luta contra o corte de árvores

No mês de maio, a pauta do transporte público acabou se



esvaziando, mas a cidade continuou vivendo dias de protestos. Embora menos numerosas que os anteriores, duas manifestações exigiram a interrupção do corte de dezenas de árvores em frente à Usina do Gasômetro. A medida era defendida pela prefeitura para a duplicação de uma avenida, em função da Copa do Mundo de 2014.

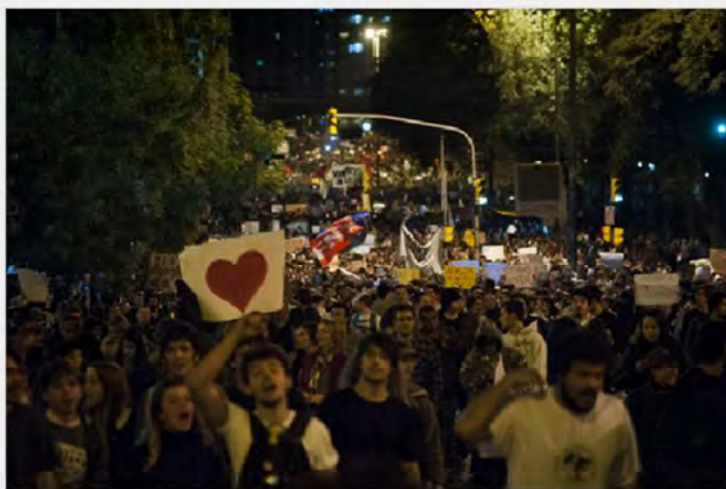
Nos dias **20** e **27** de maio, não mais que 200 pessoas se mobilizaram nas ruas em torno desta pauta. E na **madrugada do dia 29 de maio**, a Brigada Militar desmantelou um acampamento que resistia contra o corte das árvores e prendeu seus integrantes. A ação possibilitou o corte das árvores e gerou uma reação imediata do movimento, que realizou um protesto no mesmo dia.



Protestos contra o corte de árvore ocorreram em maio | Foto: Ramiro Furquim/Sul21

#### Junho: 20 mil na ruas e forte repressão policial

O primeiro grande protesto do mês de julho em Porto Alegre **ocorreu no dia 13**. Neste dia, a cavalaria da Brigada Militar acompanhou a marcha pelas laterais e o clima se mostrou tenso desde o início. O confronto aberto ocorreu quando a marcha chegou na Cidade Baixa e as ruas do bairro ficaram repletas de gás lacrimogêneo. Foi o primeiro grande choque entre a Brigada Militar e os manifestantes. A partir daí, os protestos voltaram a ocorrer nos dias **17, 20, 24** e **27** de junho. Todos registraram fortes confrontos com a polícia e, a não ser no último, a presença de até 20 mil pessoas nas ruas. No dia 4 de julho, um ato menor, com não mais de 2 mil pessoas, teve uma proposta diferente: trocar as ruas do Centro de Porto Alegre pela periferia, em uma **marcha no interior da Vila Cruzeiro** contra a remoção de famílias pobres em função das obras da Copa do Mundo de 2014.



20 mil pessoas foram às ruas em junho na Capital | Foto: Ramiro Furquim/Sul21

Os grandes protestos em junho também deixaram claro que o Bloco de Luta já não possuía hegemonia sobre a multidão, tanto em termos de direcionamento físico do trajeto das marchas, quanto em termos de delimitação política das reivindicações. Aliás, ninguém possuía esses domínios. Foi neste período que a pulverização de causas e a ausência de uma organização minimamente tradicional se radicalizaram ao extremo.



Manifestantes enfrentaram bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha | Foto: Ramiro

Também foi neste momento que a aversão aos partidos políticos se tornou evidente e, por vezes, até mesmo agressiva. Havia uma clara disputa pelos rumos políticos das manifestações nos diversos setores que as compunham. Um dos principais embates ocorria em torno da ação dos manifestantes em relação à polícia. Muitos adotavam uma conduta completamente pacifista, entregando flores aos agentes públicos e expressando um bordão bastante utilizado nos protestos: "sem violência!".

Por outro lado, havia grupos que entendiam ser inútil qualquer esforço para tentar comover a polícia ou abrigá-

Furquim/Sul21

dentro do guarda-chuva de causas defendidas pelas ruas. Em alguns momentos, enquanto uma ala entoava o hino rio-grandense, portava bandeiras com símbolos nacionais e dizia que policial é um trabalhador que também é explorado; outro grupo condenava a exaltação patriótica, pedia "amor ao povo, não à bandeira" e, por vezes, dizia que "policial não é peão, é cão de guarda do patrão".

Em junho, todas as instituições foram criticadas e muitas delas foram atacadas simbólica ou fisicamente. Um grande alvo de revolta dos manifestantes foi a mídia tradicional. Isso ficou expresso nacionalmente no repúdio a repórteres que cobriam as manifestações e, em Porto Alegre, durante pelo menos três grandes marchas que se dirigiram até a sede do Grupo RBS – sendo impedidas de se aproximar por um forte aparato da Brigada Militar.

#### A tática Black Bloc se cristaliza e provoca reações

A disputa política pela hegemonia dentro das marchas encontrou um novo caráter a partir do momento em que os protestos foram ficando menos numerosos e, em contrapartida, mais radicalizados. Foi também nesta época que as pessoas que adotam a tática Black Bloc intensificaram suas ações de ataque aos símbolos do capitalismo e do Estado.

As interpretações em torno da adoção desta tática sempre foram diversas e, por vezes, conflitantes – inclusive dentro do próprio Bloco de Luta. Alguns setores entendem que a ação dos Black Blocs convoca a repressão para cima de todos manifestantes, inclusive dos que não compactuam com a tática. Outros entendem que a crítica aos Black Blocs favorece a criminalização dos movimentos sociais e se emparelha ao discurso da imprensa e dos setores políticos conservadores.

Outro fenômeno evidente nos protestos de junho em Porto Alegre foram os saques ao comércio no Centro e na Cidade Baixa. Também sobre ele pairaram diversas interpretações. Os setores políticos conservadores e, por vezes, mesmo parte da esquerda, qualificaram os atos como simples delinquência. Enquanto que outros grupos sugeriam que essas atitudes representam uma reação da

periferia à ausência de acesso aos bens de consumo que somos estimulados pelo capitalismo a obter. Havia, ainda, quem apontasse infiltração de policiais disfarçados para tumultuar de diversas formas os atos.

#### Oito dias de ocupação da Câmara de Porto Alegre

À medida em que os atos nas ruas se tornavam menos numerosos a partir do final de junho, outras formas de mobilização foram emergindo. Uma das mais utilizadas pela população foi a ocupação de diversos espaços como forma de se conquistar reivindicações específicas.

Dezenas de cidades tiveram suas câmaras municipais ou prefeituras ocupadas por manifestantes no país. Em Porto Alegre, **a ação foi promovida pelo Bloco de Luta no dia 10 de julho.**



Black Blocs geraram diferentes análises sobre a tática que empregam | Foto: Ramiro Furquim/Sul21



Câmara de Porto Alegre permaneceu ocupada por oito dias em julho | Por Ramiro Furquim/Sul21



Durante oito dias, os manifestantes permaneceram acampados dentro da Câmara Municipal. A saída ocorreu mediante um acordo envolvendo a presidência do Legislativo e o poder Judiciário. Os ativistas concordaram em desocupar o local **após a elaboração de dois projetos de lei**: garantindo passe livre para estudantes, desempregados, indígenas e quilombolas; e determinando a abertura das contas das empresas que operam o transporte público. Os projetos foram redigidos pelo Bloco de Luta e protocolados por vereadores do PSOL e do PT, mas acabaram engavetados durante a tramitação.

A ocupação da Câmara ainda hoje repercute em Porto Alegre, tanto é que os vereadores da base aliada do governo municipal criaram uma CPI apenas para investigá-la – que ainda está em andamento. Os parlamentares governistas entendem que se tratou de um ataque à democracia e de um desrespeito ao Parlamento. Enquanto a oposição do PT, do PSOL e do PCdoB sustenta que é necessário ouvir os movimentos sociais.

Por parte dos ativistas – muitos deles não identificados com nenhuma sigla partidária ou mesmo opostos a todas elas –, ficou cristalizada a noção de que a ocupação representou um marco histórico de organização horizontal de um movimento político e social. Todas as decisões da ocupação eram tomadas mediante longas e exaustivas assembleias, em que qualquer um poderia se manifestar, sem a necessidade de intermediários ou representantes. Além disso, o grupo se dividiu em diversas comissões para cuidar do cotidiano do movimento em temas como alimentação e segurança.

Outro ponto debatido durante a ocupação foi a presença da imprensa no plenário da Câmara. Em assembleia, o movimento decidiu que os veículos da mídia tradicional não poderiam permanecer no interior da Casa. Essa postura gerou acusações de que a ocupação estaria cerceando a liberdade de imprensa. Em contrapartida, diversos veículos e coletivos jornalísticos puderam acompanhar de dentro os acontecimentos da ocupação, como o Sul21, o jornal Tabaré, a revista Bastião, o Coletivo Catarse, o Jornalismo B e a Mídia NINJA.

Anexo 17 – Carta da diretora de redação “A cobertura das manifestações”, de *Zero Hora*, em 07 de abril de 2013.

2



## Carta da Editora

Marta Gleich - Diretora de Redação

ZERO HORA DOMINGO, 7 DE ABRIL DE 2013

[marta.gleich@zerohora.com.br](mailto:marta.gleich@zerohora.com.br)

[@martaigualch](https://www.instagram.com/martaigualch)

# A cobertura das manifestações

Durante esta semana, fizemos uma autocrítica na Redação. Avaliamos que não cobrimos por todos os lados, na segunda-feira, dia 19, a manifestação que ocorreu no centro de Porto Alegre contra o reajuste nas passagens dos ônibus. Enfatizamos um aspecto – o protesto ocorreu sem violência, diferentemente do anterior – e não outros. Não enfatizamos que a manifestação cresceu muito, nem mostramos quem formava a massa de milhares de pessoas. Recebemos críticas por isso. É uma longa história, que vou tentar resumir em capítulos:

**Episódio 1** – Na manifestação do dia 27 de março em frente à prefeitura, foram quebradas vidraças, veículos da guarda municipal foram danificados e o secretário Cezar Busatto foi atingido com tinta vermelha. Zero Hora estampou na capa, no dia seguinte, a foto de um veículo com vidros quebrados e, numa imagem menor, o secretário.



Uma das repercussões em redes sociais: “A capa de Zero Hora de hoje chega a dar nojo. Diz que foi depredação o que ocorreu ontem no protesto,

e coloca a foto do secretário todo sujo de tinta”. Outra: “Zero Hora pode limitar nosso protesto (exigência de subsídio) chamando-o apenas de depredação, tudo bem, teve, dentre outras coisas bem (mas beeeem) mais importantes”. E mais uma: “Sou contra o subsídio, não é justo que toda a sociedade pague para benefícios de alguns. Acho muito mais justo discutir esse excesso de gratuidades. Mas qualquer protesto que faz o que foi feito ontem perde todo o meu apoio. Quem vandaliza uma viatura não pode reclamar a falta de segurança. Quem quebra o patrimônio público, não pode reclamar que falta dinheiro para saúde. Quem fere quem se dispõe a ter o diálogo do teu protesto, não pode reclamar de decisões técnicas tomadas nos gabinetes!!!”

**Episódio 2** – Na manifestação seguinte, a da segunda-feira, dia 19, o número de participantes chegou a 5 mil, segundo a Brigada Militar. Publicamos na capa uma foto impressionante, da massa nas ruas do Centro. Acreditamos que aquela imagem resumiu muito bem o que aconteceu. Mas – aí vem a autocrítica que fizemos –, a reportagem enfocou predominantemente a ausência de confusão e tumulto, já que no protesto anterior esta tinha sido a tônica. Não reproduzimos adequadamente o crescimento da manifestação, nem demos relevância ao motivo da união daquelas pessoas: o valor da tarifa e a qualidade do transporte. Recebemos críticas, vindas de apoiadores dos protestos. Uma delas: “A chamada do site de ZH imediatamente após o protesto não foi a manifestação, a quantidade de pessoas que lá estiveram, a unidade

construída pelo enorme grupo, ou o caráter justo inseparável das reivindicações. A manchete foi que a mobilização ‘terminou sem confrontos’. É a não-notícia de quem ficou-se, pelo costume institucionalizado, naturalizado, em cobrir manifestações apenas para criminalizá-las”.



Na terça-feira à tarde, dia 2, chamei uma reunião com os editores de Política e de Geral, responsáveis pela cobertura, para avaliar nosso trabalho. Concluímos que, sim, o enfoque correto não era apenas “menos confusão”, era também a grande mobilização e o debate sobre o transporte coletivo. Quem são, o que querem, como se organizam os líderes e manifestantes?

Combinamos que, para o dia seguinte, daríamos visibilidade a este fenômeno que reúne diferentes perfis e grupos. E publicamos esta reportagem:



No texto de Carlos Rollings, mostramos quem são e o que pensam os vários grupos que formam esses protestos. O que não nos impediu de levar chumbo nas redes sociais, de novo. Alguns exemplos: “Primeiro a ZH mete o pau nos manifestantes sendo que os demais veículos falaram totalmente o contrário, claro, vocês não podem ir contra quem larga MUTTA grana aí, depois ficam assoprando a ferida pra não passarem por ruim. Na real, qual a posição de vocês?”

“Zero Hora se fazendo de bonita agora que o protesto tomou corpo. Antes era tudo um bando de baderneiros, vândalos, bandidos”.

Mas também recebemos elogios: “Parabéns pela primeira matéria decente e não tendenciosa que vocês fizeram sobre o aumento de passagens”.

“Parabéns pela matéria do Carlos. Avaliação muito bem feita, apesar de enfatizar o papel dos partidos e dos anarquistas. Eles ainda têm uma posição mais diminuta na conjuntura, tanto os partidos quanto os anarca, mas a avaliação de vocês foi muito mais política do que ideológica desta vez”.

Ok. Não estamos aqui para agradar a todos. Nosso propósito é mostrar todos os lados, para que o leitor tire suas conclusões. Quando erramos, procuramos corrigir. E, mesmo que nem todos acreditem, ouvimos o que os leitores dizem, fazemos autocrítica e auscultamos as redes sociais como mais um elemento para melhorar nosso trabalho.



Onde estamos



Editor: Pedro Chaves - 3218-4332

Editora Assistente: Nereida Vergara - 3218-4333

Confira mais páginas de ZH nas redes sociais no [zerohora.com.br/redessociais](http://zerohora.com.br/redessociais)



Anexo 18 – Notícia “Protesto – Parte 2: Desta vez, menos confusão”, de *Zero Hora*, relativa à cobertura do protesto de 01 de abril de 2013.

24

Geral

ZERO HORA, TERÇA-FEIRA, 2 DE ABRIL DE 2013

geral@zerohora.com.br (51) 3218-4728  
 Editor: Marcelo Ermel marcelo.ermel@zerohora.com.br  
 Produtor: Jaisson Valim jaisson.valim@zerohora.com.br



Segurança reforçada, faixas e ironias contra o valor aprovado pela prefeitura, de R\$ 3,05, marcaram o início da noite

## PROTESTO – PARTE 2

# Desta vez, menos confusão

Coletivos pichados, palavras de ordem e bloqueios marcaram manifestação contra aumento da passagem de ônibus, na Capital

ANDRÉ MAGS e TAÍS SEIBT

A mobilização de estudantes contra o aumento da passagem de ônibus em Porto Alegre, convocada nas redes sociais, tomou conta da Praça Montevideu no fim da tarde de ontem.

Ao contrário da semana passada, porém, transcorreu em relativa tranquilidade, sem confrontos entre policiais e manifestantes – apesar da dimensão aparentemente maior.

Desde as 15h, quando o prefeito José Fortunati se reuniu com representantes da União Estadual dos Estudantes (UEE) e da União Gaúcha dos Estudantes (Uges), a Guarda Municipal já guarnecia a porta principal da prefeitura. Por volta das 16h, a Brigada Militar começou a ocupar as ruas do entorno, com batalhão de choque e policiais a cavalo. Era reflexo da tensão da semana passada.

Um jovem com o rosto coberto, que se apresentou como Mágico Pulhaço, fotografou um por um os policiais do choque que estavam posicionados em frente ao Mercado Público. Do outro lado, na Rua Uruguai, Fabrício Arriens, 28 anos, com uma bandeira do Brasil amarrada no pescoço e um nariz de palhaço, tentava entregar uma cópia da Constituição aos policiais.

— Tenho direito de me manifestar. Se eles me agredirem, estarão agredindo a Constituição – defendeu.

A repercussão do tumulto no protesto anterior, na quarta-feira passada, quando pedras lançadas por manifestantes quebraram vidraças do prédio da prefeitura, era o motivo da expectativa em torno da nova mobilização, que prometia ser ainda mais intensa.

Para quinta-feira, aliás, está prevista nova manifestação em frente à prefeitura, às 18h.

Ontem, as primeiras faixas com palavras de ordem contra o valor de

R\$ 3,05 da passagem surgiram pouco antes das 18h, trazidas pelo estudante de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Lucas Fogaça, militante da juventude do PSTU:

— Nós repudiamos a reunião realizada hoje (ontem) à tarde e não temos nenhuma expectativa de que seja cumprido o que foi prometido.

**Um dos gritos de guerra era “Quem não pula quer aumento”**

Ele se referia às promessas do prefeito de promover um seminário aberto à população para esclarecer como é calculado o preço da passagem, além de permitir que estudantes façam parte da comissão para construir a nova licitação do transporte público.

Quando o relógio digital que fica em frente à prefeitura marcava 18h16min, apitos, cornetas, palmas e gritos de “Mãos ao alto, esse aumento é um assalto” marcaram o início

do protesto. Durante cerca de 20 minutos, os manifestantes ficaram na prefeitura, erguendo faixas, agitando bandeiras de partidos políticos como Psol e PSTU, e de movimentos estudantis. “Quem não pula quer aumento”, gritavam. E pulavam.

Salvo ovos jogados em direção de jornalistas, não houve tumulto. A multidão seguiu em marcha pela Avenida Júlio de Castilhos em direção à rodoviária. Puxada por um carro de som, a marcha convocava a população a integrar o movimento e, de fato, reunia mais alguns adeptos pelo caminho. A ponto de não haver como circular pelo local, sendo a pé.

A multidão ocupou o terminal no Centro Popular de Compras, pichou ônibus e impediu que os veículos partissem do local. Repetiu a dose no ponto final, o Largo da Epatur, mas sem grande confusão.

## Divergência estudantil

A razão principal do repúdio à reunião do prefeito com entidades não eram as promessas em si, mas o modo como foi conduzida. Uma representante do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) teria sido impedida de entrar no encontro.

— Havia uma listagem, todas as representações estudantis foram convidadas a indicar nomes para participar – justifica o tesoureiro-geral da Uges, Pedro Igor Chaves.

Informações de bastidores, porém, dão conta de que as lideranças estudantis presentes seriam de partidos da base aliada do governo, diferentemente do movimento que articulava o protesto marcado para o fim da tarde.

andré.mags@zerohora.com.br  
 taís.seibt@zerohora.com.br



Anexo 19 – Notícia “Jovens unidos por uma causa”, de *Zero Hora*, em 03 de abril de 2013.

34

ZERO HORA QUARTA-FEIRA, 3 DE ABRIL DE 2013

# Jovens unidos por uma causa

CARLOS ROLLSING

Porto Alegre viveu na segunda-feira à noite um histórico dia de efervescência social com o protesto que reuniu milhares de pessoas nas ruas do Centro contra o aumento da passagem de ônibus para R\$ 3,05.

Em tempos de mobilizações que triunfam nas redes sociais, mas fracassam na hora de colocar o pé na rua, o Bloco de Luta pelo Transporte Público provou que ainda persiste uma chama de inconformismo na parcela jovem da população. E, para fazê-la incendiar, é preciso uma causa concreta e que toque o bolso da sociedade, como o custo do transporte coletivo.

Fundado em janeiro de 2012, quando a tarifa em Porto Alegre subiu para R\$ 2,85, o bloco iniciou a atuação com participação majoritária de jovens ligados ao PSOL, PSTU e PT, além de ativistas de orientação anarquista e os chamados coletivos, ensinando o surgimento de grupos paralelos, como o Pula Roleta. No ano passado, a mobilização trouxe dor de cabeça à prefeitura, mas nada comparável ao marco estabelecido no dia 1º de abril de 2013, quando os manifestantes fizeram tremar a elevada que conduz ao Viaduto da Conceição.

“Quem não pula quer aumento”, cantavam, pulavam e transpiravam, seguindo em direção à Rua Sarmento Leite e, literalmente, causando sacolejos na ponte. Conforme a

Brigada Militar, 5 mil pessoas participaram do ato, que durou aproximadamente três horas, arrebanhando para a causa cidadãos sem vínculo partidário.

A crise dos partidos tradicionais é um dos fatores que explicam o crescimento dos movimentos sociais. Jovens de legendas socialistas, caso de PSOL e PSTU e seus braços sindicais, com o acréscimo de anarquistas, conseguiram ocupar o espaço deixado pela falta de credibilidade das instituições.

Outro segredo do bloco é uma espécie de pacto de tolerância. Entre anarquistas e socialistas, há pensamentos distintos. Eles, no entanto, concluíram que precisam uns dos outros para dar mais peso à marcha. Por isso, se concentram no ponto de convergência: a revogação do decreto que elevou a passagem e redução do valor da tarifa. Quanto às divergências, não deixam de expressá-las.

No protesto de segunda-feira, os anarquistas, com os rostos cobertos, iam à frente e, por vezes, estouravam rojões. Uma lixeira foi destruída na Borges de Medeiros. Os demais ativistas, em maioria, alguns portando faixas em defesa do pacifismo, viajavam os companheiros mais exaltados. A resposta não tardou a vir: anarquistas chegaram a chamar os outros manifestantes de “burgueses que dizem ser socialistas”. A união em torno da causa, com alterações nas relações, atribui vivacidade ao bloco. Qualquer detalhe gera debate, contestação e retórica.

No último protesto, havia uma clara preocupação em rechaçar a pecha de “movi-

mento violento”, algo que ganhou corpo após os manifestantes terem depredado o prédio da prefeitura na semana passada. Na saída do túnel da Conceição, na Sarmento Leite, ativistas se apressaram para abrir caminho em meio à multidão. Queriam permitir a passagem de uma ambulância. Com esse espírito, o bloco colheu mais apoios do que atos de repúdio por onde passou. Na Júlio de Castilhos e na Borges de Medeiros, alguns faziam sinais de apoio. Outros apenas olhavam. Das saciadas, aplausos. Foram poucos os xingamentos. As pichações, feitas pelo caminho, não sofreram reprovação.

## Estimativa de 3 mil participantes a mais

As adesões ao bloco cresceram de forma tão exponencial – estima-se que o protesto da semana passada tenha reunido 2 mil pessoas, ante as 5 mil de segunda-feira – que os integrantes de partidos políticos e dos coletivos, que costumam tomar a frente dos atos, estão com um problema para resolver. Muitos dos ativistas, ao chegarem ao Largo Zumbi dos Palmares, onde foi encerrado o ato, passaram a gritar palavras de ordem: “Abaixa a bandeira”, “quinta-feira é sem partido”, “o povo unido não precisa de partido”. Eram manifestações de indivíduos sem vínculo político – ou anarquistas –, que não se sentem representados por PSOL, PSTU e PT. O fato é que o movimento não teria atingi-

do essa proporção sem a atuação de grupos vinculados a partidos. Embora não haja lideranças constituídas, existem os mentores. São os membros das siglas, dos coletivos e dos DCEs que montaram uma eficiente engrenagem para organizar os atos, inclusive com o auxílio de advogados que entram em ação em caso de detenção de algum manifestante. Assembleias ocorrem semanalmente ou quinzenalmente, sempre em lugares diferentes e não divulgados. Lá são decididos o foco dos protestos, os roteiros a serem seguidos e outras pautas relacionadas. O comitê de organização providencia as ferramentas da marcha – como a Kombi que amplificou o som do microfone na segunda-feira.

O grupo de divulgação propagandeia os atos e busca atrair simpatizantes com peças publicitárias nas redes sociais e, sobretudo, na UFRGS e PUCRS. Também há o núcleo de segurança, onde são empregadas táticas que lembram uma guerrilha sem armas, com a definição de caminhos mais seguros a serem percorridos e observação de movimentos das autoridades da segurança pública.

Em meio a um processo de retomada de ebulição social, algo adormecido por anos, há uma certeza: o movimento transcendeu à esfera partidária e ganhou as ruas. Os ativistas devem voltar ao centro de Porto Alegre às 18h de amanhã.

– Quinta-feira vai ser maior – prometem, em cânticos.

carlos.rollsing@zerohora.com.br

Milhares de estudantes tomaram as ruas da Capital protestando contra o aumento da passagem



FOTOGRAFIA: GUSTAVO VIEIRA



**Manifestações extraídas das redes sociais por Zero Hora**

PARABÉNS a todos os presentes na manifestação de ontem! Foi o melhor protesto que vi em muitos anos, sem problemas, sem brigas, e mesmo assim foi ENORME e incrível! Parabéns também a todos que vaiaram as bombas que alguns infelizes insistiam em jogar. SIGAMOS NA LUTA!

#orgulho de gente que luta pelos seus direitos sem agressões ou quebradeiras. Parabéns a todos!

Essa é minha Porto Alegre, aonde o povo sai nas ruas em busca de direitos.

Fui escondido da minha mãe no protesto, porém ela me viu na TV.

Só acho que deveríamos fazer o protesto de quinta SEM COBRIR O ROSTO!! Muita gente associa isso com o pessoal que depredou na quarta passada. NÃO existe necessidade nenhum de cobrir a cara. Isso acaba só assustando a população e fazendo que percamos apoio!

Não curti aquelas pessoas com bandeiras do PSOL e PSTU no meio do protesto hoje, como se fosse por causa deles, mas sempre tem né.

**Levante Popular da Juventude**

**Assentamento Urbano Utopia e Luta**

**Anarquistas**

**Coletivo Vamos à Luta**

**A CUT Pode Mais**

**DCE UFRGS**

**Defesa Pública da Alegria**

**Coletivo Juntos**

**DCE PUC**

**Anel - Assembleia Nacional de Estudantes Livres**

**PREFEITURA**

**MOVIMENTOS ORGANIZADORES DO PROTESTO PARTICIPANTES**



MARCELA DONINI\*

### “Eu não sou baderneira”

Tenho 30 anos, nasci um antes das Dinotas Jã. Nos anos 90, pintei a cara e corri pra rua com outras crianças do bairro comemorando o fim do aquilo que pouco entendia quando se filava no Calor, na polpança confiscada, nos manjão. Mas só na noite desta segunda-feira vivenciei a força de um movimento popular. Testemunhei que é difícil vencer o povo unido – ou, no mínimo, é difícil ignorá-lo. Poucos dias antes, esse sentimento era expresso batido, um lema utópico, de outras épocas.

Sou usuária de ônibus, estou insatisfeita – para não usar uma palavra impubescível – com o aumento. Admito que ao ler as notícias sobre as primeiras manifestações o fiz com pessimismo e já me conformava em ter de arcar com esse gesto. Acho que não ia dar em nada. Ao ler declarações infelizes e preconceituosas de colegas jornalistas e autoridades, fui ficando ainda mais insatisfeita. Quando vi que uma nova manifestação estava

marcada e que muita gente estava assim, muito insatisfeita, como eu, decidi que iria participar do protesto. Percebi que se tratava de um desejo de grande parte da população e que, se o que estava ao meu alcance era ir pra rua gritar, eu deveria ir.

Quando cheguei em frente à prefeitura, onde uma amiga me aguardava, da me reduziu o medo que senti ao ver tanto policiamento, algo que foi se mostrando desproporcional à medida em que a multidão tomava as ruas. Fizemos cartazes e encontramos as manifestantes na Avenida Salgado Filho. Uma massa barulhenta e pacífica. Eu sei – e vi, na segunda – que tem muito político que pega carona em situações como essa e gente que depreda o patrimônio – e quero deixar claro que repudio qualquer ato de violência. Mas assim é uma manifestação popular, heterogênea. Se um eu dois manifestantes que picham os muros não são ignorados pela imprensa e pelo poder público, muito menos podem ser desconsiderados os milhares de outros

que caminharam pelas ruas defendendo um preço mais justo na passagem e que têm a seu favor o Ministério Público de Contas, que já se manifestou a favor da redução da tarifa. Ou seja, estão longe de ser um bando de ignorantes.

Faço um apelo à prefeitura: que ouça essas pessoas e que cesse as declarações infelizes que incluem a exergar esta, que é uma manifestação popular legítima, com olhos preconceituosos. Eu não sou baderneira, estou muito longe de queimar ônibus ou agredir quem quer que seja e o uso afirmar que está comigo a maioria das pessoas que vi caminhando ou que aplaudiram a passagem das janelas de casa ou veículos.

Ir às ruas para defender uma causa não é “costa de desocupado”, assim como andar de ônibus não é só para “quem não pode pagar R\$ 300 por um show” (como a declaração preconceituosa de um agente da EPTC). Quinta-feira é dia de protesto de novo. E eu vou estar lá.

\*Jornalista

### Os grupos

- Levante Popular da Juventude** – Tem conexões nacionais e, em Porto Alegre, está focado em acompanhar as obras da Copa para evitar prejuízos à população pobre. Conta com simpatizantes do PT, da Via Campesina e do legado de Hugo Chávez.
- Anarquistas** – Enquanto os socialistas defendem a passagem a R\$ 2,60, eles reivindicam o “passa livre”. São os mais exaltados, vão às marchas com os rostos cobertos e com bandeiras vermelhas e pretas, atadas no alto de laquaras.
- A CUT Pode Mais** – Faz oposição à direção do Sindicato dos Rodoviários de Porto Alegre. Uniu-se aos protestos também para pedir melhores condições de trabalho. Embora a CUT seja ligada ao PT, essa ala não poupa governos do partido de críticas.
- Assentamento Urbano Utopia e Luta** – Prédio na escadaria da Avenida Borges de Medeiros em que residem simpatizantes do socialismo e de partidos de esquerda. O local já sediou algumas reuniões dos blocos e coletivos.
- DCE PUC** – Também integrado por militantes das siglas de identificação socialista, mas com a participação de partidários. Na semana passada, a Avenida Piranga, em frente à universidade, foi trancada pelos manifestantes.
- DCE UFRGS** – É comandado por uma aliança que envolve jovens do PSTU, PSOL, PT e alguns anarquistas. A universidade é um dos principais centros de elevação do movimento.
- Coletivo Juntos** – Integrado, em maioria, por militantes do PSOL e estudantes da UFRGS e da PUC. Um dos seus líderes é Lucas Marostica, estagiário do gabinete da vereadora Fernanda Melchionna.
- Coletivo Vamos à Luta** – Tem como uma de suas lideranças Luány Barros, coordenadora-geral do DCE da UFRGS. Ela faz parte da militância do PSOL.
- Defesa Pública da Alegria** – Coletivo que ganhou notoriedade por ter liderado o ato que resultou na demobada do tatu-bola, símbolo da Copa do Mundo de 2014, no Largo Glênio Peres. Também é integrado por artistas populares.
- Anel (Assembleia Nacional de Estudantes Livres)** – Grupo de atuação que abrange o país sob liderança do PSTU, surgiu como oposição à UNE que, na avaliação dos manifestantes, capitulou diante do governo federal. Dentro os seus líderes no Estado, estão Lucas Fogaca e Mathew Gordon.